

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

BEATRIZ DE FREITAS CARDENETE

**Punho de mulher: um estudo filológico sobre cartas de  
mulheres na América Portuguesa (1737-1821)**

São Paulo

2023



BEATRIZ DE FREITAS CARDENETE

**Punho de mulher: um estudo filológico sobre cartas de  
mulheres na América Portuguesa (1737-1821)**

**Versão corrigida**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra.

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Martins do Monte

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Esta dissertação foi elaborada segundo as normas das *Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: parte I (ABNT)*, de autoria de Funaro et al. (2020).

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C266p Cardenete, Beatriz de Freitas  
Punho de mulher: um estudo filológico sobre cartas de mulheres na América Portuguesa (1737-1821) / Beatriz de Freitas Cardenete; orientadora Vanessa Martins do Monte - São Paulo, 2023.  
360 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. filologia. 2. história das mulheres. 3. cartas. 4. América Portuguesa. 5. humanidades digitais. I. Monte, Vanessa Martins do, orient. II. Título.

## ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

### Termo de Anuência do (a) orientador (a)


**Nome do (a) aluno (a): Beatriz de Freitas Cardenete**

**Data da defesa: 27/01/2023**

**Nome do Prof. (a) orientador (a): Vanessa Martins do Monte**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 07/02/2023



---

(Assinatura do (a) orientador (a))



Nome: CARDENETE, Beatriz de Freitas

Título: Punho de mulher: um estudo filológico sobre cartas de mulheres na América Portuguesa (1737-1821)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra.

Aprovado em: 27/01/2023

Banca Examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Martins do Monte (orientadora)

**Instituição:** Universidade de São Paulo

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alícia Duhá Lose

**Instituição:** Universidade Federal da Bahia

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Livia Borges Souza Magalhães

**Instituição:** Universidade Federal da Bahia

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

Suplentes:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Clara Paixão de Sousa

**Instituição:** Universidade de São Paulo

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane dos Santos Namiuti

**Instituição:** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Norma Suely da Silva Pereira

**Instituição:** Universidade Federal da Bahia

**Assinatura:** \_\_\_\_\_





A Francisca, Encarnación, Georgina, Tereza, Marília, Dolores, Maria, Silvana e demais mulheres que viveram antes de mim. Por terem me ensinado o significado das palavras ancestralidade, amor e luta.



# Agradecimentos

Todo trabalho que produzimos é coletivo. Toda ideia surge de uma conversa, um comentário, uma discussão. E também surge nos momentos de descanso que nos dão força para seguir adiante, com ainda mais ânimo. Não seria diferente com esta dissertação, fruto de um trabalho de três anos que foi atravessado por uma pandemia, mas que também foi repleto de pessoas que tornaram esta pesquisa viável. Por isso, agradeço:

À Vanessa Martins do Monte, pela atenção, cuidado e confiança que depositou em mim, e também por ter me feito (re)descobrir meu “amor pelas palavras” em uma fase em que não sabia em qual direção seguir. Que sorte a minha de ter uma orientadora tão querida, tão potente e que me inspira constantemente, dentro e fora da universidade.

À Maria Clara Paixão de Sousa, por ter despertado em mim o interesse e a coragem para seguir nas humanidades digitais, e pela paciência em me ajudar a trilhar o caminho dos códigos. Agradeço também pela leitura cuidadosa que fez do meu trabalho, no exame de qualificação, e pelas inúmeras conversas que tivemos ao longo desses anos.

À Alcía Duhá Lose, por todas as contribuições que fez para a minha pesquisa desde o exame de qualificação e que tornaram este trabalho muito mais acurado. Agradeço também pelas excelentes aulas de paleografia, ministradas no âmbito do Memória & Arte.

À Lívia Borges Souza Magalhães, pela leitura atenta e pelas sugestões que enriqueceram tanto meu trabalho. Agradeço, ainda, pela arguição tão bonita feita durante a defesa desta pesquisa e pelas palavras de afeto e coragem.

Às pesquisadoras do Projeto M.A.P.: Mulheres na América Portuguesa, pela imensurável troca de conhecimento, experiência e ideias. Agradeço também pelas inúmeras reuniões, que foram um motivo de alegria na minha semana, mesmo durante tempos difíceis.

Às equipes do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, pelo trabalho espetacular de digitalização dos acervos manuscritos. Também agradeço pela acolhida nas ocasiões em que pude visitar presencialmente esses

dois últimos lugares. Se não fosse por eles, não poderia conhecer as histórias que contam as cartas do *corpus* e nem prosseguir com este trabalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo financiamento desta pesquisa, que ocorreu sob o processo n. 2019/27719-1. Sem a bolsa recebida, eu não teria condições de conformar este trabalho tal qual se encontra aqui, tampouco de chegar em alguns resultados apresentados. Destaco, entretanto, que as opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas nesta dissertação são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

À minha família, sem a qual nada disso teria sido possível e nem faria sentido. Agradeço aos meus pais, Silvana e João, por tanto amor, por tanto apoio e por desde pequena terem me ensinado a beleza e a força que emana das palavras, sejam elas escritas ou faladas. Também agradeço à Tânia, minha irmã e melhor amiga, por ser uma fonte inesgotável de companheirismo, sustento e afeto. Os três não duvidaram um segundo sequer de mim e dos meus sonhos, o que muitas vezes é a coisa mais poderosa que alguém pode fazer pela gente.

Por fim, às amigas e aos amigos que a vida colocou no meu caminho e que continuam ao meu lado, mas que não me atrevo a nomear aqui por receio de acabar não incluindo alguém. Agradeço imensamente pelo companheirismo, pelo apoio, pelas risadas e pela paciência em entender minhas ausências. Vocês tornaram tudo muito mais leve.

Uma vez escrito, dependendo da qualidade da tinta e do papel ou das condições de reprodução do arquivo digital, um texto parece durar para sempre. Ledo engano. As letras não se desenham nem as canetas e teclas se movimentam sozinhas. Precisam de gente para acioná-las e para decifrar as informações que carregam — e seus sentidos podem mudar com o tempo. Aspectos materiais do suporte e da escrita, bem como a autoria e o contexto em que foi produzido, são tão importantes para seus significados quanto sua circulação e transmissão. Os textos têm muitas vidas.

**Silvia Hunold Lara e Phablo Roberto Marchis Fachin (2021, p. 51)**

Mesmo falando em temas gerais, a mulher que escreve ainda falará de si.

**Simone de Beauvoir (2019, p. 531)**



# Resumo

CARDENETE, Beatriz de Freitas. **Punho de mulher**: um estudo filológico sobre cartas de mulheres na América Portuguesa (1737-1821). 2023. 360 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Quando nos referimos ao período da colonização portuguesa no Brasil, tratamos de um contexto em que a alfabetização e a escolarização feminina eram quase inexistentes. Conseqüentemente, são bastantes raras as fontes primárias escritas por um punho de mulher, sobretudo as que sobreviveram ao tempo e chegaram aos dias atuais. Partindo dessa premissa, a presente dissertação tem como objetivo reunir, editar e estudar um conjunto de 37 cartas escritas por mulheres na América Portuguesa, entre os anos de 1737 a 1821. Os estudos desenvolvidos tiveram como motivações principais entender quem foram as autoras dessas missivas, qual a habilidade de escrita elas possuíam e como essas remetentes construíram seus manuscritos; para isso, usaram-se métodos da codicologia, da paleografia e da diplomática. Com o estudo codicológico, buscou-se descrever os tipos de papel utilizados e como eles foram aproveitados. Já em relação à paleografia, tivemos como objetivos estabelecer os alfabetos das remetentes, sistematizar as abreviaturas empregadas, analisar as assinaturas e investigar os documentos a partir dos critérios definidos por Marquilhas (2000) e Santiago (2019) como característicos de mãos inábeis. Por fim, a análise diplomática se preocupou em estudar os padrões estruturais empregados nas cartas e como eles se aproximam ou se distanciam dos modelos descritos na bibliografia consultada, sobretudo em Bellotto (2002) e Monte (2015). Em relação às edições, prepararam-se dois tipos de apresentação, ambas acompanhadas dos fac-símiles: edições semidiplomáticas, presentes nesta dissertação, e edições virtuais, publicadas online. O levantamento sócio-histórico a respeito das autoras do *corpus* mostrou que a maioria delas ocupava posições de privilégio na sociedade colonial, o que justifica o fato dessas mulheres terem aprendido a ler e a escrever. Esse conhecimento da escrita reflete os resultados obtidos nas análises realizadas: quando tratamos das remetentes que redigiram os manuscritos estamos nos referindo, majoritariamente, a mãos hábeis e que possuíam conhecimento das estruturas composicionais das missivas. A partir da pesquisa desenvolvida, obtivemos dados que podem trazer informações importantes para o estudo das cartas e da história das mulheres na América Portuguesa. Além disso, há a contribuição trazida pelos manuscritos em si mesmos e pelas edições, uma vez que o labor filológico, aliado às humanidades digitais, possibilita que mais pessoas tenham acesso às palavras de mulheres que ficaram registradas nos fólios.

Palavras-chave: filologia, história das mulheres, cartas, América Portuguesa, humanidades digitais.

# Abstract

CARDENETE, Beatriz de Freitas. **Woman's Handle**: a philological study on letters from women in Portuguese America (1737-1821). 2023. 360 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

When we refer to the Brazilian colonization period, women's literacy and schooling were almost non-existent. Therefore, it is rare to find primary sources of written pieces by a hand of a woman, mainly those which survived until the present time. Based upon this premise, this thesis has as its objective to gather, edit and study 37 letters written by women from Portuguese America from 1737 to 1821. The motives of these studies were to understand who were the writers of those correspondences, their written skills, and how they wrote their manuscripts. For this purpose, this study used the codicology, the paleography, and the diplomatic. The codicology studies cared to search the kind of paper used and how it was used. The paleography had the objective to establish the sender's alphabet, systematize the abbreviations used, analyze the signatures, and research the documents by the criteria defined by Maquilhas (2000) and Santiago (2019) characterized as unskilled hands. Finally, the diplomatic analyze cared to study the structure patterns used in the letters and how they got close or withdrew from the models from the consulted bibliography, mainly from Bellotto (2002) and Monte (2015). Related to the editions, two types of presentations were prepared, both followed by fac-similes editions: semidiplomatic edition, presented in this dissertation, and a virtual edition, published online. The socio-historical search regarding the writers from this research showed that most of the women were from the higher class in the colonial society. That reason justifies why they knew how to read and write at that time. This written knowledge reflects on the results achieved from the analyses done by this research: when we talk about the senders who wrote those letters, we are talking about skilled women who knew the letter structure. As a result from this research, important data was obtained to the study of the women's letter and women's history in the Portuguese America. Furthermore, there are the contributions of the manuscripts themselves and from the edition made, since the philological labor in addition to the digital humanities develops easier access to the written words from the women that were registered in folios.

Keyword: philology, Women's History, letters, Portuguese America, digital humanities.



## Lista de quadros, figuras e gráficos

Quadro 1 – Cartas de Alexandra Francisca Freire	51
Quadro 2 – Cartas de Ana Teresa Salter de Mendonça	55
Quadro 3 – Carta de Ana Vicência Rodrigues de Almeida	57
Quadro 4 – Cartas de Eugênia Soares de Jesus e Lana	58
Quadro 5 – Carta de Francisca Maria Antônia Xavier	59
Quadro 6 – Cartas de Hipólita Jacinta Teixeira	60
Quadro 7 – Carta de Joaquina Lopes	61
Quadro 8 – Cartas de Josefa Maria de Santana	62
Quadro 9 – Carta de Maria Inácia de Lorena Silveira	63
Quadro 10 – Cartas de Maria Justina	64
Quadro 11 – Cartas de Maria Messias de Jesus e Lana	65
Quadro 12 – Carta de Rosa Maria de Jesus	66
Quadro 13 – Carta de Sidéria Maria da Conceição	66
Quadro 14 – Cartas de Violante Clara de Miranda Henriques	68
Quadro 15 – Descrição do suporte de escrita	76
Quadro 16 – Descrição dos pontusais	83
Quadro 17 – Descrição de marcas d'água	85
Quadro 18 – Perguntas paleográficas	94
Quadro 19 – Alfabeto de Alexandra Francisca Freire	98
Quadro 20 – Alfabeto de Ana Teresa Salter de Mendonça	99
Quadro 21 – Alfabeto de Ana Vicência Rodrigues de Almeida	100
Quadro 22 – Alfabeto de Eugênia Soares de Jesus e Lana	101
Quadro 23 – Alfabeto de Francisca Maria Antônia Xavier	102
Quadro 24 – Alfabeto de Hipólita Jacinta Teixeira	103
Quadro 25 – Alfabeto de Joaquina Lopes	104
Quadro 26 – Alfabeto de Josefa Maria de Santana	105
Quadro 27 – Alfabeto de Maria Inácia de Lorena Silveira	106
Quadro 28 – Alfabeto de Maria Justina	107
Quadro 29 – Alfabeto de Maria Messias de Jesus e Lana	108
Quadro 30 – Alfabeto de Rosa Maria de Jesus	109
Quadro 31 – Alfabeto de Sidéria Maria da Conceição	110

Quadro 32 – Alfabeto de Violante Clara de Miranda Henriques	111
Quadro 33 – Abreviaturas por sigla	113
Quadro 34 – Abreviaturas por síncope	115
Quadro 35 – Abreviaturas por letras sobrepostas	116
Quadro 36 – Alógrafos de “a” final de AVRA_01	133
Quadro 37 – Síntese do exame das assinaturas	143
Quadro 38 – Regramento ideal	147
Quadro 39 – Irregularidade de empaginação	150
Quadro 40 – Segmentação gráfica	152
Quadro 41 – Grafia para sílabas com consoante líquida	157
Quadro 42 – “Pretra” por “presta”	158
Quadro 43 – Fenômenos fônicos	159
Quadro 44 – Encontros vocálicos	164
Quadro 45 – Análise da habilidade dos punhos	165
Quadro 46 – Partes constitutivas das cartas	169
Quadro 47 – Direção	170
Quadro 48 – Saudações iniciais	173
Quadro 49 – Valedictio	176
Quadro 50 - Outras formas de despedida com frases cordiais	178
Quadro 51 - Fecho complementar	191
Quadro 52 - Assinatura	183
Quadro 53 - Datações tópica e cronológica	184
Quadro 54 – Post-scriptum	185
Quadro 55 – Exemplos de caracteres em ASCII	195
Figura 1 – Códice AL-099	76
Figura 2 – Códice AL-050	76
Figura 3 – Formato dos fólios	79
Figura 4 – Sobrescrito do documento ESJL_02	81
Figura 5 – Vestígio do selo de AFF_04	81
Figura 6 – Detalhe da marca de abertura do selo de AFF_06	81
Figura 7 – Selo avermelhado do documento AFF_01	82
Figura 8 – Selo amarronzado do documento JMS_01	82
Figura 9 – Selo azulado do documento AFF_11	82

Figura 10 – Vergaturas e pontusais de SMC_01	82
Figura 11 – Legenda ALMASSO	88
Figura 12 – Legenda GIOR MAGNANI	89
Figura 13 – Legenda VALLERINO	89
Figura 14 – Letras AP	89
Figura 15 – Letras GM	89
Figura 16 – Escudo GM	90
Figura 17 – Escudo AP	90
Figura 18 – Escudo GIOR MAGNANI	91
Figura 19 – Filigrana de AFF_06	91
Figura 20 – Filigrana de VCMH_02	92
Figura 21 – Análise da assinatura de Alexandra Francisca Freire	132
Figura 22 – Análise da assinatura de AFF_07	133
Figura 23 – Análise da assinatura de Ana Teresa Salter de Mendonça	133
Figura 24 – Análise da assinatura de Ana Vicência Rodrigues de Almeida	134
Figura 25 – Análise da assinatura de Eugênia Soares de Jesus e Lana	135
Figura 26 – Análise da assinatura de Francisca Maria Antônia Xavier	135
Figura 27 – Análise do último fôlio da carta de Francisca Maria Antônia Xavier	136
Figura 28 – Análise da assinatura de Hipólita Jacinta Teixeira	137
Figura 29– Análise da assinatura de Joaquina Lopes	137
Figura 30 – Análise da assinatura de Josefa Maria de Santana	138
Figura 31 – Análise da assinatura de Maria Inácia de Lorena Silveira	138
Figura 32 – Análise da assinatura de Maria Justina	139
Figura 33 – Análise da assinatura de Maria Messias de Jesus e Lana	139
Figura 34 – Análise da assinatura de Rosa Maria de Jesus	140
Figura 35 – Análise da assinatura de Sidéria Maria da Conceição	140
Figura 36 – Análise da assinatura de VCMH_01	140
Figura 37 – Análise da assinatura de VCMH_02	142
Figura 38 – Análise diplomática de MMJL_02	169
Figura 39 – Exemplo de fecho complementar (MMJL_02)	180
Figura 40 – Despedida de AFF_11	180
Figura 41 – Configuração das preferências do <i>eDictor</i>	199
Figura 42 – Interface de edição XML do <i>eDictor</i>	200
Figura 43 – Inclusão dos elementos do texto	204

Figura 44 – Edição virtual diplomática do primeiro fólio de AFF_11	206
Figura 45 – Edição virtual modernizada do primeiro fólio de AFF_11	206
Gráfico 1 – Formato do papel	79
Gráfico 2 – Aproveitamento do papel	80
Gráfico 3 – Número de pontusais	85
Gráfico 4 – Tipos de abreviaturas	129

# Lista de siglas e abreviaturas

ANTT	Arquivo Nacional da Torre do Tombo
BNRJ	Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
C	Consoante
Cf.	Conferir
IEB	Instituto de Estudos Brasileiros
mm	Milímetros
s.d.	Sem data
THATCamp	The Humanities and Technology Camp
V	Vogal



# Sumário

<b>Introdução</b>	<b>25</b>
<b>1. As mulheres que escreveram cartas na América Portuguesa</b>	<b>29</b>
1.1 A educação feminina na colônia	30
1.2 A escritura de vozes ausentes	38
<b>2. O corpus</b>	<b>45</b>
2.1 Alexandra Francisca Freire	50
2.2 Ana Teresa Salter de Mendonça	54
2.3 Ana Vicência Rodrigues de Almeida	56
2.4 Eugênia Soares de Jesus e Lana	57
2.5 Francisca Maria Antônia Xavier	58
2.6 Hipólita Jacinta Teixeira	59
2.7 Joaquina Lopes	61
2.8 Josefa Maria de Santana	62
2.9 Maria Inácia de Lorena Silveira	63
2.10 Maria Justina	64
2.11 Maria Messias de Jesus e Lana	64
2.12 Rosa Maria de Jesus	65
2.13 Sidéria Maria da Conceição	66
2.14 Violante Clara de Miranda Henriques	67
<b>3. Estudo filológico</b>	<b>69</b>
3.1 Análise codicológica	74
3.2 Análise paleográfica	92
3.2.1 Estabelecimento dos alfabetos	95
3.2.2 Estudo das abreviaturas	112
3.2.3 Exame das assinaturas	129
3.2.4 Análise da habilidade de escrita	146
3.3 Análise diplomática	168
3.3.1. As partes constitutivas das cartas	170
<b>4. Edições e normas</b>	<b>189</b>
4.1 Edição filológica virtual	191
4.2 Edição semidiplomática	207

<b>Considerações finais</b>	<b>347</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>351</b>
Fontes manuscritas	351
Referências bibliográficas	353



# Introdução

Quando iniciamos uma pesquisa, o primeiro desafio que se apresenta é a escolha de um tema de análise. Consequentemente, a eleição do *corpus* desta dissertação não foi realizada por acaso. O presente trabalho, que se originou no âmbito do Projeto M.A.P.: Mulheres na América Portuguesa,<sup>1</sup> tenta responder a uma indagação pessoal que só pôde existir a partir das discussões levantadas nesse ambiente de pesquisa: até aquele momento, o Projeto M.A.P. tinha se dedicado, sobretudo, ao trabalho com documentos jurídicos ou administrativos, em que as mulheres não figuram como autoras materiais, então, onde estariam os documentos redigidos a próprio punho por elas? Mais do que isso; se esses documentos estavam acessíveis, quem haviam sido as mulheres que os redigiram e quão acostumadas elas estavam aos hábitos de escrita?

Como discutiremos, a desigualdade sexual à qual as mulheres estavam submetidas não se deu da mesma maneira para todas as raças<sup>2</sup> e classes sociais, sendo assim, o privilégio do acesso à educação formal também não era reservado a todas elas. As mulheres da elite colonial, brancas e dedicadas à vida doméstica, tinham mais oportunidades de aprender a leitura e a escrita do que as pobres, negras e escravizadas. Consequentemente, se as que sabiam escrever quase não tinham acesso à vida pública, presumimos que os manuscritos redigidos por essas mulheres tenham sido expedidos desde o âmbito privado e do cuidado doméstico. Optamos, então, por realizar um estudo a partir das cartas.

Após um trabalho minucioso de prospecção em arquivos físicos e digitais, conformamos o *corpus* desta pesquisa, que é composto por um conjunto de 37 cartas inéditas, escritas por 14 mulheres e enviadas a seis destinatários. Os manuscritos foram redigidos no contexto da América Portuguesa, entre os anos de 1737 a 1821, e estão salvaguardados em três instituições: no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ) e no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP).

Como metodologia de trabalho, optou-se pelo campo filológico e pelo estabelecimento de uma interface com as humanidades digitais. Acreditamos que a filologia traz a perspectiva necessária para que executemos as análises tomando como ponto de partida as cartas em si, em sua materialidade, forma e substância, e permitindo que sejam acessadas as vozes dessas mulheres, que ficaram registradas no papel. Tal fato se dá porque, para além do uso de recursos próprios dos campos da codicologia, da

---

<sup>1</sup> Como será apresentado na seção 2, o Projeto M.A.P. se liga ao departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. O grupo, coordenado pelas Prof.<sup>as</sup> Dr.<sup>as</sup> Maria Clara Paixão de Sousa e Vanessa Martins do Monte, trabalha com a busca, prospecção, catalogação e edição de documentos de autoria de mulheres ou que tenham suas vozes registradas. Mais informações podem ser acessadas em: [map.prp.usp.br](http://map.prp.usp.br). Passei a integrar a equipe do Projeto em agosto de 2019.

<sup>2</sup> Entendemos aqui 'raça' conforme Angela Davis (2011, grifo nosso): "É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. **Raça é a maneira como a classe é vivida.** Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida."

paleografia e da diplomática, a filologia nos permite estabelecer edições dos textos de maneira fidedigna e a partir de regras bem definidas. As indagações e ferramentas próprias das humanidades digitais, sobretudo o *eDictor* (PAIXÃO DE SOUSA; KEPLER e FARIA, 2013), auxiliam na criação de edições filológicas virtuais em XML, que contribuem para investigações futuras e para a difusão dos documentos aqui trabalhados.

Acreditamos que as conclusões desta pesquisa não são suficientes para criar qualquer generalização que ultrapasse o âmbito do próprio *corpus*, e nem é a isso que nos propomos. Entretanto, certamente esta investigação traz informações que poderão ser de especial valia a filólogos, linguistas, historiadores, sociólogos, estudiosos da epistolografia e outros leitores especializados. Mas, também, pensamos que ela pode ser relevante para qualquer pessoa que se interesse pela memória das mulheres e seja instigado por tentar compreender mais sobre a construção de suas escritas. Para estruturar este trabalho, dividimos o texto em quatro seções.

Iniciamos a dissertação com a contextualização sócio-histórica das cartas. Em 1.1 damos foco à educação das mulheres nos primeiros séculos de formação da sociedade brasileira, após o domínio português. Para isso, partimos das seguintes indagações: qual era o lugar que as mulheres ocupavam na sociedade da época? Como ocorria a educação feminina na Colônia? Qual era o perfil das mulheres que tinham acesso à educação e, conseqüentemente, à alfabetização? Em 1.2, analisamos a importância das cartas em si, estabelecendo relações entre a escritura epistolar e o contexto apresentado em 1.1, que levam em consideração, sobretudo, a importância que essa tipologia textual tem para fazer presentes as vozes, geralmente ausentes, das mulheres.

Na seção 2, apresentamos os documentos que constituem o *corpus*, atentando para as condições de acesso e salvaguarda das cartas, para critérios de seleção e organização dos documentos, e para o perfil das pessoas inseridas na troca epistolar. Também buscamos, nessa seção, responder a uma das perguntas norteadoras desta pesquisa, que é: quem foram as mulheres que redigiram as cartas? Com esse objetivo, as 14 subseções seguintes se dedicam a cada uma das remetentes. Nelas, buscamos estabelecer a biografia de cada mulher e de seu respectivo destinatário, além de trazer os dados e o tema de todas as suas missivas.

Na seção 3, fazemos o estudo propriamente filológico. Começamos apresentando as diversas definições de filologia ao longo dos séculos e selecionamos quais delas tomaremos como base para este trabalho. Em 3.1 damos destaque à codicologia e fazemos a descrição material do *corpus*, com a finalidade de entender quais foram os tipos de papéis utilizados pelas autoras e como elas aproveitavam esse material.

Em 3.2, passamos à paleografia, buscando conceituar a disciplina e explicar sobre quais contribuições ela pode trazer ao trabalho que está sendo desenvolvido. Prosseguimos com uma

estruturação em quatro subseções: em 3.2.1, estabelecemos o alfabeto de cada punho e falamos da importância dessa tarefa para a correta decifração dos manuscritos; em 3.2.2, classificamos as abreviaturas encontradas nas missivas, com o intuito de entender quais formas de abreviar eram mais utilizadas pelas autoras; em 3.2.3, analisamos as assinaturas das epístolas, comparando com o punho que escreveu o corpo do texto, a fim de pensar na questão dos manuscritos autógrafos e idiógrafos;<sup>3</sup> e, em 3.2.4, investigamos as missivas a partir de algumas características típicas de mãos inábeis; com isso, tentamos avaliar o quão familiarizadas com a escrita elas estavam.

Já em 3.3, desenvolvemos a análise diplomática. Assim como feito em relação às outras disciplinas filológicas, e à própria filologia, começamos por definir essa área de estudo e tratar das contribuições que ela pode trazer para o trabalho que desenvolvemos. Em 3.3.1, analisamos o *corpus* a partir das estruturas padrão das cartas, presentes na bibliografia consultada. Nosso objetivo foi o de verificar como as missivas das mulheres se aproximam ou se distanciam desses modelos descritos e, conseqüentemente, tentar levantar informações sobre o grau de conhecimento que suas autoras possuíam sobre a composição das cartas.

A seção 4 descreve e apresenta as edições elaboradas. Primeiramente, discutimos sobre as decisões editoriais que precisam ser tomadas ao se estabelecer um texto, sobre o caráter ético de tal trabalho e sobre a importância de se definir um público-alvo. Em 4.1, discorremos sobre as contribuições das humanidades digitais e das edições virtuais para o trabalho filológico. Em seguida, descrevemos o processo de edição das cartas a partir do uso da ferramenta *eDictor* (PAIXÃO DE SOUSA; KEPLER; FARIA, 2013), evidenciando as normas utilizadas e as etiquetas de edição de palavras e anotação diplomática. Destacamos, também, que as edições estão publicadas em [map.prp.usp.br/Corpus/Punhodemulher/Index.html](http://map.prp.usp.br/Corpus/Punhodemulher/Index.html) e que as remetentes foram incluídas no Catálogo M.A.P. Em 4.2, damos atenção à edição semidiplomática, estabelecendo as normas empregadas e apresentando a edição justalinear acompanhada dos fac-símiles.

Para encerrar, trazemos algumas considerações finais que julgamos relevantes a respeito do trabalho aqui desenvolvido. Por último, apresentamos as referências bibliográficas citadas ao longo desta dissertação.

---

<sup>3</sup> Entendemos “autógrafo” como o “texto da mão do autor, da sua inteira responsabilidade, tanto mental como material” (MARQUILHAS, 2009). Já “idiógrafo” é o documento produzido “por outra pessoa mas com supervisão do autor” (CAMBRAIA, 2005, p. 63). No caso das cartas, vê-se essa diferença bastante clara nos documentos em que a autora somente gráfa sua assinatura ao final da carta, provavelmente ditando o texto, mas deixando sua redação para ser realizada por outra pessoa. Tal cenário será mais bem desenvolvido na seção 3.2.3.



# 1. As mulheres que escreveram cartas na América Portuguesa

Como observado na literatura consultada (LARA; FACHIN, 2021; LOSE; SANTOS, 2019; MARQUILHAS, 2000; MONTE, 2015; MOTTA; MONTE, 2019; SANTIAGO, 2019), tem se tornado praticamente obrigatório que trabalhos filológico-linguísticos se dediquem, também, à contextualização sócio-histórica. Apesar do desafio inerente ao trabalho interdisciplinar, entender a conjuntura em que o *corpus* está inserido é condição essencial para uma melhor compreensão sobre os contextos de produção e circulação dos manuscritos investigados, bem como sobre quem foram os correspondentes das missivas.

Esta pesquisa, que estuda um conjunto de cartas escritas por mulheres durante o período colonial do Brasil, tem como um de seus objetivos pensar a respeito da habilidade de escrita das mulheres na América Portuguesa. Conseqüentemente, é imprescindível que seja traçada, em diálogo com a historiografia, uma breve reflexão sobre os lugares que parte das mulheres ocupava na sociedade da época e sobre os contextos de alfabetização aos quais elas poderiam ser expostas. Em um segundo momento, também será abordada a relação entre a escritura epistolar e a história das mulheres, levando em consideração a importância que essa tipologia textual tem para fazer presentes as vozes das autoras das missivas.

Como será visto adiante, a história externa ao *corpus* evidencia ainda mais a natureza rara e fortuita dos manuscritos estudados. Em uma sociedade em que a educação feminina era um privilégio para poucas, são raras as fontes primárias escritas por um punho de mulher, e mais raras ainda são as que resistiram ao tempo e chegaram aos dias atuais. Esses documentos se apresentam a nós, portanto, como atos de resistência ao tempo e à sua própria sociedade, como verdadeiros milagres. A ideia de milagre aqui, porém, não está sendo colocada com qualquer referência religiosa, mas sim filosófica ou, mais pontualmente, a partir da definição dada por Arendt (2007). Segundo a autora, o fato de as pessoas poderem agir significa que sempre pode haver a interrupção de algum processo automático, isso define o milagre como a capacidade de criar o improvável e o inesperado.

Todo ato, considerado, não da perspectiva do agente, mas do processo em cujo quadro de referência ele ocorre e cujo automatismo interrompe, é um “milagre” – isto é, algo que não poderia ser esperado. Se é verdade que ação e começo são essencialmente idênticos, segue-se que uma capacidade de realizar milagres deve ser incluída também na gama das faculdades humanas. Isso soa mais estranho do que o é realmente. É da própria natureza de todo novo início o irromper no mundo como uma “probabilidade infinita”, e é, contudo, justamente esse infinitamente improvável que constitui de fato a verdadeira trama de tudo o que denominamos real. (ARENDR, 2007, p. 218).

Nesse contexto, o fato de existirem registros em fontes primárias dessas mulheres é um milagre, levando em consideração que a sociedade da época tinha diversas políticas que tentavam controlar suas vidas, seus corpos e sua educação. Também é um milagre pensar que, quando essas escrituras chegam até nós, elas dão voz a um grupo de pessoas que foi privado do direito de narrar durante séculos, e ouvir essas vozes que sobreviveram a tanto tempo de silenciamento é reconstruir parte da nossa história. É, também, dar a essas mulheres, ainda que tardiamente, a oportunidade de falar sobre si mesmas e sobre o mundo em que viveram. É “[...] fazê-las existir, viver e ser” (PRIORE, 2004, p. 9).

## 1.1 A educação feminina na colônia

Ao estudar o tema da alfabetização, sobretudo em períodos anteriores à independência e com foco dado à instrução feminina, a pesquisadora ou pesquisador se depara com um desafio: até o momento, são bastante raros os trabalhos publicados sobre a educação e o letramento das mulheres na América Portuguesa<sup>4</sup>. Por esse motivo, fazer uma revisão sobre o tema se torna um trabalho tão árduo quanto necessário.

Ribeiro (1987), ao abordar essa questão, inicia evidenciando que, para se compreender os processos de educação feminina, é fundamental, em primeiro lugar, entender o contexto no qual as mulheres estavam inseridas. Ou seja, para fazer esse tipo de investigação precisamos, antes de tudo, analisá-la como parte de um conjunto maior que, por sua vez, é social e político. O que vemos em relação à América Portuguesa é uma formação colonial que “[...] revela em seu bojo a luta de uma classe para preservar sua hegemonia” (RIBEIRO, 1987, p. 9). Hegemonia essa que, como veremos, não se mostrava somente como forma de soberania econômica de um país, mas também de domínio dos europeus (brancos) sobre as outras etnias (africanas e indígenas) e dos homens em relação às mulheres.

Para entender tal conjuntura, é interessante partirmos das grandes navegações, que foram protagonizadas entre os séculos XV e XVII e representaram um episódio importante para a expansão do comércio na Europa que, até então, ocorria somente por vias terrestres. As conquistas empreendidas nesse período, porém, não foram realizadas de forma pacífica, uma vez que estavam fundadas na exploração e na acumulação de riquezas. De acordo com Ribeiro (1987, p. 12):

O Brasil possuía de início apenas os recursos naturais como riqueza a ser extraída para os mercados estrangeiros, e durante os primeiros trinta anos os portugueses disso se apropriaram sem montar nenhum sistema de povoamento em função dessa apropriação.

Em um primeiro momento, havia um forte interesse econômico por parte de Portugal em explorar as terras recém-dominadas, principalmente com o extrativismo e a mineração. Depois, uniu-se ao sistema de extração de recursos naturais da colônia o trabalho com a monocultura, sobretudo a

---

<sup>4</sup> O problema da falta de bibliografia sobre a educação feminina na colônia também foi percebido e comentado por Algranti (2014), Fonseca (2009), Marcílio (2016) e Ribeiro (1987).

produção açucareira. Consequentemente, para executar esses serviços era necessário que houvesse mão-de-obra para trabalhar na colônia. Os portugueses que emigraram para a América não vinham com o objetivo de se dedicar à terra, logo, recorreu-se ao trabalho escravo. Sendo assim, não tardou para que a escravização de pessoas vindas do continente africano se tornasse um dos núcleos econômicos da metrópole portuguesa no território da América, permanecendo legalizada por mais de três séculos.

Nessa sociedade escravista e estratificada, homens e mulheres também não ocupavam as mesmas posições. De acordo com Lacerda (2010), a divisão entre os sexos está intrinsecamente relacionada com a oposição entre o público e o privado: às mulheres cabia o serviço doméstico e a criação dos filhos; aos homens, que não precisavam se preocupar com o manutenção imediato dos espaços interiores, cabia organizar e conquistar os espaços públicos. Como consequência dessa divisão, vemos que, desde os períodos iniciais de formação da sociedade brasileira, houve uma associação das mulheres à natureza e dos homens à cultura:

[As mulheres] são geralmente concebidas como irmãs, esposas ou mães e têm seu status derivado dos seus ciclos vitais e de seus laços com homens específicos [...]. Por outro lado, o mundo da cultura é dos homens, na medida em que são definidos por suas conquistas nos sistemas de experiências humanas elaboradas. (LACERDA, 2010, p. 22)

Vale ressaltar que não é exclusiva da América Portuguesa a analogia entre o feminino e a natureza, porém, “[...] entre nós a identificação terra-mulher ganhou contornos profundos que se imbricaram com a relação de colonização” (LACERDA, 2010, p. 28). Para Federici (2017), a associação das mulheres como recursos naturais vêm sendo construída desde os primeiros anos de formação do capitalismo. De acordo com a autora, o processo de privatização das terras, que antes eram de uso coletivo, criou uma nova divisão sexual do trabalho, “[...] que definia as mulheres em termos – mães, esposas, viúvas – que ocultavam sua condição de trabalhadoras e davam aos homens livre acesso a seus corpos, a seu trabalho e aos corpos e ao trabalho de seus filhos” (FEDERICI, 2017, p. 190).

Dessa maneira, as mulheres, tal qual as terras, foram colonizadas pelos homens com a justificativa de que eram elas quem controlavam a reprodução. Federici (2017, p. 174) destaca que, a partir do século XVI, houve um movimento em que, “[...] ao mesmo tempo em que os barcos portugueses retornavam da África com seus primeiros carregamentos humanos, todos os governos europeus começaram a impor penas mais severas à contracepção, ao aborto e ao infanticídio.”

A explicação para a preocupação dos homens em manter o controle sobre a reprodução e, consequentemente, sobre os corpos das mulheres, é de cunho bastante utilitário: com o estabelecimento das classes dominantes, sobretudo da burguesia, surge também a necessidade por parte dos homens de garantir que os filhos de suas esposas eram biologicamente seus herdeiros. Assim:

Exigiu-se da mulher [na América Portuguesa] a tolerância do hetarismo masculino e, que, por sua vez, ela também guarde castidade e uma fidelidade conjugal rigorosas. Para o homem, ela não passa, afinal de contas, da mãe dos seus filhos legítimos, seus herdeiros. | [...] A função da

mulher na colônia era pois a de criar os ‘varões’ que pudessem herdar as posses do pai, para a preservação de seus privilégios masculinos. Quanto ao mais, o casamento para elas era uma carga, um dever necessário. (RIBEIRO, 1987, p. 38-39)

Se, por um lado, o controle sobre os corpos femininos tinha uma função privada, de perpetuar as posses masculinas para seus descendentes, também homens e de seu próprio sangue, por outro lado, o domínio sobre a reprodução tinha um papel central no processo de colonização das terras. Esse esforço em colocar em mãos masculinas o poder da geração também significava dar a eles a autoridade sobre o crescimento populacional. Tal controle é importante, sobretudo, quando nos referimos aos colonizadores que estavam implantando uma nova sociedade nas terras colonizadas, o que também significava fazer a cultura portuguesa prevalecer sobre a dos povos originários e a dos africanos recém-escravizados. De acordo com Lacerda (2010, p. 33):

A mulher e a terra eram metáforas uma da outra não só no sentido da exploração sensorial e sexual, mas também como meios de produção e de reprodução, como propriedades, tendo as mulheres sua sexualidade abusada ou controlada conforme os imperativos da colonização. Isso foi válido não apenas em relação às índias, mas também em relação às negras, às mestiças e às brancas. O controle, os estímulos e os influxos das e às mulheres foram relacionados ao seu papel de reprodutora de braços e de transmissora de valores em função do interesse de colonização. Em função desse papel a mulher foi desgastada e devastada. Ambas, a terra e a mulher, devastadas e controladas, em função não apenas da simbologia de ligação com a natureza, mas em função do papel que desempenham na produção.

A visão do corpo das mulheres enquanto um território a ser conquistado e controlado criou marcas ainda mais profundas na divisão sexual do trabalho, instaurando, como defende Federici (2017, p. 193), um verdadeiro patriarcado do salário. De acordo com a autora, na nova estrutura social e familiar implementada às mulheres européias, o marido passou a ser visto como representante do Estado, que disciplina e supervisiona as classes subordinadas, o que inclui esposa e filhos. Como consequência, o trabalho feminino foi desvalorizado e elas perderam espaço, inclusive, nos ofícios que tradicionalmente ocupavam. Concomitantemente, difundiu-se o ideal de que essas mulheres, brancas e livres, não deveriam trabalhar fora de casa, dedicando-se à reprodução social e ao cuidado doméstico. Essas tarefas, às quais elas se viram subordinadas, passaram a ser consideradas não-trabalho, em contraposição ao homem provedor que conquistava a vida pública e mantinha financeiramente o núcleo familiar.

É importante destacar, contudo, que a discriminação sexual sofrida pelas mulheres não se deu de maneira igual em todas as raças e classes sociais e, de acordo com Federici (2017, p. 216), não foi suficiente para criar uma sororidade universal, já que:

[...] com a instituição da escravatura, que veio acompanhada por uma diminuição da carga laboral para os trabalhadores brancos e por uma queda no número de mulheres vindas da Europa como esposas para os fazendeiros, a situação mudou drasticamente. Fosse qual fosse sua origem social, as mulheres brancas ascenderam de categoria, esposadas dentro das classes mais altas do poder branco. E, quando se tornou possível, também se tornaram donas de escravos, geralmente de mulheres, empregadas para realizar o trabalho doméstico.



Desse modo, tratar da desigualdade entre os sexos na colônia demanda, necessariamente, uma discussão que aborde as questões de raça e classe. O que vemos na América Portuguesa é uma forte distinção entre os papéis sociais ocupados pelas mulheres. Por um lado, há as mulheres brancas, esposas e filhas de europeus, responsáveis por gerar os descendentes dos colonizadores e por manter a organização do núcleo doméstico. Por outro lado, há as mulheres indígenas e africanas, duplamente colonizadas: enquanto mulheres e, também, enquanto não-brancas, haja vista que:

[...] os mesmos interesses do homem branco são também os das mulheres brancas portuguesas e não poderia ser diferente. Ambos compactuavam na exploração do novo território, escravizando outras raças, em benefício próprio e da metrópole da qual originaram. (RIBEIRO, 1987, p. 24)

Em uma sociedade patriarcal em que “[...] ao homem era reservado o papel de comando, direção, condução, e à mulher o de ser dirigida, comandada, subalterna” (RIBEIRO, 1987, p. 24), quase não havia alternativa para a escolarização feminina. Ainda menos opções estavam disponíveis para as mulheres que não eram brancas ou não pertenciam à elite econômica. Como ressalta Stamatto (2008, p. 3), mesmo nos casos em que as mulheres foram escolarizadas, a educação não serviu como verdadeiro instrumento de inserção feminina nas atividades públicas, “[...] já que a sociedade na época concebia a mulher para o casamento, ou para a vida religiosa, ou para o trabalho doméstico e escravo, práticas que precisavam de pouca ou nenhuma educação escolar”.

À vista disso, a falta de inserção das mulheres nas atividades públicas causava, além da divisão sexual do trabalho, uma desigualdade no que se refere ao acesso à educação. Em tal cenário, o acesso das meninas à escola era extremamente raro e quase não havia outras possibilidades para a instrução feminina. Consequentemente, poucas eram as mulheres que sabiam ler e escrever, e menor ainda era o número de mulheres que foram alfabetizadas em contextos escolares.

Algranti (2014, p. 283-284) defende que a ausência de espaços institucionais de educação feminina, na América Portuguesa, era geral até o século XVII, quando foram criados os primeiros conventos. Esses eram “[...] instituições de reclusão – leigas ou religiosas – os quais assumiam múltiplas funções, servindo como espaços de devoção, de educação e, em alguns casos, de correção de mulheres.” De acordo com Ribeiro (1987, p. 82), Santa Clara do Desterro (Bahia) foi o primeiro convento da América Portuguesa, criado em 1678. No século seguinte, houve a fundação de um grande número de conventos e recolhimentos, dos quais Algranti (2014) e Stamatto (2008) destacam: o Recolhimento de Nossa Senhora da Glória (Pernambuco), o Recolhimento das Macaúbas (1720, Minas Gerais), o Recolhimento de Santa Tereza (1730, São Paulo), o Convento de Santa Tereza (1742, Rio de Janeiro), o Convento da Ajuda (1750, Rio de Janeiro) e o Recolhimento da Luz (1774, São Paulo).

Se, como dito, o casamento era a principal ocupação feminina na América Portuguesa, e este dependia da castidade da mulher para gerar os herdeiros dos homens, os conventos e casas de

recolhimento se tornaram uma alternativa para as mulheres desamparadas do controle masculino (STAMATTO, 2008). Ainda que a reclusão feminina fosse um instrumento de dominação dos homens sobre as mulheres órfãs ou sem marido, as meninas criadas nesses espaços conquistaram uma liberdade que não era permitida pelos pais ou cônjuges em outros âmbitos da sociedade.

Nos conventos, as mulheres não só tinham acesso à instrução formal, mas também aprendiam a administrar a instituição. Esses espaços, por um lado, estabeleciam-se como um ambiente privado a ser cuidado e, por outro, como uma organização geradora de bens e capital. Sendo assim,

Mais do que a educação formal, os conventos ensinavam a elas aquilo que a sociedade colonial tinha como base fundamental: a questão econômica, a questão do comércio. Nos conventos, apesar do controle masculino exercido pela Igreja e pelos senhores proprietários e negociantes, [as mulheres] desempenharam um papel diferente [daquele] a elas destinado no sistema colonial (RIBEIRO, 1987, p. 86).

Como alternativa a esses espaços, a educação feminina também poderia ocorrer nas próprias residências onde as mulheres viviam, com preceptores que ensinavam às meninas os ofícios necessários para zelar pela vida doméstica e religiosa. Além disso, como pontua Ribeiro (1987), as mulheres na sociedade colonial adquiriam informalmente os conhecimentos necessários para desempenharem seus papéis, através de experiências de vida. O ensino escolarizado, porém, era praticamente inexistente na América Portuguesa, sobretudo para as mulheres.

De acordo com Stamatto (2008), a formação do sistema de ensino no Brasil após a chegada dos colonizadores está estritamente ligada ao papel da Igreja na sociedade da época. A primeira escola que ensinava a ler e a escrever foi criada no Brasil em 1549, pelos jesuítas, e visava principalmente o ensino da catequese e a formação das elites. Para Fonseca (2009), a educação na América Portuguesa, especialmente nos anos iniciais de sua formação, tinha como objetivo disseminar os valores e as normas de comportamento. Na colônia:

[...] a civilização revestia-se de caráter particular, pois significava impor normas de conduta e instrumentos de controle sobre uma população em muito diferente da europeia, pois constituída de indivíduos de fora da herança cultural do velho mundo – indígenas e africanos – e submetidos ao domínio nos campos político-administrativos e do trabalho. Na América, mesmo os europeus e seus descendentes deixavam-se influenciar por essas e outras culturas. E, aos olhos das autoridades metropolitanas, perigosamente se afastavam dos padrões civilizados e moralmente aceitos. Por isso, veremos disseminado, principalmente no discurso dessas autoridades, civis e eclesásticas, o apelo à conquista e/ou imposição da civilidade, fosse pela educação formal, fosse pelo exemplo social (FONSECA, 2009, p. 17).

Com isso, apesar de serem poucas as crianças que tinham acesso ao ambiente escolar, a educação, seja formal ou informal, tinha um papel central na sociedade que estava sendo construída sob domínio português, já que era importante difundir os princípios vindos da Europa e, portanto, católicos. Por outro lado, o maior interesse na colônia era a captação de lucros, o que não colocava o ensino escolar como uma prioridade. Nas palavras de Ribeiro (1987, p. 50):

[D]e maneira geral, inicialmente a educação escolarizada não fazia parte dos objetivos da administração da colônia, a não ser como instrumento utilizado pelos jesuítas como forma de conquista dos gentios e como mecanismo de expansão religiosa, que se dava através do ingresso dos filhos de proprietários rurais nos colégios e seminários, em busca de erudição.

Essa dubiedade em relação à educação justifica, também, o perfil dos alunos matriculados nas escolas jesuíticas: filhos de colonos, para os quais era importante uma educação que visasse a erudição; e de indígenas, que eram educados com fins de catequização. Nesses colégios, os meninos tinham aulas de português, latim, doutrina cristã, leitura, escrita e música; e as meninas nem sequer eram matriculadas. À primeira vista, parece contraditório que as mulheres fossem responsáveis por educar e passar os valores da sociedade da época aos seus filhos, futuros herdeiros das posses de seus pais, e elas mesmas não tivessem acesso à educação escolar. Como destaca Ribeiro (1987), houve resistência à negligência para com a educação escolar feminina na América Portuguesa, dado que há registros de algumas tentativas de oficializar a educação das mulheres, entretanto, nenhuma delas foi exitosa.<sup>5</sup> A explicação para isso é a mesma já citada: os colonos viam a educação como forma de conquistar interesses econômicos, o que não incluía as mulheres. Como resultado:

[...] ficaram as mulheres analfabetas e conseqüentemente expostas a enganos de elementos masculinos, que por vezes resultava em espoliações, roubos de propriedade através de falsificações testamentais ou escrituras. Por não saberem escrever, havia a necessidade de serem representadas pelos homens. Eram eles quem assinavam os documentos que indicavam a herança dos bens que possuíam (RIBEIRO, 1987, p. 74).

Dessa forma, a escolarização das mulheres não era uma prioridade e nem sequer era legitimada. A literatura sobre o tema (FONSECA, 2009; MARCÍLIO, 2016; RIBEIRO, 1987; STAMATTO, 2008) coincide ao afirmar que o cenário só começaria a ser mudado em meados do século XVIII, quando o Marquês de Pombal, a fim de reabilitar Portugal da decadência em que o país se encontrava após o domínio espanhol, criou uma série de medidas sociais e econômicas em relação à metrópole e às colônias.

Um dos pontos basilares das reformas pombalinas foi a expulsão dos jesuítas, visto que eles detinham “[...] um poder econômico que deveria ser devolvido ao governo, além do fato de educar o cristão a serviço da ordem religiosa e não dos interesses do país” (RIBEIRO, 1987, p. 91). O objetivo de tal medida, porém, não era o de romper com a igreja católica, mas sim o de acabar com o domínio da Companhia de Jesus.

---

<sup>5</sup> Ribeiro (1987) cita dois momentos importantes na reivindicação pela escolarização feminina. O primeiro deles ficou registrado em uma carta enviada por indígenas à Rainha Dona Catarina. A proposta, apesar de bem recebida por alguns padres da época, foi negada pela metrópole, “[...] qualificando de ‘ousado’ tal projeto, devido ao perigo que isso pudesse representar... O perigo era a possibilidade da instrução viabilizar um grau de consciência às mulheres, em relação à sua submissão perante o outro sexo” (RIBEIRO, 1987, p. 71). A segunda tentativa foi feita no ano de 1556, em carta enviada pelo Padre Luís de Grã ao Padre Inácio de Loyola, na qual explicava a importância da instrução feminina para a sociedade em formação. Entretanto, o pedido também foi negado.

Com o fechamento das escolas jesuítas, a educação foi colocada em pauta. Marcílio (2016), defende que, embora em 1759 já houvesse legalmente um movimento de reforma da educação, é somente treze anos depois que se observa um aumento considerável da escolarização. A explicação para isso foi a publicação da Carta de Lei de 6 de novembro de 1772, que organizou um sistema de educação pública pioneiro nos países ocidentais. Sob esta nova legislação, foram criadas as aulas régias, que eram pagas com o “[...] subsídio literário - imposto também criado nesta reforma - especialmente destinado ao pagamento do magistério” (STAMATTO, 2008, p. 4). Assim, a partir das reformas pombalinas foi dado um destaque à educação que não havia ocorrido até então. Com isso:

Começava uma nova fase na história da alfabetização brasileira, com as aulas régias de ler e escrever. Em vista dos compromissos ligados ao estatuto do padroado régio, o rei de Portugal (continuado pelos imperadores do Brasil) era responsável pela evangelização das novas terras e pela catequização das crianças (MARCÍLIO, 2016, p. 91).

Em relação especificamente à educação feminina, Marcílio (2016) e Stamatto (2008) coincidem ao afirmar que, como consequência da reestruturação da educação, foi implementada uma lei em 15 de outubro de 1827 que previa, pela primeira vez, a escolarização das meninas. Dessa maneira, durante todo o período colonial, o acesso das mulheres às escolas não foi oficializado, tendo sido instauradas aulas separadas por sexo somente após a independência do Brasil. Nessas aulas, as meninas:

[N]ão aprendiam todas as matérias ensinadas aos meninos, principalmente as consideradas mais racionais como a geometria, e em compensação deveriam aprender as ‘artes do lar’, as prendas domésticas. Em relação ao pagamento, foi previsto na lei igualdade para os mestres e as mestras, contudo, a própria legislação posterior abriu brechas para que na prática as professoras ganhassem menos que os homens. O artigo 6 do decreto de 27 de agosto de 1831 determinava que os salários previstos em lei somente fossem percebidos por aqueles professores habilitados nas matérias de ensino indicadas na Lei Geral, por concurso. Os governos provinciais tinham a autorização de contratar candidatos não aprovados caso não houvesse nenhum aprovado, à condição de pagá-los com salários menores. Ora, não havendo escolas de formação para as meninas e não sendo ministradas todas as matérias nas escolas de primeiras letras femininas, podemos entrever que as moças eram possivelmente as candidatas contratadas ganhando menos. (STAMATTO, 2008, p. 5)

Apesar de colocar a educação das meninas em pauta, a criação dos novos decretos não significou uma mudança radical no processo que já estava em curso. Sendo assim, a educação feminina, ainda que institucionalizada, continuou sendo vista como secundária. Marcílio (2016) comenta que, para além das questões dos baixos salários e das matérias ensinadas, havia um problema em relação à qualidade da educação: as professoras, que nunca haviam frequentado uma escola, eram quase analfabetas. Vale destacar, contudo, que a possibilidade das mulheres trabalharem como professoras não era sinônimo de uma total fuga do que era esperado delas na sociedade da época. Stamatto (2008) comenta que, para assumirem os cargos públicos, era condição essencial que elas demonstrassem honestidade e bom comportamento. Além disso, o magistério se tornou um espaço feminino a partir da crença de que as mulheres eram dotadas “[...] de mais coração e ternura, qualidades ‘naturais’ para os professores exercerem sua profissão” (STAMATTO, 2008, p. 7).

Se as professoras não tinham condições dignas de trabalho, as aulas femininas tampouco recebiam investimento suficiente para se sustentarem. As aulas aconteciam em espaços com pouca infraestrutura, como na casa das professoras ou em alpendres, onde geralmente não havia espaço e nem móveis o suficiente. Além disso, quase não havia material básico para o ensino das meninas, seja para leitura e escrita ou para o ensino das prendas domésticas. Consequentemente, as escolas femininas continuaram atendendo menos estudantes do que as masculinas. Stamatto (2008) argumenta que, durante o século XIX, houve um aumento gradual, em toda a América Portuguesa, do número de meninas matriculadas e, também, uma melhora das condições de trabalho das professoras. No fim do referido século, porém, nas escolas públicas ainda havia uma aluna para cada três alunos, verificando-se um maior equilíbrio entre ambos os sexos somente na primeira década do século XX, portanto já na república, com a implantação dos grupos escolares.

Outra contribuição importante, tanto para o acesso das meninas à escola como para melhores condições de trabalho para as professoras, foi a instauração das classes mistas. A literatura consultada concorda ao afirmar que as primeiras aulas desse tipo foram criadas nos últimos anos do império. Stamatto (2008) defende que foi mais ou menos a partir de 1870 que essas escolas passaram a ser instaladas no Brasil, na mesma época em que o monopólio católico sobre a educação foi quebrado com a fundação de escolas protestantes. Com isso, as professoras passaram a receber autorização para lecionar para meninos até os 14 anos. Em relação às aulas para os alunos mais velhos, porém, não ocorreu a mesma coisa:

No Congresso Internacional de Educação ocorrido em Paris, em 1889, no qual o Brasil contava com dois representantes (um deles o diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro, Menezes Vieira) discutiu-se qual a parte que convinha às mulheres no ensino, chegando-se à conclusão de que a aptidão das moças para o ensino de crianças era incontestável, possuíam as mesmas capacidades de ensinar que os homens, mas não eram habilitadas para outros tipos de cargo como o de direção e inspeção de ensino (STAMATTO, 2008, p. 8).

Com isso, o que vemos é uma demora de quatro séculos, desde o início da dominação portuguesa na América, para haver uma inclusão eficaz das mulheres nas escolas, seja no papel de alunas ou de professoras. Em outras palavras, ainda que as primeiras embarcações portuguesas tenham chegado nas terras brasileiras em 1500 e a primeira escola jesuíta tenha sido fundada cerca de 50 anos depois, somente a partir do século XX podemos falar de uma efetiva igualdade numérica entre o número de meninas e meninos matriculados na educação formal.

No contexto da América Portuguesa, no qual as cartas do *corpus* desta pesquisa estão inseridas, portanto, a escolarização feminina era extremamente embrionária. Isso explica, em parte, o fato de os manuscritos de autoria feminina serem fortuitos e de difícil prospecção. Afinal, se as mulheres nem sequer aprendiam as primeiras letras, eram os homens que escreviam por elas e, como consequência, normalmente é a partir deles que podemos reconstituir parte da nossa história. Além disso, eram os

homens que ocupavam cargos públicos, muitos dos quais a escrita fazia parte do ofício. Mais frequentes, portanto, são os documentos do período colonial em que podemos entrever as histórias das mulheres a partir de autorias masculinas, como é o caso dos processos, requerimentos, autos etc.

Nas cartas, porém, podemos nos aproximar um pouco mais dessas mulheres que tiveram o privilégio de serem autoras. Nelas perduraram raras palavras e letras femininas, e por meio delas podemos enxergar parte do cotidiano da colônia, do corriqueiro do dia-a-dia, da resolução de problemas. À vista disso, elas se apresentam como verdadeiras escrituras de vozes ausentes. E é dessa característica transcendente das missivas que falaremos a seguir.

## 1.2 A escritura de vozes ausentes

Ao definir o que é carta, Bluteau (1728) descreve que ela é “[...] papel escrito à pessoa ausente.” De certo, a ausência é condição fundamental para a escrita epistolar, já que se escreve sempre para quem não está. As cartas têm um papel de conexão entre distantes, levando notícias de quem a redige para pessoas com as quais não se pode ter outro tipo de conversação. Rocha (2017) também dialoga com essa definição de carta quando explica a noção de Diaz (2016) de que uma das características da missiva é ser entendida como um discurso. Para Rocha (2017, p. 27), o caráter discursivo das missivas está no fato de ela sempre ser uma “[...] conversa entre ausentes presentificados pelo ato da correspondência”. A partir daí, a carta passa a ser “[...] vislumbrada como operadora de lembrança, capaz de reativar o passado e aproximar momentos distintos do missivista” (ROCHA, 2017, p. 28). Nesse contexto, ainda que a carta seja indiscutivelmente uma tipologia textual interlocutória:

[...] esse discurso tem algo de paradoxal, já que precisa, para acontecer, colocar no mesmo tempo a existência de um destinatário e sua distanciação, até mesmo seu desaparecimento. Esse destinatário cômodo e sobreabundante, esse polo privilegiado do discurso é, de fato, apenas o longínquo horizonte de uma palavra dirigida, certamente, mas a quem? (DÍAZ, 2016, p. 63)

A definição de carta como escrita para alguém que não está presente é um fator importante ao se pensar na missiva enquanto comunicação e remonta à antiguidade clássica. Segundo Tin (2005, p. 18):

Alguns traços comuns parecem unir todas as concepções epistolares da Antiguidade: a carta é definida como um diálogo entre amigos e, como tal, deve ser breve e clara. [...] [D]e certo modo, essa definição de carta como diálogo, ou como uma das partes de um diálogo, perpassará praticamente todas as artes epistolares.

Essa ideia, porém, não é extinta no período clássico e está presente nos estudos epistolares mais recentes. Marquilhas (2000, p. 33) defende essa visão ao afirmar que a necessidade de escrever correspondências privadas surge a partir do momento em que, na história de uma comunidade, “[...] abundam factores que bloqueiem a comunicação oral e privada”, o que faz com que as pessoas

estabeleçam uma forma alternativa de contato: “[...] as viagens, a guerra, as migrações e a estratificação social, factores de perturbação das relações privadas pela criação de distâncias, motiv[am] o recurso à epistolografia”.

Assim como Marquilhas (2000), Conceição (2011, p. 14) também defende que a carta é uma forma de atender à necessidade humana de comunicação entre os ausentes, pois, “[...] representava o remetente em corpo e voz diante dos destinatários. [...] Assim, a carta uniu os distantes, viabilizou os governos ultramarinos e excedeu as necessidades de comunicação”. A ideia de comunicação aqui colocada também permite que possamos pensar nas missivas como “[...] um objeto de intercâmbio de sentimentos, sociabilidade e representações” (CONCEIÇÃO; MEIRELLES, 2015, p. 117).

Nesse sentido da epístola enquanto intercâmbio, é importante refletirmos sobre quais práticas de sociabilidade e representação estavam sendo movidas na redação desses textos. Na antiguidade clássica, Cícero já via a troca de correspondências como manifestação do caráter de quem a escreve, chegando a dividir as cartas em duas categorias: as portadores de informações factuais, ou *genus familiares et iocosum*, e as que comunicam o “[...] temperamento de quem as escreve” ou *genus severum et grave* (TIN, 2005, p. 21).

Durante os séculos XVI e XVII, o imaginário das cartas como maneira de conhecer o íntimo do epistológrafo tomou força e as pessoas cada vez mais “[...] imaginaram que as cartas eram meios capazes de expressar emoções, afetos, sentimentos, paixões... de quem as escreviam” (BOUZA, 2019, p. 519, tradução nossa). Haveria, então, uma “[...] conexão entre a alma, de um lado, e o coração, a mão e a pena como meios – instrumentos, órgãos – que permitem fazer conhecer seus sentimentos” (BOUZA, 2019, p. 521, tradução nossa). A partir desse viés, as cartas dariam acesso ao “[...] [n]atural da pessoa” (2019, p. 519, tradução nossa), já que a escritura era vista como uma “[...] expressão individual do ânimo metaforizado na ideia de escrever de coração” (BOUZA, 2019, p. 521, tradução nossa).

Vale destacar, entretanto, que essa escrita de coração, da qual fala Bouza, sempre passa pela visão da própria remetente, o que torna as cartas objetos de estudo bastante oscilantes. Isso se dá porque o que se esconde e o que se deixa ver é uma decisão que parte de quem escreve e, sendo assim, temos uma “[...] balança em eterno desequilíbrio entre a abertura ao interlocutor e o desejo de falar de si” (ROCHA, 2017, p. 39). Por essa razão, “[...] a passagem pelo outro se deslumbra como novo caminho de chegar até si” (ROCHA, 2017, p. 43), e esse caminho para si é sempre forjado por quem o percorre.

Ao estudar especificamente o contexto da América Portuguesa, Conceição (2011) constatou que havia dois temas mais comuns entre os correspondentes: de um lado as *problemáticas públicas*, como agradecimentos, queixas, pedido de mercês, avisos, e, de outro, as *temáticas da vida privada*, que comunicam falecimentos, nascimentos, arranjos de casamento, entre outros. A visão da escrita epistolar

enquanto expressão do eu mais íntimo do missivista era pouco recorrente nas cartas. Isso acontecia porque:

Na época moderna as práticas de sociabilidade indicavam o controle das emoções e dos gestos no ambiente coletivo, as emoções eram controladas e, mais do que ser, era necessário demonstrar a contenção, pois o individual não era o grande tema, mas o conjunto da corte. No século XIX com a busca pela individualidade e pela diferenciação coletiva, o indivíduo passou a ser mais importante que o coletivo, portanto, as intimidades pessoais, os anseios únicos de uma alma passaram a se manifestar. (CONCEIÇÃO, 2011, p. 77)

Por conseguinte, durante o século XVIII, a mão que traçava uma escrita era “[...] substituta da voz ausente durante o processo comunicativo e a voz substituída retornava na leitura da missiva” (CONCEIÇÃO, 2011, p. 42). Desse modo, a carta se tornava uma prática de escritura portadora de uma voz ausente, que possuía em seu cerne o duplo expressar-se e saber conter-se, formulado a partir de trocas com o mundo externo. Enquanto no século XVIII os temas convencionais eram mais comuns do que a expressão das intimidades, no século XIX, em contrapartida, a escrita epistolar representa:

[...] o eu do remetente e não somente a voz como no século XVIII. Além disso, no século XIX o aumento da alfabetização se tornou mais expressivo e, com isso, o domínio da escrita extrapolou o meio cortesão, permitindo as variações temáticas; e a escrita de carta enquanto suporte de voz e gênero superior, se desmistificou e a voz silenciou para dar lugar a outros sentires, a outras formas de compartilhar as sensibilidade, onde não somente a voz se anuncia no escrito, mas o eu íntimo por inteiro (CONCEIÇÃO, 2011, p. 77).

A ideia defendida pela autora é extremamente interessante para pensar nos escritos das mulheres epistológrafas cujas cartas fazem parte do *corpus* desta pesquisa. Apesar de viverem em uma sociedade em que não era esperado da mulher de elite o acesso à vida pública, elas tiveram a necessidade de circular informações por meio de missivas. Como veremos na próxima seção, os temas mais recorrentes não são de caráter íntimo, mas testemunhos sobre a vida ordinária, como saber notícias de sua família, reclamar uma dívida, pedir ajuda em relação à saúde de pessoas próximas e agradecer a donativos ou presentes recebidos.

Se as cartas têm esse papel de intercâmbio entre ausentes, como está sendo defendido até aqui, “[...] remetente e destinatário envolvem-se em um pacto no qual escrever e responder tornam-se premissa fundamental” (CONCEIÇÃO; MEIRELLES, 2015, p. 122). Na antiguidade clássica, Cícero já indicava que era uma forma de cortesia “[...] responder àquela [carta] que se acaba de receber [...], seguindo a mesma ordem nas questões e continuando depois com a própria motivação” (TIN, 2005, p. 22).

Bouza (2019) acrescenta à preocupação de responder a missiva recebida uma observação quanto à forma com que essa resposta é dada. Segundo o autor, se as correspondências fossem trocadas entre iguais, elas seriam redigidas de maneira autógrafa, mas se, pelo contrário, houvesse uma hierarquia entre



os correspondentes, era comum que fosse pedido a um terceiro que redigisse uma resposta, seja para economizar o tempo que gastaria escrevendo a carta ou por não possuir uma letra inteligível, o que dificultaria a comunicação. Tal contexto coloca mais uma camada de atenção para a preocupação com o pacto entre missivistas, já que entre iguais se supunha:

[...] atender aos correspondentes respondendo às suas cartas nos mesmos termos em que foram recebidas. Manter correspondência se baseava na confiança de que sempre se responderia aos mútuos requerimentos feitos entre correspondentes. Nesse contexto, saber expressar o desgosto causado por um não correspondente que demorava a responder era um dos problemas mais difíceis de resolver nas práticas da longuíssima Idade Moderna (BOUZA, 2019, p. 518, tradução nossa).

Dessa forma, as missivas possuem um caráter duplo: são ao mesmo tempo individuais e coletivas. Por um lado, as cartas se transformam em um “[...] eu individual após a crucial experiência oitocentista na qual [...] os corações se desnudaram a si mesmos escrevendo” (BOUZA, 2019, p. 509, tradução nossa), ou seja, são uma expressão profunda de quem as escreve. Por outro lado, porém, são textos de sociabilidade e portadores de uma tradição, baseando-se “[...] tanto em uma retórica herdada como na experiência acumulada das práticas [de escrita]” (BOUZA, 2019, p. 509, tradução nossa).

Apesar de Bouza tratar de textos modernos, Tin (2005, p. 37) ressalta que a demonstração de cortesia é uma preocupação comum de todos os tratados epistolares desde a antiguidade clássica, consolidada pela sociabilidade dos sujeitos em uma “sociedade altamente hierarquizada, de acordo com o que se prescreve nas distintas possibilidades de *salutatio*”. Além disso, a brevidade e a clareza são reafirmadas como importantes elementos das cartas enquanto tipologia textual.

Nesse contexto em que as cartas são vistas como um pacto de sociabilidade entre os remetentes, as missivas redigidas por mulheres se mostram como documentos extremamente interessantes. Se, como visto, a educação das meninas na América Portuguesa foi negligenciada durante anos, sob o pretexto de que a elas pertencia somente o trabalho doméstico ou escravo, a escrita epistolar também foi diretamente afetada por essas ideologias.

Segundo Diaz (2016), durante a França dos séculos XVII e XVIII, era comum a associação da produção epistolar ao gênero feminino. Enquanto a literatura era considerada um gênero masculino, as cartas, sobretudo privadas, eram um tipo de escrita deliberadamente deixado às mulheres. Essa *pseudo-feminilidade* das cartas, causada pelo fato de que as mulheres que pegavam em uma pena recorriam mais frequentemente do que os homens às missivas, se ligava ao fato de considerarem “[...] a carta como o meio escrito da tagarelice mundana ou sentimental, mais graciosa sobretudo quando é redigida por uma mulher cuja pena fina e leve ‘corre, voa, e não insiste’” (DIAZ, 2016, p. 45). Tal imaginário, porém, “[...] morreu de morte natural por falta de combatentes” (DIAZ, 2016, p. 197) no século XIX, período no qual a carta foi se distanciando do universo da sensibilidade e se convertendo cada vez mais em uma forma de pensar e agir sobre o mundo, “[...] afirma[ndo]-se como um meio essencial de todos os

grandes debates que marcaram o século e imp[ondo]-se como indispensável instrumento formal de uma vasta reflexão epistemológica.” (DIAZ, 2016, p. 48).

Em outras palavras, a história epistolar francesa nos revela que, enquanto as cartas eram consideradas uma tipologia textual ligada à vida privada e portadora de assuntos considerados de menor gravidade, elas eram associadas às mulheres, com a justificativa de que as epistológrafas possuíam uma graciosidade inata que permitia que redigissem missivas melhor que os homens, além de serem detentoras de uma “imaginação ágil”, “mente espontânea”, “sensibilidade viva” e do “dom da conversação” (DIAZ, 2016, p. 197). Quando as epístolas passam a, cada vez mais, tratar de temas da vida pública, os homens reivindicam sua posição enquanto missivistas e tomam essa tipologia como instrumento de debates e reflexões.

Contudo, quando vemos estudos realizados no âmbito da América Portuguesa, não parece ser possível afirmar que a carta é um gênero de escrita feminino, assim como defenderam os escritores franceses. Basta consultar uma seção de epístolas em algum arquivo para perceber tal afirmação: enquanto há inúmeros manuscritos redigidos por homens, são raros os feitos por um punho de mulher. Como visto, soma-se a isso fatos como a baixa escolarização feminina na colônia (STAMATTO, 2019) e a dificuldade de conservação de tais manuscritos (MARQUILHAS, 2000) que, quando recebidos pelo seu destinatário, podem ser considerados documentos secundários e não passíveis de salvaguarda. Conseqüentemente, a escassez de manuscritos de mulheres se reflete nas pesquisas que buscaram estudar cartas desse período.<sup>6</sup>

Sendo assim, percebe-se que o imaginário que permeou a mente dos escritores franceses entre os séculos XVII e XIX, que defendiam que as cartas são um gênero feminino, ao menos no contexto da América Portuguesa parecem não se sustentar. Uma coisa, porém, não se pode negar: as mulheres do *corpus* desta pesquisa só foram conhecidas devido ao registro de suas vozes nos documentos, seja este feito a próprio punho ou por mãos alheias.

Como vimos, o desenvolvimento da leitura e escrita das mulheres não era uma preocupação na sociedade colonial. Neste contexto, as cartas enviadas ou recebidas por uma mulher podem ser lidas como uma importante ferramenta para “ultrapassar alguns limites”, uma vez que teria o papel de tirá-las “[...] da vida privada para projetá-las em redes de sociabilidade” (DIAZ, 2016, p. 224) e por serem “[...]”

---

<sup>6</sup> Destacamos, aqui, três pesquisas que se debruçaram mais especificamente sobre as cartas de circulação pública. Monte (2015), que trabalhou com cartas oficiais que circularam na Capitania de São Paulo durante o governo de Morgado de Mateus (1765-1775), estudou um conjunto de 74 cartas, dentre as quais somente duas eram de autoria de mulheres: a primeira é um manuscrito autógrafo, redigido por Ana Maria Cardoso, e a outra é um documento idiógrafo, de autoria intelectual de Maria Tereza de Nazaré. Já Fachin (2011), que pesquisou os manuscritos setecentistas da administração colonial em circulação no Brasil, editou 34 cartas, todas elas escritas por homens com cargos públicos, como escrivães, ouvidores, tenentes-generais, governadores, entre outros. Por fim, Lobo (2001) editou um conjunto de 126 cartas oficiais escritas na Bahia setecentista, das quais quatro eram de remetentes não identificados, e as demais foram redigidas por homens, principalmente juízes ordinários ou de instâncias superiores.

a mediação mais fácil em direção à escrita de si, mas também em direção à uma palavra socializada” (DIAZ, 2016, p. 215). Essa pseudo-sociabilidade, porém, está longe de ser uma efetiva emancipação das mulheres:

Permanecem, contudo, algumas suspeitas sobre a eficiência dessa conversação epistolar cujas promessas ficaram frequentemente sem efeito. Assim, podemos nos perguntar se a escrita epistolar não foi para muitas dessas escritoras de um dia o simulacro de uma liberdade de pensar e de falar que, em contrapartida, elas continuam a ignorar na cena social. Em sua maioria, as epistológrafas que descobrimos nessas galerias silenciosas da História, nesses arquivos, apenas murmuram seu desencanto sem conseguir construir uma nova identidade nos pilotis frágeis de suas cartas. (DIAZ, 2016, p. 225)

Apesar de as cartas serem um simulacro de liberdade, uma vez que não levam à verdadeira participação na vida pública, elas terem chegado até nós é um ato de resistência ao tempo e à própria sociedade. Dessa maneira, quem escreve cartas também fala sobre si e sobre a sociedade em que viveu, deixando suas vozes registradas nos fólios, como lampejos de um universo criado por quem as redige.

Ao analisar as cartas do *corpus*, constatamos que a maioria das mulheres que as escreveram não têm suas histórias contadas pela historiografia e, tampouco, por trabalhos filológico-linguísticos. À vista disso, essas missivas se apresentam como verdadeiras escrituras de vozes ausentes: primeiramente, por permitirem a conversação privada entre correspondentes que se encontravam distantes; em seguida, por colocarem essas autoras em redes de sociabilidade — ainda que frágeis; por fim, por fazerem com que as remetentes se tornem presentes nos dias atuais, já que é por meio das missivas que podemos conhecer um pouco mais sobre elas. Aqui, a escrita desenhada pelo punho das mulheres, ou por elas delegada a um terceiro, é mais do que letras traçadas sobre o papel: é a prova concreta de que as palavras e ideias de suas autoras ecoaram, e ainda ecoam, no espaço e no tempo.



## 2. O corpus

Como foi discutido na seção anterior, apenas algumas mulheres, privilegiadas, tiveram acesso à educação na América Portuguesa e poucos foram os manuscritos de autoria feminina que sobreviveram ao tempo, o que torna o acesso a esses documentos um processo difícil e trabalhoso. Acrescenta-se ao dito cenário o fato de que, os que chegaram aos nossos dias, estão dispersos em arquivos não só do Brasil, mas também de outros países como, por exemplo, Portugal.

Nesse contexto, a existência de iniciativas como a desenvolvida na FFLCH/USP pelo *Projeto M.A.P. – Mulheres na América Portuguesa* é extremamente importante. Coordenado pelas professoras doutoras Maria Clara Paixão de Sousa e Vanessa Martins do Monte, o projeto se integra ao *Grupo de Pesquisa Humanidades Digitais* (<https://humanidadesdigitais.org/>) e ao *NEHiLP – Núcleo de Etimologia e História da Língua Portuguesa* (<https://nehilp.prp.usp.br/>). O *M.A.P.* tem como principal objetivo:

[...] sistematizar e tornar visível para pesquisas futuras um conjunto de fontes documentais imensamente importantes para os estudos filológicos e para os estudos da história da língua, da história social, da história da escrita e da leitura, e da história das mulheres no Brasil, por meio da construção de um catálogo eletrônico de documentos escritos por mulheres na América Portuguesa entre 1500 e 1822. A relevância do Projeto reside fundamentalmente na possibilidade de organização inédita dessa documentação a um tempo escassa e fundamental para a compreensão da história da formação do Brasil (PAIXÃO DE SOUSA; MONTE, 2018).

Formado, atualmente, por mais de 25 pesquisadoras de diferentes níveis de formação – como graduação, mestrado e doutorado –, o *Projeto M.A.P.* trabalha com a busca em arquivos físicos e digitais por documentos em que as vozes das mulheres ficaram registradas. Após a prospecção, os documentos são lidos, editados filologicamente de forma parcial e incluídos no Catálogo *M.A.P.* (<http://map.prp.usp.br>). No *site*, as mulheres catalogadas são organizadas em três categorias: autoras, autoras indiretas ou nomeadas em documento primário.

Na versão 0.2.2 do Catálogo *M.A.P.*, o grupo de *autoras*, mais importante e também mais escasso, é composto por 14 mulheres que atuaram diretamente no documento, seja de maneira autógrafa ou idiográfica, como, por exemplo, no caso das cartas. O segundo, de *autoras indiretas*, possui 69 entradas no catálogo e abarca manuscritos que foram, em algum grau, escritos a partir da solicitação de uma mulher, como é o caso de requerimentos e petições. Por fim, o grupo das *nomeadas* é composto por 35 mulheres que estão presentes nos manuscritos, porém, não a partir de sua vontade, como é o caso dos processos inquisitoriais.

Sendo assim, a justificativa para a eleição das cartas como objeto de estudo desta pesquisa tem duas explicações: uma de ordem pragmática e outra, teórica. A primeira delas é a de que, até o momento, o *Projeto M.A.P.* tinha se dedicado arduamente ao trabalho com os documentos administrativos e jurídicos, nos quais as mulheres são, majoritariamente, autoras indiretas ou nomeadas.

Neste sentido, ainda que escassas e de acesso bastante desafiador, as cartas nos mostram outro viés sobre esse período de formação do Brasil, uma vez que tais manuscritos possuem a autoria direta de uma mulher.

A segunda explicação, de cunho teórico, é motivada pela própria aproximação entre a história epistolar com o estereótipo das mulheres que foi construído ao longo dos séculos. Como visto na seção 1, quando as missivas foram consideradas uma tipologia textual ligada à vida privada e portadoras de assuntos de menor gravidade, elas foram associadas às mulheres. Entretanto, quando as epístolas passam a, cada vez mais, tratar de temas da vida pública, os homens reivindicaram sua posição enquanto missivistas e fizeram dessa tipologia um instrumento de debates e reflexões.

Encontrar cartas de autoria de mulheres no contexto da América Portuguesa, no entanto, é uma tarefa que requer paciência, sendo a prospecção nos arquivos um processo lento e trabalhoso. As primeiras tentativas de encontrar tais documentos foram realizadas presencialmente no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), em 2019, onde foram prospectadas nove cartas: oito delas em manuscritos originais<sup>7</sup> e uma em fotocópia.<sup>8</sup>

Devido à pandemia de COVID-19 e às medidas preventivas adotadas, diversos arquivos foram fechados para atendimento ao público e houve a necessidade de interromper a prospecção. Quando retomado o trabalho de estabelecimento do *corpus*, ainda sob as restrições causadas pela crise sanitária, optou-se por fazer a busca em dois arquivos digitais: o Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), onde foi selecionada uma carta,<sup>9</sup> e a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ), onde foram selecionados 27 manuscritos.<sup>10</sup>

Com a reabertura dos arquivos em 2022, já nos meses finais desta pesquisa, foi possível realizar uma visita de campo à BNRJ a fim de digitalizar os documentos do corpus que, até então, estavam disponíveis virtualmente a partir de microfilme. Neste momento também foi realizada a descrição codicológica de todos os manuscritos. Sendo assim, com exceção de FMAX\_01, que se encontra salvaguardada no ANTT, todos os manuscritos foram estudados também a partir dos manuscritos físicos.

---

<sup>7</sup> Os documentos manuscritos encontrados no IEB-USP são os identificados nesta pesquisa com os seguintes códigos: ATSM\_01, ATSM\_02, ATSM\_03, ATSM\_04, ATSM\_05, VCMH\_01 e VCMH\_02. A maneira de criar cada um dos códigos será descrita ao final desta seção. O catálogo digital do IEB-USP pode ser acessado em: [http://200.144.255.59/catalogo\\_eletronico/consultaAcervosArquivo.asp](http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/consultaAcervosArquivo.asp).

<sup>8</sup> Aqui, refiro-me à carta identificada com o código AVRA\_01.

<sup>9</sup> O manuscrito salvaguardado no ANTT é o FMAX\_01. O documento pode ser acessado no site da ANTT em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4656619>.

<sup>10</sup> Os manuscritos encontrados na BNRJ foram os seguintes: AFF\_01, AFF\_02, AFF\_03, AFF\_04, AFF\_05, AFF\_06, AFF\_07, AFF\_08, AFF\_09, AFF\_10, AFF\_11, ESJL\_01, ESJL\_02, ESJL\_03, HJT\_01, HJT\_02, JL\_01, JMS\_01, JMS\_02, JMS\_03, MILS\_01, MJ\_01, MJ\_02, MMJL\_01, MMJL\_02, RMJ\_01 e SMC\_01. Todos eles se encontram digitalizados no site BNDigital e podem ser acessados em: <http://bndigital.bn.gov.br>.

Desta forma, o *corpus* da pesquisa é composto por um conjunto de 37 cartas, escritas entre os anos de 1737 a 1821, que se relacionam com o contexto da América Portuguesa e possuem a autoria de 14 remetentes: Alexandra Francisca Freire, autora de onze cartas; Ana Teresa Salter de Mendonça, autoras de seis cartas; Eugênia Soares de Jesus e Lana e Josefa Maria de Santana, autora de três cartas cada; Hipólita Jacinta Teixeira, Maria Justina, Maria Messias de Jesus e Lana e Violante Clara de Miranda Henriques, autoras de duas cartas cada; e Ana Vicência Rodrigues de Almeida, Francisca Maria Antônia Xavier, Joaquina Lopes, Maria Inácia de Lorena Silveira, Rosa Maria de Jesus e Sidéria Maria da Conceição, autoras de uma carta cada. Com exceção da primeira epístola de Maria Messias de Jesus e Lana (MMJL\_01), todas as demais são inéditas, ou seja, não há nenhuma edição encontrada na literatura consultada.

Se o número de missivas redigidas por elas varia consideravelmente (de uma a 11 missivas), também é igualmente relevante ressaltar que elas escrevem de diferentes lugares e estão inseridas em distintos contextos sociais. Até onde é possível averiguar, porém, podemos fazer uma generalização: todas elas são mulheres livres. Essa informação é sumariamente importante em um contexto colonial em que a carta mais recente do *corpus* foi escrita 50 anos antes da Lei do Ventre Livre, promulgada dia 28 de setembro de 1871, e 67 anos antes da abolição da escravatura no Brasil, ocorrida dia 13 de maio de 1888.

Como discutido na primeira seção, o acesso à escolarização era um privilégio para as mulheres na sociedade colonial, o que pode justificar o fato de não ter sido possível encontrar cartas de mulheres negras nos arquivos prospectados. Soma-se a isso o fato de que, ao longo dos séculos, o que é ou não digno de ser salvaguardado também reflete uma história de invisibilização e de luta. Como bem observou Perrot (2005, p. 12-13):

Os arquivos privados conservados nos grandes depósitos públicos são quase exclusivamente os dos “grandes homens”, políticos, empresários, escritores, criadores. Os arquivos familiares, até recentemente, não haviam chamado uma atenção particular. Ao longo de mudanças, destruições maciças foram provocadas por herdeiros indiferentes por muito tempo, ou até mesmo pelas próprias mulheres, pouco preocupadas em deixar traços de seus eventuais segredos. Por pudor, mas também por autodesvalorização, elas interiorizaram, de certa forma, o silêncio que as envolvia. [...] Entretanto, a consideração crescente da vida privada, familiar ou pessoal, modificou o olhar negligente que se tinha sobre as correspondências ou os diários íntimos. [...] As mulheres são, ao mesmo tempo, protagonistas e beneficiárias deste esforço. As descobertas, depósitos e publicações multiplicam-se, obra das mulheres sensibilizadas pela história de seus ancestrais e desejosas de reencontrá-los e até mesmo de torná-los visíveis, como num ato de justiça e de poesia.

Partindo desse lugar de mulheres não escravizadas ocupado pelas autoras, percebemos que o conteúdo das cartas nos permite entrever, em maior ou menor grau, as condições sociais e econômicas dessas remetentes. Foi possível encontrar, na literatura consultada, referência a quatro autoras do *corpus*

que foram descritas como mulheres pertencentes a uma camada econômica mais alta: Ana Teresa Salter de Mendonça, que era de uma importante família de Olinda; Ana Vicência Rodrigues de Almeida, oriunda de uma família que teve papel basilar na formação e desenvolvimento de São Paulo; Hipólita Jacinta Teixeira, rica proprietária de terras, que teve um papel central na Inconfidência Mineira; e Violante Clara de Miranda Henriques, viúva de Luís Lobo de Albertim, capitão de infantaria do terço de Olinda.

Observamos que há, também, quatro mulheres que foram declaradamente proprietárias de pessoas escravizadas ou trataram do tema da escravidão nas missivas. Embora muito provavelmente essas mulheres também façam parte da elite, elas não tiveram suas histórias narradas pela historiografia e, portanto, não é possível levantar informações sobre elas para além do que está contado nas cartas. A única exceção é Hipólita Jacinta Teixeira, que é a autora com o maior número de estudos realizados sobre ela e escreveu uma carta indagando “o que *Vossa Senhoria* | me diz respeito a alforria da Dita, a qual fico *muito* | satisfeita”<sup>11</sup> (carta HJT\_01). As outras três mulheres são: Alexandre Francisca, que se refere aos escravizados quando escreve ao primo médico pedindo ajuda para cuidar de um “negro da feri- | da cacncroza” (carta AFF\_04), do “Criou- | lo Manoel” (carta AFF\_05), de uma “preta de idade de 32- | annos mais ou menos” (carta AFF\_07), de uma “negra do froxo | Sempre todas as luas padesse hua dor no | estomogo que athe vomita” (carta AFF\_08), do “crioulo Manoel | das dores reumaticas” (carta AFF\_09), de um homem que “depois | que teve huns mulas Se quecha por Su | as lhe incha por bacho e Sente Sempre | de dores de barriga” (carta AFF\_10), da “crioula Theodora” (carta AFF\_10) e de uma “crioula | para vê-la e detriminar o que e dé fazer” (carta AFF\_11); Maria Messias de Jesus e Lana, relata a chegada da “crioula, Joana, com o filho, a qual che | [\*] a esta sua caza, *muito* doente” (carta MMJL\_02); e Eugênia Soares de Jesus e Lana que, apesar de não tratar diretamente sobre escravizados que trabalham em sua casa, afirma que “se trocar aos seus escravos, e quiser vem | der hũa a Nenha, ella ha de lhe comprar | e tem *muita* vomtade digo negrinha” (carta ESJL\_03).

Há outras quatro mulheres que escreveram a respeito de dívidas ou donativos recebidos: Francisca Maria Antônia Xavier, que relatou em sua carta as dívidas que tinha com Francisco Ferreira da Silva, bem como os pagamentos que lhe fez, alegando “*que* tenho dado tudo o *que* pesuhia em | boa especia, e compadeser se da mizeria em *que* me tem deixado esta | excusaõ” (carta FMAX\_01); Joaquina Lopes, que escreveu para Florêncio Francisco dos Santos Franco pedindo que “queira emprestar me | trinta mil reis a de cujo fauor fica | rei a *uossa merce* eternamente *muito* agradecida” (carta JL\_01); Maria Inácia de Lorena Silveira, que escreveu também a Florêncio lhe agradecendo “a muedinha que me mandou [\*] não pelo dieiro mais Sim pela | lembrança que teve de mim” (carta

<sup>11</sup> Como será explicado na subseção 4.2, onde foram citados trechos das missivas, optamos por utilizar uma barra vertical (|) para indicar quebra de linha.



MILS\_01); e Rosa Maria de Jesus, que cobrou uns brincos que o destinatário prometeu a sua filha Luiza, “pois O tras | sempre na lembrança isto de premeter | a pobres nunca se esquecem e fica espe- | rando o favor e esmolla que *Vossa Senhoria* lhe quer | ra fazer” (carta RMJ\_01).

Por fim, há três mulheres cujas missivas não trazem informações a respeito de suas caracterizações sociais: Josefa Maria de Santana, que escreveu ao médico Florêncio Francisco dos Santos Franco lhe pedindo para enviar remédios a duas doentes que viviam em sua casa, falando sobre os cuidados que teve com cavalos do destinatário e solicitando que ele aceitasse Gabriel de volta em sua companhia; Maria Justina, que explicou o porquê não havia lhe escrito antes e perguntou sobre a saúde do destinatário; e Sidéria Maria da Conceição, que escreveu pedindo para que Eugênia Soares de Jesus e Lana mandasse a Senhora Dona Ana para cuidar de sua filha.

Se, para as remetentes, muitas vezes não é possível encontrar informações biográficas para além do que é revelado nos manuscritos, o mesmo não acontece, na maioria dos casos, em relação aos seis destinatários: Florêncio Francisco dos Santos Franco, que recebeu vinte e seis cartas; João Antônio Salter de Mendonça, que recebeu seis cartas; um homem nomeado como “Excelentíssimo Senhor”, que recebeu duas cartas; e Antônio da Silva Prado, Eugênia Soares de Jesus e Lana e Miguel da Cruz Vieira, que receberam uma carta cada.

As pessoas para as quais as missivas foram enviadas, com exceção de Eugênia Soares de Jesus e Lana, que é a única mulher que figura como destinatária, são homens que possuíam, em algum nível, prestígio social na América Portuguesa. Esse fato também pode justificar o motivo pelos quais os documentos de mulheres anônimas foram preservados ao longo dos séculos: talvez, não pelas epístolas em si, mas sim por elas estarem endereçadas a homens influentes na sociedade colonial. Tal hipótese é confirmada pelo fato de 32 dos 37 manuscritos estudados terem sido encontrados nos acervos dedicados a seus destinatários, como é o caso das missivas recebidas por Florêncio Francisco dos Santos Franco e João Antônio Salter de Mendonça.

Já em relação aos temas de ditos documentos, percebe-se que, normalmente, são abordados assuntos ligados ao cotidiano, como para pedir ajuda em relação a pessoas doentes que vivem em suas casas, comunicar falecimentos, justificar a falta de contato, dar notícias sobre sua família, agradecer a donativos e tratar de questões financeiras. É interessante, sobretudo, o fato de que Sidéria Maria da Conceição, a única mulher do *corpus* a escrever para outra mulher, o faz para pedir que Eugênia Soares de Jesus e Lana envie a Senhora Dona Ana para cuidar de sua filha. Ou seja, na única missiva dirigida a uma mulher e que fala sobre outras mulheres, escreve-se sobre o âmbito da reprodução social e do cuidado com as crianças.

À vista disso, estudar estas missivas e colocar as mulheres em primeiro plano é, ainda que de forma tardia, dar a essas mulheres um papel de protagonistas em um contexto em que eram vistas

como sombras tênues no teatro da memória (PERROT, 2005). Sendo assim, tais manuscritos se mostram como objetos bastante importantes não somente para estudos filológicos e da história das mulheres, mas também para a compreensão do período inicial de formação da sociedade brasileira. Mais do que estudar a história das mulheres no Brasil, estudar os manuscritos de mulheres é entender que elas também são a história do Brasil.

Nas próximas subseções serão apresentadas mais detalhadamente as autoras, suas respectivas missivas e as pessoas para quem as cartas foram enviadas. Para isso, adotamos a seguinte metodologia: o título usado foi o nome e sobrenome da remetente, quando encontrados no próprio manuscrito ou em bibliografia complementar, de acordo com as normas para padronização de antropônimos proposta por Monte (2015); em seguida, há um pequeno texto com as informações biográficas encontradas e as referências externas à carta. Como cada uma das autoras escreveu para um único remetente, na sequência encontra-se a biografia de cada pessoa que recebeu uma carta, seguindo a mesma ordem proposta acima. Para os casos em que determinada pessoa já foi apresentada, indica-se entre parênteses a seção na qual ela pode ser encontrada.

Por fim, há um quadro com as cartas escritas por aquela remetente, que segue a sequência cronológica e lista as missivas não datadas ao fim. Nos casos em que havia mais de um manuscrito não datado por mulher, optou-se por seguir a ordem de numeração do arquivo ao qual ele pertence. No quadro, a datação tópica, os nomes da remetente e do destinatário mantêm a grafia original do documento, de acordo com as regras de transcrição semidiplomática estabelecidas por Toledo Neto (2020). O código dado ao documento, para ser mais facilmente localizado no *corpus*, respeita o seguinte modelo: *siglas do nome da autora \_ número da carta dentro daquele sub-corpus*.

## 2.1 Alexandra Francisca Freire

Era moradora de Santo Inácio, em Minas Gerais, e escreveu onze cartas entre os anos de 1815 e 1818. Era prima de Florêncio Francisco dos Santos Franco, destinatário de suas missivas, e fala com frequência nas cartas de, pelo menos, mais um parente. A presença dessa outra pessoa pode ser vista em passagens como “Seu *Primo* | lhe envia Saudades” (carta AFF\_02) e que “o seu | *Primo* se recomenda saudozo” (carta AFF\_04). Nas epístolas, trata principalmente sobre o envio ou o recebimento de animais e mercadorias, bem como sobre pedidos de ajuda em relação à saúde de escravizados que trabalhavam na sua casa. Não foram localizadas referências externas sobre ela.

Se pouco é possível recuperar sobre Alexandra Francisca para além do que ela própria relata nos manuscritos, o mesmo não ocorre em relação ao destinatário de seus escritos. De acordo com Fonseca (2014) e Almeida (2009), Florêncio Francisco dos Santos Franco foi cirurgião-mor do rendimento da cavalaria e um importante comerciante de remédios que atuou na região de Minas

Gerais, entre os anos de 1770 a 1820, tendo sido nomeado Cavaleiro da Ordem de Cristo, no ano de 1808. Essas informações são validadas pelo próprio conteúdo das missivas, uma vez que as mulheres que escrevem a ele tratam, principalmente, sobre o envio de remédios e a saúde de pessoas de sua casa.

Florêncio é destinatário de 26 missivas do *corpus*, que estão salvaguardadas na BNRJ e fazem parte da *Coleção Casa dos Contos*, que reúne documentos produzidos e acumulados pela Provedoria da Fazenda Real da Capitania de Minas Gerais. Fonseca (2014) destaca que, das mais de 420 cartas que compõem o acervo de Florêncio, cerca de dez por cento são de autoras mulheres, o que demonstra que ele “[...] conseguia dialogar com o sexo oposto, diferente de outros personagens do setecentos mineiro, comerciantes que geriam negócios considerados exclusivamente masculinos” (FONSECA, 2014, p. 2).

Os documentos enviados a Florêncio Francisco foram os últimos a serem incluídos no *corpus* e, devido à pandemia de COVID-19, a prospecção se deu pelo arquivo digital. Por essa razão, selecionamos nove autoras que se corresponderam com ele, dando prioridade para as que a digitalização do seu conjunto documental estava mais legível. Além da própria Alexandra Francisca Freire, no *corpus* também há manuscritos de Eugênia Soares de Jesus e Lana (Cf. 2.4), Hipólita Jacinta Teixeira (Cf. 2.6), Joaquina Lopes (Cf. 2.7), Josefa Maria de Santana (Cf. 2.8), Maria Inácia de Lorena Silveira (Cf. 2.9), Maria Justina (Cf. 2.10), Maria Messias de Jesus e Lana (Cf. 2.11) e Rosa Maria de Jesus (Cf. 2.12). Quando foi realizada a visita presencial ao arquivo, cerca de cinco meses antes do depósito desta dissertação, pudemos digitalizar todos os documentos da Coleção Casa dos Contos escritos por mulheres e que foram enviados a ele. Entretanto, não haveria tempo hábil de, neste trabalho, editar e estudar todos os manuscritos com a circunspeção necessária para o labor filológico. Por essa razão, optamos por manter a seleção de cartas realizada inicialmente e utilizar as demais em investigações futuras.

As cartas enviadas por Alexandra Francisca Freire estão detalhadas no quadro a seguir:

Quadro 1 – Cartas de Alexandra Francisca Freire

Número da carta. Arquivo e Código de referência. Datação tópica e cronológica. Nome da remetente e do destinatário.	Assunto
<b>AFF_01</b> Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ) Coleção Casa dos Contos I-10,29,006 n.015 - Manuscritos Santo Ignacio   29/05/1815 De: Alexandra Francisca Para: <i>Illustríssimo Senbor Capitam</i> Florencio Francisco do Santo	Comunicou que os cavalos enviados por Florêncio haviam chegado infestados de piolhos tão miúdos que Alexandra demorou a encontrá-los.

<p><b>AFF_02</b>  Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)  Coleção Casa dos Contos  I-10,29,006 n.016 - Manuscritos  Santo Ignacio   30/08/1815  De: Alexandra Francisca  Para: <i>Illustrissimo Senhor Capitam Florencio Francisco</i></p>	<p>Disse que ficou feliz por saber que Florêncio também gostava de gambé de embaúba. Agradeceu por um presente recebido e comunicou o envio de mel.</p>
<p><b>AFF_03</b>  Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)  Coleção Casa dos Contos  I-10,29,006 n.017 – Manuscritos  Santo Ignacio   16/09/1815  De: Alexandra Francisca  Para: <i>Illustrissimo Senhor Capitam Florencio Francisco</i></p>	<p>Estimou as notícias que recebeu do primo e conversou sobre as viagens que ele estava realizando. Comunicou o envio de bestas, que não havia podido enviar no dia anterior por causa da chuva.</p>
<p><b>AFF_04</b>  Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)  Coleção Casa dos Contos  I-10,29,006 n.018 - Manuscritos  Santo Ignacio   26/09/1816  De: Alexandra Francisca  Para: <i>Illustrissimo Senhor Capitam Florencio Francisco do Santo Franco</i></p>	<p>Comunicou sobre o estado de saúde de um escravizado que estava com “ferida cancosa” e solicitou que Florêncio enviasse mais remédio, porque o tinha somente para mais duas vezes.</p>
<p><b>AFF_05</b>  Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)  Coleção Casa dos Contos  I-27,22,100 - Manuscritos  Santo Ignacio   26/03/1817  De: Alexandra Francisca  Para: <i>Illustrissimo Senhor Capitam Florencio Francisco do Santo Franco</i></p>	<p>Informou que o portador da carta, Manoel, era seu escravizado e que desejava que Florêncio o examinasse, pois estava com dores que não haviam passado mesmo depois de o ter purgado.</p>
<p><b>AFF_06</b>  Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)  Coleção Casa dos Contos  I-10,29,006 n.019 – Manuscritos  Santo Ignacio   01/07/1817  De: Alexandra Francisca  Para: <i>Illustrissimo Senhor Capitam Florencio Francisco do Santo</i></p>	<p>Comunicou que o primo de Florêncio estava doente dos olhos. Justificou o motivo por ter escrito, mesmo sabendo que o destinatário era bastante ocupado. Pediu ajuda para tratar da doença de um rapaz.</p>

<p><b>AFF_07</b>  Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)  Coleção Casa dos Contos  I-10,29,006 n.020 – Manuscritos  Santo Ignacio   09/11/1817  De: Alexandra Francisca Freire  Para: <i>Illustrissimo Senhor Capitam</i> Florencio  Francisco do Santos Franco</p>	<p>Pedi que Florencio a ajudasse a cuidar de uma escravizada, de cerca de 32 anos, que sofria de tonturas, dor na parte esquerda, e que sangrava algumas vezes pela boca e pelo nariz. Explicou que já havia aplicado alguns remédios caseiros. Também comunica que enviou um escravizado para que Florêncio o examinasse, pois sofria de muitas dores reumáticas.</p>
<p><b>AFF_08</b>  Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)  Coleção Casa dos Contos  I-10,29,006 n.021 – Manuscritos  Santo Ignacio   25/02/1818  De: Alexandra Francisca  Para: <i>Illustrissimo Senhor Capitam</i> Florencio  Francisco do Santo</p>	<p>Justificou não haver escrito antes devido aos incômodos diários que ela tinha. Comunicou que na sua casa havia vários doentes, incluindo uma escravizada que sofria de dor de estômago. Disse que gostaria de ter enviado a Florêncio algumas caperas, mas que elas ainda não haviam caído porque era tempo de chuva.</p>
<p><b>AFF_09</b>  Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)  Coleção Casa dos Contos  I-10,29,006 n.022 – Manuscritos  Santo Ignacio   01/06/1818  De: Alexandra Francisca   Para: <i>Illustrissimo Senhor Capitam</i> Florencio  Francisco do Santo Franco</p>	<p>Comunicou o envio de biscoitos e de uma quarta de arroz cozido. Avisou que o balaio ia cheio.</p>
<p><b>AFF_10</b>  Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)  Coleção Casa dos Contos  I-10,29,006 n.013 - Manuscritos  Sem local   Sem data  De: Alexandra Francisca  Para: <i>Illustrissimo Senhor Capitam</i> Florencio  Francisco do Santo</p>	<p>Disse que estava ansiosa por notícias de seu primo Florêncio, pois há tempos que não as tinha. Comunicou o envio de um escravizado que, depois que teve mulas<sup>12</sup>, tinha sempre dores de barriga. Também pediu ajuda com uma escravizada que havia melhorado das impigens, porém estava com dores pelo corpo. Avisou que, caso fosse necessário remédio, Florêncio poderia enviar pelo “crioulo”.</p>

<sup>12</sup> Segundo Chernoviz (1890), mula ou bubão “[...] é um tumor, mais ou menos consideravel, formado pelo engurgitamento das glandulas da virilha, e produzido pelo virus syphilitico”.

<p><b>AFF_11</b>          Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)          Coleção Casa dos Contos          I-10,29,006 n.014 – Manuscritos          Sem local   Sem data          De: Alexandra Francisca          Para: <i>Illustrissímo Senbor Capitam</i> Florencio          Francisco do <i>Santo</i> Franco</p>	<p>Comunicou o envio de uma escravizada doente. Alexandra justificou que já havia feito tudo o que podia para curar a mulher, portanto acreditava que somente Florêncio poderia determinar um tratamento. Disse que a filha da enferma estava no mesmo estado.</p>
--	--

## 2.2 Ana Teresa Salter de Mendonça

Apesar de ser a única mulher do *corpus* a escrever desde Portugal, Ana Teresa Salter de Mendonça nasceu em Olinda. Era filha de Jorge Salter de Mendonça e de Antônia Francisca Pessoa. Escreveu seis cartas para o seu irmão entre os anos de 1794 a 1798 e as enviou de duas localidades diferentes: Vila Nova da Cerveira e Ponte de Lima. Era casada com Gonçalo Coelho, Fidalgo da Casa Real, que é citado em diversas epístolas suas. Nos manuscritos tratou, sobretudo, a respeito de sua viagem à Caminha e ao Sítio da Âncora, comunicou sobre a saúde e o falecimento de pessoas próximas e abordou o desenrolar de uma questão financeira, que provavelmente se tratava de uma doação em espécie feita para a Santa Casa de Misericórdia. Há informações biográficas sobre ela disponíveis no trabalho de Barreto (2019).

Sobre o irmão de Ana Teresa e destinatário de suas missivas, João Antônio Salter de Mendonça, sabe-se que ele também nasceu em Olinda. Barreto (2019) e Canas (2008) destacam que ele foi desembargador do Paço e procurador da Coroa, o que fez com que tivesse um papel ativo na transferência da Família Real Portuguesa para o Brasil, ocorrida entre os anos de 1807 e 1808. Como João Antônio Salter de Mendonça vivia entre o Brasil e Portugal e nas cartas não está explicitado o local para onde foram enviadas, não foi possível estabelecer com segurança onde ele estava no momento do recebimento das missivas.

As cartas enviadas por Ana Teresa Salter de Mendonça estão detalhadas no quadro 2, a seguir:

Quadro 2 – Cartas de Ana Teresa Salter de Mendonça

Número da carta. Arquivo e código de referência. Datação tópica e cronológica. Nome da remetente e do destinatário.	Assunto
<p><b>ATSM_01</b>            Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP)            Alberto Lamego            Caixa 01 - Códices 098 e 099 (Sala 1)            AL-099-033            Villa Nova da Cerveira   28/05/1794            De: Anna            Para: Meu Irmão e <i>Amante</i> do <i>Coração</i></p>	<p>Escreveu que não havia tido notícias do irmão no último correio. Contou sobre sua viagem à Caminha para ouvir um missionário. Comunicou que José de Sá morreu, enquanto conversava com os amigos e família, e descreveu minuciosamente a situação. Disse que na Gazeta vieram notícias de que Luiz José ia para Goa.</p>
<p><b>ATSM_02</b>            Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP)            Alberto Lamego            Caixa 01 - Códices 098 e 099 (Sala 1)            AL-099-032            Ponte de Lima   28/12/1797            De: Anna            Para: Meu Irmão e <i>Amante</i> do <i>Coração</i></p>	<p>Informou seu irmão a respeito de uma questão financeira que, possivelmente, tratava-se de uma doação em espécie feita para a Santa Casa de Misericórdia. Disse para o irmão interceder porque as pessoas estimavam muito a palavra do destinatário.</p>
<p><b>ATSM_03</b>            Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP)            Alberto Lamego            Caixa 01 - Códices 098 e 099 (Sala 1)            AL-099-034            Ponte de Lima   08/05/1798            De: Anna            Para: Meu Irmão e <i>Amante</i> do <i>Coração</i></p>	<p>Contou sobre o feliz desfecho de uma reunião de negócios, que provavelmente era a mesma questão financeira relatada em ATSM_02. Pediu ao irmão que escrevesse a Nicolau Barreto, para agradecê-lo.</p>
<p><b>ATSM_04</b>            Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP)            Alberto Lamego            Caixa 01 - Códices 098 e 099 (Sala 1)            AL-099-007            Ponte de Lima   17/05/1798            De: Anna            Para: Meu querido Irmão e <i>Amante</i> do <i>Coração</i></p>	<p>Agradeceu ao irmão pela ajuda no bom êxito do negócio narrado em ATSM_03. Contou que ia à Vila Nova e que, em agosto, voltava para os banhos. Avisou sobre o falecimento da irmã de Caetano Correa e disse estimar as notícias de Antônio d'Araujo.</p>

<p><b>ATSM_05</b>  Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP)  Alberto Lamego  Caixa 01 - Códices 098 e 099 (Sala 1)  AL-099-008  Ponte de Lima   23/05/1798  De: Anna  Para: Meu querido Irmao e Amante do <i>Coração</i></p>	<p>Avisou que viajaria para Vila Nova com Gonçalo Coelho. Disse estar descansada dos acontecimentos narrados nas últimas cartas. Transmitiu um pedido para que o irmão despachasse um requerimento.</p>
<p><b>ATSM_06</b>  Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP)  Alberto Lamego  Caixa 01 - Códices 098 e 099 (Sala 1)  AL-099-031  Sítio da Ancora   Sem data  De: Anna  Para: Meu querido Irmao e <i>Senhor</i> do <i>Coração</i></p>	<p>Avisou que já estava no sítio da Âncora e narrou sua estadia lá. Deu notícias sobre a saúde de Gonçalo Coelho e as condolências pela morte de amigos do irmão.</p>

## 2.3 Ana Vicência Rodrigues de Almeida

Filha de Manuel Rodrigues Jordão e de Ana Eufrazina da Cunha, Ana Vicência Rodrigues de Almeida nasceu em Jundiáí, no ano de 1769, e faleceu em 1854, na cidade de São Paulo. Foi casada com Antônio da Silva Prado, com quem teve um filho de mesmo nome e que é o destinatário da carta presente neste *corpus*, escrita em 1815. Ficando viúva de seu primeiro marido, Ana Vicência contraiu novo matrimônio com seu cunhado, Eleutério da Silva Prado. Teve dois filhos do segundo casamento: Maria Marcolina da Silva Prado e Martinho da Silva Prado. Era irmã professa da Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência da cidade de São Paulo, em cuja sede está sepultada. Foi possível encontrar informações sobre ela no trabalho de Ferreira (1990).

Já sobre o destinatário da missiva, seu filho, Antônio da Silva Prado, sabe-se que ele nasceu em 1788 e morreu em 1875, na cidade de São Paulo. Era casado com Maria Cândida de Moura Vaz e pai de Veridiana Valéria da Silva Prado. Foi um importante comerciante que atuou nos negócios de açúcar e animais e que, além disso, teve uma loja de produtos diversos em Caetité, onde deve ter reunido “capitais suficientes para mais tarde tornar-se, empregando-os em São Paulo, um dos homens mais ricos desta Província” (PETRONE, 1976, p. 6). Também se interessou pela arrecadação de impostos sobre gados na província de São Paulo. Em 1848, recebeu o título nobiliárquico de Barão de Iguape,



criado por D. Pedro II a favor, justamente, de Antônio Prado. Além de Petrone (1976), também é possível encontrar informações sobre ele no trabalho de Ferreira (1990).

A seguir, há o quadro com mais informações sobre a carta de Ana Vicência Rodrigues de Almeida.

Quadro 3 – Carta de Ana Vicência Rodrigues de Almeida

Número da carta. Arquivo e código de referência. Datação tópica e cronológica. Nome da remetente e do destinatário.	Assunto
<p><b>AVRA_01</b></p> <p>Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP) Veridiana Prado Caixa 01 - Ilustrações; Dados Biográficos; Figuras Antigas; Pesquisa; Ilustrações (Sala 3) VP-40 São Paulo   09/01/1815 De: <i>Dona Anna Vicencia Rodrigues</i> Para: Antonio</p>	<p>Lamentou a perigosa enfermidade de Francisco e a morte de Joaquim da Silva. Tratou de assuntos de família e de negócios.</p>

## 2.4 Eugênia Soares de Jesus e Lana

É autora de três cartas que não possuem datação tópica ou cronológica, mas que provavelmente são escritas desde Minas Gerais no início do século XIX. Tal conjectura parte tanto de informações sobre a salvaguarda do arquivo como do destinatário das missivas: a Coleção Casa dos Contos, da qual os documentos de Eugênia fazem parte, foram redigidos sobretudo na capitania de Minas Gerais; e seu correspondente, Florêncio Francisco do Santos Franco (*Cf. 2.1*), atuou como médico pelo menos de 1770 a 1820 (FONSECA, 2014). Eugênia Soares de Jesus e Lana era prima de Florêncio Francisco, mãe de Antonio Botelho Soares de Lana e, supostamente, irmã de Maria Messias de Jesus e Lana (*Cf. 2.11*). Nas cartas, tratou do estado de saúde e das viagens feitas pelo destinatário e solicitou ajuda em relação ao seu filho e a Domiciano José da Fonseca. Além disso, Eugênia é a única mulher que está, também, entre os destinatários do *corpus*, uma vez que recebe uma carta, também sem datação tópica ou cronológica, enviada por Sidéria Maria da Conceição (*Cf. 2.13*).

A seguir, há o quadro com mais informações sobre suas cartas.

Quadro 4 – Cartas de Eugênia Soares de Jesus e Lana

Número da carta. Arquivo e código de referência. Datação tópica e cronológica. Nome da remetente e do destinatário.	Assunto
<p><b>ESJL_01</b></p> <p>Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)            Coleção Casa dos Contos            I-10,29,005 n.004 – Manuscritos            Sem local   Sem data            De: Eugenia            Para: <i>Illustrissimo</i> Senhor Capitam Florenção</p>	<p>Comunicou que ficou sabendo que o destinatário havia ido ao Rio de Janeiro e que implorava que Deus o trouxesse e levasse “a salvamente”. Pediu que, durante a viagem, Florêncio se lembrasse do pedido dela e do seu menino, tema que foi retomado em ESJL_03. Solicitou que intercedesse por Domiciano José da Fonseca para nomeá-lo porta bandeira.</p>
<p><b>ESJL_02</b></p> <p>Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)            Coleção Casa dos Contos            I-10,30,001 n.005 - Manuscritos            Sem local   Sem data            De: Eugenia Soares de Jesus e Lana            Para: <i>Illustrissimo Senhor</i> Capitam Florencio</p>	<p>Contou que, até o momento da redação da carta, não havia notícias de seu primo Florêncio, porque o portador não havia ido. Pediu notícias sobre a saúde do remetente.</p>
<p><b>ESJL_03</b></p> <p>Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)            Coleção Casa dos Contos            I-10,36,001 n.010 – Manuscritos            Sem local   Sem data            De: Eugenia            Para: <i>Illustrissimo</i> Senhor Cavalheiro</p>	<p>Solicitou que, quando fosse ao Rio de Janeiro, Florêncio se lembrasse de que ela havia lhe pedido para que intercedesse por seu filho, Antonio Botelho Soares de Lana, que queria ter praça de cadete e estudar. Também comentou sobre uma venda de escravizados.</p>

## 2.5 Francisca Maria Antônia Xavier

Escreveu uma carta datada de novembro de 1778 e enviada de Sabará, em Minas Gerais. Era viúva e, na missiva, tratou de uma dívida que tinha com Francisco Ferreira da Silva, casado com Brízida Maria da Silva Vieira, e dono da fazenda cuja administração estava sob os cuidados de Miguel da Cruz Vieira, destinatário da epístola. Na carta, Francisca Maria Antônia Xavier justificou que antes tinha dinheiro, mas que, com a dívida e a morte do marido, perdeu tudo e se viu obrigada a viver de esmolas e da ajuda de seus credores. Não foi possível encontrar referências externas sobre ela.

Já sobre Miguel da Cruz Vieira, destinatário de sua missiva, sabe-se que era administrador da fazenda de gado *vacum*, que se encontrava localizada próximo à cabeceira do Rio Paracatu, pertencente, justamente, a Francisco Ferreira da Silva, com quem Francisca Maria Antônia Xavier tinha sua dívida. Quando Francisco da Silva morreu, Miguel da Cruz Vieira passou a ser procurador da viúva, Brízida Maria da Silva Vieira, e herdou “[...] mediante cessão registrada em cartório uma parcela do produto líquido sobre a quarta parte que lhe pertenceu no contrato das Entradas das Minas, em 1745, que foi arrematado por Jorge Pinto de Azeredo” (PEREIRA, 2015, p. 15). É possível encontrar referências sobre ele somente no trabalho já mencionado de Pereira (2015).

A seguir, há o quadro com mais informações sobre a carta enviada por Francisca Maria Antônia Xavier.

Quadro 5 – Carta de Francisca Maria Antônia Xavier

Número da carta. Arquivo e código de referência. Datação tópica e cronológica. Nome da remetente e do destinatário.	Assunto
<p><b>FMAX_01</b></p> <p>Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) Feitos Findos, Diversos (documentos referentes ao Brasil), mç. 7, n.º 6 PT/TT/CS/H/001/007/000006 Vila de Sabará   --/11/1778 De: <i>Dona Francisca Maria Antonia Xavier</i> Para: <i>Senhor Miguel da Cruz Vieira</i></p>	<p>Relatou a dívida de Francisco Franco da Silva e os pagamentos que ela lhe havia feito. Contou sobre sua situação financeira e pediu para que Miguel da Cruz Vieira lhe ajudasse na resolução do problema.</p>

## 2.6 Hipólita Jacinta Teixeira

De todas as mulheres do *corpus*, Hipólita Jacinta Teixeira parece ser a que teve um maior número de biografias e estudos realizados sobre ela. Para esta pesquisa, entretanto, tomamos como base Starling (2022). Hipólita Jacinta Teixeira, também citada como Hipólita Jacinta Teixeira de Melo, é autora de duas cartas escritas a Florêncio Francisco dos Santos Franco (*Cf.* 2.1) e datadas de 1817. É interessante destacar que, no arquivo de salvaguarda, a epístola HJT\_01 estava referenciada como Hipólita Jacinta Ferreira, portanto, foi necessário um trabalho paleográfico bastante minucioso de comparação das assinaturas para afirmar a autoria do manuscrito.

Hipólita nasceu por volta de 1749, era filha de Clara Maria de Melo e Pedro Teixeira de Carvalho, casada com Francisco de Oliveira Lopes e mãe de um filho adotivo, de nome Antônio Francisco Teixeira. De acordo com Starling (2022, p. 21), Hipólita “[...] fazia parte da reduzida elite colonial da capitania, pertencia a uma família de proprietários de terras mais ricas da Comarca do Rio das Mortes e dispunha de um patrimônio respeitável que recebeu por herança paterna”. As cartas de sua autoria presentes neste *corpus* foram escritas desde duas de suas fazendas: HJT\_02 tem a datação tópica de Ponta do Morro, o bem mais valioso da herança recebida do pai; e HJT\_01 foi redigida desde Lage, que “[...] funcionava como suporte de produtos e infraestrutura para a Ponta do Morro” (STARLING, 2022, p. 28). Também de acordo com Starling (2022), Hipólita Jacinta teve uma excelente formação, com professores que a ensinaram a ler e escrever em português e francês.

Apesar de sua origem, descendente direta de portugueses, é notável a participação dessa mulher na Inconfidência Mineira. Starling (2022, p. 39) comenta que Hipólita Jacinta foi uma mulher bastante destemida, já que: “[q]uando a notícia da prisão de Tiradentes chegou à fazenda da Ponta do Morro, na noite de 20 de maio de 1789, ela não teve nenhuma dúvida. [...] Tinha de agir, agir depressa e assumir o risco”. Há registros de que, a partir desse momento, ela mesma passou a comandar um levante militar, que tinha como principal objetivo instaurar a república. Nos dois documentos que compõem esse *corpus*, porém, Hipólita trata de assuntos do cotidiano, como da alforria de escravizados e do pedido de baixa do soldado Felisberto Gonçalves de Moira. A seguir, há o quadro com mais informações sobre suas cartas.

Quadro 6 – Cartas de Hipólita Jacinta Teixeira

Número da carta. Arquivo e código de referência. Datação tópica e cronológica. Nome da remetente e do destinatário.	Assunto
<p><b>HJT_01</b></p> <p>Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)            Coleção Casa dos Contos            I-27,22,076 - Manuscritos            Lage   19/06/1817            De: Hipolita Jacinta Teixeira            Para: <i>Illustríssimo Senhor</i> Florencio Francisco dos Santos Franco</p>	<p>Cumprimentou Florêncio e deu-lhe notícias sobre sua saúde. Falou a respeito da alforria de uma escravizada referida como Dita.</p>

<p><b>HJT_02</b></p> <p>Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)          Coleção Casa dos Contos          I-10,31,005 n.009- Manuscritos          Ponta do Morro   17/08/1817          De: Hipolita Jacinta Teixeira          Para: <i>Illustrissimo Senhor</i> Florencio Francisco dos Santos Franco</p>	<p>Escreveu a Florêncio Francisco dos Santos Franco solicitando que ele intervisse para que Felisberto Gonçalves de Moira tivesse baixa de seu posto de soldado. Hipólita justificou seu pedido dizendo que ele era um dos melhores estudantes de sua classe e que seus pais o haviam criado para ser ordenado. Além disso, ele estava doente e a remetente pediu que Florêncio o examinasse.</p>
--	---

## 2.7 Joaquina Lopes

Foram escassas as informações obtidas sobre a vida de Joaquina Lopes, uma vez que ela fala pouco sobre si mesma na missiva e não se encontrou menção dela na literatura consultada, além de não ter outros documentos conhecidos de sua autoria para além do aqui editado. É autora de uma única missiva, datada de 16 de abril de 1820, e enviada desde Barreiro, em Minas Gerais, em que pediu a Florêncio Francisco dos Santos Franco (*Cf. 2.1*) um empréstimo de trinta mil réis.

A seguir, há o quadro com mais informações sobre sua carta.

Quadro 7 – Carta de Joaquina Lopes

<p><b>Número da carta. Arquivo e código de referência. Datação tópica e cronológica. Nome da remetente e do destinatário.</b></p>	<p><b>Assunto</b></p>
<p><b>JL_01</b></p> <p>Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)          Coleção Casa dos Contos          I-27,29,090 - Manuscritos          Barreiro   16/04/1820          De: Joaquina Lopes          Para: <i>Illustrissimo Senhor Capitam</i> Florencio Francisco dos Santos</p>	<p>Solicitou um empréstimo de trinta mil réis, que a remetente disse ser um grande vexame precisar pedir.</p>

## 2.8 Josefa Maria de Santana

Escreveu três cartas endereçadas de Santana, em Minas Gerais: a primeira de 4 de julho de 1817, a segunda de 18 de maio de 1818 e a terceira sem datação. Era comadre de Florêncio Francisco dos Santos Franco (*Cf.* 2.1), destinatário de suas missivas, e provavelmente casada, uma vez que deu notícias de “seu *Compadre*”. Ainda que não seja possível estabelecer as relações, na casa de Josefa moravam pelo menos mais três pessoas além dela e de seu marido: Gabriel, que trabalhava na Companhia de Florêncio, e mais duas mulheres que, no momento da escrita de uma das epístolas, encontravam-se doentes. Não há referências externas relacionadas à Josefa.

As cartas enviadas por Josefa Maria de Santana estão detalhadas no seguinte quadro:

Quadro 8 – Cartas de Josefa Maria de Santana

Número da carta. Arquivo e código de referência. Datação tópica e cronológica. Nome da remetente e do destinatário.	Assunto
<p><b>JMS_01</b></p> <p>Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)            Coleção Casa dos Contos            I-10,31,004 n.004 - Manuscritos            Santa Anna   04/07/1817            De: Jozefa Maria de Santa Anna            Para: <i>Illustrissímo</i> Senhor Cirurgião Mor            Florencio Francisco</p>	<p>Agradeceu o envio de remédios e a última carta escrita por Florêncio. Informou a chegada de potros, dos quais Josefa disse que cuidaria com o sumo cuidado.</p>
<p><b>JMS_02</b></p> <p>Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)            Coleção Casa dos Contos            I-10,31,004 n.005 - Manuscritos            Santa Anna   18/05/1818            De: Jozefa Maria de Santa Anna            Para: <i>Illustrissímo</i> Senhor Cirurgião Mor Florencio Francisco</p>	<p>Comunicou que o cavalo de Florêncio, apesar de todo o trato da remetente, não estava conforme o gosto dela. Pediu perdão pelo delito cometido por Gabriel e obsequiou que Florêncio o aceitasse de volta na sua companhia.</p>

<p><b>JMS_03</b></p> <p>Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)          Coleção Casa dos Contos          I-27,22,099 - Manuscritos          Santa Anna   Sem data          De: Jozefa Maria de Santa Anna          Para: <i>Illustrissimo</i> Senhor Cirurgião Mor          Florencio Francisco</p>	<p>Informou que havia duas doentes em sua casa, uma com fluxo de sangue e outra com cravo de boubas<sup>13</sup> no dedo. Solicitou o envio de remédios.</p>
---	--

## 2.9 Maria Inácia de Lorena Silveira

Escreveu uma carta datada de maio de 1816 e enviada de Vila Rica, em Minas Gerais. Na missiva, agradeceu por uma moedinha que ganhou de Florêncio Francisco dos Santos Franco (*Cf.* 2.1), destinatário de sua missiva. Também enviou notícias de sua mãe e mencionou sobre Nhô Neco, Nhá Nosabas e Sinhá Vitória. Não há trabalhos conhecidos sobre a autora.

A seguir, há o quadro com mais informações sobre a carta de Maria Inácia.

Quadro 9 – Carta de Maria Inácia de Lorena Silveira

Número da carta. Arquivo e código de referência. Datação tópica e cronológica. Nome da remetente e do destinatário.	Assunto
<p><b>MILS_01</b></p> <p>Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)          Coleção Casa dos Contos          I-27,29,094 – Manuscritos          Santa Anna   31/05/1816          De: <i>Dona</i> Maria Ignacia de Lorena Silveira          Para: <i>Illustrissimo</i> Senhor Florencio Francisco dos Santos Franco</p>	<p>Enviou notícias e agradeceu pela moeda recebida, com a qual disse que compraria um vestido.</p>

<sup>13</sup> De acordo com Chernoviz (1890), “boubas” é uma “[m]olestia cutanea, propria ás regiões intertropicaes, eminentemente contagiosa, produzida por um virus particular, virus ou vicio boubatico”. Também pode se referir a um “[...] tipo de pústula ou tumor da pele; buba; bubão; [...] pequena lesão cutânea; escoriação; [...] leishmaniose cutânea; [...] sífilis” (HOUAISS, 2001).”

## 2.10 Maria Justina

Em 1821, escreveu duas cartas, enviadas desde Porto de Cunha. Era mãe de um menino chamado Florêncio, batizado provavelmente em homenagem a Florêncio Francisco dos Santos Franco (Cf. 2.1), compadre de Maria Justina, padrinho da criança e destinatário de suas missivas. Em uma das cartas, fala sobre a sua mãe. Não foi possível encontrar referências externas sobre a autora.

As cartas enviadas por ela estão detalhadas no seguinte quadro:

Quadro 10 – Cartas de Maria Justina

Número da carta. Arquivo e código de referência. Datação tópica e cronológica. Nome da remetente e do destinatário.	Assunto
<p><b>MJ_01</b></p> <p>Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)            Coleção Casa dos Contos            I-10,30,002 n.008 - Manuscritos            Porto de Cunha   04/01/1821            De: Maria Justina            Para: <i>Illustrissímo</i> Senhor <i>Cappitam</i> Florencio Francisco Franco</p>	<p>Justificou o motivo por não ter dado notícias a Florêncio. Disse que havia escrito cartas imensas, mas que todas se desencaminharam.</p>
<p><b>MJ_02</b></p> <p>Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)            Coleção Casa dos Contos            I-10,30,002 n.009 - Manuscritos            Porto de Cunha   01/04/1821            De: Maria Justina            Para: <i>Illustrissímo</i> <i>Senhor</i> <i>Cappitam</i> Florencio Francisco Franco</p>	<p>Justificou-se por não haver escrito antes e perguntou sobre a saúde do remetente. Informou que Florêncio, afilhado do destinatário, pedia a sua benção e que já se encontrava bastante crescido.</p>

## 2.11 Maria Messias de Jesus e Lana

É autora de três cartas que não possuem datação tópica ou cronológica, mas que provavelmente foram enviadas desde Minas Gerais, uma vez que fazem parte da mesma coleção e possuem o mesmo destinatário de Eugênia Soares de Jesus e Lana (Cf. 2.4). Era casada com um homem cujo nome não foi



possível recuperar, supostamente irmã de Eugênia Soares de Jesus e Lana (Cf. 2.4) e mãe de um menino que, por sua vez, era afilhado de Florêncio Francisco dos Santos Franco (Cf. 2.1), destinatário de sua missiva. Nas cartas, também dá notícias sobre escravizados e familiares, como a mãe, o pai, a irmã e a tia. Foi possível encontrar uma referência sobre ela no trabalho de Fonseca (2014).

A seguir, há o quadro com mais informações sobre o seu documento.

Quadro 11 – Cartas de Maria Messias de Jesus e Lana

Número da carta. Arquivo e código de referência. Datação tópica e cronológica. Nome da remetente e do destinatário.	Assunto
<p><b>MMJL_01</b></p> <p>Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)            Coleção Casa dos Contos            I-10,30,001 n.011 - Manuscritos            Sem local   Sem data            De: Maria Mecias de Jesus e Lana            Para: <i>Illustríssimo</i> Senhor Capitam Florencio</p>	<p>Agradeceu pela estadia na casa de Florêncio e deu notícias de sua família.</p>
<p><b>MMJL_02</b></p> <p>Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)            Coleção Casa dos Contos            I-10,30,001 n.012 - Manuscritos            Sem local   Sem data            De: Maria Mecias de Jesus e Lana            Para: <i>Illustríssimo</i> Senhor Capitam Florencio</p>	<p>Comunicou que seu pai foi buscar uma escravizada de nome Joana e seu filho, que havia chegado bastante doente. Contou que, mesmo com os problemas, gostaria de ficar com ela porque, assim que chegou, se ajoelhou aos seus pés rogando que Maria Messias não a largasse. Disse que recebeu Joaquina em sua casa.</p>

## 2.12 Rosa Maria de Jesus

Escreveu uma carta, sem datação tópica ou cronológica, para Florêncio Francisco dos Santos Franco (Cf. 2.1). Era mãe de, pelo menos, uma filha chamada Luiza. No manuscrito, afirmou que era pobre e cobrou o destinatário de uns brincos que ele havia prometido. Não foi possível encontrar referências a ela em bibliografia externa.

A seguir, há o quadro com mais informações sobre sua carta.

Quadro 12 – Carta de Rosa Maria de Jesus

Número da carta. Arquivo e código de referência. Datação tópica e cronológica. Nome da remetente e do destinatário.	Assunto
<b>RMJ_01</b> Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ) Coleção Casa dos Contos I-10,29,009 n.007 – Manuscritos Sem local   Sem data De: Roza Maria de Jesus Para: <i>Illustrissimo Senbor</i> Florencio Francisco dos Santos	Relembrou Florêncio de uns brincos que ele prometeu que daria para Luíza, filha de Rosa.

### 2.13 Sidéria Maria da Conceição

Enviou uma carta, sem datação tópica ou cronológica, à Eugênia Soares de Jesus e Lana (*Cf.* 2.4), o que a coloca como a única autora do *corpus* a escrever para outra mulher. Era mãe de, pelo menos, uma menina, cujo nome não foi possível recuperar. Não foi possível encontrar referências externas sobre ela.

A seguir, há o quadro com mais informações sobre o documento da autora.

Quadro 13 – Carta de Sidéria Maria da Conceição

Número da carta. Arquivo e código de referência. Datação tópica e cronológica. Nome da remetente e do destinatário.	Assunto
<b>SMC_01</b> Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ) Coleção Casa dos Contos I-10,32,006 n.010 - Manuscritos Sem local   Sem data De: Sideria Maria da Conceição Para: <i>Illustrissima Senhora Dona</i> Eugenia Soares de Jesus e Lana	Pede que Eugênia mande alguém para cuidar da filha da remetente enquanto ela estiver viajando.

## 2.14 Violante Clara de Miranda Henriques

É autora de duas cartas enviadas de Olinda e datadas de 1737. Era viúva de Luís Lobo de Albertim, capitão da infantaria do terço de Olinda, e mãe de pelo menos quatro filhos: Manoel Lobo de Miranda Henriques, Luís Lobo de Albertim, Pedro Lelou de Lanoi e Joana Lobo de Albertim. Em 1742, seu filho Luís, que era soldado assim como o pai, desertou da tropa para residir no sertão do Ceará. Como justificativa, comprovada ao final do processo, Luís declarou que assim o fez porque Violante estava muito doente e Joana não tinha condições de cuidar dela sozinha. É possível encontrar informações sobre ela nos trabalhos de Cardenete (2022) e Silva (2013).

Um fato importante sobre as missivas de Violante Clara de Miranda Henriques é ela as ter enviado para o único destinatário não nomeado do *corpus*, mas referido como “*Excelentissimo Senhor*”. Algumas hipóteses, entretanto, são viáveis de levantar sobre quem recebeu tais cartas, tanto a partir de informações internas como externas aos documentos. Durante a pesquisa, foi possível identificar mais três manuscritos referentes à autora e que estão salvaguardados no Arquivo Histórico Ultramarino: um requerimento, anterior a 1726, no qual Violante pediu que se junte uma certidão ao pedido de declaração da inocência de seu marido, feito para que ela e seus filhos pudessem receber a remuneração dos serviços prestados por ele (AHU\_ACL\_ACU\_015, Cx. 33, D. 3075); um traslado, de 1797, de uma carta de padrão escrita por ordem de Dom João V, em que se concedeu à Violante e aos seus filhos os serviços realizados por Luís Lobo de Albertim (AHU\_ACL\_CU\_015, Cx. 199. D. 13640), que foi editada e publicada em Cardenete (2022); e uma consulta do Conselho Ultramarino ao Dom João V, de 1742, referente à deserção do filho de Violante ao seu posto de soldado (AHU\_ACL\_CU\_015, Cx. 57. D. 4949).

O que esses documentos nos mostram é que Violante foi uma mulher cujo marido e filho ocuparam posições bastante importantes dentro da infantaria e, conseqüentemente, participaram de assuntos em que a decisão foi tomada diretamente pelo rei. As missivas do *corpus*, endereçadas ao Excelentíssimo Senhor e datadas de 1737, possuem um teor de igual gravidade: na primeira, a autora se ofereceu como “*serva e Captiva de Vossa Excelencia*”, apesar da censura que este ato pudesse causar e, na segunda, disse ter realizado o seu desejo devido ao “*brazaõ de Serva adquirido*”. Ainda que não seja possível traçar a identidade da pessoa para a qual Violante enviou suas cartas, é possível afirmar com certa segurança que ele era um homem de bastante prestígio na época, ao menos na região de Olinda, em que a autora viveu.

As cartas enviadas pela autora estão detalhadas no seguinte quadro:

Quadro 14 – Cartas de Violante Clara de Miranda Henriques

Número da carta. Arquivo e Código de referência. Datação tópica e cronológica. Nome da remetente e do destinatário.	Assunto
<p><b>VCMH_01</b></p> <p>Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP)            Alberto Lamego            Caixa 67 - Códice 050 (Sala 1)            AL-050-008            Olinda   20/10/1737            De: <i>Dona Violante CLara de Miranda Henriques</i>            Para: <i>Excelentissimo Senhor</i></p>	<p>Justificou os motivos por ter se oferecido como serva e cativa do destinatário, apesar da censura que essa decisão poderia acarretar.</p>
<p><b>VCMH_02</b></p> <p>Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP)            Alberto Lamego            Caixa 67 - Códice 050 (Sala 1)            AL-050-007            Olinda   8/11/1737            De: <i>Dona Violante CLara de Miranda Henriques</i>            Para: <i>Excelentissimo Senhor</i></p>	<p>Agradeceu por um donativo. Reiterou a veneração que sentia pelo destinatário e o seu lugar no rol de criados e cativos dele.</p>

### 3. Estudo filológico

Trabalhar com filologia é se enveredar por uma área cuja definição não é consensual e, tampouco, unívoca. Registrado desde os gregos, o termo foi adotando novos significados com o passar dos séculos até, atualmente, definir-se como uma importante área de estudo dos textos escritos. Sendo assim, torna-se necessário fazer um breve repasso desses múltiplos sentidos da palavra e, em seguida, delimitar o que se entende por filologia neste trabalho.

Bluteau (1728) escreve que, etimologicamente, a filologia é composta das palavras gregas *Philos* (amigo) e *Logos* (discurso, palavra). Sendo assim, a filologia é:

[...] o mesmo que Estudo das letras humanas, começando da Grammatica, (que antigamente bera a parte principal de Philologia,) e proseguindo com a eloquencia Oratoria, e Poetica, com as noticias da Historia antiga, e moderna, com a intelligencia, interpretação, e Critica dos Authores, com a erudição sagrada, e profana, e gèneralmente com a comprehensão, e applicação de todas as cousas, que podem ornar o engenho, e discurso humano. Rigosamente fallando, Philologia he a parte das sciencias, que tem por objeto as palavras, e propriedade dellas. (BLUTEAU, 1728)

Se a filologia é a ciência que estuda as letras humanas, por extensão, o filólogo é o “[a]migo das letras humanas. Versado no estudo da eloquência, poesia, etc.” (BLUTEAU, 1728). Tal definição, feita no vocabulário setecentista, porém, retoma uma acepção bem mais antiga. Basseto (2000) defende que o termo filólogo precede outras formas, como filologia ou filologar, que já era encontrado em escritos de Platão e Aristóteles. O autor concorda com Bluteau ao dizer que, na Antiguidade Clássica, filólogo era definido como “amigo das palavras”. Neste contexto, porém, *palavra* possui um sentido mais amplo, uma vez que, por meio dela, ocorre a expressão e exteriorização da inteligência e do conhecimento. Sendo assim, o filólogo era:

[...] aquele que apreende a palavra, a expressão da inteligência, do pensamento alheio e com isso adquire conhecimentos, cultura e aprimoramento intelectual. Sabemos que, pelo menos até o séc. V a.C., essa palavra era eminentemente oral e o filólogo era falante ou ouvinte; quando a palavra escrita se tornou mais comum, através dos papiros e dos pergaminhos, o filólogo era o amigo da palavra tanto falada e ouvida como da escrita, segundo se depreende dos textos em que o termo é usado. Em seguida, por ser a palavra escrita bem mais acessível por seu caráter permanente, ainda que restrita a um grupo mais reduzido, o termo “filólogo” passou a designar, em especial, os que liam e escreviam. Com isso modificou-se, em parte, o significado inicial do termo, de “aquele que gosta de falar ou de aprender, ouvindo”. (BASSETO, 2000, p. 1)

Neste sentido, os primeiros registros escritos da palavra filologia usavam o vocábulo no sentido de definir os homens que eram “[...] amigo[s] do estudo ou do conhecimento”, “[...] amante[s] da leitura” ou, mais raramente, “[...] amigo[s] da palavra falada” (BASSETO, 2000, p. 3). Ou seja, definia-se como filólogo aquele que gostava de aprender, que era estudioso ou, ainda, culto, uma vez que se considerava que o acesso ao conhecimento só era dado através das palavras.

Com Erastóstenes de Cirene, a filologia ganha maior especificação semântica e passa a denotar “[...] uma ideia de refinamento intelectual, de amplos conhecimentos gerais ou específicos, de cultura em geral e de domínio da linguagem em particular” (BASSETO, 2000, p. 7). Apesar de, ainda assim, tal definição não significar uma univocidade do termo e conviver com a acepção anterior de “amigo da palavra”, a ideia de filólogo enquanto a pessoa sábia e que possui vastos conhecimentos pode ser encontrada em textos até o século VI, quando o termo passou a ser menos utilizado no Ocidente. Tal acontecimento se deu porque houve um processo de diminuição dos estudos gregos e uma valorização dos escritos em latim. Segundo Basseto (2000, p. 11):

A nova mentalidade cristã levou os estudiosos à outra visão do mundo, a outra mentalidade dominada sobretudo por problemas religiosos; tentava-se suprimir tudo o que não se pudesse cristianizar. Também a cultura greco-latina passou por esse crivo; textos clássicos eram copiados por necessidade didática, servindo de modelo estilístico no aprendizado do latim, e isso para um número relativamente pequeno de aficionados, sobretudo da classe alta. [...] | A tentativa de Carlos Magno (768-814) de reverter essa situação não produziu os resultados esperados, como também a reforma de Cluny, no século XI. Enquanto uma restrita intelectualidade ainda se dedicava ao latim, a língua e a literatura gregas eram praticamente esquecidas em toda a Europa. Apenas com os primeiros movimentos do renascimento, voltam a ser estudadas; assim em 1396, Emmanuel Chrysolora vem de Constantinopla a Florença como professor de grego, depois de um hiato de 700 anos.

Somente nos séculos XV e XVI, com o Renascimento e o surgimento do Humanismo<sup>14</sup>, a filologia é retomada e, dessa vez, com um sentido bem mais restrito: o filólogo não é mais aquele que possui vasto conhecimento sobre diversas áreas, mas sim o “[...] pesquisador da ciência da linguagem e da literatura a partir de textos” (BASSETO, 2000, p. 13). Nesse mesmo sentido, a filologia passa a ser vista como a “[...] ciência do significado dos textos; e, em sentido mais amplo, como a pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura com base em sua língua ou em sua literatura” (BASSETO, 2000, p. 21). Essa nova filologia descrita pelo autor, definida como a ciência que estuda uma cultura a partir de seus textos, toma nova forma no século XIX e se fixa com uma definição ainda menos ampla que a utilizada pelos gregos, ficando registrada na literatura como filologia romântica (CASTRO, 1997) ou filologia oitocentista (MARQUILHAS, 2010).

Segundo Marquilhas (2010), na Europa Napoleônica é crescente o surgimento de novas nações e, com elas, a crença de que as línguas eram capazes de traduzir o espírito de um povo, ideia hegeliana, baseada em Herder e Montesquieu, que defendia que “[...] o espírito das nações actualizava o espírito do

---

<sup>14</sup>O Humanismo foi um movimento que surgiu no Renascimento, sob a “[...] ideia fundamental [...] de que os homens (por outras palavras, os humanos, contemplados por homens humanistas em termos masculinos) se distinguem do animal em primeiro lugar pela capacidade da fala e, portanto, de distinguir o bem do mal. Daí que as principais matérias de estudo fossem aquelas respeitantes à linguagem (Gramática e Retórica) ou à Ética. Tanto a História como a Poesia eram vistas como ética aplicada, ensinando os estudantes a seguir bons exemplos e a evitar os maus” (BURKE, 2008, p. 25-26). Neste contexto, era comum “[...] a recuperação de textos de antigos escritores Gregos e Romanos sobre matemática, medicina, astronomia, astrologia, e (não menos importante) magia, fazia parte do programa humanista, e os textos clássicos eram virtualmente indispensáveis para o futuro desenvolvimento destes estudos.” (BURKE, 2008, p. 28). Como visto em Basseto (2000), essa volta à Antiguidade Clássica, especificamente aos gregos, proposta pelos humanistas, justifica a redescoberta do termo grego *filologia* e sua ressignificação.

mundo [...] e concretizava-se nos costumes, na religião, nas normas políticas, em suma, nas realizações culturais dos diferentes povos” (MARQUILHAS, 2010, p. 2). Sendo assim, os filólogos desse período

[...] investiram no conhecimento das línguas de povos antigos, materializadas em textos forçosamente escritos porque queriam aceder à compreensão do espírito original desses mesmos povos. [...] As línguas eram concebidas como memórias que se enriqueciam no momento de formação de uma cultura original, mas que perdiam vitalidade depois de atingida a idade de ouro, avançando então para fases de decadência, envelhecimento, esquecimento. (MARQUILHAS, 2010, p.2-3).

A partir de um viés determinista, historicista e essencialista, acreditava-se que as línguas estavam fadadas à degradação, assim como defendido pelas outras ciências naturais. Consequentemente, a filologia oitocentista ou romântica via o manuscrito como um objeto portador de uma língua pura, uma vez que dava acesso ao espírito do povo que o escreveu. Essa integridade do documento, porém, estava fadada à contaminação e à perda, o que colocava ao filólogo um trabalho que, embora não tenha mais a mesma motivação do século XIX, ainda lhe é dado na filologia atual: o de resgatar o texto original, a partir de um trabalho minucioso e paciente de leitura, comparação e estabelecimento do texto.

Tal sentido de filologia como a disciplina preocupada com a língua e com o estudo de textos a partir de vieses linguísticos, literários e históricos, pode ser encontrado até hoje. Entretanto, Castro (1997, p. 602) pondera que: “[...] o uso recorrente da língua continua a chamar *filólogos* aos linguistas, aos literatos e aos outros estudiosos afins, sem que estes se reconheçam na designação ou sequer a apreciem como justa descrição das suas ocupações”. As ciências de estudo da linguagem começam a ganhar autonomia no século XIX e a filologia ganha novos significados. Atualmente, considerar que

[...] *linguística* (“exame das estruturas da linguagem”) e *filologia* são sinónimos é um pouco como regressar ao tempo, glorioso, mas passado, de Leite de Vasconcellos, quando os linguistas também eram etnógrafos, historiadores, folcloristas e arqueólogos e não tinham problemas de identidade disciplinar, pois se sabiam participantes de uma vasta empresa de aquisição de conhecimentos diversificados, mas harmonizáveis em torno de um interesse comum pela palavra documental ou artística e pelo seu comportamento na história. Conhecerem-se todos eles por filólogo era tradicional e apropriado. (CASTRO, 1995, p. 2)

Com a independência das disciplinas da linguagem em abordagens próprias, a filologia começa a se ocupar de uma missão sobre as quais as outras ciências não se debruçam: “[...] a de verificar se um texto que vai ser lido e interpretado dá garantias de estar tão próximo quanto é possível daquilo que o seu autor escreveu” (CASTRO, 1984 *apud* MARQUILHAS, 2010, p. 6). Partindo disso, considera-se que a filologia possui o papel, ao mesmo tempo técnico e ético, de “[...] interrogar os objetos escritos sobre a sua proveniência e a sua existência, antes de declará-los aptos a serem lidos pelos outros [...] que, distraídos pelas suas especialidades, tendem demasiada vezes a confiar em que a palavra escrita é sempre a palavra do seu autor” (CASTRO, 1984 *apud* MARQUILHAS, 2010, p. 6). Para tanto, essa nova definição de filologia passa a ser responsável por recobrir

[...] ao mesmo tempo preocupações tão variadas como o estudo das técnicas e dos materiais que serviram à produção escrita de um texto, quer se trate de um autógrafo quer das suas cópias; o estudo das condições históricas (sociais, económicas, biográficas) que rodearam e influenciaram a produção do texto e o estudo dos seus itinerários e lugares de pouco (coleções particulares, arquivos, bibliotecas); o estudo da sua conservação, mutilações e restauros; o estudo, no caso das cópias, do número, condições e protagonistas dos actos reprodutórios. Além de tudo isto, que tem a ver com o texto como objecto físico, e de um inevitável interesse pelas componentes gráficas, gramaticais, lexicais e discursivos do texto (ainda que se possa argumentar que elas pertencem a outras disciplinas), é também preocupação da Filologia, e possivelmente a mais visível de todas, estudar as técnicas de publicação moderna do texto e preparar as respectivas edições (CASTRO, 1997, p. 604).

Na presente pesquisa, adota-se a filologia com o sentido estrito do termo, ou seja, enquanto área que se preocupa em estudar o texto escrito. Dessa forma, é possível pensar no filólogo tanto sendo a pessoa responsável por analisar os contextos de produção e circulação de um texto, como também por se dedicar ao estabelecimento de uma edição fiel ao manuscrito. Sobre essa última acepção, Gumbrecht (2003, p.2, tradução nossa) conclui que:

Por um lado, você pode encontrar definições da palavra filologia que, trazendo-a de volta ao seu significado etimológico de "interesse ou fascínio pelas palavras", tornam a noção sinônima de qualquer estudo de linguagem ou, ainda mais geralmente, de quase qualquer estudo de qualquer produto do espírito humano. Por outro lado, mais específico e familiar, no entanto, a filologia é estritamente circunscrita para significar uma curadoria de texto histórico, referindo-se exclusivamente a textos escritos.

Esta visão do trabalho filológico como curadoria foi retomada por Ferreira (2016), que teve como objetivo averiguar qual o sentido de curadoria nesse contexto, a partir da análise de alguns exemplos em que o termo é empregado. O autor conclui que, enquanto outras palavras, como “agente”, “comissário” e “tutor”, referem-se à administração de pessoas, *curadoria* é a palavra aplicada para tratar da administração de patrimônios. Nesse sentido, o texto se apresenta como o patrimônio próprio da filologia e que se assemelha muito fortemente a outros objetos passíveis de curadoria, uma vez que o filólogo terá a missão de decidir o que ocultar e o que revelar. Para exemplificar, Ferreira (2016, p. 245-246) usa a imagem da prática de restauração de edifícios:

[...] se a parede interior de um edifício antigo estiver em vias de ruir, terá que optar-se entre restaurá-la utilizando materiais que, não podendo ser os mesmos da construção original, produzam um efeito visual que torne os materiais mais recentes indiscerníveis dos originais, pelo menos para olho leigo, ou, em alternativa, destruí-la, desde que tal possa ser feito sem pôr em causa a integridade do edifício. Caso se optasse pela segunda solução haveria, posteriormente, que tomar uma outra decisão, a saber, entre construir uma parede de raiz, utilizando materiais mais recentes, mas que, visualmente, fossem indiscerníveis das restantes paredes do edifício ou, pura e simplesmente, não construir nada, opção que teria a desvantagem de conferir ao observador a sensação de que falta algo. Quando posteriormente, este processo tivesse que ser repetido, o segundo curador deparar-se-ia com uma mistura de duas intervenções: a do autor e a do primeiro curador. A partir daqui, é fácil concluir que, com a passagem do tempo e a intervenção sucessiva de vários curadores, as intervenções de cada um tornar-se-ão indiscerníveis entre si, ocultando, simultaneamente, a produção autoral.

O autor conclui tal comparação afirmando que, assim como os restauradores de prédios encontrarão certa dificuldade para separar a obra original das múltiplas mudanças que a sucederam, o



mesmo ocorre com o filólogo. Apesar de a filologia ser definida, segundo já visto em Castro (1984), como a ciência que tenta assegurar que um texto está mais próximo possível da última vontade de seu autor, essa fidedignidade pode ser inalcançável, pois, “[...] é, muitas vezes, impossível distinguir que porções textuais são criações do autor e que trechos foram acrescentados, eliminados ou alterados pelos curadores textuais na sua atividade de estabelecimento do texto” (FERREIRA, 2016, p. 246-247). Se, no entanto, o papel de curadoria da filologia parece ser somente metafórico, o Ferreira (2016, p. 249-250) elucida que:

[...] a atividade de edição de texto é tão indispensável para o acesso, por parte do leitor, ao texto, como a atividade de restauração de objetos é indispensável à manutenção da sua existência física. Assim, curar de um objeto é impedir a sua degradação, mantendo o acesso do público ao mesmo; curar de um texto é torná-lo acessível ao público. Considerar um texto como passível de “degradação” cai, certamente, no domínio da metáfora, mas mantê-lo acessível ao público não. Por estas razões, a filologia é uma atividade de curadoria textual. Esta qualificação não é metafórica, mas sim descritiva, visto que o filólogo é um indivíduo que, através de atos de restauro metafóricos, administra literalmente um patrimônio, o texto.

Em suma, o labor filológico de curadoria textual é, justamente, o de administrar o patrimônio textual e prepará-lo para ser recebido por outro leitor. Tal trabalho inclui importantes decisões sobre o que mostrar e o que esconder, uma vez que cada edição possui um objetivo e um público-alvo bastante específicos. No mesmo sentido caminha a ideia de filologia enquanto uma perspectiva de trabalho (AUBERT, 2021, p. 3-4):

A perspectiva filológica parte da percepção de uma fratura entre a posição histórica do leitor hodierno e aquela em que se situa o texto cuja compreensibilidade se pretende atingir; percebe o texto como despido, no presente, de plenas condições de inteligibilidade pela intervenção de uma ruptura ou de sucessivas rupturas que afastaram dois horizontes hermenêuticos e pretende intervir para criar, ou recriar, no presente, as condições de inteligibilidade que em algum ponto do passado havia. Notar-se-á que não afirmamos tratar-se das condições de inteligibilidade que correspondem à produção do texto ou a sua escrita originária, porque o estrato histórico potencialmente vislumbrado é vário, e é contingência — pertinaz, embora — da tarefa filológica de buscar situar o leitor como se estivesse no momento de gênese primeira do texto. [...] A perspectiva filológica é, portanto, uma perspectiva historicista, segundo a qual, reconhecida a alteridade fundamental, especificamente histórica, de um texto, é necessário desenvolver um conjunto de operações para que o leitor possa se posicionar imaginativamente naquela situação outra e ver o texto tal como ele então podia ser visto — diretriz que, evidentemente, pode assumir vestes mais ingênuas ou mais mediadas segundo a crença nas capacidades que as operações filológicas têm de passar uma ponte por sobre o fosso histórico.

Para obter sucesso nesta tentativa de situar o leitor no momento da produção do texto, faz-se necessário à filologia estruturar-se em torno de outras disciplinas, a fim de responder algumas questões suscitadas por seu objeto de estudo, como os contextos de produção e circulação do texto, materiais utilizados para a escrita, pessoas envolvidas no estabelecimento do documento, entre outros.

Sendo assim, é comum que o filólogo recorra a outras ciências ao elaborar sua apresentação do texto, dentre as quais destacamos: a *ecdótica*, que “[...] trata de todo o processo de preparação e realização da edição de um texto” (AZEVEDO FILHO, 2007); a *crítica textual*, definida como o “[...] núcleo

essencial [da ecdótica] ou especificamente filológico, voltado para o estabelecimento de um texto e não para a totalidade dos problemas que envolvem a técnica e a arte editorial” (AZEVEDO FILHO, 2007); a *paleografia*, que estuda a história da escrita e os próprios produtos da escritura (SAÉZ; CASTILLO, 2004); a *codicologia*, que investiga o manuscrito enquanto um objeto material (GARCÍA, 2002); a *diplomática*, preocupada em analisar a estrutura formal dos documentos (BELLOTTO, 2002); e, até mesmo, a *história*, que, “[...] sem o concurso da paleografia, não poderia reconstituir registros e fatos de diferentes períodos históricos, sobretudo os mais antigos” (BERWANGER; LEAL, 2008, p. 20).

Ressalte-se, na linha dessa abordagem, a definição de filologia dada por Cambraia (2005, p. 18), que a emprega como “[...] o estudo global de um texto, ou seja, a exploração exaustiva e conjunta dos mais variados aspectos de um texto: linguístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico, etc.)”. Toledo Neto (2018, p. 294) também traça uma definição que caminha nesse sentido, porém divide o estudo em três níveis fundamentais, nomeados de *materialidade*, *forma* e *substância*:

Todas essas disciplinas [a paleografia, codicologia, manuscriptologia, bibliografia material e crítica textual] fixam uma perspectiva de Filologia que pretende estudar três níveis fundamentais do texto: a materialidade (características físicas de composição e registro do texto), a forma (roupagem gráfica, fonética e morfológica do texto) e a substância (níveis linguísticos referentes à sintaxe, semântica e discurso do texto). Cada uma das disciplinas enumeradas examina, com seu aparato teórico, prioritariamente um, ou mais de um, dos três níveis que estruturam o texto, sob uma perspectiva filológica. O conjunto formado por esses três níveis, por sua vez, é avaliado pelo filólogo dentro do contexto sócio-histórico a que o texto estudado pertence.

Apesar de Toledo Neto (2018) referir-se a cinco das disciplinas estruturantes da filologia para estudar os níveis fundamentais do texto, nesta pesquisa o enfoque será dado a duas delas — a codicologia e a paleografia — e a uma terceira, não mencionada, mas igualmente importante: a diplomática. Nas próximas seções será feita a apresentação de cada uma dessas áreas, seguidas por uma análise das epístolas realizada a partir de metodologias e discussões por elas suscitadas.

### 3.1 Análise codicológica

Etimologicamente, a codicologia é entendida como o “[...] estudo da técnica do livro manuscrito” (CAMBRAIA, 2005, p. 26), isso é, do códice. Não é incomum, porém, que pesquisadores de manuscritos avulsos se usem de métodos próprios da codicologia para analisar seus objetos de estudo.<sup>15</sup> García (2002, p. 20, tradução nossa), defende que há certa inadequação do termo *codicologia* e pondera que a “[...] utilização dessa raiz léxica [códice], como parte integrante do nome que designa a disciplina, resulta pouco apropriada, já que o objeto de estudo transborda os limites semânticos da denominação”. A autora comenta, ainda, a diferença entre dois tipos de codicologia: a “[...] codicologia

---

<sup>15</sup> Destacamos aqui os trabalhos de Motta e Monte (2019), Monte (2015) e Tuy Batista e Paixão de Sousa (2021), que trabalharam com a análise codicológica de cartas.

histórica, consagrada ao estudo das bibliotecas, coleções e catálogos, e [a] codicologia científica ou técnica, cuja missão é o exame arqueológico dos manuscritos” (GARCÍA, 2002, p. 23, tradução nossa).

Nesta pesquisa, a definição que tomamos se aproxima mais da codicologia científica ou técnica. Assim como delimitado por Tuy Batista e Paixão de Sousa (2021, p. 428), entendemos que essa ciência nos permite

[...] tecer considerações acerca dos aspectos materiais dos manuscritos, estado de conservação, origem e conteúdo; além de determinar uma datação estimada daqueles não datados e verificar se há anotações tardias feitas por terceiros, sendo possível oferecer aos pesquisadores, que não tiveram contato com os originais, um retrato fiel dos manuscritos.

Em outras palavras, o estudo codicológico é responsável pela materialidade do texto. Sendo assim, para fazer a análise, levaremos em consideração informações como as medidas do fólio, o formato do papel, a distância e o número de pontusais, além de descrições de selos, marcas d’água e outras informações referentes ao manuscrito como objeto físico.

Vale salientar que a carta FMAX\_01 não fará parte dos dados aqui apresentados, uma vez que não foi possível consultá-la fisicamente no arquivo de salvaguarda. Também é importante considerar que AVRA\_01 foi consultada somente a partir de uma reprodução fotográfica, uma vez que o manuscrito original não foi localizado, logo, a descrição de algumas partes do papel, como pontusais e marcas d’águas, não são aplicáveis. Para a metodologia da descrição que está sendo realizada, tomou-se como base Monte (2015).

Evidenciamos, também, que as fotos dos códices e das marcas d’água apresentadas nesta seção foram realizadas por nós, em visitas presenciais aos arquivos. Também são de nossa autoria as digitalizações dos documentos pertencentes à BNRJ, apresentadas nas edições acompanhadas por fac-símile, na seção 4. Para realizar as digitalizações, utilizamos um aparelho celular com câmera quad pixel de 48MP. As imagens dos demais manuscritos foram capturadas pelas próprias instituições de guarda.

Para iniciar a análise, destacamos que o *corpus* é composto, sobretudo, de cartas avulsas. Dos 38 documentos analisados, oito estão unidos em cadernos: os seis documentos de Ana Teresa Salter de Mendonça, que fazem parte do códice 99 da coleção Alberto Lamego (figura 1), e os dois de Violante Clara de Miranda Henriques, no códice 50 da mesma coleção (figura 2). O manuscrito fotocopiado de Ana Vicência Rodrigues de Almeida é um documento avulso, pertencente à caixa 1 da coleção Veridiana Prado. Já os documentos da BNRJ, também avulsos, pertencem à coleção Casa dos Contos e estão alocados em gavetas.

Figura 1 – Códice AL-099

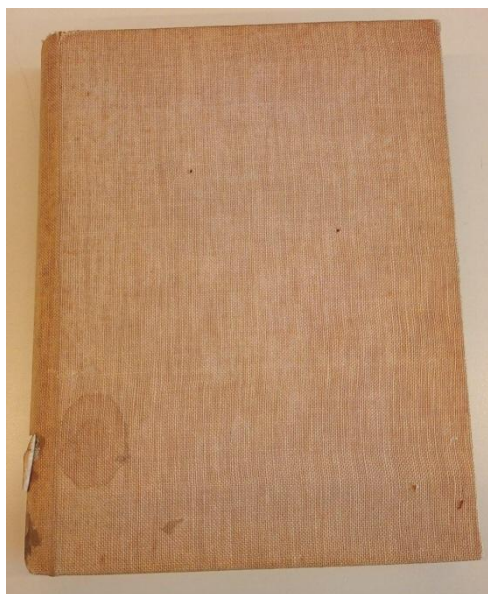
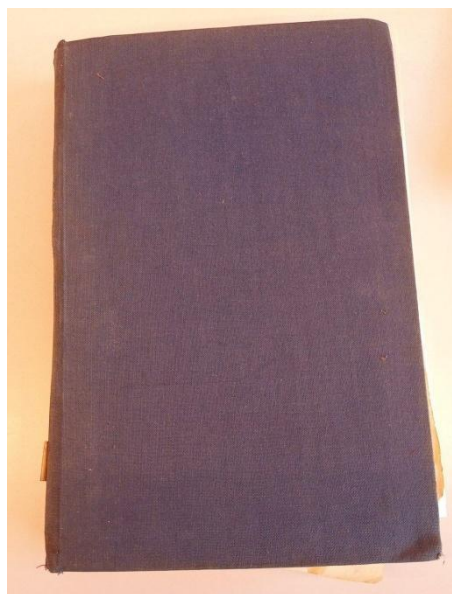


Figura 2 – Códice AL-050



Para organizar os dados que serão discutidos com mais detalhes a seguir, a respeito do aproveitamento do papel, optou-se por criar o quadro 15 abaixo. Na primeira coluna há o código do documento no corpus; na segunda, as medidas da altura e da largura do fólio em milímetros, sendo que, para os casos dos bifólios ou fólhos dobrados ao meio, constam as medidas do documento dobrado e aberto, respectivamente; na terceira há as informações sobre o formato do papel; na quarta há a descrição do aproveitamento das faces utilizadas para a escrita; por fim, na última coluna, há a distância da margem esquerda deixada antes da mancha escrita.

Quadro 15 – Descrição do suporte de escrita

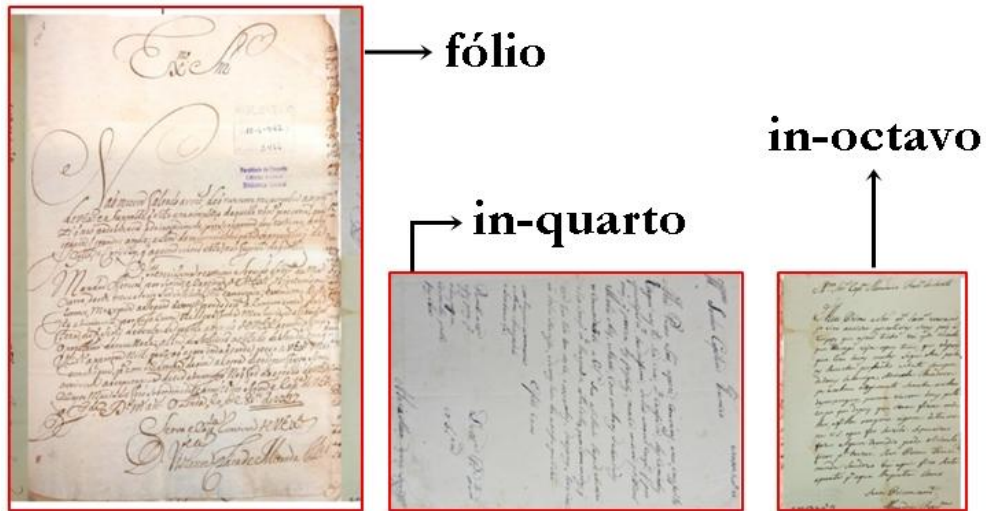
<b>Documento</b>	<b>Medidas do fólio: Altura x Largura (mm)</b>	<b>Formato do papel</b>	<b>Aproveitamento do papel</b>	<b>Margem esquerda (mm)</b>
AFF_01	155 x 108 (dobrado) 155 x 216 (aberto)	in-octavo	recto do primeiro fólio e verso do segundo	22
AFF_02	154 x 106 (dobrado) 154 x 211 (aberto)	in-octavo	recto do primeiro fólio e verso do segundo	20
AFF_03	155 x 107 (dobrado) 155 x 214 (aberto)	in-octavo	recto do primeiro fólio e verso do segundo	15
AFF_04	214 x 155 (dobrado) 214 x 309 (aberto)	in-octavo	recto do primeiro fólio e verso do segundo	32

AFF_05	209 x 151	in-quarto	recto	29
AFF_06	201 x 128 (dobrado) 201 x 255 (aberto)	in-octavo	recto do primeiro fólio e verso do segundo	11
AFF_07	216 x 158	in-quarto	todas as faces	7
AFF_08	212 x 154 (dobrado) 212 x 307 (aberto)	in-quarto	recto do primeiro fólio e verso do segundo	34
AFF_09	213 x 150	in-quarto	recto	30
AFF_10	207 x 150	in-octavo	todas as faces	23
AFF_11	214 x 154 (dobrado) 214 x 206 (aberto)	in-octavo	recto do primeiro fólio e verso do segundo	30
ATSM_01	207 x 140 (dobrado) 207 x 280 (aberto)	in-quarto	todas as faces	23
ATSM_02	212 x 149	in-quarto	todas as faces	25
ATSM_03	213 x 146 (dobrado) 213 x 292 (aberto)	in-quarto	todas as faces do primeiro fólio e recto do segundo	23
ATSM_04	211 x 147 (dobrado) 211 x 294 (aberto)	in-quarto	todas as faces	25
ATSM_05	211 x 147 (dobrado) 211 x 294 (aberto)	in-quarto	todas as faces do primeiro fólio	20
ATSM_06	206 x 143 (dobrado) 206 x 286 (aberto)	in-quarto	todas as faces do primeiro fólio e recto do segundo	30
AVRA_01	273 x 189	duas fotocópias	recto da primeira fotocópia e recto da segunda	15 e 3
ESJL_01	204 x 157	in-quarto	recto	17
ESJL_02	150 x 105 (dobrado) 150 x 210 (aberto)	in-octavo	recto do primeiro fólio e verso do segundo	5
ESJL_03	154 x 106 (dobrado) 154 x 212 (aberto)	in-octavo	recto do primeiro fólio e verso do segundo	6

HJT_01	212 x 153 (dobrado) 212 x 308 (aberto)	in-quarto	recto do primeiro fólio e recto do segundo	32
HJT_02	213 x 151	in-quarto	recto	37
JL_01	210 x 157	in-quarto	recto	31
JMS_01	205 x 150 (dobrado) 205 x 300 (aberto)	in-quarto	recto do primeiro fólio e verso do segundo	48
JMS_02	203 x 153 (dobrado) 203 x 302 (aberto)	in-quarto	todas as faces do primeiro fólio e verso do segundo	40
JMS_03	208 x 150 (dobrado) 208 x 300 (aberto)	in-quarto	recto do primeiro fólio e verso do segundo	149
MILS_01	217 x 157	in-quarto	recto	35
MJ_01	248 x 208	in-quarto	recto	80
MJ_02	215 x 150	in-quarto	recto	35
MMJL_01	214 x 155	in-quarto	recto	20
MMJL_02	212 x 151	in-quarto	recto	13
RMJ_01	215 x 156	in-quarto	recto	28
SMC_01	210 x 153 (dobrado) 210 x 307 (aberto)	in-quarto	recto do primeiro fólio e recto do segundo	2
VCMH_01	300 x 210	fólio	recto	38
VCMH_02	298 x 206 (dobrado) 298 x 412 (aberto)	bifólio	recto do primeiro fólio	30

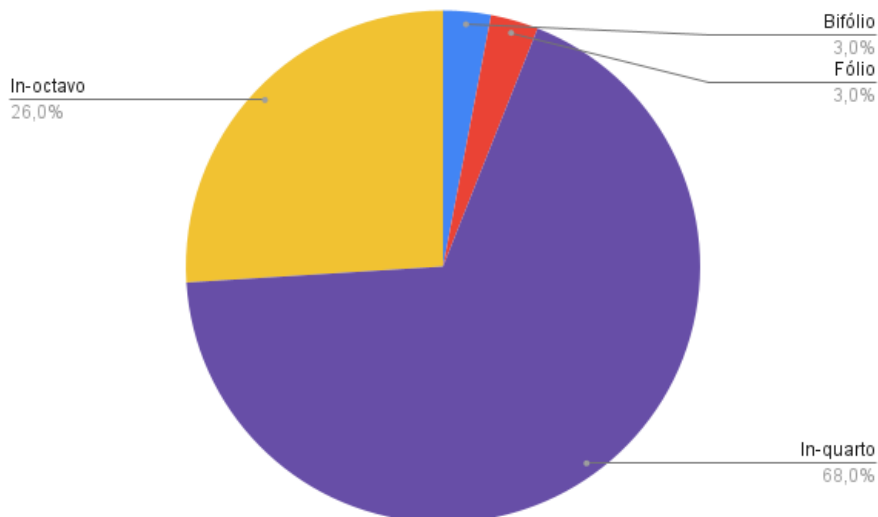
Como observado no quadro acima, buscou-se fazer uma descrição material minuciosa dos documentos, sobretudo em relação ao formato do papel. Assim como proposto por Muzzerelle (2003), aqui chamamos de bifólio as folhas inteiras que foram dobradas uma vez ao meio, o que ocorre exclusivamente em VCMH\_02. Já o fólio é cada uma das duas metades de um bifólio, como visto em VCMH\_01. Nos demais casos, o que foi percebido é o uso de in-quarto, quando a folha é dobrada ao meio duas vezes; e in-octavo, quando a folha é dobrada três vezes. A figura 3, abaixo, ilustra essa classificação.

Figura 3 – Formato dos fólhos



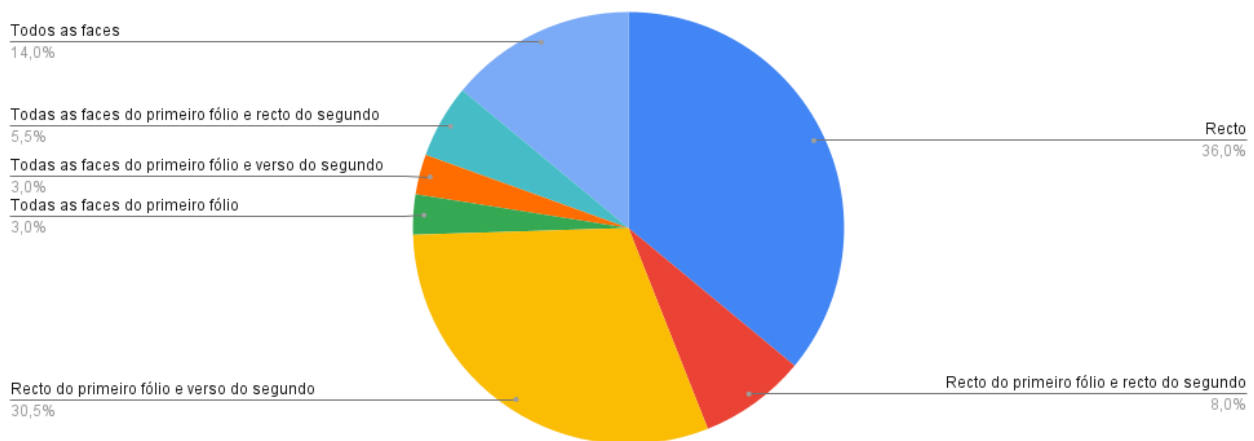
Dos documentos descritos codicologicamente no quadro apresentado anteriormente, excluindo AVRA\_01, que é fotocopiado, percebe-se a preferência em relação ao uso do in-quarto em 68% dos manuscritos. Como mostra o gráfico 1, abaixo, em segundo lugar há o in-octavo, em 26% das cartas. Por fim, há o fólho e o bifólho, que somam juntos 6% das missivas. Em relação à distância deixada na margem esquerda, percebe-se uma variação de 147mm: a menor margem mede 2mm (carta SMC\_01) e a maior 149mm (carta JMS\_03).

Gráfico 1 – Tamanho do papel



Sobre as questões de aproveitamento do papel, descritas no gráfico 2, percebe-se que somente 14% das cartas utilizam todas as faces disponíveis para escrita, sendo que a maioria dos manuscritos usa exclusivamente o recto, perfazendo 36% dos casos. Grande parte dos documentos possui fólhos em branco intercalados com textos escritos, sendo que a maioria dos casos se dá porque, como o manuscrito é dobrado ao meio, aproveita-se as primeiras faces para escrever o conteúdo da missiva e, no verso da última, grafa-se um sobrescrito com informações sobre seu correspondente, como cargo, palavras de tratamento, nome e endereçamento, casos que perfazem 41,5% do *corpus*. Destes, 30% utilizam o recto do primeiro fólho e verso do segundo; 8% o recto do primeiro fólho e o recto do segundo; e 3% todas as faces do primeiro fólho e o verso do segundo. Por fim, 6% escrevem em todas as faces do primeiro fólho e no recto do segundo, e 3% em todas as faces somente do primeiro fólho, deixando o segundo em branco.

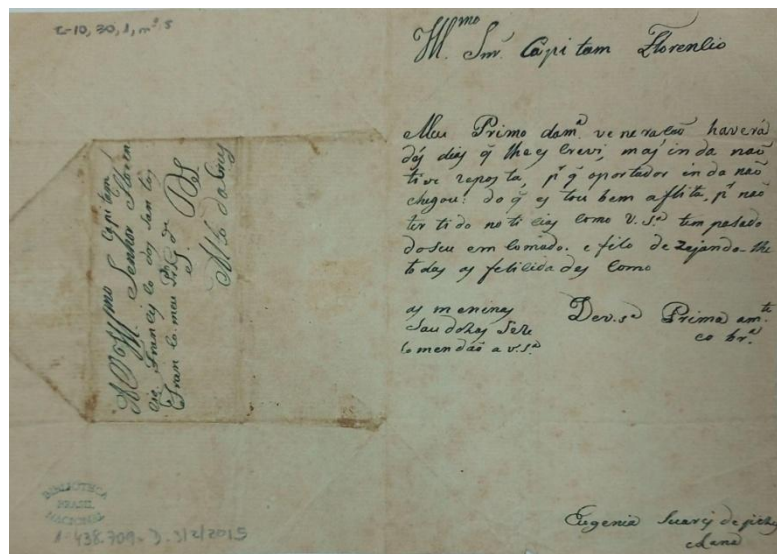
Gráfico 2 – Aproveitamento do papel



Para fazer o processo de envio dessas cartas, é notável que a maioria dos manuscritos era dobrada e, para fechá-los, eram utilizados selos. Ao fazer essa dobra, o sobrescrito ficava na parte externa do documento, logo, mais aparente e visível tanto para quem o levasse até o seu destinatário como para quem o recebesse. Na figura 4, referente à carta ESJL\_02, vê-se bem as marcas de dobradura do papel. A carta foi escrita na região direita do papel e, à esquerda, encontra-se o sobrescrito. O verso do manuscrito, como disposto na figura, encontra-se totalmente em branco. O fólho foi dobrado ao meio uma vez, em seguida foram dobradas as pontas e, por fim, o documento foi fechado próximo à margem direita.



Figura 4 – Sobrescrito do documento ESJL\_02



No caso das cartas que eram seladas, era comum que, ao abri-las, a região onde estava colado o selo se rasgasse e, com isso, parte do papel ficasse mutilada. Normalmente esse rasgo se restringia somente à área do selo, como mostram as figuras 5 e 6, a seguir.

Figura 5 – Vestígio do selo de AFF\_04

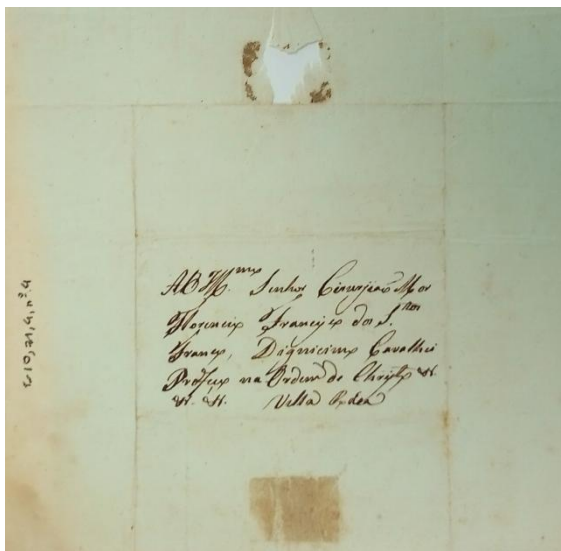
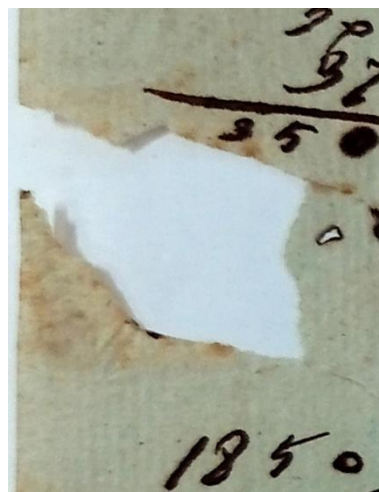


Figura 6 – Detalhe da marca de abertura do selo de AFF\_06



Sobre a coloração dos selos, percebe-se majoritariamente tons avermelhados e amarronzados, como mostram as figuras 7 e 8. Também há casos de selos azulados, como o do manuscrito AFF\_01 (figura 9).

Figura 7 – Selo avermelhado do documento AFF\_01



Figura 8 – Selo amarronzado do documento JMS\_01

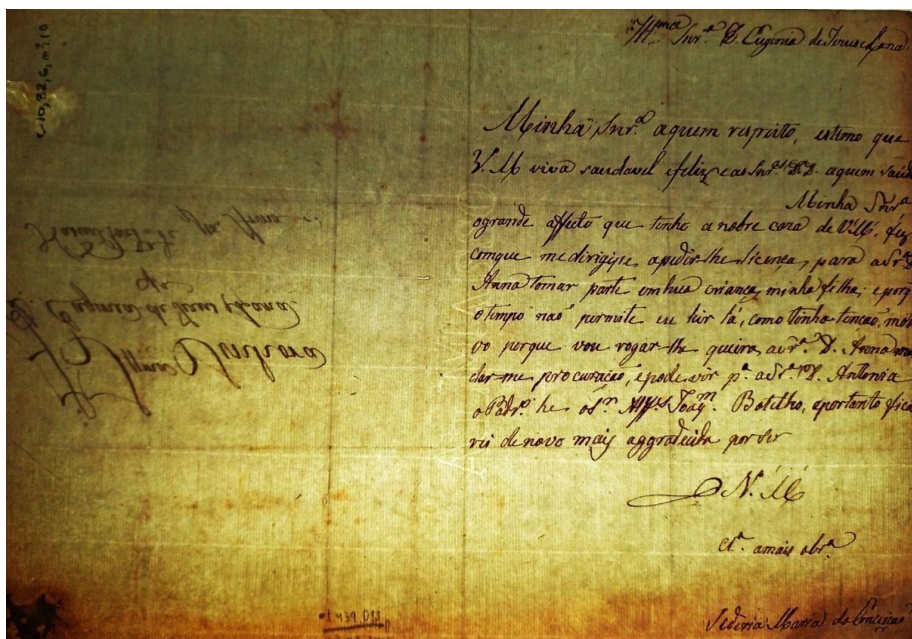


Figura 9 – Selo azulado do documento AFF\_11



Sobre o processo de produção do papel, Monte (2015) destaca que, nas fábricas, primeiramente era preparada a massa onde era mergulhada a forma, composta por um bastidor do tamanho da folha e com o fundo constituído por uma teia de fios de bronze. Esses fios deixavam marcas no papel, que são chamadas de vergaturas e pontusais. Os pontusais são os fios mais grossos, usados para dar sustentação à teia, já as vergaturas são os fios mais finos, sustentados pelos pontusais. As marcas dessa trama no papel puderam ser observadas e fotografadas com o auxílio de uma mesa de luz, como verificado na figura 10 a seguir. As linhas mais fortes e distanciadas, na horizontal na figura a seguir, são os pontusais, enquanto as vergaturas estão na vertical, mais unidas e finas. A direção usual dos pontusais, no entanto, é vertical, enquanto as vergaturas ficam na horizontal. Ocorre que, neste caso, o fólio foi usado deitado, no que costuma se denominar como orientação 'paisagem', criando-se duas manchas: a da direita, recto, para a escrita da missiva; e a da esquerda, verso, para o sobrescrito.

Figura 10 – Vergaturas e pontusais de SMC\_01



O estudo das tramas do papel pode trazer informações importantes sobre a sua fabricação e para a identificação do tipo de papel empregado na escrita, logo, fazer a descrição delas traz informações bastantes relevantes ao trabalho codicológico. O quadro 16, a seguir, tem esse objetivo. Na primeira coluna há o código do documento; na segunda, o número de pontusais e, na terceira, a distância entre eles. Lembramos que não foi possível incluir dois documentos nessa descrição: AVRA\_01, que é uma fotocópia, e FMAX\_01, que tivemos acesso somente à digitalização.

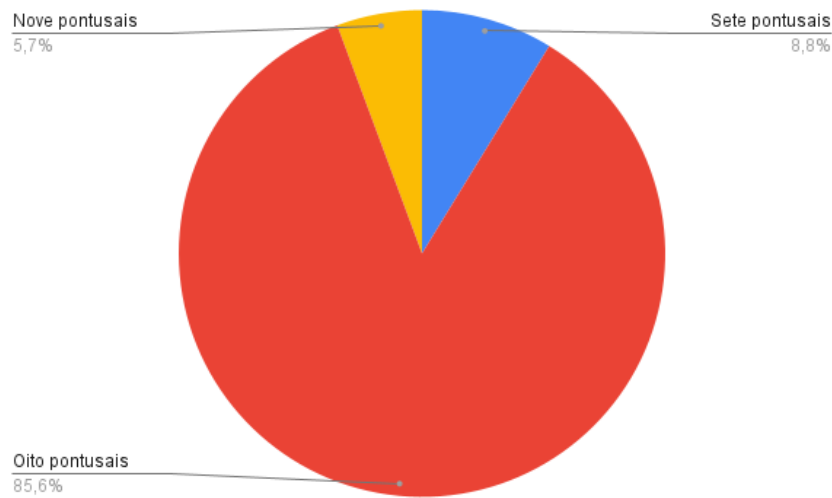
Quadro 16 – Descrição dos pontusais

<b>Documento</b>	<b>Número de pontusais</b>	<b>Distância entre os pontusais (mm)</b>
AFF_01	8	28 a 29
AFF_02	8	28 a 29
AFF_03	8	28
AFF_04	8	27
AFF_05	8	27 a 29
AFF_06	9	26
AFF_07	7	27 a 30
AFF_08	8	27 a 29
AFF_09	8	26
AFF_10	8	27 a 30
AFF_11	8	27 a 29
ATSM_01	8	28
ATSM_02	8	28
ATSM_03	8	28
ATSM_04	8	26 a 28
ATSM_05	8	26 a 29
ATSM_06	9	20 a 24
ESJL_01	7	28
ESJL_02	8	27 a 28
ESJL_03	8	27 a 28

HJT_01	8	27 a 28
HJT_02	8	27 a 28
JL_01	8	27 a 28
JMS_01	7	27 a 28
JMS_02	8	26 a 28
JMS_03	8	26 a 28
MILS_01	8	27 a 28
MJ_01	2	85
MJ_02	8	27 a 29
MMJL_01	8	28
MMJL_02	8	27 a 28
RMJ_01	8	27 a 28
SMC_01	8	26 a 29
VCMH_01	8	22 a 24
VCMH_02	8	22 a 24

Dos 35 documentos descritos acima, o que mais se distingue da maioria do *corpus* é o MJ\_01, que possui somente duas vergaturas com uma distância de 85mm entre elas. Como mostra o gráfico 3, os demais manuscritos são bastante regulares: 83% possuem oito pontusais; 8,5% têm sete pontusais; e 5,5% apresentam nove pontusais. Em relação à distância entre eles, excetuando-se MJ\_01, percebemos uma variação de 22 a 30mm. Dos manuscritos descritos, 25 apresentam distâncias variáveis entre os pontusais, com uma alteração de 1 a 4mm entre eles.

Gráfico 3 – Número de pontusais



Ademais das vergaturas e dos pontusais, era comum que na teia criada para fazer o papel fosse adicionado um desenho, também de fios de bronze. Essas inscrições marcadas no suporte são o principal elemento para identificar a procedência do papel, portanto, também nos interessa descrevê-las. O quadro 17, a seguir, busca sistematizar as informações encontradas: na primeira coluna há a identificação do documento; na segunda está a descrição das marcas d'água; na terceira, a posição em relação aos pontusais; e, na quarta, a altura em milímetros. Para os casos em que a marca d'água não está inteira e, por essa razão, não foi possível estabelecer o seu tamanho real, optamos por trazer essa informação como [cortada].

Quadro 17 – Descrição de marcas d'água

Documento	Marca d'água	Posição (em relação aos pontusais)	Altura (em mm)
AFF_01	Na margem superior do fólio é possível ler parte da legenda ALMASSO.	entre 3° e 6°	[cortada]
AFF_02	Na margem inferior do fólio há parte de um escudo que não foi possível identificar em detalhes devido ao corte do papel, mas que provavelmente se trata do mesmo presente em HJT_01. Logo abaixo dele há a legenda GIOR MAGNANI.	entre 3° e 6°	15 (legenda) + [cortada] (escudo)

AFF_03	Na margem superior do fólio é possível ler parte da legenda ALMASSO.	entre 1° e 5°	[cortada]
AFF_04	No centro do fólio há um escudo com coroa no cimo e, no centro, uma figura parecida com uma faixa decorada com motivos triangulares. Abaixo dele há as letras GM.	entre 3° e 6°	135
AFF_05	No centro do fólio, à direita, há parte de um escudo que não foi possível identificar com detalhes, mas que possui as letras GM logo abaixo. Possivelmente, trata-se da mesma marca d'água descrita em AFF_04.	entre 3° e 6°	[cortada]
AFF_06	Na parte superior central do fólio há uma forma que não foi possível decifrar devido a um rasgo no suporte.	entre 4° e 6°	[cortada]
AFF_07	Na margem direita do fólio há a legenda ALMASSO.	entre 3° e 6°	10
AFF_08	No centro do fólio há um escudo com coroa no cimo e, no centro, uma figura parecida com uma faixa decorada com motivos triangulares. A figura é bastante similar à descrita em AFF_04, mas os adornos nas laterais dos escudos são bastante distintos. Abaixo dele há as letras AP.	entre 4° e 6°	125
AFF_09	Não está visível.	-	-
AFF_10	Na margem esquerda do fólio há a legenda VALLARINO.	entre 2° e 6°	10
AFF_11	Não está visível.	-	-
ATSM_01	Não está visível.	-	-
ATSM_02	Não está visível.	-	-
ATSM_03	Não está visível.	-	-
ATSM_04	Não está visível.	-	-

ATSM_05	Não está visível.	-	-
ATSM_06	Na margem esquerda do fólio há as letras AP.	entre 1° e 3°	20
ESJL_01	Na margem direita do fólio há parte de um escudo bastante similar ao descrito em AFF_04. Abaixo dele há as letras GM.	entre 2° e 5°	60
ESJL_02	Não está visível	-	-
ESJL_03	Não está visível	-	-
HJT_01	No centro do fólio há um escudo com coroa no cimo e, no centro, uma ave com as asas abertas. Abaixo do pássaro há um desenho que se assemelha à uma torre. Abaixo do escudo há a legenda GIOR MAGNANI.	entre 2° e 7°	142
HJT_02	No fólio, há a legenda ALMASSO.	entre 2° e 7°	10
JL_01	Na parte inferior do fólio há parte de um escudo que não foi possível identificar, devido ao corte no fólio.	entre 3° e 6°	[cortada]
JMS_01	Na margem direita do fólio há a legenda ALMASSO.	entre 1° e 6°	20
JMS_02	No centro do fólio há a legenda ALMASSO.	entre 2° e 6°	15
JMS_03	No centro do fólio há o mesmo escudo descrito em HJT_01. Abaixo há a legenda GIOR MAGNANI.	entre 2° e 7°	140
MILS_01	Na margem esquerda do fólio é possível ler parte da legenda ALMASSO.	entre 2° e 7°	[cortada]
MJ_01	Não está visível	-	-
MJ_02	Na margem direita do fólio é possível ler parte da legenda ALMASSO.	entre 2° e 7°	[cortada]
MMJL_01	Na margem direita do fólio é possível ler parte da legenda ALMASSO.	entre 2° e 6°	10

MMJL_02	Na margem direita do fólio é possível ler parte da legenda ALMASSO.	entre 2° e 7°	[cortada]
RMJ_01	Na margem esquerda do fólio é possível visualizar parte de um escudo que, possivelmente, trata-se do mesmo descrito em AFF_04. Abaixo dele há as letras GM.	entre 3° e 6°	[cortada]
SMC_01	No centro do fólio há a legenda ALMASSO.	entre 2° e 7°	15
VCMH_01	Não está visível	-	-
VCMH_02	No segundo fólio, que está em branco, há uma figura formada por três círculos unidos: dentro do primeiro deles há um símbolo semelhante à letra grega pi; no segundo há uma forma que não foi possível identificar; e no terceiro há um arco que divide a forma ovalada, semelhante à uma lua crescente. Abaixo dos círculos, há uma cruz dupla.	entre 3° e 5°	95

Dos documentos do *corpus*, 31, 5% não possuem marcas d'água visíveis, logo as descrições realizadas a seguir referem-se aos outros 68,5%. Dos manuscritos em que a marca d'água está visível, em 41,5% deles o desenho está cortado. Tal fato se dá nos casos em que, como descrito anteriormente, as cartas foram redigidas in-quarto ou in-octavo.

Verificou-se que a marca de papel mais utilizada nos manuscritos foi ALMASSO, presente em 11 documentos. Assim como feito por Monte (2015), aqui optamos por chamar de legenda os casos como esse, em que o nome do fabricante está grafado de maneira completa, como ALMASSO, GIOR MAGNANI e VALLARINO. Já nos casos em que há acrônimos, como AP e GM, optamos por chamá-los de letras. Ilustram-se esses casos a seguir:

Figura 11 – Legenda ALMASSO





Figura 12 – Legenda GIOR MAGNANI



Figura 13 – Legenda VALLARINO



Figura 14 – Letras AP



Figura 15 – Letras GM



Dos documentos que possuem marca d'água, 54% apresentam somente legendas ou letras, enquanto em 46% há outros tipos de filigranas. O escudo, principal desenho encontrado, apareceu nos documentos representados de três maneiras: um acompanhado pela letras GM, com uma coroa no cimo e, no centro, uma figura parecida com uma faixa decorada com motivos triangulares (figura 16); outro acompanhado pelas letras AP, bastante parecido com o escudo de GM, mas com os adornos nas laterais bastante distintos (figura 17); e, por fim, um terceiro escudo acompanhado pela legenda GIOR MAGNANI, com coroa no cimo e, no centro, uma ave com as asas abertas. Abaixo do pássaro há um desenho que não foi possível identificar com segurança, mas que se assemelha ao formato de uma torre (figura 18).

Figura 16 – Escudo GM



Figura 17 – Escudo AP

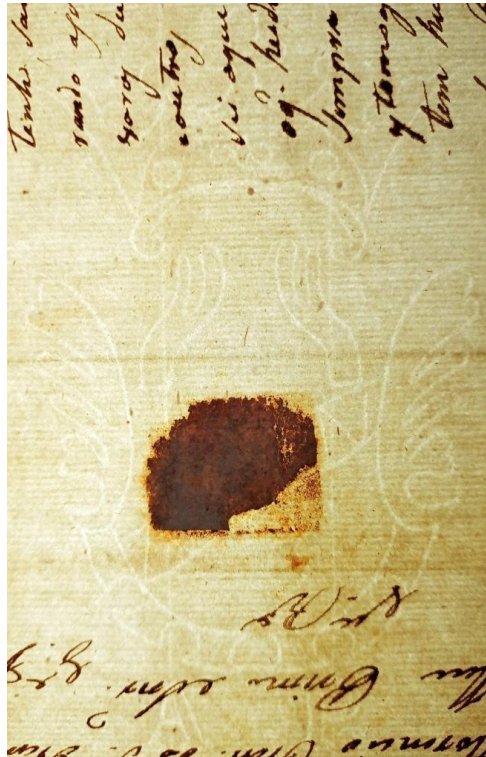
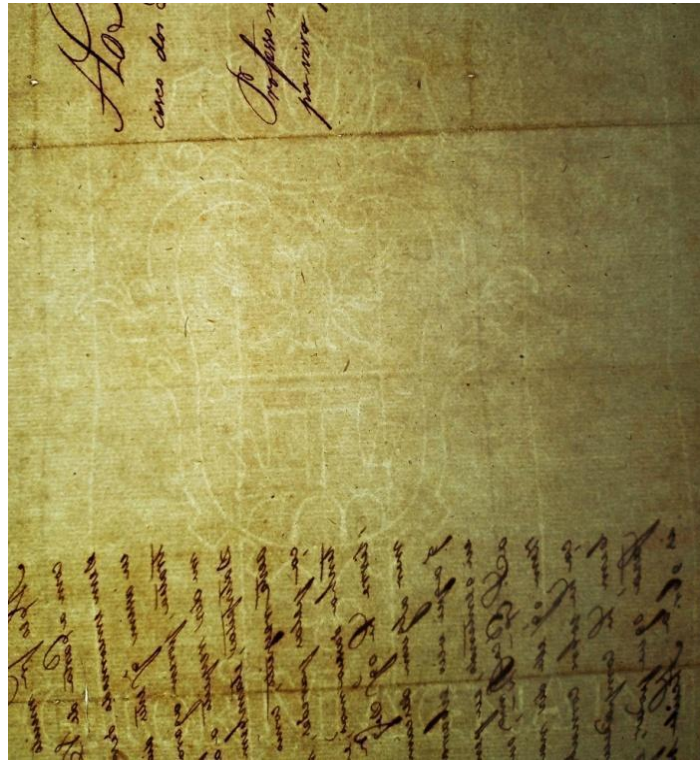


Figura 18 – Escudo GIOR MAGNANI



Além dos escudos, há duas outras figuras que apareceram nos manuscritos, mas que não possuem legendas ou letras as acompanhando. A primeira é uma filigrana, presente em AFF\_06, que não foi possível identificar devido a um rasgo no suporte (figura 19), provavelmente causado pela abertura do selo. A outra, em VCMH\_02, é uma figura formada por três círculos unidos: dentro do primeiro deles há um símbolo semelhante à letra grega pi; no segundo há uma forma que não foi possível identificar; e, no terceiro, há um arco que divide a forma ovalada, semelhante a uma lua crescente. Abaixo dos círculos, há uma cruz dupla, como pode ser observado na figura 20.

Figura 19 – Filigrana de AFF\_06



Figura 20 – Filigrana de VCMH\_02



Com a descrição material sistematizada, busca-se trazer contribuições para trabalhos que se detenham sobre a codicologia e, mais especificamente, sobre a fabricação e o uso do papel na América Portuguesa. Esses tipos de investigações ajudam a entender melhor os processos de escrita nos séculos iniciais de formação do Brasil e, conseqüentemente, os tipos de papéis aos quais as mulheres tinham acesso e como elas os utilizavam.

### 3.2 Análise paleográfica

Tão antiga quanto a própria filologia, a paleografia também possui um longo processo de formação. Monte (2021), ao tomar como base os trabalhos de Contreras (1994), Saéz e Castillo (2004), Berwanger e Leal (2008) e Martínez (1988), defende que a paleografia possui quatro períodos históricos: a pré-história da paleografia, o período de formação, o período de desenvolvimento e o período de renovação.

O primeiro deles, referente à pré-história da paleografia, iniciou-se no século I, junto com a criação do sistema taquigráfico conhecido por notas tironianas. De acordo com Monte (2021, p. 39), “[...] [e]sse sistema provocou o desenvolvimento imediato de um sistema de decifração e leitura das notas taquigráficas.” Tal período perdurou até 1681, com a publicação do primeiro trabalho que busca sistematizar os tipos de escrita, a *De Re Diplomatica*, escrita pelo monge beneditino maurino Jean Mabillon (1681). Dito livro, que marca o início do período de formação da paleografia, foi produzido

como uma resposta à obra do jesuíta bolandista Daniel van Papenbroeck (1675), denominada *Propylaeum circa Veri ac Falsi Discriminen in Vetustis Membranis*. Nela, o autor “[...] qualificou de falsos documentos pontifícios e dos reis merovíngios expedidos em favor da abadia beneditina de Saint-Denis” (CONTRERAS, 1994, p. 59 *apud* MONTE, 2021, p. 41), e que eram incontestavelmente verdadeiros.

Apesar de não possuir a palavra paleografia no nome, o trabalho de Mabillon (1681) acabou por estabelecer bases importantes para os estudos não só diplomáticos como também paleográficos. Como expõe Monte (2021, p. 43), a obra foi bem recebida inclusive na época de sua publicação: Mabillon passou a ter o epíteto de “o homem mais sábio do reino” e Papenbroeck, por sua vez, declarou que errou na sua *De Re Diplomatica* e estava de acordo com a obra do beneditino. Sobre esse período da história da paleografia é importante destacar que:

[...] por um lado, a paleografia surge como auxiliar da Diplomática e da Historiografia, entendida como crítica de fontes textuais, e assim permanece por um bom tempo; por outro lado, a forma orgânica e as estruturas que a caracterizam desde seu surgimento são o que permitem que ela seja considerada uma disciplina científica (MONTE, 2021, p. 44).

No que concerne ao desenvolvimento da paleografia, é necessário destacar que tal período possuiu uma duração bastante ampla, com cerca de 188 anos. Considera-se que esse intervalo se iniciou com a publicação do *Nouveau Traité de Diplomatique*, feito pelos monges beneditinos maurinos Charles Toustain e René Tassin (1750), e perdurou até 1938. Apesar de a paleografia, enquanto ciência com um método definido, começar a se formar nessa fase, ela ainda “[...] continua caminhando ao lado da diplomática e da historiografia na condição de auxiliar. [...] O método continua sendo classificatório, com o objetivo de dividir, subdividir e nomear os grupos de letras” (MONTE, 2021, p. 45).

No século XX, entretanto, houve uma mudança de paradigma e, para além da escrita em si mesma, passa a haver uma preocupação de entender a escrita como “[...] um grande fenômeno cultural e humano” (MONTE, 2021, p. 45). Um nome importante para este período é Armando Petrucci que, às principais perguntas paleográficas de o quê, como, quando e onde se escreveu, adiciona mais duas indagações: quem escreveu e por que o texto foi escrito. Saéz e Castillo (2004, p. 31), classificam e sistematizam tais questões da seguinte maneira:

Quadro 18 – Perguntas paleográficas

O que se escreveu?	<b>Paleografia de leitura</b>
Quando se escreveu? Onde se escreveu? Como se escreveu?	<b>Paleografia de análise</b>
Quem escreveu? Por que o texto foi escrito?	<b>História social da escrita</b>

A partir dos problemas fundamentais da paleografia, que a fixam como a ciência preocupada com a leitura, produção e inserção do texto escrito na sociedade, duas questões vêm à tona no que tange este trabalho: a quais textos nos referimos quando tratamos do estudo paleográfico e como entendemos aqui tal ciência? Para tentar responder a isso, faz-se necessário recorrer a algumas definições bastante elucidativas.

De início, se tomar como base o significado etimológico da palavra, originada do grego *paleo* (antigo) + *grafo* (escrita) + *ia* (estudo), a paleografia é vista como o estudo das escritas antigas. A ideia de “escritas antigas”, porém, é tema de discussão, uma vez que a paleografia é comumente aplicada a textos mais recentes. Para esta pesquisa, que tem como objeto de estudo textos do período moderno, é preciso tomar a ideia de “estudo das escritas” com um recorte temporal mais alargado. Neste sentido é interessante a defesa feita por Saéz e Castillo (2004, p. 21, tradução nossa) de que há “[...] tantas paleografias quanto escritas”, o que permite que vejamos a paleografia como:

[...] a disciplina que estuda a história da escrita (e em particular da escrita à mão) em suas diferentes fases, as técnicas empregadas para escrever e, por último, os próprios produtos de tal processo, particularmente em seu aspecto gráfico, quer se tratem de livros, inscrições, documentos ou escritos de natureza individual e privada [...] (SAÉZ; CASTILLO, 2004, p. 21, tradução nossa).

Nesse mesmo sentido de paleografia enquanto ciência que estuda a história da escrita, as técnicas e seus produtos, caminha as definições dadas nos trabalhos de Leal e Siqueira (2011) e Berwanger e Leal (2008). No primeiro, ela é definida como o “[...] [e]studo técnico de textos manuscritos antigos na sua forma exterior, que compreende o conhecimento dos materiais e instrumentos para escrever, a história da escrita e a evolução das letras, objetivando sua leitura e transcrição (LEAL; SIQUEIRA, 2011, p. 131). Já no segundo, a paleografia é uma área que “[...] abrange a história da escrita, a evolução das letras, bem como os instrumentos para escrever. Pode ser considerada arte ou ciência. É ciência na parte teórica. É arte na aplicação prática. Porém, acima de tudo, é uma técnica” (BERWANGER; LEAL, 2008, p. 16).

Como uma intersecção entre técnica, ciência e arte, a paleografia se fixa como uma disciplina extremamente importante para pensar os textos manuscritos. Cambraia (2005, p. 04) chama a atenção para a necessidade de técnicas paleográficas para fazer a:

a) classificação da escrita, localização e datação; | b) descrição sucinta de características da escrita, a saber: a morfologia das letras (sua forma), o seu traçado ou *ductus* (ordem de sucessão e sentido dos traços de uma letra), o ângulo (relação entre os traços verticais das letras e a pauta horizontal da escrita), o módulo (dimensão das letras em termos de pauta); e o peso (relação entre traços finos e grossos das letras); | c) descrição sucinta do sistema de sinais abreviativos empregados na referida escrita; | d) descrição de outros elementos não-alfabéticos existentes e de seu valor geral [...]; | e) descrição de pontos de dificuldade na leitura e as soluções adotadas.

Levando em consideração a relevância da paleografia no estudo dos manuscritos e as perguntas essenciais anteriormente expostas, torna-se produtivo fazer uso de técnicas paleográficas para analisar os documentos do *corpus*. Preliminarmente, destacamos que todos os manuscritos foram redigidos em letra humanista e possuem diferentes graus de cursividade.

As próximas quatro subseções são dedicadas à análise paleográfica mais circunstanciada: na primeira delas, é feito o estabelecimento do alfabeto das missivas, como forma de assegurar a leitura fidedigna que será apresentada na seção 4; na segunda, é realizado o estudo e a classificação das abreviaturas encontradas nas cartas; na terceira, faz-se o exame das assinaturas como forma de discutir se os documentos são autógrafos ou idiógrafos; e, na quarta, analisam-se as missivas a partir de estudos sobre a habilidade dos punhos, como forma de entender melhor sobre as práticas de escrita das mulheres na América Portuguesa.

### 3.2.1 Estabelecimento dos alfabetos

Para fazer uma correta decifração dos manuscritos que, como visto, é uma das preocupações centrais da paleografia de leitura, Martínez (1991) propõe um método a ser seguido. O autor inicialmente sugere nove regras para os leitores serem fidedignos em relação aos documentos que pretendem transcrever, sendo elas:

a) Ler sem pressa e sem angústia, com espírito sossegado e com suficiente atenção, mas não excessiva nem, muito menos, tensa [...] | b) Não ler jamais de memória e nem distraidamente, confiando o leitor no seu conhecimento de textos iguais ou parecidos [...] | c) Não dispensar nenhum elemento gráfico, por insignificante que pareça [...] | d) Não ter a pretensão de querer ler todo o texto escrito de uma vez só, sobretudo, se se trata de textos grandes e escritas difíceis ou mais desconhecidas [...] | e) Possuir conhecimento suficiente da língua em que o texto está redatado e ter ideia, ao menos mínima, do assunto a que se refere [...] | f) Há de se ter particular cuidado com os nomes próprios de pessoas, de povos, de termos geográficos, etc., ou de palavras típicas e menos recorrentes que se repitam no texto lido [...] | g) Será necessária preparação especial e meios especiais para abordar a leitura e interpretação das chamadas escrituras cifradas ou criptográficas [...] | h) Não dar sistematicamente por boa possíveis leituras anteriores [...] | i) A operação de ler qualquer texto um pouco grande deve ser realizada por escrito, isto é, que a leitura se converta de algum modo em transcrição e cópia do que se lê (MARTÍNEZ, 1991, p. 31-32, tradução nossa).

A partir de tais princípios que preveem uma leitura calma, atenta e minuciosa, Martínez (1991, p. 31, tradução nossa) sugere alguns procedimentos para tratar da paleografia a partir da sua tripla finalidade como: “1) instrumento de leitura; 2) ciência auxiliar da História; 3) ciência própria da escrita em si mesma”. Aqui nos interessa, sobretudo, a primeira dessas funções, referente ao instrumento de leitura. O autor propõe que, para conhecer bem um tipo de escrita e lê-lo com segurança, deve-se iniciar com o seguinte procedimento prático:

O novo leitor deverá primeiro observar e tratar de fixar na sua memória as formas típicas de cada letra, isto é, sua figura ou desenho, consideradas isoladamente, ou seja, com independência uma da outra. [...] Para fixá-las em sua memória, será um meio muito eficaz ir buscando, uma por uma, as ditas figuras dentro do texto que se quer ler e identificando-as como tais letras, a margem do sentido que possam ter com relação à palavra ou sílaba respectiva (MARTÍNEZ, 1991, p. 32, tradução nossa).

Sendo assim, a primeira tarefa a se fazer antes de começar a leitura de um texto é fixar as formas das letras a fim de que possam ser consultadas durante a transcrição. Estando estabelecido o alfabeto de determinado punho, se fará o mesmo com outros nexos, abreviaturas e signos gráficos do manuscrito. Somente quando já estiverem integralmente assimilados todos esses elementos é que o leitor deverá “[...] aplicar-se a uma prática constante e ordenada de leitura” (MARTÍNEZ, 1991, p. 33, tradução nossa). Por essa razão, recorrer ao estabelecimento do alfabeto, ou quadro scriptográfico, do manuscrito que se pretende estudar assegura uma leitura mais apurada, uma vez que sistematiza os alógrafos<sup>16</sup> e fixa as formas grafadas pela autora do manuscrito. Fachin (2008, p. 45), também defende a importância de tal etapa inicial da leitura de um texto ao sustentar que:

O estabelecimento de um alfabeto representa etapa essencial para a leitura e transcrição satisfatória de qualquer manuscrito, principalmente quando se trata de grafia de difícil decifração. Trata-se de atividade que requer critério e paciência na coleta e distribuição de cada uma das letras. Nesse processo, é necessário se habituar ao tipo de escrita, a empregos de letras deformadas, trechos apagados, abreviaturas de diversos tipos, borrões e um vocabulário, muitas vezes, desconhecido.

Na pesquisa aqui desenvolvida, soma-se à questão da grafia de difícil decifração o fato de o *corpus* ser composto por cartas escritas por 14 punhos distintos, o que muitas vezes não dá material suficiente para nos habituarmos à letra do documento. Além disso, vale ressaltar que o número de missivas escritas por cada autora é bastante variado e que, algumas delas, redigiram somente um fólio escrito no recto. Especialmente nesses casos em que temos acesso a um texto de pouca extensão, a técnica de estabelecer o alfabeto se mostra bastante eficaz para precisar os alógrafos de um mesmo grafema e, como consequência, fazer uma leitura mais apurada do manuscrito.

---

<sup>16</sup> Houaiss (2001) define alógrafo como “[...] qualquer uma das representações escritas ou formas com que se apresenta um grafema, considerado este como elemento abstrato”. Sendo assim, neste trabalho, entendemos os alógrafos como a realização concreta, então variável, de um grafema abstrato.



Para elaborar os quadros com os alfabetos, optou-se por não estabelecê-los por carta, mas sim por autora. Ou seja, cotejaram-se todos os manuscritos de cada mulher com o propósito de encontrar diferentes grafias para uma mesma letra. Para a edição das imagens tais quais apresentadas aqui, usou-se um programa de edição de imagens para ajustar o brilho e a cor dos manuscritos, em seguida, os alógrafos foram recortados e isolados das formas que os antecedem ou sucedem. Por fim, as imagens foram organizadas em um quadro em que nas linhas constam as letras do alfabeto, quando encontradas nas missivas da autora, e, para as colunas, adotou-se a seguinte organização: a primeira para letras minúsculas grafadas em posição inicial, a segunda para minúsculas mediais, a terceira para minúsculas finais, e a quarta para as letras maiúsculas.

Vale ainda ressaltar que, para o estabelecimento das letras minúsculas enquanto iniciais, mediais ou finais, optou-se por respeitar a palavra tal qual apresentada no documento. Desta forma, para trechos grafados sem que o instrumento de escrita levantasse do papel, como “dospagamentos” na carta FMAX\_01, considerou-se como letra inicial e final, respectivamente, o “d” e o “s”. O mesmo ocorreu para grafias hipersegmentadas e para a separação silábica causada por quebras de linha. Sendo assim, em casos como “de tre mi- | ne”, na carta AFF\_10, consideraram-se como letras iniciais o “d”, “t”, “m,” e “n” e, como letras finais”, os “e”s e o “i”.

Nas páginas seguintes encontram-se os quadros com os alógrafos de cada autora, respeitando a ordem alfabética por nome de remetente, tal qual apresentado na seção 2.

Quadro 19 – Alfabeto de Alexandra Francisca Freire

	Minúsculas			Maiúsculas
	Inicial	Medial	Final	
a				
b				
c				
ç				
d				
e				
f				
g				
h				
i				
j				
l				
m				
n				
o				
p				
q				
r				
s				
t				
u				
v				
x				
y				
z				

Quadro 20 – Alfabeto de Ana Teresa Salter de Mendonça

	Minúsculas			Maiúsculas
	Inicial	Medial	Final	
a				
b				
c				
ç				
d				
e				
f				
g				
h				
i				
j				
l				
m				
n				
o				
p				
q				
r				
s				
t				
u				
v				
x				
y				
z				

Quadro 21 – Alfabeto de Ana Vicência Rodrigues de Almeida

	Minúsculas			Maiúsculas
	Inicial	Medial	Final	
a				
b				
c				
ç				
d				
e				
f				
g				
h				
i				
j				
l				
m				
n				
o				
p				
q				
r				
s				
t				
u				
v				
x				
y				
z				

Quadro 22 – Alfabeto de Eugênia Soares de Jesus e Lana

	Minúsculas			Maiúsculas
	Inicial	Medial	Final	
a				
b				
c				
ç				
d				
e				
f				
g				
h				
i				
j				
l				
m				
n				
o				
p				
q				
r				
s				
t				
u				
v				
z				

Quadro 23 – Alfabeto de Francisca Maria Antônia Xavier

	Minúsculas			Maiúsculas
	Inicial	Medial	Final	
a				
b				
c				
d				
e				
f				
g				
h				
i				
j				
l				
m				
n				
o				
p				
q				
r				
s				
t				
u				
v				
x				
y				
z				

Quadro 24 – Alfabeto de Hipólita Jacinta Teixeira

	Minúsculas			Maiúsculas
	Inicial	Medial	Final	
a	<i>aa</i>	<i>aa</i>	<i>ax</i>	<i>A A A</i>
b	<i>b</i>	<i>bb</i>		
c	<i>cc</i>	<i>c</i>	<i>c</i>	<i>C C</i>
ç	<i>ç</i>			
d	<i>dd</i>	<i>dd</i>	<i>dd</i>	<i>D D D</i>
e	<i>ee</i>	<i>ee</i>	<i>ee</i>	<i>E</i>
f	<i>ff</i>	<i>f</i>		<i>F F F</i>
g	<i>g</i>	<i>g</i>		<i>G G</i>
h	<i>h</i>	<i>hh</i>		<i>H</i>
i		<i>ii</i>	<i>i</i>	<i>I</i>
j	<i>j</i>	<i>j</i>		<i>J J</i>
l	<i>l</i>	<i>ll</i>	<i>l</i>	<i>L</i>
m	<i>m</i>	<i>m</i>	<i>mm</i>	<i>M M</i>
n	<i>n</i>	<i>nn</i>		<i>N</i>
o	<i>oo</i>	<i>oo</i>	<i>ooo</i>	<i>O</i>
p	<i>pp</i>	<i>pp</i>	<i>p</i>	<i>P</i>
q	<i>qq</i>	<i>q</i>		
r	<i>r</i>	<i>r</i>	<i>rr</i>	<i>R</i>
s	<i>ss</i>	<i>ss</i>	<i>sss</i>	<i>S S S</i>
t	<i>t</i>	<i>t</i>	<i>t</i>	
u		<i>u</i>	<i>u</i>	
v	<i>vv</i>	<i>vv</i>		<i>V V V</i>
x		<i>x</i>	<i>x</i>	
z		<i>z</i>	<i>z</i>	

Quadro 25 – Alfabeto de Joaquina Lopes



	Minúsculas			Maiúsculas
	Inicial	Medial	Final	
a				
b				
c				
ç				
d				
e				
f				
g				
h				
i				
j				
l				
m				
n				
o				
p				
q				
r				
s				
t				
u				
v				
x				
z				



Quadro 26 – Alfabeto de Josefa Maria de Santana

	Minúsculas			Maiúsculas
	Inicial	Medial	Final	
a				
b				
c				
ç				
d				
e				
f				
g				
h				
i				
j				
l				
m				
n				
o				
p				
q				
r				
s				
t				
u				
v				
z				

Quadro 27 – Alfabeto de Maria Inácia de Lorena Silveira

	Minúsculas			Maiúsculas
	Inicial	Medial	Final	
a				
b				
c				
ç				
d				
e				
f				
g				
h				
i				
j				
l				
m				
n				
o				
p				
q				
r				
s				
t				
u				
v				
x				
y				
z				

Quadro 28 – Alfabeto de Maria Justina

	Minúsculas			Maiúsculas
	Inicial	Medial	Final	
a				
b				
c				
ç				
d				
e				
f				
g				
h				
i				
j				
l				
m				
n				
o				
p				
q				
r				
s				
t				
u				
v				
z				

Quadro 29 – Alfabeto de Maria Messias de Jesus e Lana

	Minúsculas			Maiúsculas
	Inicial	Medial	Final	
a				
b				
c				
d				
e				
f				
g				
h				
i				
j				
l				
m				
n				
o				
p				
q				
r				
s				
t				
u				
v				
y				
z				

Quadro 30 – Alfabeto de Rosa Maria de Jesus

	Minúsculas			Maiúsculas
	Inicial	Medial	Final	
a				
b				
c				
ç				
d				
e				
f				
g				
h				
i				
j				
l				
m				
n				
o				
p				
q				
r				
s				
t				
u				
v				
z				

Quadro 31 – Alfabeto de Sidéria Maria da Conceição

	Minúsculas			Maiúsculas
	Inicial	Medial	Final	
a	<i>aa</i>	<i>aa</i>	<i>aa</i>	<i>AAA</i>
b		<i>b</i>		<i>B</i>
c	<i>c</i>	<i>c</i>		<i>C</i>
ç		<i>ç</i>		
d	<i>dd</i>	<i>dd</i>	<i>d</i>	<i>DDD</i>
e	<i>ee</i>	<i>ee</i>	<i>ee</i>	<i>E</i>
f	<i>f</i>	<i>f</i>	<i>f</i>	<i>F</i>
g		<i>gg</i>		<i>G</i>
h	<i>hh</i>	<i>hh</i>		
i		<i>iii</i>	<i>i</i>	<i>I</i>
j				<i>J</i>
l	<i>l</i>	<i>l</i>	<i>ll</i>	<i>L</i>
m	<i>m</i>	<i>mm</i>	<i>mm</i>	<i>M</i>
n	<i>n</i>	<i>nn</i>		<i>N</i>
o	<i>oo</i>	<i>oo</i>	<i>oo</i>	
p	<i>p</i>	<i>p</i>		<i>P</i>
q	<i>qq</i>	<i>q</i>	<i>q</i>	
r	<i>r</i>	<i>r</i>	<i>rr</i>	
s	<i>ss</i>	<i>ss</i>	<i>ss</i>	<i>S</i>
t	<i>tt</i>	<i>tt</i>		
u		<i>u</i>	<i>uu</i>	
v	<i>v</i>	<i>v</i>		<i>V</i>
z		<i>z</i>	<i>zz</i>	

Quadro 32 – Alfabeto de Violante Clara de Miranda Henriques

	Minúsculas			Maiúsculas
	Inicial	Medial	Final	
a				
b				
c				
ç				
d				
e				
f				
g				
h				
i				
j				
l				
m				
n				
o				
p				
q				
r				
s				
t				
u				
v				
x				
y				
z				

### 3.2.2 Estudo das abreviaturas

Tendo os alógrafos isolados, partimos para a leitura e sistematização das abreviaturas que, de acordo com Martínez (1991), é a etapa que idealmente deve proceder o estabelecimento dos alfabetos. Para iniciar tal estudo, é interessante definir o que estamos entendendo por abreviatura: neste trabalho, tomamos a explanação feita por Contreras (1994, p. 107, tradução nossa), que define que “[a]s abreviaturas são representações de palavras que se escrevem só por algum ou alguns de seus elementos mais significativos, os quais as determinam”. O autor ainda explica que,

Salvo os casos nos quais uma palavra se representa somente por símbolos com um valor semântico pré-estabelecido, uma abreviatura é formada por signos alfabéticos de uma parte da palavra abreviada e por um signo destinado a marcar que ali onde ele se situa foi produzida uma abreviação e, em alguns casos, indicar também, mais ou menos precisamente, as letras omitidas. (CONTRERAS, 1994, p. 109, tradução nossa).

Se, entretanto, muito comumente é defendido que o sistema abreviativo está relacionado única e exclusivamente com uma questão de rapidez de escrita e de economia de material, tal afirmação não se sustenta, porque

[...] em muitos casos a realidade demonstra que escrever uma palavra abreviadamente pode levar mais tempo e exigir mais atenção do que quando se escreve com todas as suas letras; tampouco a economia de material scriptório resultaria considerável se para qualquer texto fosse feita a experiência de substituir as abreviaturas por suas letras correspondentes. (CONTRERAS, 1994, p. 107, tradução nossa).

O autor conclui defendendo que as abreviaturas surgem de motivações que podem ter se perdido e, talvez, não sejam recuperáveis. Sendo assim, “[a]o paleógrafo lhe interessa, mais do que a causa que possa ter propiciado as abreviaturas, sua interpretação e sua utilização como material em seu trabalho, como um dos componentes que são encontrados em um texto escrito” (CONTRERAS, 1994, p. 108, tradução nossa). Partindo de tal proposição, concluímos que a análise detida das abreviaturas, o conhecimento dos sistemas pelos quais elas são formadas e o uso de bons dicionários sobre o tema (FLEXOR, 2008; NUNES, 1981) contribuem com uma correta leitura e decifração dos manuscritos do *corpus*. E a edição fidedigna, por sua vez, leva a uma melhor compreensão sobre quem foram as mulheres autoras que deixaram suas existências registradas em cartas.

Para analisar os manuscritos, tomaremos como base o trabalho de Spina (1977), que classifica as abreviaturas em seis categorias: abreviatura por sigla; por apócope; por síncope; por letras sobrepostas; por signos especiais de abreviação; e por letras numerais. Partindo dessas categorias, analisaremos como as remetentes das epístolas estudadas efetivamente se apropriaram do sistema abreviativo.

As primeiras formas analisada foram as abreviaturas por sigla, que ocorrem nos casos de palavras representadas somente por sua letra inicial sendo que, quando redobrada, representam o plural ou superlativo. De acordo com Contreras (1994, p. 119, tradução nossa), as siglas são um tipo de



abreviatura por suspensão que, por sua vez, é observada "quando o componente semântico é uma parte inicial da palavra".

Nos manuscritos do *corpus*, foram encontradas ao todo 21 abreviaturas por sigla. Dentre essas, somente uma é por letras duplicadas, indicativa de plural. Ou seja, 20 são palavras no singular. No quadro abaixo, estão dispostas todas as abreviaturas por sigla encontradas nas cartas. Para fazer tal análise, foi feita uma busca exaustiva em todas as missivas escritas por cada mulher, sendo que as abreviaturas repetidas não foram incluídas. Na primeira coluna do quadro consta a forma expandida da palavra, com as letras incluídas no desenvolvimento marcadas em itálico; na segunda, há a forma abreviada, como encontrada nos documentos; e na terceira, há o nome das remetentes que grafaram a dita forma em seus manuscritos.

Quadro 33 – Abreviaturas por sigla

<b>Expansão</b>	<b>Abreviatura</b>	<b>Remetentes que redigiram tal forma</b>
Coração	C.	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>Dom</i>	D.	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>Dona</i>	D.	Ana Vicência Rodrigues de Almeida, Francisca Maria Antônia Xavier, Maria Inácia de Lorena Silveira e Sidéria Maria da Conceição
<i>Donas</i>	DD	Sidéria Maria da Conceição
<i>Guarde</i>	G.	Hipólita Jacinta Teixeira e Sidéria Maria da Conceição
<i>Merce</i>   <i>merce</i>	M.   m.	Francisca Maria Antônia Xavier, Joaquina Lopes e Sidéria Maria da Conceição
<i>Mor</i>	M.	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>Padre</i>	P.	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>Post</i>	P.	Joaquina Lopes
<i>que</i>	q   q.	Eugênia Soares de Jesus e Lana, Francisca Maria Antônia Xavier e Hipólita Jacinta Teixeira
<i>reis</i>	r.	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>Santa</i>	S.	Josefa Maria de Santana
<i>Santo</i>	S.	Alexandra Francisca Freire

<i>Saõ</i>	S.	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>Sargento</i>	S.	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>Scriptum</i>	S.	Joaquina Lopes
<i>Senhoria</i>	S.	Alexandra Francisca Freire, Hipólita Jacinta Teixeira, Joaquina Lopes, Maria Inácia de Lorena Silveira, Maria Justina e Rosa Maria de Jesus
<i>Sua</i>	S.	Hipólita Jacinta Teixeira
<i>Uossa</i>	U.	Joaquina Lopes
<i>Vila</i>	V.	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>Vossa / vossa</i>	V.   v.	Alexandra Francisca Freire, Ana Teresa Salter de Mendonça, Eugênia Soares de Jesus e Lana, Francisca Maria Antônia Xavier, Hipólita Jacinta Teixeira, Josefa Maria de Santana, Maria Inácia de Lorena Silveira, Maria Justina, Maria Messias de Jesus e Lana, Rosa Maria de Jesus, Sidéria Maria da Conceição e Violante Clara de Miranda Henriques

Seguindo a ordem das classificações de abreviaturas apresentada anteriormente, a próxima a ser analisada é a por apócope. De acordo com Spina (1977, p. 46), assim como as siglas, essa forma abreviativa já era usada pelos gregos e pelos romanos; sendo que nela "[...] se verifica a supressão de elementos finais do vocábulo" e, sendo assim, também é uma abreviatura por suspensão (CONTRERAS, 1994, p. 119). Como exemplo de apócope, Spina (1977) usa casos como: *Caes.* > *Caesar*, *Aug.* > *Augustus*, *febr* > *februarii*, *scil.* > *scilicet*, entre outras. No *corpus* estudado, porém, não houve ocorrências desta forma de abreviação em nenhuma das cartas.

Se na apócope é realizada a supressão dos elementos finais, a síncope, por sua vez, é caracterizada pela “[...] supressão de elementos gráficos do meio do vocábulo” (SPINA, 1977, p. 46). Ao contrário das outras duas formas apresentadas, a síncope não se dá por suspensão, mas sim por contração. De acordo com Contreras (1994, p. 111, tradução nossa), a contração:

[d]eriva da suspensão e, na maioria dos casos, compõem-se de uma suspensão produzida no radical da palavra abreviada e de uma desinência: *el!...*; *ela* = *elementa*, *eltis* = *elementis*, *elm* = *elementum*, *eltis* = *elementis*. Entretanto, nem todas as contrações são produzidas por esse procedimento: em alguns casos, se realiza à margem da suspensão, eliminando letras intermediárias.

Embora mais raras do que as abreviaturas por sigla, nas missivas estudadas foram encontradas sete ocorrências de abreviatura por síncope. Todas elas estão apresentadas no quadro abaixo.

Quadro 34 – Abreviaturas por síncope

<b>Expansão</b>	<b>Abreviatura</b>	<b>Remetentes que redigiram tal forma</b>
<i>Deus</i>	Ds	Ana Teresa Salter de Mendonça, Eugênia Soares de Jesus e Lana e Hipólita Jacinta Teixeira
<i>et caetera</i>	etr	Josefa Maria de Santana
<i>Gonçalvez</i>	Glz	Hipólita Jacinta Teixeira
<i>para</i>	pa	Maria Inácia de Lorena Silveira
<i>reis</i>	rs.	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>Senhor</i>	Snr.   Snr	Alexandra Francisca Freire, Joaquina Lopes, Maria Inácia de Lorena Silveira e Maria Messias de Jesus e Lana
<i>Senhor</i>	Sr.	Joaquina Lopes

Já as abreviaturas por letras sobrepostas, como o próprio nome indica, são caracterizadas pela sobrescrição de elementos gráficos da palavra. Sobre esse tipo de abreviação, Spina (1977, p. 46) ressalta que, ao contrário das outras formas vistas, “[o] uso das abreviaturas por letras sobrepostas, muito raro entre os romanos, bem como nos documentos da Península Ibérica anteriores ao século XII, generalizou-se a partir dessa época com a escritura visigótica”. A difusão dessa maneira de abreviar fica bastante evidente quando fazemos o levantamento das formas mais correntes nas cartas de mulheres do período moderno: das abreviaturas encontradas no *corpus*, 233 foram por letras sobrepostas. Ou seja, essa é a forma predominante nos manuscritos estudados.

Também é interessante ressaltar que, em muitos casos, há mais de uma forma de se abreviar uma mesma palavra, como: Compa<sup>e</sup>. (*Compadre*) e Comp<sup>e</sup>. (*Compadre*); felici<sup>es</sup>. (*felicidades*) e felici<sup>s</sup>. (*felicidades*); e Fer<sup>a</sup>. (*Ferreira*), Ferr<sup>ra</sup>. (*Ferreira*) e Fr<sup>a</sup>. (*Ferreira*). Há algumas ocorrências, inclusive, em que a variação ocorre no contexto de um mesmo punho, vide, por exemplo, a palavra “captiva”, que algumas vezes é grafada nas cartas de Violante Clara de Miranda Henriques como Cap<sup>ta</sup>. (*Captiva*) e outras como Cap<sup>va</sup>. (*Capítva*). No quadro a seguir, encontra-se a relação das abreviaturas por letras sobrepostas.

Quadro 35 – Abreviaturas por letras sobrepostas

<b>Expansão</b>	<b>Abreviatura</b>	<b>Remetentes que redigiram tal forma</b>
<i>Abtantes</i>	Ab <sup>cs</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>affetuosa</i>	aff <sup>ta</sup> .	Eugênia Soares de Jesus e Lana
<i>Agosto</i>	Ag <sup>to</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>agradecimentos</i>	agradecimt <sup>os</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>Alfferes</i>	Alff <sup>s</sup> .	Sidéria Maria da Conceição
<i>Alvarez</i>	Alz <sup>c</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>Amante</i>	Am <sup>e</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>Amante   amante</i>	Am <sup>te</sup> .   am <sup>te</sup> .	Alexandra Francisca Freire, Eugênia Soares de Jesus e Lana, Hipólita Jacinta Teixeira e Maria Messias de Jesus e Lana
<i>amiga</i>	am <sup>a</sup> .   am <sup>a</sup>	Ana Vicência Rodrigues de Almeida e Maria Inácia de Lorena Silveira
<i>Amigo</i>	Am <sup>o</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>amizade</i>	amiz <sup>e</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>anciozamente</i>	anciozam <sup>e</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>Andrade</i>	Andr <sup>e</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>annos</i>	ann <sup>s</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça e Francisca Maria Antônia Xavier
<i>Anos</i>	An <sup>s</sup> .	Violante Clara de Miranda Henriques
<i>anos</i>	a <sup>s</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>Antonia</i>	An <sup>ta</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>Antonio</i>	An <sup>to</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça, Francisca Maria Antônia Xavier e Hipólita Jacinta Teixeira
<i>aplaudido</i>	aplaud <sup>o</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça

<i>aquela</i>	aq <sup>la</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>aquele</i>	aq <sup>le</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>aquelles</i>	aq <sup>les</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>assentamento</i>	assentam <sup>to</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>auzente</i>	auz <sup>e</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>bastante</i>	bast <sup>e</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>bastantemente</i>	bastantem <sup>e</sup>	Maria Justina
<i>Botelbo</i>	Bot <sup>o</sup> .	Eugênia Soares de Jesus e Lana
<i>brevidade</i>	brevid <sup>e</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça e Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>Brigadeiro</i>	Brigdr <sup>o</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>Capitam</i>	Cap <sup>m</sup> .	Alexandra Francisca Freire, Ana Vicência Rodrigues de Almeida, Francisca Maria Antônia Xavier e Hipólita Jacinta Teixeira, Joaquina Lopes
<i>Cappitam</i>	Capp <sup>m</sup>	Maria Justina
<i>Captiva</i>	Cap <sup>ta</sup> .	Violante Clara de Miranda Henriques
<i>Captiva</i>	Cap <sup>va</sup> .	Violante Clara de Miranda Henriques
<i>Carmelo</i>	Carm <sup>o</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>cazamento</i>	cazam <sup>to</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>certamente</i>	certam <sup>te</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>Comadre</i>	Com <sup>e</sup> .   Com <sup>e</sup>	Josefa Maria de Santana, Maria Justina
<i>comodidade</i>	comod <sup>e</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>Compadre</i>	Compa <sup>e</sup> .	Josefa Maria de Santana
<i>Compadre</i>	Comp <sup>e</sup> .   Comp <sup>e</sup>	Josefa Maria de Santana e Maria Messias de Jesus e Lana
<i>companhia</i>	comp <sup>a</sup> .	Maria Messias de Jesus e Lana

comprimentos	comprim <sup>tos</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
conhecimento	conhecim <sup>to</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
constantemente	constantem <sup>c</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
constantes	const <sup>s</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
Correa	Corr <sup>a</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
correio	corr <sup>o</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
correspondente	correspond <sup>c</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
Credito   credito	Cred <sup>o</sup> .   cred <sup>o</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
Criada   criada	Cr <sup>a</sup>   cr <sup>a</sup> .	Alexandra Francisca Freire e Maria Justina
Criada	Crd <sup>a</sup> .	Rosa Maria de Jesus
criado	cr <sup>o</sup> .	Alexandra Francisca Freire, Maria Justina
cuidado	cuid <sup>o</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça e Ana Vicência Rodrigues de Almeida
cuidados	cuid <sup>os</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
daquela	daq <sup>la</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
decidido	decid <sup>o</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
Deus	D <sup>s</sup> .	Alexandra Francisca Freire, Ana Vicência Rodrigues de Almeida, Eugênia Soares de Jesus e Lan, Francisca Maria Antônia Xavier, Hipólita Jacinta Teixeira e Violante Clara de Miranda Henriques
dezeja	dez <sup>a</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
Dezejo   dezejo	Dez <sup>o</sup> .   dez <sup>o</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça, Rosa Maria de Jesus e Violante Clara de Miranda Henriques
dezejos	dez <sup>os</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
Dezembro	Dezbr <sup>o</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
Dezembro	Dzbr <sup>o</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier

diariamente	diariam <sup>te</sup> .	Alexandra Francisca Freire
diligências	dilig <sup>ças</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
dinheiro	dinr <sup>o</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
dinheiro	dr <sup>o</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
dita	d <sup>ta</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
ditas	d <sup>as</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
ditas	d <sup>tas</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
dito	d <sup>o</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
dito	d <sup>to</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida e Francisca Maria Antônia Xavier
Domingo	D <sup>o</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
Domingos	Domg <sup>os</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
egualmente	egualm <sup>te</sup> .	Maria Messias de Jesus e Lana
enfermidade	enfermid <sup>e</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
Engenho	Eng <sup>o</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
equidade	equid <sup>e</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
erdeiros	erdr <sup>os</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça e Ana Vicência Rodrigues de Almeida
et caetera	etr <sup>a</sup> .	Alexandra Francisca Freire e Ana Teresa Salter de Mendonça
eternamente	eternam <sup>e</sup> .	Joaquina Lopes
Excelencia	Ex <sup>a</sup> .	Violante Clara de Miranda Henriques
Excelencia	Ex <sup>ca</sup> .	Hipólita Jacinta Teixeira
Excelentissimo	Ex <sup>mo</sup> .	Violante Clara de Miranda Henriques
fallecimento	fallecim <sup>to</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
fato	f <sup>o</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça

<i>fazenda</i>	faz <sup>da</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>felicidades</i>	felicid <sup>es</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça e Hipólita Jacinta Teixeira
<i>felicidades</i>	felicid <sup>s</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>felizmente</i>	felism <sup>te</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>Fernandez</i>	Frz <sup>c</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>Ferreira</i>	Fer <sup>a</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>Ferreira</i>	Fr <sup>a</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>fevereiro</i>	fevr <sup>o</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>filha</i>	f <sup>a</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>Francisca</i>	Fran <sup>ca</sup> .	Alexandra Francisca Freire, Francisca Maria Antônia Xavier
<i>Francisco</i>	Fra <sup>co</sup> .	Josefa Maria de Santana
<i>Francisco</i>	Fran <sup>co</sup> .	Alexandra Francisca Freire, Ana Teresa Salter de Mendonça, Ana Vicência Rodrigues de Almeida, Francisca Maria Antônia Xavier, Joaquina Lopes, Josefa Maria de Santana e Rosa Maria de Jesus
<i>Freire</i>	Fr <sup>e</sup> .	Alexandra Francisca Freire
<i>gosto</i>	g <sup>to</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>grande</i>	grd <sup>e</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça, Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>grandes</i>	grd <sup>es</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>Guarde</i>	G <sup>de</sup> .	Eugênia Soares de Jesus e Lana e Violante Clara de Miranda Henriques
<i>Guarde</i>	G <sup>e</sup> .	Alexandra Francisca Freire e Francisca Maria Antônia Xavier
<i>Henriques</i>	H <sup>es</sup> .	Violante Clara de Miranda Henriques



humilde	hum <sup>e</sup> .	Violante Clara de Miranda Henriques
Illustríssimo	III <sup>ma</sup> .	Sidéria Maria da Conceição
Illustríssimo	III <sup>mo</sup> .   III <sup>mo</sup>	Alexandra Francisca Freire, Ana Teresa Salter de Mendonça, Eugênia Soares de Jesus e Lana, Hipólita Jacinta Teixeira, Joaquina Lopes, Josefa Maria de Santana, Maria Inácia de Lorena Silveira, Maria Justina, Maria Messias de Jesus e Lana e Rosa Maria de Jesus
imcareciddamente	imcareciddam <sup>te</sup> .	Josefa Maria de Santana
infelicidade	infelid <sup>e</sup> .	Hipólita Jacinta Teixeira
infelicidade	infilid <sup>e</sup>	Maria Justina
infelivelmente	infalivelm <sup>te</sup> .	Violante Clara de Miranda Henriques
Ioaquim	Ioaq <sup>m</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
Ioçe	I <sup>e</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
Jacinta	Jac <sup>ta</sup> .	Hipólita Jacinta Teixeira
Janeiro	Janr <sup>o</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
Joaquim	Joaq <sup>m</sup> .	Sidéria Maria da Conceição
Joaquina	Joaq <sup>na</sup> .	Joaquina Lopes
juntamente	juntam <sup>e</sup>	Maria Justina
Lembranças	L <sup>as</sup> .	Josefa Maria de Santana
Lembranças	L <sup>cas</sup> .	Josefa Maria de Santana
Lixboa	Lx <sup>a</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
Manoel	M <sup>el</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
merve	m <sup>ce</sup> .	Hipólita Jacinta Teixeira, Joaquina Lopes e Rosa Maria de Jesus
Meretíssimo   meretíssimo	M <sup>mo</sup> .   m <sup>mo</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier

<i>mesma</i>	$m^{ma}$ .	Ana Teresa Salter de Mendonça e Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>mesmo</i>	$m^{mo}$ .	Ana Teresa Salter de Mendonça e Hipólita Jacinta Teixeira
<i>mesmos</i>	$m^{mos}$ .	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>minha</i>	$m^a$ .	Alexandra Francisca Freire, Ana Teresa Salter de Mendonça, Ana Vicência Rodrigues de Almeida, Eugênia Soares de Jesus e Lana, Joaquina Lopes, Maria Justina, Maria Messias de Jesus e Lana e Violante Clara de Miranda Henriques
<i>minhas</i>	$m^{as}$ .	Ana vicência Rodrigues de Almeida e Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>muita</i>	$m^{ta}$ .	Eugênia Soares de Jesus e Lana, Francisca Maria Antônia Xavier
<i>muitas</i>	$m^{tas}$ .	Alexandra Francisca Freire, Francisca Maria Antônia Xavier
<i>Muito</i>   <i>muito</i>	$M^o$ .   $m^o$ .	Francisca Maria Antônia Xavier e Joaquina Lopes
<i>Muito</i>   <i>muito</i>	$M^{to}$ .   $M^{to}$   $m^{to}$ .   $m^{to}$	Alexandra Francisca Freire, Ana Teresa Salter de Mendonça, Ana Vicência Rodrigues de Almeida, Eugênia Soares de Jesus e Lana, Francisca Maria Antônia Xavier, Joaquina Lopes, Josefa Maria de Santana, Maria Inácia de Lorena Silveira e Maria Messias de Jesus e Lana
<i>Muitos</i>	$M^s$ .	Francisca Maria Antônia Xavier e Violante Clara de Miranda Henriques
<i>mulher</i>	$m^{er}$ .	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>naquela</i>	$naq^{la}$ .	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>necessario</i>	$necessar^o$ .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>noticias</i>	$not^{as}$ .	Ana Teresa Salter de Mendonça

<i>novembro</i>	9br <sup>o</sup> .	Alexandra Francisca Freire, Francisca Maria Antônia Xavier e Violante Clara de Miranda Henriques
<i>novidade</i>	novid <sup>e</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>OBigada</i>	OBr <sup>da</sup> .	Rosa Maria de Jesus
<i>obrigada</i>	obr <sup>a</sup> .   obr <sup>a</sup>	Alexandra Francisca Freire, Eugênia Soares de Jesus e Lana, Hipólita Jacinta Teixeira, Josefa Maria de Santana, Maria Inácia de Lorena Silveira, Maria Justina e Sidéria Maria da Conceição
<i>obrigada</i>	obrig <sup>da</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça e Francisca Maria Antônia Xavier
<i>obrigadíssima</i>	obrig <sup>am</sup> .	Eugênia Soares de Jesus e Lana e Maria Messias de Jesus e Lana
<i>obrigadíssima</i>	obrig <sup>ma</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>outubro</i>	8br <sup>o</sup> .	Violante Clara de Miranda Henriques
<i>Padre</i>	P <sup>e</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>pagamento</i>	pagam <sup>to</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>pagamentos</i>	pagam <sup>tos</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>para</i>	p <sup>a</sup> .   p <sup>a</sup>	Alexandra Francisca Freire, Ana Teresa Salter de Mendonça, Ana Vicência Rodrigues de Almeida, Eugênia Soares de Jesus e Lana, Hipólita Jacinta Teixeira, Maria Inácia de Lorena Silveira, Maria Justina, Sidéria Maria da Conceição e Violante Clara de Miranda Henriques
<i>parte</i>	p <sup>te</sup> .	Alexandra Francisca Freire, Ana Teresa Salter de Mendonça, Francisca Maria Antônia Xavier e Violante Clara de Miranda Henriques
<i>partes</i>	p <sup>tes</sup> .	Alexandra Francisca Freire
<i>particular</i>	p <sup>ar</sup> .	Rosa Maria de Jesus

particularidade	particularid <sup>e</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
particularmente	particularm <sup>e</sup> .	Hipólita Jacinta Teixeira
pela	p <sup>la</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
pelo	p <sup>lo</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
por	p <sup>r</sup> .   p <sup>r</sup>	Alexandra Francisca Freire, Ana Vicência Rodrigues de Almeida, Eugênia Soares de Jesus e Lana, Hipólita Jacinta Teixeira, Joaquina Lopes, Maria Inácia de Lorena Silveira e Maria Messias de Jesus e Lana
porque	porq <sup>e</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça e Violante Clara de Miranda Henriques
portadora	port <sup>ar</sup> .	Hipólita Jacinta Teixeira
presente	prez <sup>e</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
presente	prez <sup>te</sup> .	Violante Clara de Miranda Henriques
presentemente	prezentem <sup>te</sup> .	Alexandra Francisca Freire
Prima	P <sup>a</sup> .	Eugênia Soares de Jesus e Lana
Prima	Pr <sup>a</sup> .	Hipólita Jacinta Teixeira e Maria Messias de Jesus e Lana
primeira	pr <sup>a</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
primeiras	pr <sup>as</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
primeiro	pr <sup>o</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça, Ana Vicência Rodrigues de Almeida e Francisca Maria Antônia Xavier
Primo	Pr <sup>o</sup> .	Alexandra Francisca Freire, Ana Teresa Salter de Mendonça e Eugênia Soares de Jesus e Lana
principal	pr <sup>al</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
principalmente	prinsipalm <sup>te</sup>	Maria Messias de Jesus e Lana

<i>qual</i>	q <sup>l</sup> .	Alexandra Francisca Freire, Maria Messias de Jesus e Lana
<i>qualidades</i>	qualid <sup>s</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>quando</i>	q <sup>do</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça, Ana Vicência Rodrigues de Almeida, Eugênia Soares de Jesus e Lana e Josefa Maria de Santana
<i>quantia</i>	q <sup>ta</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>quanto</i>	q <sup>to</sup> .	Alexandra Francisca Freire, Ana Vicência Rodrigues de Almeida, Francisca Maria Antônia Xavier e Violante Clara de Miranda Henriques
<i>que</i>	q <sup>e</sup> .   q <sup>c</sup>	Alexandra Francisca Freire, Ana Vicência Rodrigues de Almeida, Eugênia Soares de Jesus e Lana, Hipólita Jacinta Teixeira, Joaquina Lopes, Maria Messias de Jesus e Lana e Violante Clara de Miranda Henriques
<i>queira</i>	qr <sup>a</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>quem</i>	q <sup>m</sup> .	Alexandra Francisca Freire, Ana Teresa Salter de Mendonça, Eugênia Soares de Jesus e Lana, Joaquina Lopes e Violante Clara de Miranda Henriques
<i>quer</i>	q <sup>r</sup> .	Hipólita Jacinta Teixeira
<i>quero</i>	qr <sup>o</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>raçabemento</i>	raçabem <sup>to</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>recomendado</i>	recomend <sup>o</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>Reis   reis</i>	R <sup>s</sup> .   r <sup>s</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>rendimentos</i>	rendim <sup>tos</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>repente</i>	rep <sup>te</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>requerimento</i>	requerim <sup>to</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça e Hipólita Jacinta Teixeira

respeito	resp <sup>to</sup> .	Violante Clara de Miranda Henriques
respeito	resp <sup>to</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
resposta	resp <sup>ta</sup>	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>Reverendíssima</i>	R <sup>ma</sup> .	Hipólita Jacinta Teixeira
<i>Reverendo</i>	R <sup>o</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>Rica</i>	R <sup>a</sup> .	Alexandra Francisca Freire
<i>Rio</i>	R <sup>o</sup> .	Hipólita Jacinta Teixeira
<i>salvamente</i>	salvam <sup>te</sup> .	Eugênia Soares de Jesus e Lana
<i>Santo</i>	S <sup>to</sup> .	Alexandra Francisca Freire
<i>Santos</i>	S <sup>tos</sup> .	Alexandra Francisca Freire, Ana Vicência Rodrigues de Almeida, Hipólita Jacinta Teixeira, Josefa Maria de Santana e Rosa Maria de Jesus
<i>satisfeito</i>	satisf <sup>o</sup> .	Violante Clara de Miranda Henriques
<i>satisfeito</i>	satisft <sup>o</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>saudades</i>	saud <sup>es</sup> .	Alexandra Francisca Freire e Hipólita Jacinta Teixeira
<i>Saudades</i>	Saud <sup>s</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>segunda</i>	seg <sup>da</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>Senhor</i>	Snr <sup>o</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>Senhor</i>	S <sup>or</sup> .	Josefa Maria de Santana e Rosa Maria de Jesus
<i>senhor</i>	sr <sup>e</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
<i>Senhor   senhor</i>	Snr <sup>e</sup> .   snr <sup>e</sup> .	Alexandra Francisca Freire, Ana Teresa Salter de Mendonça, Eugênia Soares de Jesus e Lana, Hipólita Jacinta Teixeira, Maria Messias de Jesus e Lana e Violante Clara de Miranda Henriques

<i>Senhor</i>   <i>senhor</i>	S <sup>r</sup> .   s <sup>r</sup> .	Alexandra Francisca Freire, Ana Vicência Rodrigues de Almeida, Francisca Maria Antônia Xavier, Hipólita Jacinta Teixeira e Sidéria Maria da Conceição
<i>Senhora</i>   <i>senhora</i>	Snr <sup>a</sup> .   snr <sup>a</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça e Sidéria Maria da Conceição
<i>Senhora</i>   <i>senhora</i>	Sr <sup>a</sup> .   sr <sup>a</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier e Sidéria Maria da Conceição
<i>Senhora</i>   <i>senhora</i>	S <sup>ra</sup> .   s <sup>ra</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
<i>Senhoras</i>   <i>senhoras</i>	Snr <sup>as</sup> .   snr <sup>as</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça e Sidéria Maria da Conceição
<i>Senhoria</i>   <i>senhoria</i>	S <sup>a</sup> .   s <sup>a</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça, Eugênia Soares de Jesus e Lana, Maria Messias de Jesus e Lana e Sidéria Maria da Conceição
sentimentos	sentim <sup>tos</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
<i>silva</i>	s <sup>a</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida, Eugênia Soares de Jesus e Lana
<i>Silva</i>	S <sup>a</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier e Maria Messias de Jesus e Lana
sobrinha	sobr <sup>a</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
sobrinbo	sobr <sup>o</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
socedido	soced <sup>o</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
somente   sómente	som <sup>te</sup> .   sóm <sup>te</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça, Francisca Maria Antônia Xavier e Violante Clara de Miranda Henriques
suavidade	suavid <sup>e</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça
Teixeira	Teix <sup>ra</sup> .	Hipólita Jacinta Teixeira
tempo	tp <sup>o</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
Tenente	Tent <sup>e</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida
Tenente	Tnt <sup>e</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida

Terremoto	Terrem <sup>to</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
umilde	um <sup>de</sup>	Maria Inácia de Lorena Silveira
verdade	verd <sup>e</sup> .	Ana Teresa Salter de Mendonça, Ana Vicência Rodrigues de Almeida, Francisca Maria Antônia Xavier e Violante Clara de Miranda Henriques
Vigário	Vigr <sup>o</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
Vila   vila	V <sup>a</sup> .   v <sup>a</sup> .	Alexandra Francisca Freire e Ana Teresa Salter de Mendonça
vontade	vont <sup>e</sup> .	Violante Clara de Miranda Henriques
vomtade	vomt <sup>e</sup> .	Eugênia Soares de Jesus e Lana
Xavier	Xa <sup>er</sup> .	Francisca Maria Antônia Xavier
Xavier	X <sup>er</sup> .	Ana Vicência Rodrigues de Almeida

Assim como observado em relação às abreviaturas por apócope, também não há nas cartas casos das duas últimas categorias de abreviatura: por signos especiais e por letras. É válido, entretanto, tecer breves comentários sobre cada uma delas.

Sobre a primeira, ressalta-se que um dos exemplos mais conhecidos de abreviaturas por signos especiais são as notas tironianas, que tiveram sua origem atribuída Marcus Tullius Tiro, escravizado liberto de Cícero, que as teria criado em Roma no século 1 (CONTRERAS, 1994). De acordo com Spina (1977, p. 46-47), elas são

[...] um sistema de abreviação, de índole muitíssimo complexa, usado pelos romanos para cópias de livros inteiros ou transcrição de discursos proferidos ao vivo; é um sistema estenográfico, e tudo mesmo como a mais antiga forma de taquigrafia na Europa [...] Tais notas originavam-se geralmente do alfabeto maiúsculo romano, e se constituíam de um "signo principal" (normalmente a letra inicial da palavra) e de "signos auxiliares", que figuram a terminação do vocábulo.

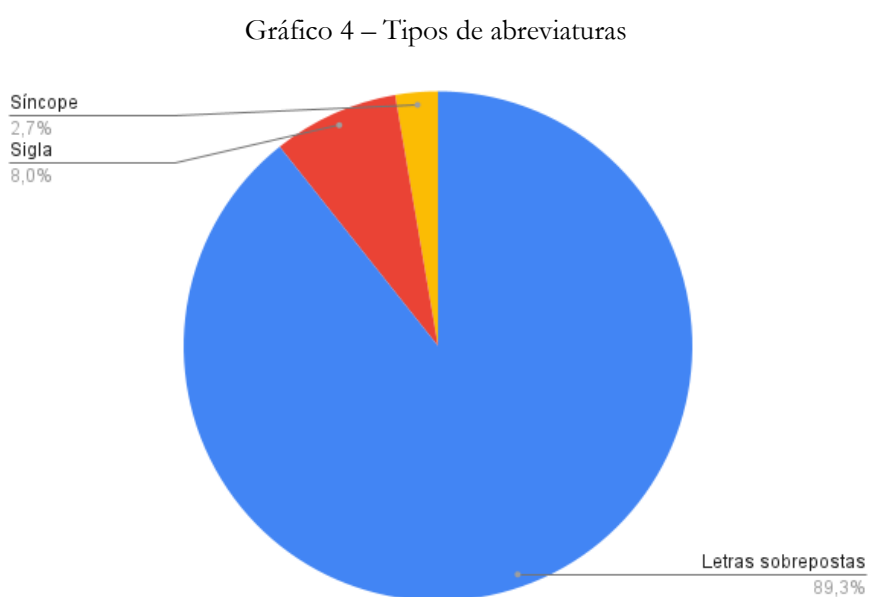
Assim como as notas tironianas, as letras numerais também têm origem romana. Tais abreviaturas expressam quantidades e referências cronológicas e são utilizadas até os dias atuais, sendo conhecidas também por “números romanos”. Como explica Spina (1977, p. 47):

Das sete letras maiúsculas de seu alfabeto – I, V, X, L, C, D e M –, serviram-se os romanos para indicar respectivamente os números 1, 5, 10, 50, 100, 500 e 1.000; uma letra de menor valor colocada antes de outra significa subtração (XL = 40); a sucessão das mesmas indicava soma (XXX = 30); mas a sobreposição de uma barra horizontal à letra multiplicava mil vezes o seu valor (D = 500.000). Daí que I = M e M = um milhão.



De maneira concisa, o que constatamos ao fazer o levantamento exaustivo das abreviaturas presentes nos manuscritos, tomando como base metodológica as classificações propostas por Spina (1977), é que são utilizadas pelas autoras das cartas somente 3 tipos de abreviatura: por sigla, por síncope e por letras sobrepostas.

Se somarmos todos os dados apresentados nos quadros 33, 34 e 35 temos um total de 261 palavras abreviadas de formas diferentes, excetuando-se as repetições de uma mesma forma. Como mostra o gráfico 4, a seguir, 8% das abreviaturas são por sigla; 2,7% por síncope e 89,3% por letras sobrepostas. Dessa forma, o que vemos nos documentos estudados é uma forte predominância do uso de abreviaturas por letras sobrepostas.



Em síntese, uma das funções do estudo das abreviaturas é dar mais segurança tanto para a etapa de transcrição como a de edição dos documentos. Os dados obtidos nessa análise, entretanto, podem ultrapassar seu objetivo primário: ainda que o *corpus* aqui analisado seja muito pequeno para permitir qualquer conclusão que ultrapasse a si mesmo, as informações levantadas podem dar pistas importantes sobre o sistema abreviativo adotado em textos de língua portuguesa do final do século XVIII e início do XIX.

### 3.2.3 Exame das assinaturas

Se o estudo das abreviaturas se faz necessário para uma leitura mais acurada dos manuscritos do *corpus*, bem como contribui para uma maior compreensão sobre a produção de tais textos, o exame das assinaturas das epístolas também possui uma importância dupla. Por um lado, ele auxilia em uma paleografia de análise que, como exposto anteriormente, se preocupa em responder quando, onde e

como se escreveu. Por outro lado e, sobretudo por esta razão, uma melhor compreensão a respeito da redação das assinaturas permite o levantamento de hipóteses sobre quem escreveu o texto, tema tocante à história social da escrita, uma vez que dá suporte para pensar na questão dos manuscritos autógrafos (escritos pela própria autora) e idiógrafos (escritos por um terceiro, mas sob acompanhamento da mulher).

Ponderamos, entretanto, que as assinaturas são uma amostra bastante pequena de texto, o que não nos permite afirmar de maneira totalmente decisiva se a letra da assinatura é a mesma do corpo do texto. Para uma análise cabal, seria necessário recorrer a mais documentos supostamente escritos pelas autoras e compará-los entre si, o que não é possível realizar com grande parte das remetentes das cartas, das quais temos localizado(s) somente um ou dois manuscritos. À vista disso, mais do que dar uma resposta definitiva sobre a escrita autógrafa ou idiógrafa, buscamos neste exame expor de maneira consistente e sistemática as pistas que as escritas nos dão e que podem apontar para um ou outro modo de produção do texto.

No que concerne aos métodos empregados para realizar o dito exame, optou-se por partir da paleografia, tanto devido à especificidade da área no estudo das letras e da escrita, bem como pela amplidão de ferramentas que ela nos proporciona. Nas palavras de Magalhães e Lose (2021, p. 145):

O exercício acadêmico da Paleografia, na maioria das vezes, negligencia o exame da autoria da escrita dos que se trabalha, estando essa atividade restrita a contextos notariais e judiciais (quicá arquivísticos), muito mais associados à Grafologia. É escusado, todavia, dizer que a Paleografia dispõe de todos os instrumentos necessários para tal verificação [...].









Sendo assim, um desses instrumentos bastante abordados por quem se dedica a estudar paleografia, e que se mostra de grande importância para a presente análise, é o que a literatura costuma denominar de elementos constitutivos da escrita. Contreras (1994, p. 38, tradução nossa) divide tais elementos em dois grupos: “[...] aqueles que se referem a escrita dos signos”, como morfologia, ângulo, *ductus*, módulo, ligadura e nexos; e os que “[...] concorrem em uma determinada escrita e que, de algum modo, a condicionam”, como o estilo, a matéria subjetiva e os caracteres internos. Nesta pesquisa nos interessa, sobretudo, o primeiro desses grupos, cujos elementos estão melhor descritos a seguir.

- 1) **Morfologia:** também chamada de *forma*, é o aspecto exterior das letras do alfabeto. De acordo com Contreras (1994, p.38, tradução nossa), ela se trata: “[...] de formas comuns a todos que escrevem em um mesmo sistema gráfico e que, por isso, podem ser reconhecidas por qualquer leitor”.
- 2) **Ângulo:** é a inclinação da letra, causada pela posição do instrumento de escrita em relação ao suporte. Aqui, também é importante considerar as condições de escrita, já que há uma influência da “[...] postura da pessoa que escreve” e da “[...] posição mais

ou menos inclinada da matéria em que se escreve” (CONTRERAS, 1994, p.38-39, tradução nossa).

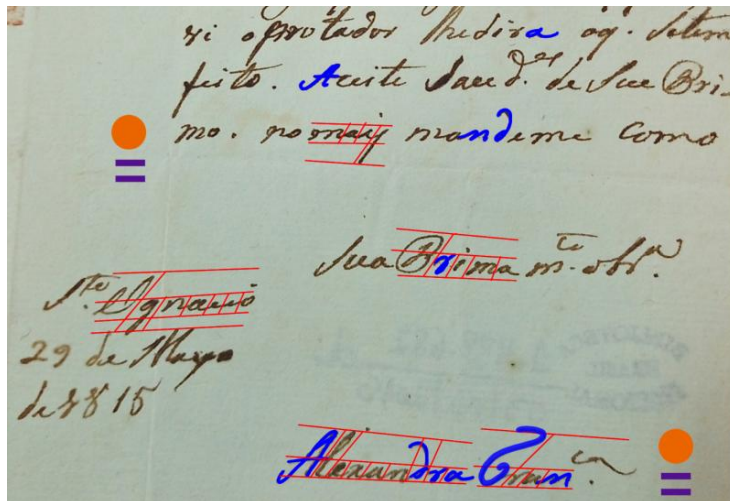
- 3) **Ductus:** caracteriza-se pela ordem de sucessão dos traçados da letra, ou seja, o caminho que o instrumento de escrita percorre sobre o suporte. Contreras (1994, p. 41, tradução nossa), destaca que: “[o] traçado das letras que constituem o corpo de um escrito está muito influenciado pelo *ductus* desse escriba, de modo que a um *ductus* veloz corresponda um traço simples, e vice-versa”.
- 4) **Módulo:** é a “[...] dimensão da forma das letras” (CONTRERAS, 1994, p. 42, tradução nossa). Isto é, a relação entre altura *versus* largura de uma determinada escrita.
- 5) **Peso:** como o próprio nome sugere, é o peso que a mão coloca no instrumento de escrita e que, por sua vez, reflete nos grafemas registrados no suporte. Contreras (1994, p. 42) destaca que tal característica pode ser observada pela presença de traços grossos (ou de uma “escrita pesada”) e de traços finos (ou de uma “escrita ligeira”).
- 6) **Ligaduras e nexos:** são, respectivamente, os traços que unem uma letra à outra e a união de duas ou mais letras por sobreposição (CONTRERAS, 1994, p. 43). Tais aspectos estão ligados, também, a uma ideia de maior ou menos cursividade da escrita.

Partindo de tais elementos constitutivos, tomamos como base a metodologia de dois trabalhos que se preocuparam em analisar os punhos de distintos manuscritos: o desenvolvido por Magalhães e Lose (2021), que analisou o códice 132 da Coleção Pombalina da Biblioteca Nacional de Portugal; e o de Lose e Santos (2019), que verificou a autoria dos papéis sediciosos da Conjuração Baiana. Para ambas as pesquisas foram definidos símbolos que marcavam as características de peso, cursividade, nexos, ângulo, hastes, laçadas e *ductus*. Para o exame das assinaturas das cartas de mulheres aqui realizado, optou-se por fazer uma adaptação de tais sinais, que se configurou do modo mostrado abaixo:

- 1) **Peso:** maior  ou menor 
- 2) **Ângulo:** 
- 3) **Ductus:** 
- 4) **Precisão do traçado:** maior , menor  ou igual 
- 5) **Mudança aparente de tinta:** 

Dessa forma, não foram adotadas as anotações de nexos, hastes e laçadas, bem como houve uma necessidade exposta pelos próprios documentos do *corpus* de incluir mais dois critérios de análise: a precisão do traçado, que examina se uma escrita é mais titubeada e hesitante ou se, pelo contrário, é mais estável e regular; e a mudança aparente na tinta da assinatura em relação ao corpo da carta. As exclusões são justificadas pelo fato de não haver mudanças significativas de nenhum dos elementos nos manuscritos estudados. Destacamos, ainda, que nas figuras a seguir usamos a marcação azul, referente ao *ductus*, para tentar refazer a ordem de sucessão dos traçados dos alógrafos. Para isso, desenhemos sobre a digitalização da carta, com o auxílio de um *tablet* e uma caneta digital. Tendo definido a forma pela qual as assinaturas serão estudadas, podemos seguir para as análises propriamente ditas.

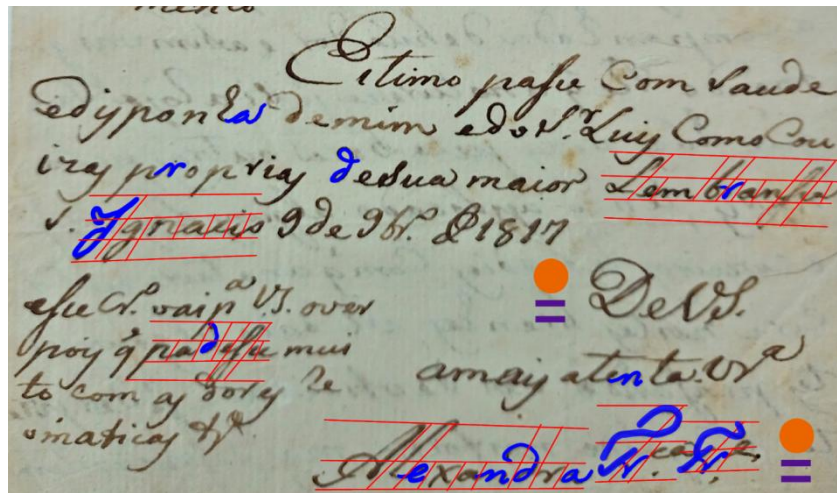
Figura 21 – Análise da assinatura de Alexandra Francisca Freire



Apesar de Alexandra Francisca Freire ser remetente de 11 cartas do *corpus*, para fins de exemplificação foram selecionados trechos finais de duas de suas cartas, haja vista que não há alterações significativas nos demais manuscritos. Na figura 21 acima, o que se verifica é uma escrita uniforme, com peso e precisão bastante regulares. Além disso, não há mudanças aparentes na tinta e todas as letras possuem um ângulo levemente inclinado à direita. Também não há grandes mudanças no *ductus*: percebe-se que as letras “A”, “n”, “d” e “r” têm exatamente os mesmo alógrafos tanto no corpo do texto como na assinatura. Entretanto, quando comparamos essa letra, que é a mesma de dez de seus manuscritos,<sup>17</sup> com a de AFF\_07, são perceptíveis algumas mudanças consideráveis.

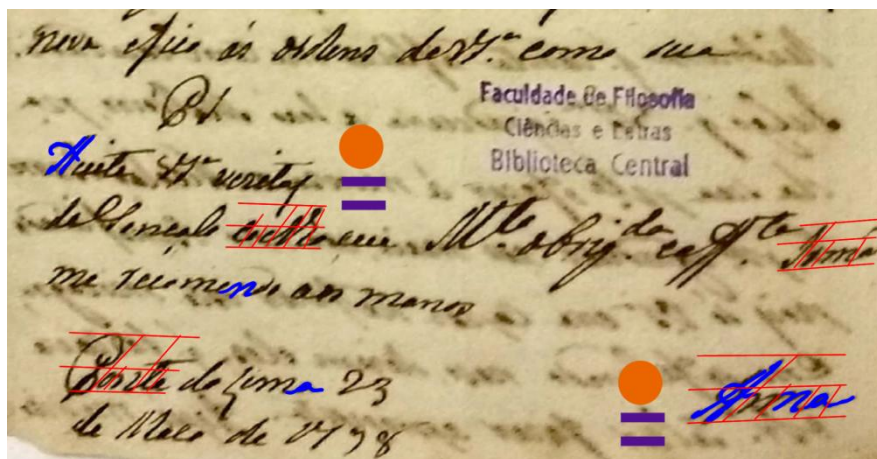
<sup>17</sup> Nos referimos aqui à AFF\_01, AFF\_02, AFF\_03, AFF\_04, AFF\_05, AFF\_06, AFF\_08, AFF\_09, AFF\_10 e AFF\_11.

Figura 22 – Análise da assinatura de AFF\_07



Apesar da letra dessa missiva possuir peso, ângulo e precisão bastante parecidos com a anterior, o primeiro ponto que chama a atenção é o *ductus*, que apresenta alguns alógrafos bastante distintos das demais cartas, como o “F” maiúsculo. Observava-se, também, que este é o único documento em que a assinatura da remetente aparece de forma diferente: enquanto aqui o nome é grafado como “Alexandra Fr<sup>ca</sup>. Fr<sup>e</sup>.” (Alexandra Francisca Freire), nos outros dez está assinado apenas como “Alexandra Fran<sup>ca</sup>.” (Alexandra Francisca). Também é notável que esta carta apresenta uma letra dotada de maior cursividade do que as demais. Logo, as características comentadas podem ser indicativas de que AFF\_07 foi escrita e assinada por um punho que não é o da Alexandra.

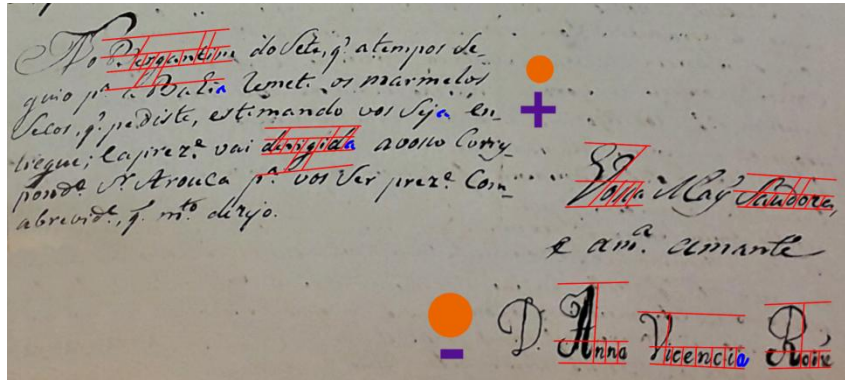
Figura 23 – Análise da assinatura de Ana Teresa Salter de Mendonça



Assim como feito metodologicamente no caso de Alexandra Francisca Freire, para ilustrar a análise da assinatura dos documentos de Ana Teresa Salter de Mendonça também foi selecionado somente o trecho final de uma de suas cartas. O exame realizado nos manuscritos dessa autora revela que é provável que o punho que redigiu as cartas tenha sido o mesmo que assinou o documento. Tal

dedução se dá pelo fato de ambas as letras terem as mesmas características: o peso e a precisão são uniformes, sem sinais aparentes de mudança de tinta e ângulo pendente à direita. Além disso, é possível encontrar uma constância dos alógrafos de “A”, “n” e “a” da assinatura no restante dos documentos.

Figura 24 – Análise da assinatura de Ana Vicência Rodrigues de Almeida



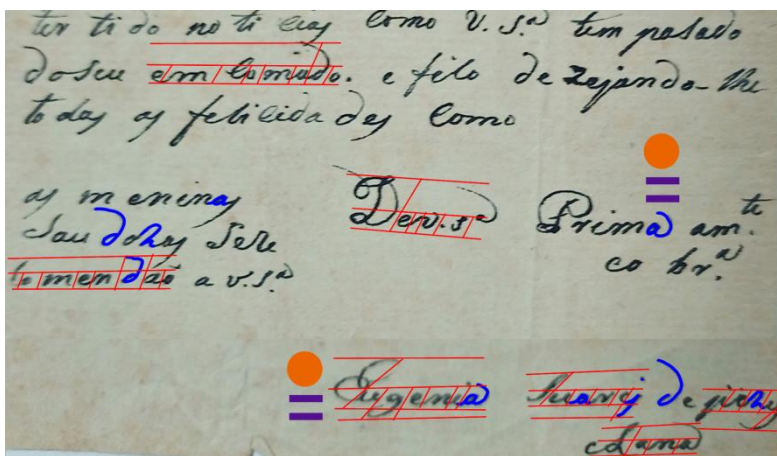
Já no manuscrito de Ana Vicência Rodrigues de Almeida há diferenças aparentes na escrita. A primeira delas é em relação ao peso e à precisão do traçado: enquanto no corpo da missiva vemos um traço mais leve e preciso; na assinatura, o instrumento de escrita parece ter um peso maior em relação ao suporte e as letras foram grafadas de modo mais titubeado. O que vemos em relação ao ângulo, é uma escrita inclinada à direita, ao contrário do nome ao fim, em que o ângulo usado é praticamente reto. Também há grandes distinções no *ductus*, principalmente da letra “a” em posição final. Como pode ser melhor observado no quadro 36 a seguir, enquanto, na assinatura, tais letras são escritas sempre fechadas, no restante do manuscrito elas são grafadas com traços que quase nunca se unem, o que resulta em um “a” aberto.

Quadro 36 – Alógrafos de “a” final da carta de AVRA\_01

Corpo do texto	Assinatura

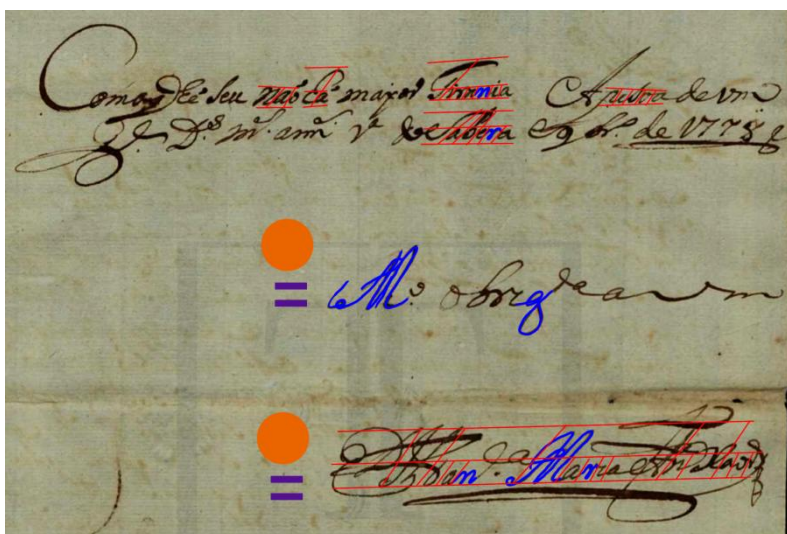
Em síntese, o que percebemos neste documento são diversas características dos elementos constitutivos da escrita que apontam para dois punhos em sua redação, um que grafou o manuscrito em si e outro que o assinou. Possivelmente, o que temos aqui é um caso de escrita delegada, em que Ana Vicência tenha ditado a outra pessoa o conteúdo de sua carta e somente a assinado ao fim.

Figura 25 – Análise da assinatura de Eugênia Soares de Jesus e Lana



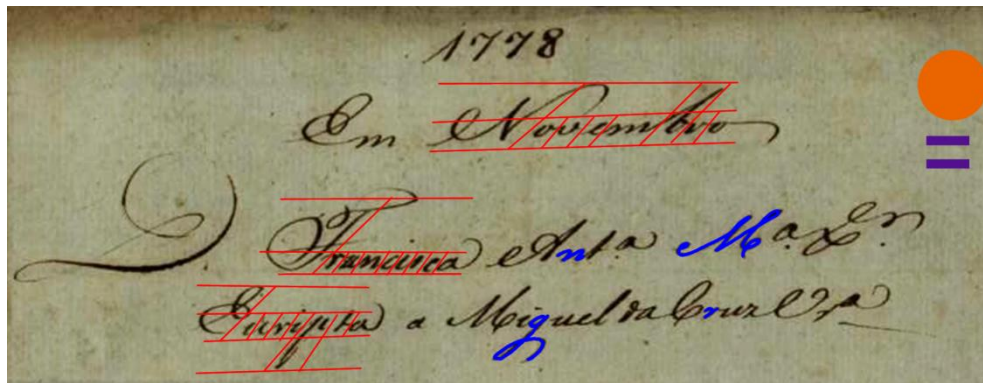
No documento de Eugênia Soares de Jesus e Lana, em contrapartida, nota-se uma escrita em que o corpo da carta e a assinatura possuem traços conformes. Ambas têm um ângulo tendente à direita, com peso, precisão e tinta sem distinções aparentes. O *ductus* das letras também é regular, principalmente entre “d”, “z”, “a” e “s” em posição final. Nota-se que em ESJL\_01 sua assinatura está grafada somente como “Eugenia”, enquanto em ESJL\_02 e EJSJL\_03 seu nome está assinado de forma completa, ou seja, como “Eugenia Soares de Jesus e Lana.” Ainda assim, a análise paleográfica não aponta para uma diferença entre de letra entre os punhos que redigiram as missivas, podendo tratar-se somente de uma escolha da remetente. Em conclusão, os dados levantados indicam que a mão que assinou a epístola é a mesma que escreveu o resto do documento.

Figura 26 – Análise da assinatura de Francisca Maria Antônia Xavier



Assim como o documento de Eugênia, o de Francisca Maria Antônia Xavier também parece ter sido escrito e assinado por um mesmo punho. O peso e a precisão são constantes, bem como o ângulo inclinado à direita. O *ductus* também é contínuo, como pode ser observado, por exemplo, nas letras “n” e “r”. Há, entretanto, um ponto que merece atenção: no verso do segundo fólio, o último do manuscrito, há uma anotação que parece ter sido realizada por outra pessoa, como mostrado na figura 27 a seguir.

Figura 27 – Análise do último fólio da carta de Francisca Maria Antônia Xavier

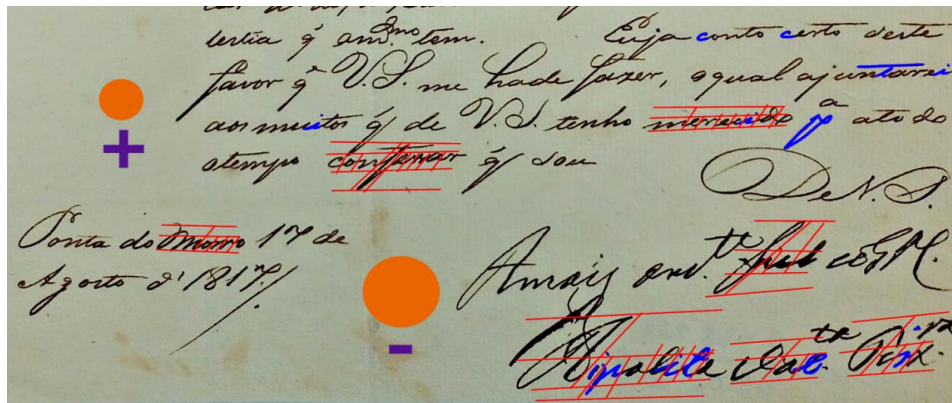


Comparando-se a assinatura e o restante da carta, percebe-se aqui um ângulo também inclinado à direita e uma precisão bastante similar. Contudo, peso de escrita é um pouco menor, assim como há diferenças marcantes no *ductus* das letras, principalmente de “M” e “g”. Vale ainda destacar que, nesse último fólio, há uma inversão no nome da autora da carta: enquanto na assinatura consta o nome de “Dona Francisca Maria Antonia Xavier”, aqui o nome da mulher está redigido como “Dona Francisca Antonia Maria Xavier”.

Os dados levantados apontam para a existência de dois punhos presentes na carta, mas não como o observado no manuscrito de Ana Vicência. Aqui, parece que uma mão redigiu o corpo e a assinatura do documento, e um segundo punho escreveu no último fólio algumas informações a respeito da epístola, mais especificamente, ano, mês, nome da remetente e do destinatário.

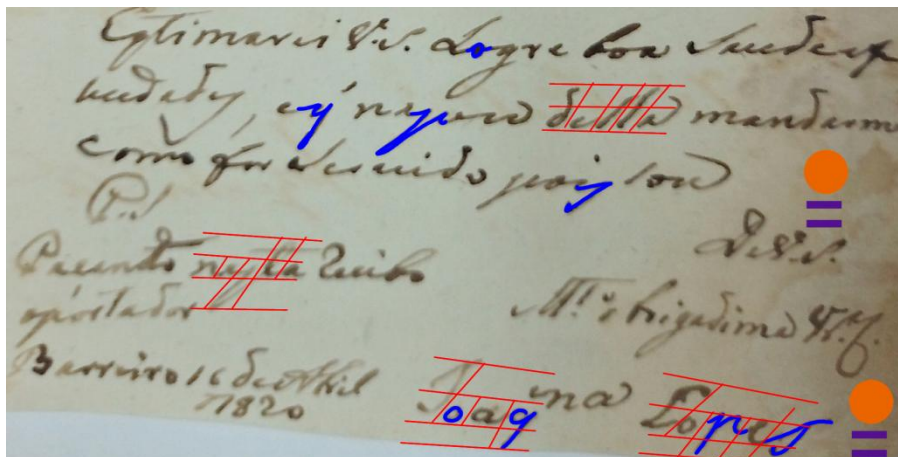


Figura 28 – Análise da assinatura de Hipólita Jacinta Teixeira



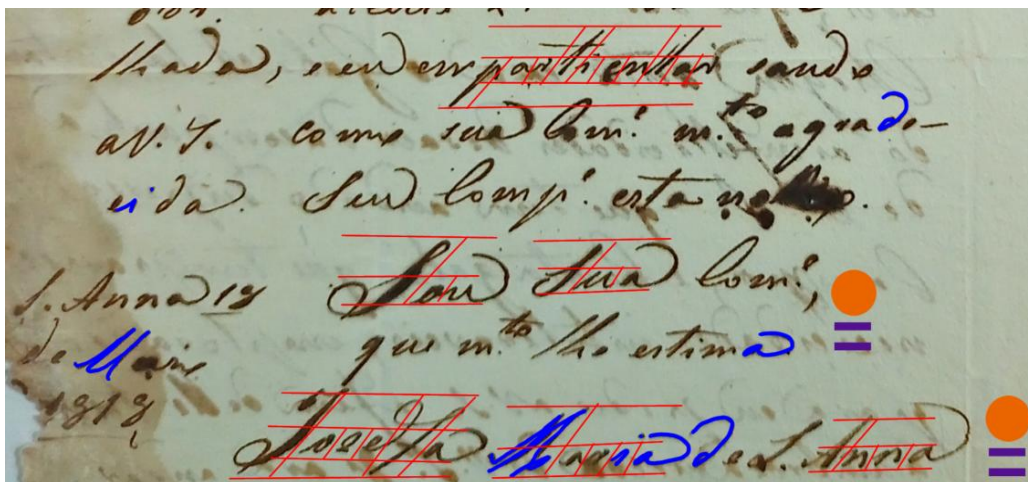
Sobre os manuscritos de Hipólita Jacinta Teixeira, ressalta-se que, apesar de o ângulo do corpo da carta e da assinatura serem similares, há diversas diferenças notáveis. Tanto a assinatura como o fecho complementar (Cf. 3.3.1) possuem maior peso, menos precisão e menor módulo. Além disso, também há diferenças no *ductus* de ambas as escritas, sobretudo em relação às letras “i”, “p” e “c”. Sendo assim, tal qual observado no caso de Ana Vicência Rodrigues de Almeida, no caso de Hipólita Jacinta também há uma provável mudança de punho em relação a quem escreveu e assinou a missiva, o que aponta para um manuscrito idiográfico.

Figura 29 – Análise da assinatura de Joaquina Lopes



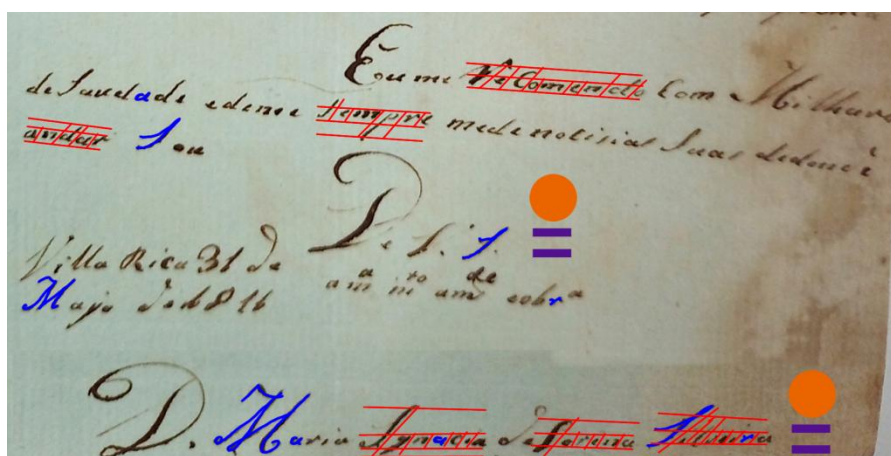
No caso de Joaquina Lopes, observa-se uma escrita bastante análoga em todo o manuscrito. O punho que o redigiu mostra precisão, ângulo e peso sem alterações visíveis. Do mesmo modo, não há troca de tinta aparente. Em relação ao *ductus*, há uma constância nos alógrafos, como pode observado nas letras “o”, “q”, “p”, e “s” em posição final. Assim, não há dados que apontem para uma possível escrita idiográfica, mas assinada pela autora.

Figura 30 – Análise da assinatura de Josefa Maria de Santana



Assim como realizado nos casos de Ana Teresa Salter de Mendonça, para exemplificar a análise da escrita de Josefa Maria de Santana foi escolhido somente um dos documentos. Tal decisão se deu pelo fato de não haver variações relevantes entre as suas missivas. Quando comparamos a assinatura com o corpo do texto, também se percebem poucas distinções: há uma igualdade no peso, na precisão e no ângulo, que é inclinado à direita. Embora haja uma pequena distinção na grafia do “M”, em que no corpo da missiva o traço final é reto e na assinatura é desenhada uma laçada, os demais alógrafos são encontrados em ambas as partes, como por exemplo nos casos de “i”, “a” e “d”. À vista disso, é provável que as cartas de Josefa Maria de Santana tenham sido escritas pelo mesmo punho que as assinou.

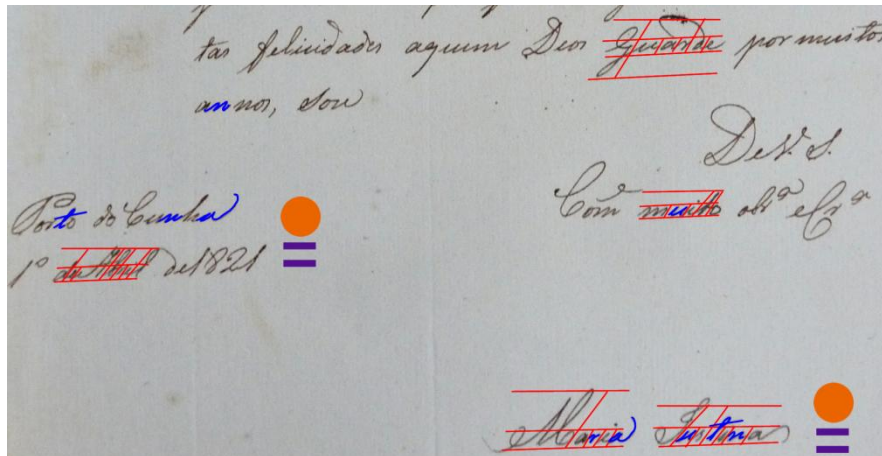
Figura 31 – Análise da assinatura de Maria Inácia de Lorena Silveira



O mesmo descrito na análise anterior é perceptível no caso de Maria Inácia de Lorena Silveira: o “M” da assinatura possui uma distinção significativa, uma vez que a última linha da assinatura termina em uma voluta que não há no corpo da carta. Entretanto, outras letras como “a”, “S” e “r” não

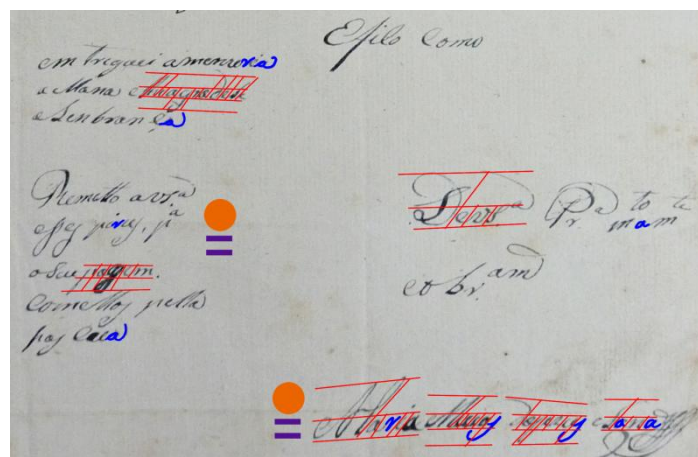
apresentam diferenças no traçado do *ductus*. Igualmente é perceptível uma grande regularidade no ângulo, no peso e na precisão da escrita. Tais características fundamentam a hipótese de que o manuscrito foi redigido por uma única mão.

Figura 32 – Análise da assinatura de Maria Justina



Nos manuscritos de Maria Justina, vê-se que o corpo das epístolas e a assinatura possuem uma escrita regular e sem grandes distinções, o que é indicativo de terem sido redigidos por uma única pessoa. O peso, o ângulo inclinado à direita e a precisão também são bastante similares. Por fim, não há mudanças aparentes na tinta e no *ductus*, como pode ser notado nos grafemas “r”, “a”, “u”, “t” e “n”, destacados na figura 29 acima.

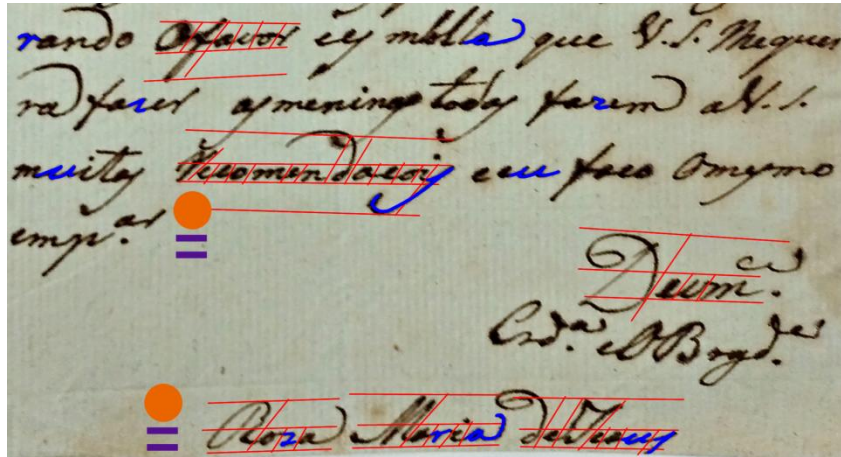
Figura 33 – Análise da assinatura de Maria Messias de Jesus e Lana



Maria Messias de Jesus e Lana, por sua vez, foi autora de somente uma carta, que provavelmente também foi escrita e assinada por um único punho. Como evidência, observa-se uma letra em que os alógrafos se repetem em ambas as partes, como pode ser observado nos casos de “s”

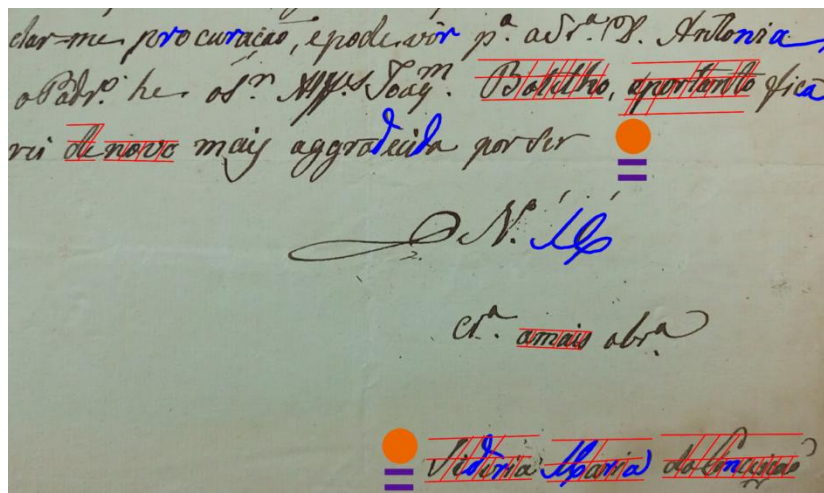
final, “r” medial e “a” final e medial. Além disso, não há variações aparentes de tinta e precisão. O ângulo também é estável e sempre pendente à direita.

Figura 34 – Análise da assinatura de Rosa Maria de Jesus



O mesmo exposto em relação à remetente anterior parece ser aplicável ao caso de Rosa Maria de Jesus. A autora possui uma escrita que mostra conformidade em relação à precisão, ao tipo da tinta, ao peso e ao ângulo, que é voltado à direita. O *ductus* também não apresenta grandes variações, como pode ser visto nas letras “u”, “z”, “r” “s” e “a”, que são encontradas em ambas as partes. Assim, os dados levantados sugerem que a epístola foi escrita inteiramente por uma única pessoa.

Figura 35 – Análise da assinatura de Sidéria Maria da Conceição

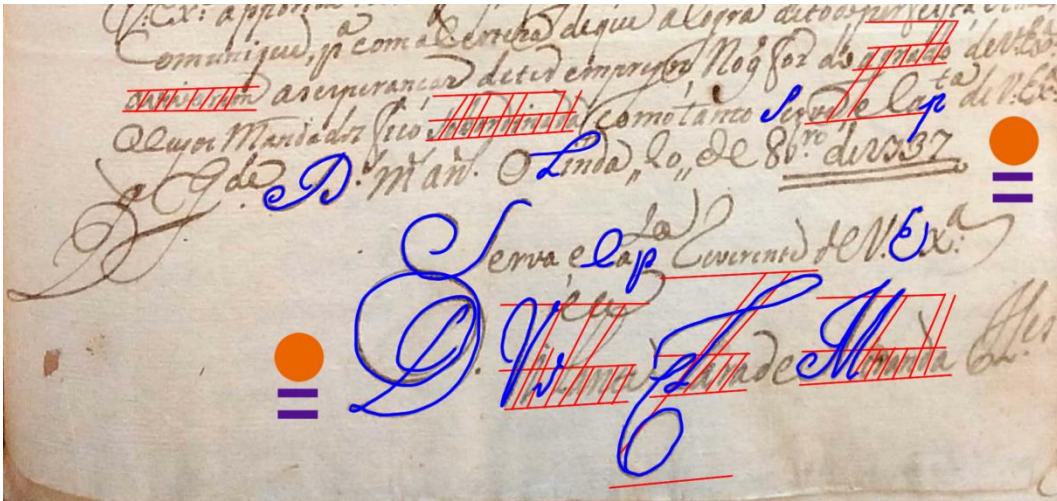


O exame realizado na epístola de Sidéria Maria da Conceição também sugere que o manuscrito foi redigido materialmente por um único punho. Para justificar tal hipótese, destaca-se a presença de alógrafos que possuem *ductus* bastante similares tanto no corpo do texto como na assinatura, por

exemplo, como pode ser visto em “d”, “r”, “M”, “a” final e “n”, destacado na figura acima. Também não há alterações significativas de ângulo, peso, precisão e tinta.

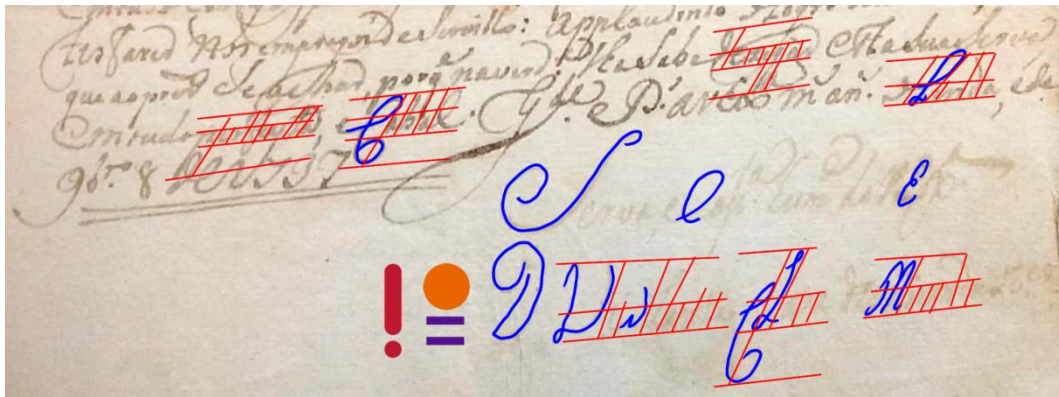
Ao contrário da metodologia aplicada às outras ocorrências de mulheres que são autoras de mais de uma missiva, no caso de Violante Clara de Miranda Henriques serão analisadas as assinaturas de ambos os documentos, haja vista que há distinções significativas entre as correspondências. Começamos com o manuscrito VCMH\_01.

Figura 36 – Análise da assinatura de VCMH\_01



No manuscrito acima apresentado, vemos uma escrita com ângulo, peso e precisão bastante parecidos. O *ductus*, porém, apresenta algumas distinções: o alógrafo de “D” da assinatura não está presente em mais nenhum outro local da missiva, nem em VCMH\_02; o “V” de “Violante” também é bem mais anguloso do que o grafado na assinatura de VCMH\_02, como pode ser observado em comparação com a figura 37 a seguir; e o mesmo ocorre em relação à letra “M” de “Miranda”, que possui um adorno antes da primeira haste, que a outra não tem. Em compensação, letras como “S”, “o”, “L”, “p” e “E” são regulares, estando presentes em diversos lugares não só desta primeira carta da autora, como também da segunda.

Figura 37 – Análise da assinatura de VCMH\_02



Já em VCMH\_02, o ângulo, o peso e a precisão são contínuos não só internamente a esse documento, como também em relação ao VCMH\_01. Os comentários tecidos a respeito do *ductus* da outra missiva da autora também se aplicam a essa. Há, porém, uma evidência que merece destaque e pode ser indicativa de uma possível alteração de punho: a mudança aparente na tinta.

O que se percebe a respeito desse ponto é que o corpo de VCMH\_02 foi redigido com uma tinta preta-amarronzada que permanece destacada mesmo após mais de dois séculos de sua redação, e que em muito se assemelha a que redigiu o manuscrito VCHM\_01. A assinatura e o fecho complementar (*Cf. 3.3.1*), entretanto, são muito mais claros que o resto do manuscrito, o que pode talvez ser ocasionado pelo uso de duas tintas diferentes. Tais dados apontam para uma possível escrita idiográfica de ambas as missivas, sendo autógrafa somente a assinatura o fecho complementar de VCMH\_02.

À guisa de conclusão, foi elaborado o quadro abaixo como forma de sintetizar os dados e os resultados do exame das assinaturas. Nas linhas, encontra-se cada uma das autoras e, nas colunas, os critérios levantados.

Quadro 37 – Síntese do exame das assinaturas

	<b>Peso</b>	<b>Ângulo</b>	<b><i>Ductus</i></b>	<b>Precisão do traçado</b>	<b>Mudança aparente de tinta</b>	<b>Hipótese final</b>
<b>Alexandra Francisca Freire</b>	Igual na assinatura e no corpo da carta	Ambos inclinados à direita	Escrita inteiramente regular em 10 de seus manuscritos. Há mudanças significativas no <i>ductus</i> de AFF_07, além de distinções na maneira de traçar a assinatura	Igual na assinatura e no corpo da carta	Não há mudança aparente	Não há sinais que apontem para uma mudança de punho do corpo das cartas para as assinaturas. Entretanto, o punho que redigiu AFF_07 é diferente dos demais manuscritos e, provavelmente, se trata de um manuscrito idiógrafo.
<b>Ana Teresa Salter de Mendonça</b>	Igual na assinatura e no corpo da carta	Ambos inclinados à direita	Escrita inteiramente regular	Igual na assinatura e no corpo da carta	Não há mudança aparente	Não há sinais que apontem para uma mudança de punho
<b>Ana Vicência Rodrigues de Almeida</b>	Escrita mais leve no corpo da carta e mais pesada na assinatura	Ângulo inclinado à direita no corpo da carta e reto na assinatura	Escrita com variações significativas entre o corpo da carta e a assinatura	Menos preciso na assinatura do que no corpo da carta	Não há mudança aparente	Há diversas características que apontam para uma mudança de punho na assinatura. Logo, deve se tratar de uma escrita idiográfica.

<b>Eugênia Soares de Jesus e Lana</b>	Igual na assinatura e no corpo da carta	Ambos inclinados à direita	Escrita inteiramente regular	Igual na assinatura e no corpo da carta	Não há mudança aparente	Não há sinais que apontem para uma mudança de punho
<b>Francisca Maria Antônia Xavier</b>	Igual na assinatura e no corpo da carta. O último fólio possui uma escrita mais leve	Ambos inclinados à direita. O mesmo para o último fólio	Escrita regular no corpo da carta e na assinatura. Entretanto, há variações significativas quando em relação ao último fólio	Igual na assinatura e no corpo da carta	Não há mudança aparente	Não há sinais que apontem para uma mudança de punho do corpo da carta para assinatura. Contudo, é provável que outro punho tenha redigido o verso do segundo fólio
<b>Hipólita Jacinta Teixeira</b>	Maior peso na assinatura do que no corpo da carta	Ambos inclinados à direita	Escrita com variações significativas entre o corpo da carta e a assinatura	Menos preciso na assinatura do que no corpo da carta	Não há mudança aparente	Há diversas características que apontam para uma mudança de punho na assinatura
<b>Joaquina Lopes</b>	Igual na assinatura e no corpo da carta	Ambos inclinados à direita	Escrita inteiramente regular	Igual na assinatura e no corpo da carta	Não há mudança aparente	Não há sinais que apontem para uma mudança de punho



<b>Josefa Maria de Santana</b>	Igual na assinatura e no corpo da carta	Ambos inclinados à direita	Escrita regular, com variações pontuais no <i>ductus</i>	Igual na assinatura e no corpo da carta	Não há mudança aparente	Não há sinais que apontem para uma mudança de punho
<b>Maria Inácia de Lorena Silveira</b>	Igual na assinatura e no corpo da carta	Ambos inclinados à direita	Escrita regular, com variações pontuais no <i>ductus</i>	Igual na assinatura e no corpo da carta	Não há mudança aparente	Não há sinais que apontem para uma mudança de punho
<b>Maria Justina</b>	Igual na assinatura e no corpo da carta	Ambos inclinados à direita	Escrita inteiramente regular	Igual na assinatura e no corpo da carta	Não há mudança aparente	Não há sinais que apontem para uma mudança de punho
<b>Maria Messias de Jesus e Lana</b>	Igual na assinatura e no corpo da carta	Ambos inclinados à direita	Escrita inteiramente regular	Igual na assinatura e no corpo da carta	Não há mudança aparente	Não há sinais que apontem para uma mudança de punho
<b>Rosa Maria de Jesus</b>	Igual na assinatura e no corpo da carta	Ambos inclinados à direita	Escrita inteiramente regular	Igual na assinatura e no corpo da carta	Não há mudança aparente	Não há sinais que apontem para uma mudança de punho
<b>Sidéria Maria da Conceição</b>	Igual na assinatura e no corpo da carta	Ambos inclinados à direita	Escrita inteiramente regular	Igual na assinatura e no corpo da carta	Não há mudança aparente	Não há sinais que apontem para uma mudança de punho

<b>Violante Clara de Miranda Henriques</b>	Igual na assinatura e no corpo da carta	Ambos inclinados à direita	Escrita com variações significativas, tanto entre o corpo da carta e a assinatura, como entre os manuscritos VCMH_01 e VCMH_02	Igual na assinatura e no corpo da carta	Há mudança aparente de tinta na assinatura da carta VCMH_02	Há algumas características que podem ser indicativas de mudança de punho. Provavelmente a única escrita autógrafa dos manuscritos é a assinatura de VCMH_02.
--	---	----------------------------	--	---	---	--

Partindo do quadro anteriormente apresentado, apontamos que, no *corpus*, temos três autoras que provavelmente recorreram à escrita idiográfica: Alexandra Francisca Freire, na carta AFF\_07; Ana Vicência Rodrigues de Almeida, que somente assina sua missiva; Hipólita Jacinta Ferreira, que escreve o fecho complementar e a assinatura de seus dois manuscritos; e Violante Clara de Miranda Henriques, que somente escreveu a assinatura de VCMH\_02.

Concluimos ressaltando que o trabalho desenvolvido nesta seção dá informações indispensáveis para uma investigação das práticas de escrita na sociedade colonial. Os elementos de escrita aqui analisados servem, principalmente, como possíveis e importantes caminhos que levam para uma melhor compreensão sobre a alfabetização e o acesso à escolarização das mulheres na América Portuguesa

### 3.2.4 Análise da habilidade de escrita

Levando em consideração as questões levantadas na conclusão da subseção anterior, uma pergunta ainda parece se sobressair em relação à análise paleográfica: sendo as autoras do *corpus*, em sua maioria, pertencentes a uma elite econômica que tinha em algum nível acesso à educação, qual é o grau de habilidade de escrita que elas possuíam? Mais pontualmente: quão hábeis eram os punhos que redigiram essas cartas, sejam elas autógrafas ou idiográficas? Para tentar responder a tais perguntas, tomaremos como base o trabalho realizado por Marquilhas (2000) e Santiago (2019).

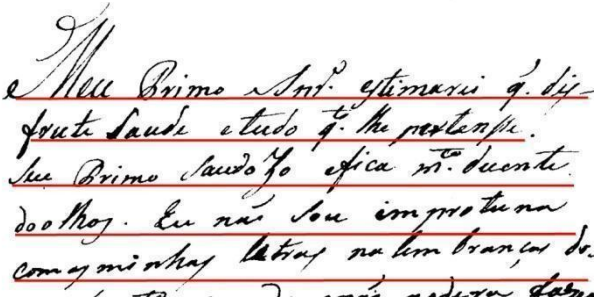
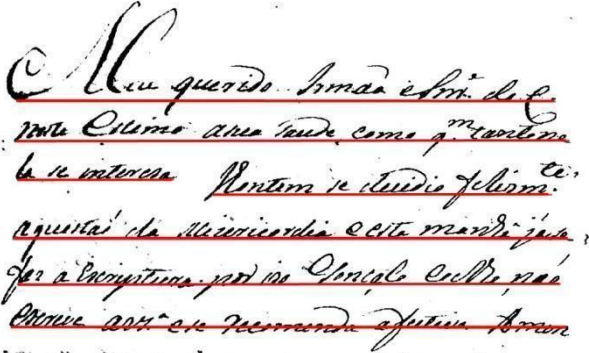
As autoras, preocupadas em entender o grau de habilidade de escrita em documentos redigidos no contexto da inquisição portuguesa seiscentista (MARQUILHAS, 2000) e em cartas de sertanejos baianos do século XX (SANTIAGO, 2019), propõem alguns critérios como característicos de mãos inábeis. Como é defendido por Marquilhas (2000, p. 230), ao trabalhar com uma abordagem linguística

da escrita se faz necessário “[...] conciliar noções fonológicas, morfológicas, lexicais, semânticas, neurológicas e cognitivas com a situação prática que é a do envolvimento dos falantes com o texto escrito”. Para este trabalho, interessam-nos, sobretudo, quatro níveis de análise, organizados por Santiago (2019) da seguinte maneira: paleográfico; segmentação gráfica; aspectos de aquisição da escrita; e fenômenos fônicos.

O primeiro nível, referente aos aspectos paleográficos, aborda questões como a ausência de regramento ideal e a irregularidade de empaginação. A segmentação gráfica aborda casos de hipersegmentação e hipossegmentação. Os aspectos de aquisição da escrita são aparentes, principalmente, nos seguintes casos: deslocamentos, omissões e acréscimos de letras em sílabas com consoante líquida (/r/ e /l/) em posição de coda ou ataque ramificado; ausência ou exagero na representação de nasais; e dificuldade de grafar dígrafos. Já nos fenômenos fônicos é observada a “elevação de vogais médias, abaixamento de vogais altas, anteriorização e posteriorização de vogais, redução de ditongos e ditongação, nasalização, palatalização, rotacismo e lambdacismo, prótese, paragoge, aférese, síncope, apócope e metátese” (SANTIAGO, 2019, p. 38).

Para o primeiro nível, referente à análise paleográfica, é interessante iniciarmos pela questão da ausência de regramento ideal, definida por Marquilhas (2000, p. 239) como a “incapacidade de respeitar o pautado mental [que] manifesta-se sobretudo na tendência descendente do alinhamento, à medida que se aproxima a margem direita da folha”. Para melhor visualização desta característica, optou-se por traçar os pautados ideais de cada punho para fins de comparação em relação à escrita grafada pelas autoras. Assim, torna-se mais fácil a visualização da tendência de escrita quando se aproxima da margem direita.

Quadro 38 – Regramento ideal

Alexandra Francisca Freire	Ana Teresa Salter de Mendonça
 <p>Meu Primo Antônio estimarei q. de          fructe saúde e tudo q. he pertença.          Seu Primo saúde fo efica m. deante          do thoy. Eu não sou impropria na          com q. mi o huy letias na lem brancos de.</p>	 <p>Meu querido irmão e Sr. de          vossa Excelência a sua saúde como q. mantem          la se interessa. Mentem se estudo feliciss.          a questas da misericórdia e esta manhã já          fez a encipitima por m. D. Carlos e de          com os seus e se recommenda a futeim a honra</p>
Regramento ascendente.	Regramento ideal.

Ana Vicência Rodrigues de Almeida

proprer, p... de Correspon...  
B... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...

Regramento descendente.

Eugênia Soares de Jesus e Lana

Meu Primo dem' ve...  
dey dey q' they crewi, maj in da nao  
tave rapoz ta, pi q' oportades en da nao  
chegou: Do q' q' tou beam affli to, pi neo

Regramento ascendente.

Francisca Maria Antônia Xavier

Meu querido...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...

Regramento ascendente

Hipólita Jacinta Teixeira

Meu p...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...

Regramento ideal, com leve descendência ao centro da linha.

Joaquina Lopes

Meu querido...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...

Regramento ascendente.

Josefa Maria de Santana

Meu Compi, a quem...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...

Regramento ascendente.

Maria Inácia de Lorena Silveira

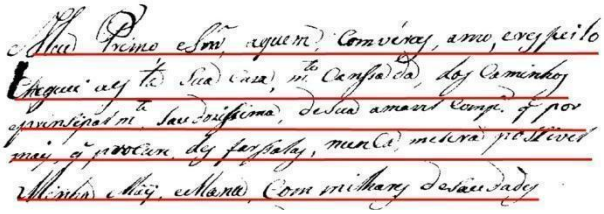
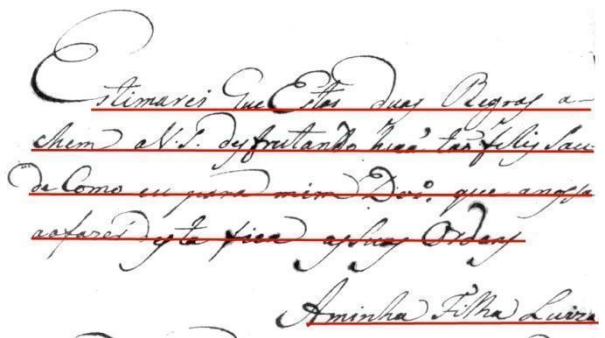
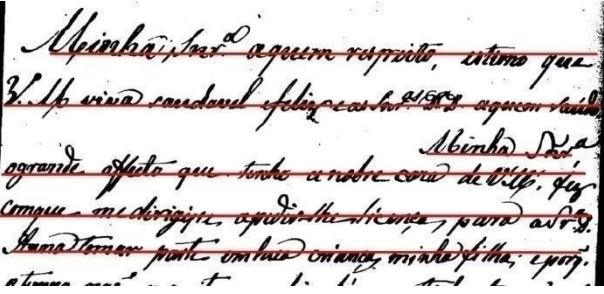
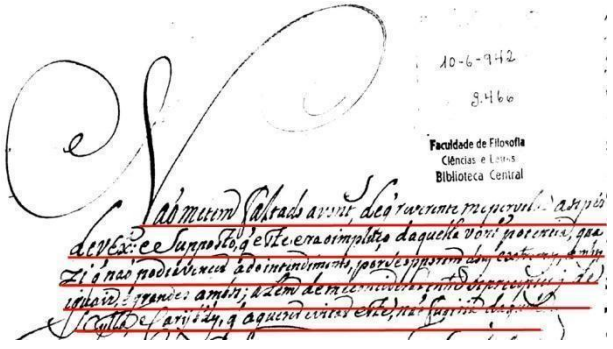
Eu clava...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...

Regramento descendente.

Maria Justina

Meu Compadre...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...  
... de m... q... p... a...

Regramento ascendente.

<p style="text-align: center;"><b>Maria Messias de Jesus e Lana</b></p>  <p style="text-align: center;">Regramento ascendente.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Rosa Maria de Jesus</b></p>  <p style="text-align: center;">Regramento ideal, com leve descendência ao centro da linha.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Sidéria Maria da Conceição</b></p>  <p style="text-align: center;">Regramento descendente.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Violante Clara de Miranda Henriques</b></p>  <p style="text-align: center;">Regramento ascendente.</p>

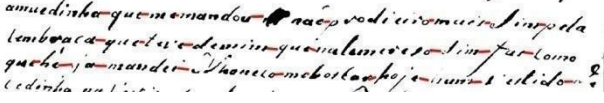
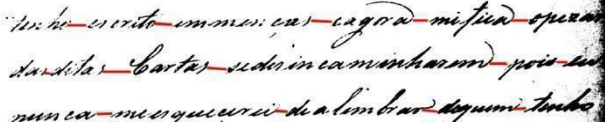

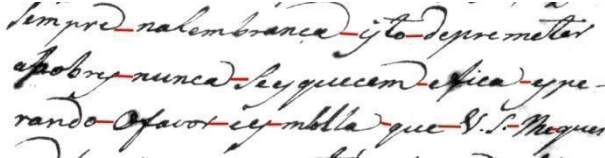
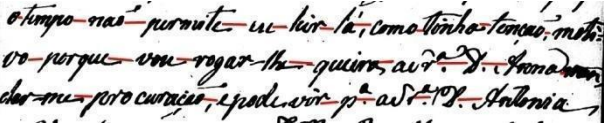
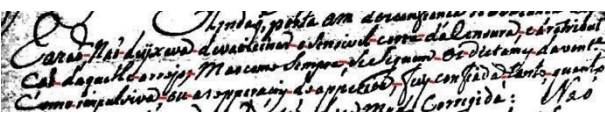
Apesar de Marquilhas (2000) dar especial atenção para a tendência descendente da escrita, o quadro acima mostra que, no *corpus* analisado, é mais comum a presença de escrita com regramento ascendente: o primeiro grupo abrange o punho de oito remetentes enquanto o segundo engloba somente três. Ainda foi perceptível a ocorrência de três mulheres cujas escritas se aproximam fortemente do regramento ideal, sendo que, duas delas, apresentam uma tendência levemente ascendente ou descendente próxima ao centro do traçado.

Ainda no nível da paleografia, há mais uma característica que pode ser indicativa de inabilidade de escrita, a irregularidade de empaginação, que foi definida por Marquilhas (2000, p. 240) como a “[...] falta de proporção entre as margens, as quais podem nem sequer estar definidas, ou relegam a mancha escrita para um extremo da folha”. Para as mulheres do *corpus* estudado, entretanto, a empaginação não foi um ponto em que elas apresentaram dificuldade. A única particularidade presente em alguns punhos é a diminuição do espaçamento das letras e dos brancos gráficos ao se aproximar da margem direita. Tal característica, porém, não aponta necessariamente para uma possível inabilidade da autora, pelo contrário, ela pode demonstrar uma consciência do espaço que ainda restava no processo de escrita.

Para mapear os casos em que houve essa diminuição das letras, foi criado o quadro abaixo em que se traçaram linhas horizontais entre as palavras. Admitiram-se como mãos em que houve a característica descrita, os casos em que os traços entre as palavras apresentaram uma tendência de diminuição ao se aproximar da margem direita do fólio.

Quadro 39 – Irregularidade de empagação

<p style="text-align: center;"><b>Alexandra Francisca Freire</b></p>  <p style="text-align: center;">Diminuição das letras e dos brancos gráficos à direita.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Ana Teresa Salter de Mendonça</b></p>  <p style="text-align: center;">Não apresenta questões de empagação.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Ana Vicência Rodrigues de Almeida</b></p>  <p style="text-align: center;">Não apresenta questões de empagação.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Eugênia Soares de Jesus e Lana</b></p>  <p style="text-align: center;">Não apresenta questões de empagação.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Francisca Maria Antônia Xavier</b></p>  <p style="text-align: center;">Diminuição das letras e dos brancos gráficos à direita.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Hipólita Jacinta Teixeira</b></p>  <p style="text-align: center;">Não apresenta questões de empagação.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Joaquina Lopes</b></p>  <p style="text-align: center;">Diminuição das letras e dos brancos gráficos à direita.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Josefa Maria de Santana</b></p>  <p style="text-align: center;">Diminuição das letras e dos brancos gráficos à direita.</p>



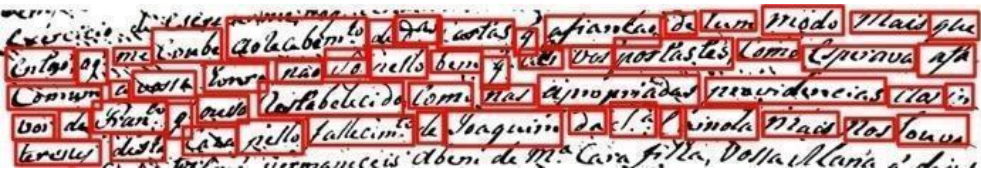
<p style="text-align: center;"><b>Maria Inácia de Lorena Silveira</b></p>  <p style="text-align: center;">Não apresenta questões de empaginação.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Maria Justina</b></p>  <p style="text-align: center;">Não apresenta questões de empaginação.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Maria Messias de Jesus e Lana</b></p>  <p style="text-align: center;">Diminuição das letras e dos brancos gráficos à direita.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Rosa Maria de Jesus</b></p>  <p style="text-align: center;">Diminuição das letras e dos brancos gráficos à direita.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Sidéria Maria da Conceição</b></p>  <p style="text-align: center;">Não apresenta questões de empaginação.</p>	<p style="text-align: center;"><b>Violante Clara de Miranda Henriques</b></p>  <p style="text-align: center;">Não apresenta questões de empaginação.</p>

Como exposto no quadro 39, há somente 6 mulheres que apresentam características a serem pontuadas a respeito da empaginação, são elas: Alexandra Francisca Freire, Francisca Maria Antônia Xavier, Joaquina Lopes, Josefa Maria de Santana, Maria Messias de Jesus e Lana, e Rosa Maria de Jesus. Entretanto, como explicado, tal característica não significa necessariamente uma inabilidade do punho, mas sim uma consciência por parte da escritora em relação ao espaço que ainda possuía disponível para a escrita.

Tendo discutido as duas principais características do nível paleográfico, atentemo-nos agora para a segmentação gráfica que, por sua vez, divide-se em dois grupos: hipersegmentação e hipossegmentação. Marquilhas (2000, p. 243), define a hipersegmentação como “[...] a múltipla inscrição de branco gráfico entre grupos pequenos de letras, distintos das palavras gráficas”, como, por exemplo, “tan tos” por “tantos”. Já a hipossegmentação, em contraposição, pode ser entendida como a ausência de brancos gráficos em palavras distintas, como é o caso de “temtido” por “tem tido”. Ambos os conceitos, mas sobretudo o primeiro deles, estão fortemente ligados à ideia de uma escrita lenta, característica dos inábeis e que é “[...] decorrente da falta de perícia, e determina a amplitude do módulo, bem como o desenho autônomo dos caracteres e a insegurança do traço” (MARQUILHAS, 2000, p. 240).

No quadro abaixo, apresentam-se trechos retirados do *corpus* com as divisões de fronteira de palavra de cada um dos punhos marcada por retângulos. Também acompanha a classificação da escrita de acordo com dois critérios: presença ou ausência de cursividade e hipersegmentação ou hipossegmentação.

Quadro 40 – Segmentação gráfica

<p style="text-align: center;"><b>Alexandra Francisca Freire</b></p>  <p style="text-align: center;">Cursiva e hipersegmentada</p>
<p style="text-align: center;"><b>Ana Teresa Salter de Mendonça</b></p>  <p style="text-align: center;">Cursiva e hipossegmentada</p>
<p style="text-align: center;"><b>Ana Vicência Rodrigues de Almeida</b></p>  <p style="text-align: center;">Sem cursividade e hipossegmentada</p>



## Eugênia Soares de Jesus e Lana

Deu deus q' they eravi may in da nao  
 tive repozta, p' q' oportador en da nao  
 chegou: do q' ey tou bem affli ta, p' nao  
 ter ti do no ti clay como v. s. a tem pasado

Cursiva e hipersegmentada

## Francisca Maria Antônia Xavier

Sta. Alzate. Com a sua... e a sua...  
 de... e a sua...  
 mais a v. m. Com a sua...  
 a sua... e a sua...  
 a sua... e a sua...

Cursiva e hipossegmentada.

## Hipólita Jacinta Teixeira

tratou porer agare ja fho aliviada. Vejo q' v. s.  
 m' auz respeito a alfornia da dita, a qual fhou to  
 datarpita, e tambem ve a emuomodo q' v. s. fhou to  
 este respeito, como abeta anda sempre com acule

Cursiva e hipossegmentada

## Joaquina Lopes

Com de Enrra q' m' eu p'oca de...  
 Tambem em toas toqais v. s. fhou to  
 Deste alogaste quira em p'oximo  
 trinta mil v. s. e de...

Cursiva e hipossegmentada

## Josefa Maria de Santana

som brancas, se não lhe quizesse, em como modas  
 nisso lhe narraria na carta, que y crevi  
 lá chegaram, e assim partem de Sal, e  
 vou na galha, e crevi sempre em cuidar.

Cursiva e hipossegmentada

## Maria Inácia de Lorena Silveira

também para ser as bavalhoas. Muito obrigado  
 amue dinha que me mandou, não vou deixar mais a  
 lembrança que te deixei, que mal me fez. Sim, foi  
 que he, e mandei a Thonele me buscar hoje, e  
 cedinho para a tua saúde.

Sem cursividade e hipossegmentada

## Maria Justina

ausência. Ainda não saquei mais em  
 pelo soldado q. veio p. este Destacamento, mas  
 vou me dizer a tempo porque não nos viria aldt.  
 tenho escrito em nome cas. e agora mi tua opera

Cursiva e hipossegmentada

Maria Messias de Jesus e Lana

Não Primo e Sim, quem Com verez, amo crepito  
 Chegue ref te sua casa, m. Ransada, do Caminho  
 aprensipat m. Sau douçana de sua amant comp. q' por  
 mag q' p'ocion, do f'aspaty, nunca mebra p'oliver

Cursiva e hipossegmentada/hipersegmentada

Rosa Maria de Jesus

me pede para eu lembrar a V. S. Dehy  
 brincar que V. S. Depremetas por q' m  
 sempre na lembrança q' to Depremetas  
 apobry nunca se quecem efica q' p'p  
 randa

Cursiva e hipossegmentada

Sidéria Maria da Conceição

o grande affecto que tenho a sobre cora de V. S. f'as  
 Comque me dirigire, ap'urthe licença, para a V. S.  
 Anna tomar parte em tua onança, minha filha, e por  
 o tempo nas permite eu hir lá como tinha tencão m'ho

Cursiva e hipossegmentada

Violante Clara de Miranda Henriques

de V. S. e Supposto q' este era o implato daquelle v'ont no exia q' a  
 Zi q' não podivencia q' de invidimto, por lo p'p'om das extrem, amhy  
 iguam, e grandes ambr a sem de m'convidtas m'ho m'cep'ic' de  
 V. S. e f'aspaty, q' a q'ue m'vitas ehte, na f'ugim' da q'ue.

Cursiva e hipossegmentada

Como apresentado no quadro 40, nove remetentes possuem escritas cursivas e hipossegmentadas, o que demonstra grande habilidade de escrita, uma vez que os dois traços são característicos de uma escrita veloz e experiente. São elas: Ana Teresa Salter de Mendonça, Francisca Maria Antônia Xavier, Hipólita Jacinta Teixeira, Joaquina Lopes, Josefa Maria de Santana, Maria Justina, Rosa Maria de Jesus, Sidéria Maria da Conceição e Violante Clara de Miranda Henriques.

Há três escritas que, apesar de serem cursivas, apresentam casos de hipersegmentação, o que poderia apontar para um grau médio de habilidade de escrita: Alexandra Francisca Freire e Eugênia Soares de Jesus e Lana, com escritas cursivas e hipersegmentadas, e Maria Messias de Jesus e Lana, com uma escrita cursiva e que apresenta tanto palavras hipersegmentadas como hipossegmentadas. Por fim, Ana Vicência Rodrigues de Almeida e Maria Inácia de Lorena Silveira apresentam as únicas letras sem curvidade do *corpus*, ambas hipossegmentadas. Com isso, podemos afirmar que a maioria das cartas são de escritas hipossegmentadas, que ocorrem tanto em letras cursivas como sem cursividade. Os casos de hipersegmentação, mais raros nos manuscritos analisados, aparecem somente em letras cursivas.

Sobre o terceiro nível, de aspectos da aquisição da escrita, são perceptíveis, principalmente, as grafias irregulares de cadeias com consoantes líquidas (/r/ e /l/). Marquilhas (2000) observa que as mãos inábeis parecem não ter dificuldade na transcrição de consoantes líquidas em ataque simples (consoante – vogal), como em *disera*, *querendo* e *fora*, mas demonstram maiores irregularidades em ataque silábico ramificado (consoante – /r/ ou /l/ – vogal) ou em posição de coda (consoante – vogal – /r/ ou /l/). Alguns exemplos mostrados pela pesquisadora para exemplificar a questão do ataque ramificado ou em posição de coda são: *gamde* por *gramde*, *lembarr* por *lembrar*, *prometeo* por *prometeo*, *fazre* por *fazer*, *mulbre* por *mulher* e *prugatorio* por *purgatorio*.

Após pontuar tal característica, a autora trabalha com a hipótese de que a grafia irregular de consoantes líquidas pode ocorrer devido a motivações fonográficas. Segundo a autora, tal raciocínio é legítimo mas não é a única justificativa das trocas dentro da sílaba, pois há alguns exemplos encontrados nos documentos que são impronunciáveis, como *sreta* por *resta*, *tre* por *ter* e *abirl* por *abril*. Assim, ela conclui que

[...] todas estas grafias irregulares (as que podem corresponder a metátese e as que não podem) coincidem em textos da mesma mão, pelo que é preferível uma interpretação que se contente com a hipótese de a estrutura complexa de sílabas com /r/ em ataque ramificado (sobretudo), mas também com /r/ em posição de coda, motivar em mãos inábeis portuguesas um problema de representação segmental. A sucessão das sílabas é apreendida e transcrita regularmente, mas ao nível da estrutura interna da sílaba, o /r/ ocorre em posição difícil de captar, parecendo ser mais concebível para o inábil que se trate de uma posição de coda. Esta interferência última tem a particularidade de quase contrariar os dados disponíveis sobre aquisição da líquida /r/, que apontam para a posição de coda medial – não a de ataque ramificado, e muito menos para a de coda final – como “o problema mais complexo a ser resolvido pelas crianças”. É preciso,

no entanto, considerar a hipótese de a contradição ser apenas aparente, porque temos de imaginar constantemente estas mãos em processo de desempenho gráfico: cada nova letra era inscrita ao lado da anterior. Perante uma estrutura de difícil representação, como era a sílaba com /r/ em grupo consonântico, o facto de <r> ficar escrito depois de todas as outras letras podia apenas significar que havia sido desenhado em um segundo momento de escrita, após a mão se aperceber de que a transcrição não estava completa. Neste caso, o <r> final nada teria a ver com o conceito fonológico de vibrante de coda: era apenas a letra de difícil topografia cujo desenho ficava para o fim. (MARQUILHAS, 2000, p. 255)

No *corpus* que está sendo estudado, são poucas as ocorrências irregulares para grafar sílabas com consoantes líquidas. Tal característica de mãos inábeis aparece com maior força em uma remetente em particular, Alexandra Francisca Freire, que é autora de onze cartas endereçadas ao seu primo Florêncio Francisco dos Santos Franco. Além dela, somente Eugênia Soares de Jesus e Lana e Hipólita Jacinta Teixeira apresentam tal fenômeno, sendo apenas uma única ocorrência em cada punho .

No quadro abaixo, apresentam-se as dificuldades de grafar /r/ e /l/ encontradas nas escritas das autoras. Para facilitar as análises, à esquerda do nome da remetente encontram-se as ocorrências de sílabas com consoantes líquidas originalmente em posição de coda, mas que foram grafadas como ataque silábico ramificado e, à direita, as sílabas com consoantes líquidas originalmente em ataque silábico ramificado que foram grafadas pela remetente em posição de coda.

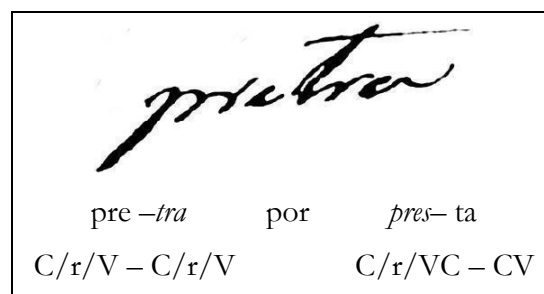
Quadro 41– Grafia para sílabas com consoante líquida

<b>Alexandra Francisca Freire</b>	
Duas ocorrências de grafias para sílabas com consoantes líquidas originalmente em posição de ataque ramificado (C – /r/ ou /l/ – V)	Oito ocorrências de grafias para sílabas com consoantes líquidas originalmente em posição de coda (C – V–r/ ou /l/):
“difulços” por “defluxos”   AFF_04	“protador” por “portador”   AFF_01
“desfurte” por “desfrute”   AFF_08	“protador” por “portador”   AFF_02
	“preto” por “perto”   AFF_03
	“improtuna” por “importuna”   AFF_06
	“predou” por “perdoe”   AFF_06
	“predoi” por “perdoe”   AFF_09
	“detremine” por “determine”   AFF_10

<p>“mandra” por “mandar”   AFF_11</p> <p>“detriminar” por “determinar”   AFF_11</p>
<p><b>Eugênia Soares de Jesus e Lana</b></p> <p>Uma ocorrência de grafia para para sílabas com consoantes líquidas originalmente em posição de ataque ramificado (C – /r/ ou /l/ – V)</p> <p>“persizo” por “preciso”   ESJL_01</p>
<p><b>Hipólita Jacinta Teixeira</b></p> <p>Uma ocorrência de grafia para sílabas com consoantes líquidas originalmente em posição de ataque ramificado (C – /r/ ou /l/ – V)</p> <p>“percizará” por “precisará”   HJT_01</p>

Além dos exemplos mostrados, há outros dois casos isolados bastante interessantes, referente às palavras com sílabas em ataque ramificado. O primeira deles é uma alteração de “detremina” para “determina”, feita por Alexandra Francisca Freire em AFF\_03. Essa autocorreção, realizada pela autora que mais tem casos de grafia para consoante líquida em todo o *corpus*, mostra que ela tinha consciência de que havia feito uma inversão na posição do /r/, o que pode indicar certa habilidade de escrita. O segundo caso está apresentado no quadro 42, retirado da carta AFF\_10.

Quadro 42 – “Pretra” por “presta”



O que parece ocorrer aqui é a transformação de uma palavra composta por uma sílaba com consoante – /r/ – vogal – consoante, seguida por uma sílaba de ataque simples (consoante – vogal), em

duas sílabas de ataque ramificado (consoante – /r/ – vogal). Adicionando este caso às outras ocorrências expostas, os dados mostram que Alexandra Francisca Freire tem mais representações irregulares de consoantes líquidas originalmente em posição de coda, mas que foram grafadas como ataques ramificados, do que o contrário. Já com Eugênia Soares de Jesus e Lana e Hipólita Jacinta Teixeira ocorre o oposto da primeira remetente: elas escrevem em posição de coda palavras que originalmente eram em ataque ramificado.

Como dito, o último nível de análise mencionado por Santiago (2019) é referente aos fenômenos fônicos. No *corpus*, as ocorrências observadas são casos de elevação, abaixamento, desarredondamento, centralização, posteriorização e anteriorização de vogais. Como o conceito de ortografia uniforme<sup>18</sup> é fruto do estado moderno e, portanto, ainda encontrava-se em construção, para fins de comparação das epístolas e parâmetro com a norma padrão da época, recorreu-se à consulta em dicionários contemporâneos aos documentos, principalmente Bluteau (1728) e Chernoviz (1890). Os casos não dicionarizados se encontram abaixo, acompanhados de sua localização no *corpus* e de suas respectivas análises.

Quadro 43 – Fenômenos fônicos

<b>Alexandra Francisca Freire</b>		
Elevação de [e] para [i]	AFF_04	“milhora” por “melhora”
	AFF_06	“disfrute” por “desfrute”
	AFF_08	“difulços” por “defluxos”
	AFF_10	“millhor” por “melhor”
	AFF_11	“detriminar” por “determinar”
Abaixamento de [i] para [e]	AFF_03	“veagens” por “viagens”

<sup>18</sup> Marquilha (2000, p. 233) difere o conceito de ortografia lata com o de ortografia uniforme. O primeiro se refere a uma “[...] vertente institucionalizada de um sistema de princípios abstractos – a escrita –, variável segundo os contornos da sociedade em que vigora, [o que] torna desnecessário que nela se integre a noção de uniformidade.” Já o segundo, “[...] surge no Ocidente em épocas bem recentes porque depende de um organismo suficientemente forte para prescrever com firmeza a sua observância”.

	AFF_07	“emportuna” por “importuna”
Elevação de [o] para [u]	AFF_06	“duente” por “doente”
	AFF_08	“duentes” por “doentes”
	AFF_10	“purem” por “porem”
Elevação de [e] para [i] e abaixamento de [i] para [e]	AFF_10	“Impengues” por “empigem”
Posteriorização, arredondamento e elevação de [e] para [u]	AFF_06	“predou” por “perdoe”
Centralização, desarredondamento e abaixamento de [o] para [a]	AFF_06	“acupado” por “ocupado”
<b>Ana Teresa Salter de Mendonça</b>		
Elevação de [e] para [i]	ATSM_01	“filismente” por “felizmente”
	ATSM_03	“milhor” por “melhor”
Abaixamento de [i] para [e]	ATSM_01	“vezitas” por “visitas”
<b>Ana Vicência Rodrigues de Almeida</b>		
Abaixamento de [i] para [e]	AVRA_01	“derigida” por “dirigida”
Abaixamento de [u] para [o]	AVRA_01	“socedido” por “sucedido”
	AVRA_01	“igoal” por “igual”
Centralização, arredondamento e abaixamento de [e] para [a]	AVRA_01	“raçabemento” por “recebimento”



**Eugênia Soares de Jesus e Lana**

Abaixamento de [i] para [e]	ESJL_01	“dezeno-me” por “dizendo-me”
	ESJL_01	“ofiseal” por “oficial”
Elevação de [o] para [u]	ESJL_02	“emcomodo” por “incômodo”
	ESJL_01	“puvuação” por “povoação”
	ESJL_02	“Suares” por “Soares”
Abaixamento de [u] para [o]	ESJL_01	“sobir” por “subir”
	ESJL_01	“podese” por “pudesse”

**Francisca Maria Antônia Xavier**

Elevação de [e] para [i]	FMAX_01	“pinhora” por “penhora”
Abaixamento de [i] para [e]	FMAX_01	“emportunar” por “importunar”
	FMAX_01	“dezeno” por “dizendo”
	FMAX_01	“deminuhio” por “diminuiu”
	FMAX_01	“dezer” por “dizer”
	FMAX_01	“enquietando” por “inquietando”
Centralização, arredondamento e abaixamento de [e] para [a]	FMAX_01	“espesia” por “espécie”
	FMAX_01	“eté” por “até”

<b>Hipólita Jacinta Teixeira</b>		
Elevação de [e] para [i]	HJT_02	“milhores” por “melhores”
Abaixamento de [i] para [e]	HJT_01	“encomodo” por “incômodo”
	HJT_01	“encomodos” por “incômodos”
	HJT_02	“crearaô” por “criarão”
Abaixamento de [u] para [o]	HJT_02	“meos” por “meus”
	HJT_02	“seos” por “seus”
<b>Josefa Maria de Santana</b>		
Elevação de [e] para [i]	JMS_01	“vivirei” por “viverei”
	JMS_02	“sintimento” por “sentimento”
	JMS_03	“infermas” por “enfermas”
Elevação de [o] para [u]	JMS_01	“menus” por “menos”
	JMS_03	“fluxu” por “fluxo”
Abaixamento de [i] para [e]	JMS_01	“adimeração” por “admiração”
	JMS_01	“emcommodar” por “incomodar”
<b>Maria Inácia de Lorena Silveira</b>		
Elevação de [e] para [i]	MILS_01	“mininos” por “meninos”
Elevação de [o] para [u]	MILS_01	“muedinha” por “moedinha”
Abaixamento de [u] para [o]	MILS_01	“boscar” por “buscar”

<b>Maria Justina</b>		
Elevação de [e] para [i]	MJ_01	“escrivia” por “escrevia”
	MJ_02	“iscrever” por “escrever”
	MJ_02	“infelicidade” por “infelicidade”
Abaixamento de [i] para [e]	MJ_01	“emmenças” por “imensas”
<b>Maria Messias de Jesus e Lana</b>		
Abaixamento de [i] para [e]	MMJL_01	“desfarssalas” por “disfarças-las”
	MMJL_01	“emcomodos” por “incomodos”
	MMJL_02	“emchadas” por “inchadas”
	MMJL_02	“emmensas” por “imensas”
		“egualmente” por “igualmente”
Elevação de [o] para [u]	MMJL_02	“juelhos” por “joelhos”
<b>Rosa Maria de Jesus</b>		
Anteriorização e desarredondamento de [o] para [e]	RMJ_01	“premeteo” por “prometeu”
	RMJ_01	“premeter” por “prometer”
<b>Violante Clara de Miranda Henriques</b>		
Elevação de [e] para [i]	VCMH_01	“atrivimento” por “atrevimento”

Sendo assim, como mostrado no quadro acima, no *corpus* há 63 ocorrências de fenômenos fônicos, sendo: 30 casos de abaixamento de [i] para [e] ou de [u] para [o]; 27 casos de elevação de [e] para [i] ou de [o] para [u]; três de centralização, arredondamento e abaixamento de [e] para [a]; dois de anteriorização e desarredondamento de [o] para [e]; um de centralização, dessarredondamento e abaixamento de [e] para [u]; e um de centralização, desarredondamento e abaixamento de [o] para [a].

Com exceção de Josefa Maria de Santana, que só apresenta casos de elevação, Rosa Maria de Jesus, que tem dois casos de anteriorização e desarredondamento de [o] para [e], e Violante Clara de Miranda Henriques, que tem um único caso de abaixamento, as demais mulheres apresentam diferentes fenômenos fônicos nas missivas. Ou seja, nas outras onze remetentes não há uma tendência em usar somente um dos fenômenos, pelo contrário, observamos tanto casos de elevação como abaixamento em um mesmo punho.

Também foram encontradas algumas ocorrências relacionadas à omissão e inversão de letras em encontros vocálicos. No quadro 44, a seguir, tais casos se encontram localizados, descritos e analisados.

Quadro 44 – Encontros vocálicos

<b>Alexandra Francisca Freire</b>		
Inversão de [ie] para [ei]	AFF_01	“veiram” por “vieram”
Omissão de [i] em encontro [ei]	AFF_08	“temozos” por “teimosos”
	AFF_05 e AFF_10	“quecha” por “queixa”
Omissão de [i] em encontro vocálico [io]	AFF_08	“varos” por “vários”
<b>Ana Teresa Salter de Mendonça</b>		
Inversão de [ie] para [ei]	ATSM_01	“veiram” por “vieram”
	ATSM_01	“veiraõ” por “vieram”
<b>Eugênia Soares de Jesus e Lana</b>		
Omissão de [u] em encontro [ou]	ESJL_01	“torno me” por “tornou-me”
	ESJL_01	“trosese” por “trouxe-se”
	ESJL_03	“trocer” por “trouxei”

**Joaquina Lopes**

Omissão de [e] em  
encontro [ei]

JL\_01

“Mio” por “meio”

Como apresentado acima, somente quatro mulheres registram ocorrências relacionadas aos encontros vocálicos. Ao todo, foram encontrados 11 casos: três de inversão de [ie] para [ei]; e quatro de omissão de vogal em encontro vocálico [ei]; três de omissão em encontro vocálico [ou]; e uma de omissão em encontro vocálico [io].

Com os fenômenos fônicos aqui observados, é possível perceber que “[a] criatividade na aplicação dos princípios do sistema de escrita constitui um dos resultados possíveis de uma exposição só ocasional a amostras ortográficas”, uma vez que há uma “[...] tendência dos inábeis para se ancorarem em aspectos sistemáticos da escrita, em prejuízo de convencionalismos ortográficos irregularmente adquiridos” (MARQUILHAS, 2000, p. 257-258). Esses aspectos sistemáticos da escrita, sobre os quais comenta a autora, são bastante significativos, uma vez que apontam não só para a habilidade ou não de escrita, mas também para o estado de língua e para a variação na qual as remetentes estavam inseridas.

Em suma, ao analisar paleograficamente as cartas de mulheres na América portuguesa, é necessário considerar uma série de aspectos, como a hipersegmentação, o módulo, o regramento ideal e a grafia de consoantes líquidas e de vogais e semivogais, a fim de levantar hipóteses sobre a habilidade de escrita das remetentes. Sendo assim, quanto mais traços dos apresentados aqui o documento possuir, mais próximo de uma escrita inábil ou parcialmente inábil a mulher se enquadra. O quadro 45, a seguir, tem como objetivo sistematizar a presença ou a ausência de tais marcas, bem como fazer uma comparação entre as remetentes do *corpus*.

Quadro 45 – Análise da habilidade dos punhos

	<b>Regramento ideal</b>	<b>Empaginação</b>	<b>Segmentação</b>	<b>Consoantes líquidas</b>	<b>Vogais e encontros vocálicos</b>
<b>Alexandra Francisca Freire</b>	Ascendente	Diminuição das letras e dos brancos gráficos	Cursiva e hipersegmentada	12 ocorrências	17 ocorrências

<b>Ana Teresa Salter de Mendonça</b>	Ideal	Não apresenta questões de empaginação	Cursiva e hipossegmentada em poucas palavras	Não há ocorrências	5 ocorrências
<b>Ana Vicência Rodrigues de Almeida</b>	Descendente	Não apresenta questões de empaginação	Sem cursividade e hipossegmentada em poucas palavras	Não há ocorrências	4 ocorrências
<b>Eugênia Soares de Jesus e Lana</b>	Ascendente	Não apresenta questões de empaginação	Cursiva e hipersegmentada	1 ocorrência	10 ocorrências
<b>Francisca Maria Antônia Xavier</b>	Ascendente	Diminuição das letras e dos brancos gráficos	Cursiva e hipossegmentada	Não há ocorrências	8 ocorrências
<b>Hipólita Jacinta Teixeira</b>	Ideal, com leve descendência ao centro da linha	Não apresenta questões de empaginação	Cursiva e hipossegmentada em poucas palavras	1 ocorrência	6 ocorrências
<b>Joaquina Lopes</b>	Ascendente	Diminuição das letras e dos brancos gráficos	Cursiva e hipossegmentada em poucas palavras	Não há ocorrências	1 ocorrência
<b>Josefa Maria de Santana</b>	Ascendente	Diminuição das letras e dos brancos gráficos	Cursiva e hipossegmentada em poucas palavras	Não há ocorrências	7 ocorrências
<b>Maria Inácia de Lorena Silveira</b>	Descendente	Não apresenta questões de empaginação	Sem cursividade e hipossegmentada em poucas palavras	Não há ocorrências	3 ocorrências

<b>Maria Justina</b>	Ascendente	Não apresenta questões de empaginação	Cursiva e hipossegmentada em poucas palavras	Não há ocorrências	4 ocorrências
<b>Maria Messias de Jesus e Lana</b>	Ascendente	Diminuição das letras e dos brancos gráficos	Cursiva e hipossegmentada/ hipersegmentada em poucas palavras	Não há ocorrências	5 ocorrências
<b>Rosa Maria de Jesus</b>	Ideal, com leve descendência ao centro da linha	Diminuição das letras e dos brancos gráficos	Cursiva e hipossegmentada em poucas palavras	Não há ocorrências	2 ocorrências
<b>Sidéria Maria da Conceição</b>	Descendente	Não apresenta questões de empaginação	Cursiva e hipossegmentada em poucas palavras	Não há ocorrências	Não há ocorrências
<b>Violante Clara de Miranda Henriques</b>	Ascendente	Não apresenta questões de empaginação	Cursiva e hipossegmentada	Não há ocorrências	1 ocorrência

Como discutido na seção 1, raras eram as mulheres que tinham acesso à escolarização. Sendo assim, as remetentes das cartas eram, em sua maioria, mulheres que tinham certo privilégio na sociedade colonial, como terem a oportunidade de aprender a ler e a escrever. Esse conhecimento da escrita reflete os resultados obtidos na análise paleográfica aqui apresentada: quando tratamos das autoras das cartas analisadas, estamos nos referindo majoritariamente a mãos hábeis. Talvez não se encaixem nesse grupo somente duas mulheres, que possuem mais marcas de inabilidade: Alexandra Francisca Freire, que apresenta uma escrita ascendente, cursiva, hipersegmentada e com bastante dificuldade em representar consoantes líquidas, vogais e semivogais; e Maria Inácia de Lorena Silveira, que tem uma letra sem cursividade, com escrita descendente e algumas dificuldades em representar vogais e semivogais.

Sendo assim, a análise aqui desenvolvida reafirma o que já havíamos suposto: as cartas são fontes primárias extremamente importantes tanto para a construção de uma história das mulheres no Brasil quanto para a história social das práticas de escrita. Tais histórias, muitas vezes, ultrapassam o âmbito do que é narrado e se permeiam aos traços e às tintas, deixando-nos entrever com mais clareza informações sobre o cotidiano de suas autoras.

### 3.3 Análise diplomática

A paleografia e a diplomática são ciências que se entrecruzam não só a partir de um viés filológico, mas também pelas suas histórias. Como exposto anteriormente, o período de formação da paleografia se iniciou com a publicação da obra *De Re Diplomatica*, escrita por Jean Mabillon (1681) em resposta ao trabalho publicado por Daniel van Papenbroeck (1675), que buscava atestar a veracidade dos documentos expedidos pelos reis merovíngios à abadia de Sant-Denis. Dito acontecimento marcou não somente uma sistematização dos tipos de escrita encontrados nos manuscritos, tocante à paleografia, mas também uma preocupação referente à falsificação e à autenticidade de documentos, tema que concerne à diplomática.

Devido à sua origem enquanto disciplina que se preocupa em atestar se um manuscrito é ou não genuíno, é comum encontrar definições que fixam a diplomática como a “[c]iência que tem por finalidade o estudo de antigos diplomas, cartas e outros documentos oficiais, com vistas a verificar sua autenticidade, época em que foram produzidos etc.” (AULETE; VALENTE, 2007) ou o “[e]studo da história e do significado de antigos documentos legais e administrativos” (AULETE; VALENTE, 2007). A definição que tomaremos neste trabalho, porém, é um pouco distinta: assim como estabelecido por Bellotto (2002, p. 18), aqui tomamos o objeto de estudo da diplomática como “[...] a estrutura formal do documento” e a própria diplomática, portanto, como a disciplina preocupada em estudar as constantes formais de determinada tipologia textual.

O *corpus* desta pesquisa é composto por cartas, [...] “documento não-diplomático, mas de desenho mais ou menos padronizado, informativo, ascendente, descendente, horizontal, conforme o caso” (BELLOTTO, 2002, p. 266). Com essa definição, a autora traz três informações importantes a respeito das epístolas: a primeira delas é que, apesar de os documentos do *corpus* não serem expedidos por órgãos oficiais, eles possuem padrões de construção da escrita que permitem uma análise a partir da diplomática; a segunda é que as cartas são sempre categorizadas como documentos informativos, ou seja, “[...] são opinativos/enunciativos e esclarecem questões contidas em outros documentos” (BELLOTTO, 2002, p. 266; por fim, esse tipo de texto pode ser escrito pela população às autoridades superiores (ascendente), dessas autoridades ao povo (descendente) ou trocadas entre pessoas no mesmo nível social (horizontal).



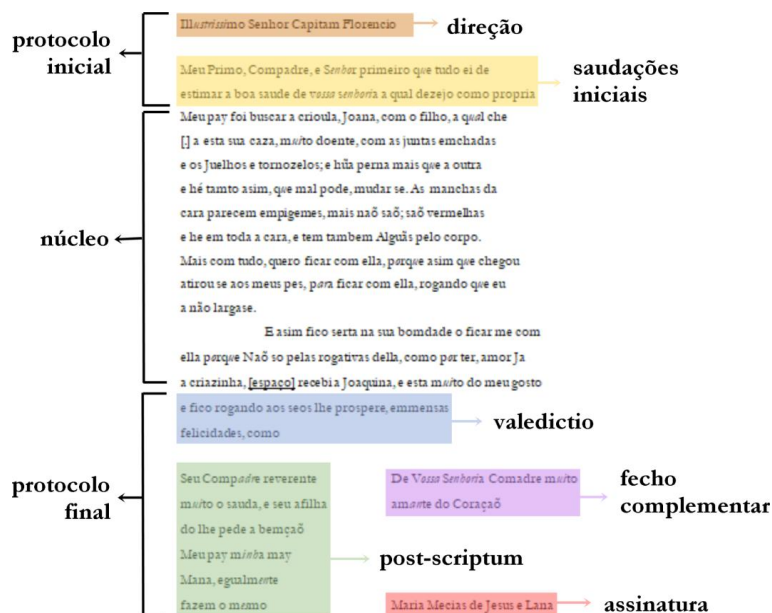
Sendo assim, de acordo com Bellotto (2002, p. 51), “[...] sem ser obrigatório, diplomaticamente, há uma certa padronização [nas cartas]”. A autora defende, ainda, que tal padronização se divide em três grandes partes: protocolo inicial, como datação tópica, cronológica, endereçamento e direção; o texto, “[...] paragrafado, com a exposição e o objetivo da carta” (BELLOTTO, 2002, p. 51-52); e o protocolo final, com fecho de cortesia, assinatura, nome e cargo do signatário. Os manuscritos do *corpus*, porém, aproximam-se mais da estrutura proposta por Monte (2015, p. 274), adaptada no quadro 46, que usaremos como base dessa análise.

Quadro 46 – Partes constitutivas das cartas

1. Seção de contato inicial (ou protocolo inicial)	2. Núcleo da carta	3. Seção de despedida (ou protocolo final)
1.1 Direção 1.2 Saudações iniciais		3.1 Desejo de bons votos ao destinatário (ou <i>valedictio</i> ) 3.2 Fecho complementar 3.3 Assinatura (ou <i>subscriptio</i> ) 3.4 Datações tópica e cronológica (ou <i>datatio</i> ) 3.5 <i>Post-scriptum</i>

Assim como realizado pela autora, elegeu-se um documento do *corpus* para ilustrar a constituição das cartas, conforme figura 38. O manuscrito selecionado foi o MMJL\_02 por possuir estruturas bem delimitadas e constar todas as partes anteriormente expostas, com exceção das datações, o que a torna um bom modelo para exemplificação. Como veremos, isso não ocorre com todos os manuscritos do *corpus*.

Figura 38 – Análise diplomática de MMJL\_02



Na próxima subseção, abordaremos com mais desvelo cada uma das partes constitutivas das cartas, mais especificamente: direção, saudações iniciais, desejo de bons votos ao destinatário (valedictio), outros tipos de despedida, fecho complementar, datações tópica ou cronológica (datatio), assinatura (subscriptio) e *post-scriptum*. O núcleo da carta, que pode ser entendido como a parte que “[t]raz o assunto propriamente dito, apresenta constituição variável, sendo essa inclusive uma das principais razões para a espécie documental ser classificada como não-diplomática” (MONTE, 2015, p. 275), não será analisado nesta seção. Tal decisão foi tomada porque os temas centrais das missivas já foram descritos em detalhes na seção 2.

### 3.3.1. As partes constitutivas das cartas

A direção é a primeira parte de uma missiva, estando localizada na seção de contato inicial. De acordo com Bellotto (2002, p. 39), ela é a “[...] parte que nomeia a quem o ato se dirige, seja um destinatário individual ou coletivo”. Monte (2015) também usa uma definição similar, porém nota que, geralmente, a direção é constituída pelo nome do destinatário, antecedido pelo cargo e por palavras de tratamento. O quadro a seguir busca sistematizar a direção das cartas do *corpus*.

Quadro 47 – Direção

	Forma de tratamento	Cargo	Nome
AFF_01	<i>Illustrissimo Senbor</i>	<i>Capitam</i>	Florencio Francisco do Santo
AFF_02	<i>Illustrissimo Senbor</i>	<i>Capitam</i>	Florencio Francisco
AFF_03	<i>Illustrissimo Senbor</i>	<i>Capitam</i>	Florencio Francisco
AFF_04	<i>Illustrissimo Senbor</i>	<i>Capitam</i>	Florencio Francisco do Santo Franco
AFF_05	<i>Illustrissimo Senbor</i>	<i>Capitam</i>	Florencio Francisco do Santo Franco
AFF_06	<i>Illustrissimo Senbor</i>	<i>Capitam</i>	Florencio Francisco do Santo
AFF_07	<i>Illustrissimo Senbor</i>	<i>Capitam</i>	Florencio Francisco do Santo Franco
AFF_08	<i>Illustrissimo Senbor</i>	<i>Capitam</i>	Florencio Francisco do Santo
AFF_09	<i>Illustrissimo Senbor</i>	<i>Capitam</i>	Florencio Francisco do Santo Franco
AFF_10	<i>Illustrissimo Senbor</i>	<i>Capitam</i>	Florencio Francisco do Santo
AFF_11	<i>Illustrissimo Senbor</i>	<i>Capitam</i>	Florencio Francisco do Santo Franco
ATSM_01	Meu Irmão e Amante do Coração		
ATSM_02	Meu querido Irmão e Amante do Coração		
ATSM_03	Meu querido Irmão e Amante do Coração		
ATSM_04	Meu querido Irmão e Amante do Coração		

<b>ATSM_05</b>	Meu querido Irmão e Amante do Coração		
<b>ATSM_06</b>	Meu querido Irmão e Senhor do Coração		
<b>AVRA_01</b>	-	-	Antonio
<b>ESJL_01</b>	<i>Illustrissimo Senhor</i>	Capitam	Florencio
<b>ESJL_02</b>	<i>Illustrissimo Senhor</i>	Capitam	Florencio
<b>ESJL_03</b>	<i>Illustrissimo Senhor</i>	Cavalheiro	-
<b>FMAX_01</b>	<i>Senhor</i>	-	Miguel da Crús Vieira
<b>HJT_01</b>	<i>Illustrissimo Senhor</i>	-	Florencio Francisco dos Santos Franco
<b>HJT_02</b>	<i>Illustrissimo Senhor</i>	-	Florencio Francisco dos Santos Franco
<b>JL_01</b>	<i>Illustrissimo Senhor</i>	Capitam	Florencio Francisco dos Santos
<b>JMS_01</b>	<i>Illustrissimo Senhor</i>	Cirurgião Mor	Florencio Francisco
<b>JMS_02</b>	<i>Illustrissimo Senhor</i>	Cirurgião Mor	Florencio Francisco <i>et caetera</i>
<b>JMS_03</b>	<i>Illustrissimo Senhor</i>	Cirurgião Mor	Florencio
<b>MILS_01</b>	<i>Illustrissimo Senhor</i>	-	Florencio Francisco dos Santos Franco
<b>MJ_01</b>	<i>Illustrissimo Senhor</i>	Cappitam	Florencio Francisco Franco
<b>MJ_02</b>	<i>Illustrissimo Senhor</i>	Cappitam	Florencio Francisco Franco
<b>MMJL_01</b>	<i>Illustrissimo Senhor</i>	Capitam	Florencio
<b>MMJL_02</b>	<i>Illustrissimo Senhor</i>	Capitam	Florencio
<b>RMJ_01</b>	<i>Illustrissimo Senhor</i>	-	Florencio Francisco dos Santos
<b>SMC_01</b>	<i>Illustrissima Senhora Dona</i>	-	Eugenia de Jezus e Lana
<b>VCMH_01</b>	<i>Excelentissimo Senhor</i>	-	-
<b>VCMH_02</b>	<i>Excelentissimo Senhor</i>	-	-

Como exposto no quadro 47, das 37 cartas estudadas, 31 possuem a direção constituída por fórmulas parecidas com as que descreveu Monte (2015). As únicas exceções observadas são referentes às missivas de Ana Teresa Salter de Mendonça, das quais cinco se iniciam com “Meu Irmão e Amante do Coração” e uma com “Meu querido Irmão e Senhor do Coração”. O que observamos em tais documentos é uma combinação de relação de parentesco (“irmão”), com palavras de cordialidade e afeto (“querido”, “amante” e “do coração”) e formas de tratamento (“senhor”). À vista disso, podemos concluir que, ainda que sejam mais frequentes no *corpus* as cartas com a direção composta por formas de tratamento, cargo e nome, a direção se apresenta com diferentes fórmulas. Como Ana Teresa escreve para o seu irmão e é uma carta mais pessoal, provavelmente ela não precisa explicitar o cargo de

seu destinatário para manter a cordialidade epistolar. Ou seja, pode ser que a fórmula utilizada na direção leve em consideração o grau de intimidade que se tem com a pessoa para quem se escreve.

Das outras 13 remetentes, a única a não incluir uma forma de tratamento na direção da missiva é Ana Vicência Rodrigues de Almeida, que escreve uma carta pessoal para o seu filho. Das 12 mulheres que incluem formas de tratamento, nove optam pelo uso de “Ilustríssimo Senhor”, uma por “Excelentíssimo Senhor”, uma por “Senhor” e, por fim, uma por “Ilustríssima Senhora Dona”. Já em relação ao cargo, vemos um número um pouco menor de usos. De todas as cartas do *corpus*, somente 22 incluem esse dado na direção: 18 são referentes ao cargo “Capitão”, três ao de “Cirurgião Mor” e uma ao de “Cavalheiro.”

A última parte, referente ao nome do destinatário, é a que apresenta uma maior profusão de formas, visto que há diversas opções de combinação de nomes e sobrenomes. Das 31 cartas que estão sendo consideradas, somente Eugênia Soares de Jesus e Lana e Violante Clara de Miranda Henriques não nomeiam seus destinatários. Das 28 missivas que nomeiam, 25 fazem referência à Florêncio Francisco dos Santos Franco: quatro delas o chamam de “Florencio Francisco do Santo”, quatro de “Florencio Francisco do Santo Franco”, três de “Florencio”, três de “Florencio Francisco”, duas de “Florencio Francisco dos Santos Franco”, uma de “Florencio Francisco dos Santos”, e uma de “Florencio Francisco *et caetera*”. A epístola de Ana Vicência Rodrigues de Almeida, que não usa forma de tratamento e nem cargo, nomeia seu filho como “Antonio”. Francisca Maria Antônia Xavier grafa o nome “Miguel da Crús Vieira”. Por fim, Sidéria Maria da Conceição nomeia sua destinatária como “Eugenia de Jezus e Lana”.

Ainda na seção de contato inicial, mas seguinte à direção, geralmente encontram-se as saudações iniciais. De acordo com Monte (2015, p. 275), elas podem “[...] incluir a captação da benevolência e/ou a referência à carta anterior, tanto recebida pelo remetente do destinatário, quanto enviada pelo remetente em ocasião anterior e não respondida pelo destinatário.” A captação da benevolência, por sua vez, refere-se simultaneamente “[...] à humildade que deveria ser expressa pelo remetente, aos louvores feitos ao destinatário e à adequação do assunto e do tom” (MONTE, 2015, p. 273). Sendo assim, o objetivo das saudações iniciais é captar a atenção do destinatário e tentar garantir que haverá uma continuação da troca de cartas entre os correspondentes. O quadro 48, a seguir, traz todas as saudações iniciais encontradas nas missivas.

Quadro 48 - Saudações iniciais

	<b>Trecho de saudação inicial (captação à benevolência + referência à cartas anteriores)</b>
<b>AFF_01</b>	Meu Primo e <i>Senhor</i> de nos noti-   cias Suas, e regalesse <i>muito</i> .
<b>AFF_02</b>	-
<b>AFF_03</b>	Meu Primo e Senhor. estimei   ter noticias suas, ao mesmo tem- po pezar de se retirar na pon-   deração de que faz veagens para   longe, e não compre as de pre   to.
<b>AFF_04</b>	Meu Primo e Senhor, a quem dezejo todo   bem.
<b>AFF_05</b>	Meu Primo e Senhor. Estimarei que te-   nha saude, para me mandar em que lhe-   prestar.
<b>AFF_06</b>	Meu Primo e Senhor estimarei que dis_   frute Saude e tudo quanto lhe pertensse.
<b>AFF_07</b>	Naõ poso deixar de ser emporduna   a Vossa Senhoria pelas partes que tem de boas qualidades   e como a po[ss]e que tenho he apoderada   pelo amor, queira sofrer me
<b>AFF_08</b>	Meu Primo e Senhor estimarei que desfurte Sa-   ude e tudo Seu.
<b>AFF_09</b>	Meu Primo e Senhor logre saude   e muitas felicidades, que lhe dezejo para de mim   dispor como for sua vontade.
<b>AFF_10</b>	Meu Primo e Senhor muito da minha veneração,   ja vivo ancioza por noticias suas pois a   tempos que as não tenho.
<b>AFF_11</b>	Meu Primo e Senhor a quem dezejo to   das felicidades e Saude para me mandra   como quem manda.
<b>ATSM_01</b>	Neste   correio não tivemos carta sua poderia ter algũ   descaminho. Dezejo a sua saude como propria   e que tenha mil felicidades e muito boas noticias da ma   na.
<b>ATSM_02</b>	neste estimo as suas noticias, como quem tem ne   las toda a sua conçoção. Dezejo que vossa senhoria pase   bem, [e] que conte sempre annos felices.
<b>ATSM_03</b>	neste estimo a sua saude, como quem tanto ne   la se interessa.
<b>ATSM_04</b>	Alegro m[e]   muito com as suas boas noticias, Deus lhe concerve a   vida como de continuo lhe peço, e lhe dê mil   felicidades.
<b>ATSM_05</b>	[...] Pela carta de vossa senhoria, escripta a Gonçalo   coelho, vejo que pasa com saude, o que muito me ale   gro pois eses são todos os meus cuidados.
<b>ATSM_06</b>	-
<b>AVRA_01</b>	Filho muito amado do meu Coração. No foço de minhas amarguras pelas tris-   tes noticias, que me chegaraõ da perigoza enfermidade do nosso bom Francisco; Só a vo   ssa mesma carta de 18 de Abril, e outra sem data pôde dar me a devida consolação;   em verdade crecida com as subsequentes de 22 de Maio, e ultima de 22 de Junho   do passado, que dellas fazendo o apreço merecido, por desgraça minha voltaraõ de Cu   yaba, e por isso muito retardadas; como constantemente tem socedido as anteriores, que   sempre são bem vindas, como vos segura a minha amizade para vos não poupareis ao   exercicio de escrever me; no que certamente me dais hum grande prazer

<b>ESJL_01</b>	Meu Primo da minha veneraçãõ. estimarei que chegase   a salvamente da sua viaje. pois escrevi lhe e torno me a carta   dezendo-me que Vossa Senhoria tinha ido para a corta do rio de janeiro.   O que muito sentimos. e não sesavamos, de emplorar a Deus   o levase e trosese a salvamente.
<b>ESJL_02</b>	-
<b>ESJL_03</b>	-
<b>FMAX_01</b>	-
<b>HJT_01</b>	Meo Senhor muito do meo respeito, e amor: chegou o André   com a Carta de Vossa Senhoria que muito estimei por saber vive Vossa Senhoria   sem emcomodo de saude, e felicidades, que lhe dezejo; não digo   eu assim que estes dias tive huma dor que bem me mal_   tratou, porem agora ja fico aliviada.
<b>HJT_02</b>	Meo Senhor a quem muito amo, e respeito: nunca   jamais poderaõ os meos empenhos ter bom exito   quando não sejaõ patrocinados por Vossa Senhoria
<b>JL_01</b>	-
<b>JMS_01</b>	-
<b>JMS_02</b>	Meu Compadre a quem muito estimo, e devo   mil gratidoins. [espaço] Tenho grande gosto,   que Vossa Senhoria esteje constituído em fellis saude   e felicidades.
<b>JMS_03</b>	Meu Compadre, a quem muito estimo, e devo   mil gratidoins. Estimo, que Vossa Senhoria   esteja com saude, e Fellicidades.
<b>MILS_01</b>	Muito estimei ter noticias de Vossa Senhoria que lograra Saude que he o meu   gosto; Ja lhe tenho esCrito para a Villa do Príncipe parecido me   que la ja estaria
<b>MJ_01</b>	–
<b>MJ_02</b>	–
<b>MMJL_01</b>	–
<b>MMJL_02</b>	Meu Primo, Compadre, e Senhor primeiro que tudo ei de   estimar a boa saude de vossa senhoria a qual dezejo como propria
<b>RMJ_01</b>	Estimarei Que Estas duas Regras a-   chem a Vossa Senhoria desfrutando huã taõ felis Sau   de Como eu para mim Dezejo que a nossa   ao fazer desta fica as Suas ordens
<b>SMC_01</b>	Minha Senhora a quem respeito, estimo que   Vossa Merce viva saudavel e feliz e as Senhoras Donas a quem saúdo.
<b>VCMH_01</b>	-
<b>VCMH_02</b>	-

Das 37 cartas do *corpus*, 25 utilizam as saudações iniciais. Se fizermos uma análise com foco nas remetentes, o que percebemos é que Alexandra Francisca Freire, Ana Teresa Salter de Mendonça, Eugênia Soares de Jesus e Lana, Josefa Maria de Santana e Maria Messias de Jesus e Lana não usam as

saudações iniciais somente em alguns documentos; já Francisca Maria Antônia Xavier, Joaquina Lopes, Maria Justina e Violante Clara de Miranda Henriques nunca usam.

Dos documentos que possuem saudações iniciais, 21 a iniciam com uma combinação de relação de parentesco, palavras de cordialidade e afeto e formas de tratamento, similares à direção empregada nas cartas de Ana Teresa Salter de Mendonça. As fórmulas utilizadas são: “Meu Primo e Senhor”, “Filho muito amado do meu Coração”, “Meu Primo da minha veneração”, “Meo Senhor muito do meo respeito, e amor”, “Meo Senhor a quem muito amo, e respeito”, “Meu Compadre a quem muito estimo, e devo | mil gratidoins”, “Meu Primo, Compadre, e Senhor” e “Minha Senhora a quem respeito”. O que parece acontecer nesses casos é que, mesmo que já haja uma direção que “nomeia a quem o ato se dirige” (BELLOTTO, 2002, p. 39), invoca-se novamente o destinatário ausente a partir de formas mais próximas e afetuosas.

É importante evidenciar, entretanto, que existem alguns casos em que são empregadas tais fórmulas, mas nas quais elas não são seguidas por saudações iniciais. Isso ocorre quando o motivo que levou a mulher a escrever é para comentar sobre as cartas anteriores e perguntar sobre a saúde do destinatário, como ocorre em ESJL\_02, MJ\_01, MJ\_02 e MMJL\_01. Nessas situações, optou-se por classificar essas partes das missivas como núcleo, uma vez que a justificativa que as levou a redigir uma carta é, justamente, para tratar de um tema que concerne às saudações iniciais. Assim, há algumas ocorrências em que o núcleo da missiva se inicia com as formas de parentesco, tratamento e cordialidade.

Também nota-se que, com exceção de ATSM\_05, as saudações iniciais vêm imediatamente antes do núcleo. Ao contrário das demais missivas do *corpus*, Ana Teresa Salter de Mendonça inicia essa carta introduzindo o assunto que vai tratar no núcleo: “Meu querido Irmaõ e Amante do Coração. Hon | tem a noite chegou aquí Gonçalo Coelho, para me | conduzir para villa nova, amanhã conto partir | Deus queira que não leve algum tombo da Bes | ta abaix[o].” Somente depois de ter o tema principal apresentado é que a autora comenta sobre as cartas anteriores que recebeu e capta a benevolência de seu destinatário, por meio de uma demonstração de afabilidade: “Pela carta de vossa senhoria, escripta a Gonçalo | coelho, vejo que pasa com saude, o que muito me ale | gro pois eses são todos os meus cuidados.”

Sendo assim, em todo o restante do *corpus* a próxima parte da carta é o núcleo que, como mencionado, não vai ser aprofundado aqui, uma vez que os temas já foram descritos na seção 2. Após o núcleo, começa a seção de despedida ou protocolo final. De acordo com Monte (2015, p. 275), a primeira parte da finalização das cartas é a *valedictio*, que é “[...] constituída pelo desejo de felicidades [...] ou de bons votos ao destinatário”. No quadro 49, a seguir, há todas as *valedictios* encontradas nos manuscritos estudados.

Quadro 49 - Valedictio

	Trecho de <i>valedictio</i>
AFF_01	-
AFF_02	-
AFF_03	-
AFF_04	-
AFF_05	-
AFF_06	-
AFF_07	Estimo passe com saude   e disponha de mim e do Senhor Luis como cou   izas proprias de sua maior lembransa
AFF_08	-
AFF_09	
AFF_10	-
AFF_11	-
ATSM_01	-
ATSM_02	Deus nos ajude a dê a vossa senhoria a vida que lhe   dezeja esta sua
ATSM_03	-
ATSM_04	-
ATSM_05	-
ATSM_06	-
AVRA_01	Nesta vossa caza não ocorre novidade e menos nas   de nossa familia, e amizade, que agradecidos de vossas lembranças se recomen   daõ Saudozos, e em muito vossa Mana, de quem deveis aceitar todo cor   tejo na persuasão da estima, que terá em ver vos, e eu com particu_   laridade prezo para saciar tantas, e taõ constantes Saudades vossas, a quem, Deus Co_   rrespondendo as minhas Suplicas, queira dar a melhor saude, acompanha_   da de continuas felicidades, que vos sei dezejar para gosto, e consolação des_   ta, que hé com desvanecimento
ESJL_01	Deus guarde   A Vossa Senhoria como lhe dezeja quem hé.
ESJL_02	e fiCo dezejando-lhe   todas as feliciCidades como
ESJL_03	Nada mais rresta me   do que dezejar-lhe muita saude e felicidades   para di de mim, como
FMAX_01	A pessoa de vossa merce   Guarde Deus Muitos annos
HJT_01	-
HJT_02	-
JL_01	Estimarei Vossa Senhoria logre boa saude e fe   licidades, e que n[*] della mandar me   como for seruido



<b>JMS_01</b>	Estimarei, que <i>Vossa Senhoria</i> va a sua grande   fazenda, e venha com Fellicidades, e sa-   ude. No mais asseite a minha von-   tade em remuneraçã de tantos obsequios
<b>JMS_02</b>	-
<b>JMS_03</b>	-
<b>MILS_01</b>	-
<b>MJ_01</b>	-
<b>MJ_02</b>	Florencio pede a sua bençoã acha-se bas-   tantemente Creçido eu ao fazer desta fico boa e-   juntamente elle e aqui fico dezejando a <i>Vossa Senhoria</i> mui~   tas felicidades a quem Deos Guarde por muitos   annos, sou
<b>MMJL_01</b>	-
<b>MMJL_02</b>	e fico rogando aos seos lhe prospere, emmensas   felicidades, como
<b>RMJ_01</b>	-
<b>SMC_01</b>	<i>Guarde Vossa Merce</i>
<b>VCMH_01</b>	<i>que Guarde Deus Muitos Anos.</i>
<b>VCMH_02</b>	<i>Guarde Deus a vossa Excelencia muitos anos.</i>

Dos 37 manuscritos estudados, somente 14 deles possuem desejos de bons votos ao destinatário. Das cartas que apresentam *valedictio*, 8 recorrem à intervenção de Deus em seus desejos de bons votos. Tal característica do *corpus* é bastante interessante uma vez que, de acordo com Monte (2015), no século XVIII o uso dessa estrutura é generalizado e considerado uma das garantias de que a missiva enviada teria resposta. Apesar de, em um primeiro momento, parecer que a opção de não usar a *valedictio* possa ser por desconhecimento da estrutura das cartas, uma análise mais atenta desfundamenta essa hipótese: somente Hipólita Jacinta Teixeira, Maria Inácia de Lorena Silveira e Rosa Maria de Jesus não usam o desejo de bons votos em nenhum de seus manuscritos. No caso das demais mulheres, há uma alteração entre o uso ou não da *valedictio*.

Dando seguimento à análise, nota-se que a maioria das cartas que não possuem desejos de bons votos ao destinatário iniciam o protocolo final com outras formas de despedida que também demonstram cordialidade. Tais formas, normalmente, incluem recomendações e lembranças enviadas pela própria remetente e por pessoas de seu núcleo familiar. Também constatou-se que, assim como as *valedictios*, essas outras despedidas terminam com o uso das seguintes fórmulas: “como”, “como sua”, “de sua”, “esta sua”, “sua” e “que sou”. Tais recursos são uma maneira de unir a *valedictio* ou as outras formas de despedida ao fecho complementar, que será melhor explicado adiante. O quadro 50, a seguir, busca sistematizar essas outras formas de despedida que mantém a cortesia, mas não incluem o desejo de bons votos.

Quadro 50 - Outras formas de despedida com frases cordiais

	<b>Outras formas de despedida com frases cordiais</b>
AFF_01	Aceite Saudades de Seu Pri-   mo. no mais mande me como
AFF_02	Seu Primo   lhe emvia Saudades e aqui fico   como Sua.
AFF_03	ascei   te saudades de seu Primo,   e aqui fico pronta para sem   pre mostra que sou
AFF_04	o seu   Primo se recomenda saudozo eu a-   qui fico como sua
AFF_05	Seu Primo se recomenda saudo-   zo. e disponha de mim em tudo que   for do seu serviço como sua
AFF_06	Aqui fico   como Sempre a Sua ordem Como
AFF_07	-
AFF_08	O seu primo se recomenda saudoso e aqui   ficamos , como sempre , as suas ordens.   Tenho feito diligencia para lhe mandar   algumas caperas , mas não querem   cair , dizem me que é por ser tempo   de [x]juva. No mais , mande como sua
AFF_09	Aceite saudades de seu Primo   no mais mande como quem dezeja amos-   tra o quanto lhe dezeja amostra que sou
AFF_10	Seu Primo [T]e reco-   menda Saudozo Eu aqui fico Serta   e pronta para o que lhe pretra Como
AFF_11	Aceite Sau-   dades de Seu Primo. Eu aqui fico como   Sua que   Todo bem lhe quer
ATSM_01	Vezitas aos manos   e mande-me <i>vossa senhoria</i> as suas noticias para gosto desta   sua
ATSM_02	-
ATSM_03	e para   servir a <i>vossa senhoria</i> fica esta sua
ATSM_04	Tenho-lhe dado forte sua, porem   esta é a Conçolação de sua
ATSM_05	Espero as suas noticias em villa   nova e fico às ordens de vossa senhoria como sua
ATSM_06	mas não vay   a esquecer-se de huã
AVRA_01	-
ESJL_01	-
ESJL_02	-
ESJL_03	-
FMAX_01	-
HJT_01	Aceite saudades de Antonio, e Prima Joana, e de todos   os mais de caza, e eu particularmente sou
HJT_02	Eu ja conto certo deste   favor que Vossa Senhoria me ha de fazer, o qual ajuntarei   aos muitos que de Vossa Senhoria tenho merecido para a todo   o tempo confessar que sou
JL_01	-
JMS_01	-

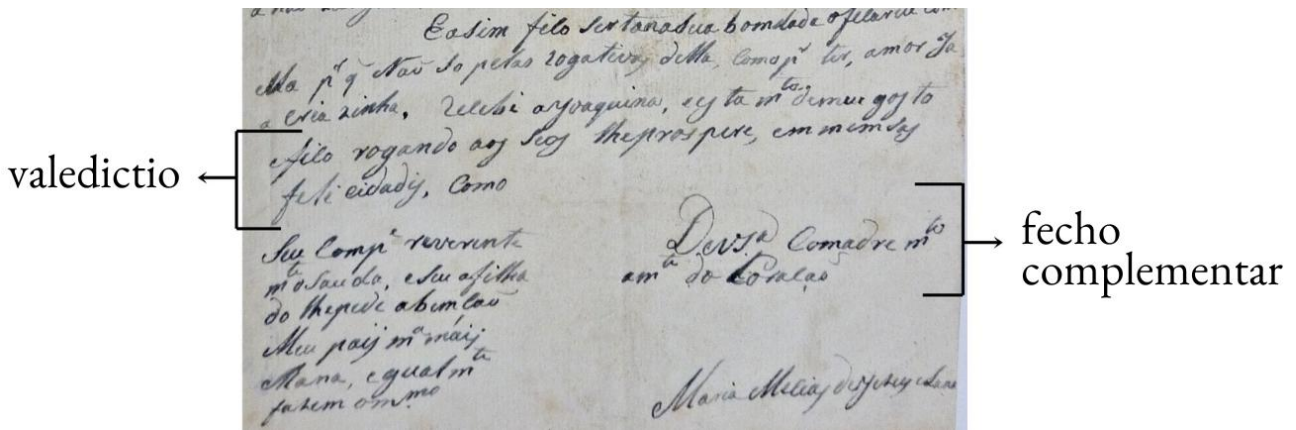
<b>JMS_02</b>	De tudo   sendo possível ficarei a <i>Vossa Senhoria</i>   <i>obrigada</i> aceite <i>Lembranças</i> de sua afi=   lhada, e eu em particular saúdo   a <i>Vossa Senhoria</i> como sua <i>Comadre muito agrade-</i>   cida.
<b>JMS_03</b>	-
<b>MILS_01</b>	Eu me rêComendo Com Milhares   de Saudades e de me Sempre me de notisias Suas de donde   andar Sou
<b>MJ_01</b>	pois eu   nunca me esqueçerei de alembrar de quem tenho   recebido tantos ozequios
<b>MJ_02</b>	-
<b>MMJL_01</b>	Seu afilhado lhe pede abençãõ   a seu <i>compadre muito</i> lhe agrade-se os trabalhos, e emcomodos, <i>que</i>   <i>Vossa Senhoria</i> tem tido conosco; e nos ambos, dezejamos. Ter oCazi-   aõ do seu servisso, e de mostrar-lhe a nossa gratidaõ     E fico Como
<b>MMJL_02</b>	-
<b>RMJ_01</b>	as meninas todas fazem a <i>Vossa Senhoria</i>   muitas recomendaçõis e eu faco o mesmo   em <i>particular</i> .
<b>SMC_01</b>	-
<b>VCMH_01</b>	-
<b>VCMH_02</b>	-

Quando comparamos os dados apresentados nos quadros 49 e 50, o que constatamos é uma relação de substituição. Não há casos em que as cartas possuem simultaneamente *valedictio* e outras formas de despedida, mas sempre uma ou outra estrutura. Além disso, há somente um único caso em todo o *corpus* em que a autora não se utiliza de nenhuma das duas fórmulas, ou seja, vai direto do núcleo da carta para o fecho complementar, que é a terceira missiva de Josefa Maria de Santana (JMS\_03).

Outra carta que se destaca nesta análise é AFF\_07. Como dito na subseção 3.2.4, essa missiva parece ter sido redigida por um punho diferente do que escreveu os demais manuscritos de Alexandra Francisca Freire. A análise diplomática dessa carta também fundamenta essa hipótese, que se originou de um trabalho paleográfico, já que, de todos os documentos da autora, esse é o único que usa uma *valedictio* com desejo de bons votos, e não outra forma de despedida.

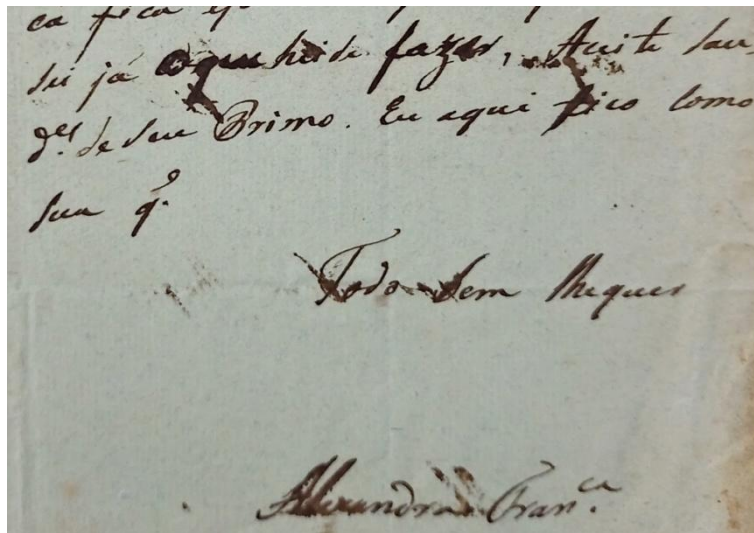
Por fim, interessa-nos pensar na despedida utilizada em AFF\_11. Antes, porém, é necessário comentar sobre o fecho complementar que, de acordo com Tin (2005, p. 137), é “[...] uma demonstração de respeito e lealdade”. Essa parte da carta, que também pertence à seção de despedida, geralmente vem entre a *valedictio* e a assinatura. Também é uma característica do *corpus* que o fecho complementar venha graficamente deslocado à direita do resto do texto, e normalmente com um espaçamento maior do que o deixado entre os outros parágrafos, como mostra a figura 39 a seguir.

Figura 39 - Exemplo de fecho complementar (MMJL\_02)



Como mostra a figura 40, abaixo, o que identificamos em AFF\_11 como outra forma de despedida com frase cordial possui uma empaginação bastante similar aos fechos complementares: no mesmo parágrafo do núcleo da carta há a frase “Aceite sal- | dades de seu Primo. Eu aqui fico como | sua que” e, na linha debaixo à direita, há a frase “Todo bem lhe quer.” A decisão por classificá-la como despedida, independentemente de sua organização gráfica, deu-se levando em consideração a construção do texto.

Figura 40 – Despedida de AFF\_11



Tanto na *valedictio* como nos outros tipos de despedida, o que observamos é uma demonstração de bons votos ou de respeito em que, muitas vezes, a remetente se coloca à disposição do destinatário. Já no fecho complementar, também há a manifestação de lealdade e de cortesia com seu correspondente, porém essa se dá a partir da autocaracterização da mulher por meio de adjetivos e/ou de construções com advérbios, como mostra o quadro 51, a seguir, que lista todas as estruturas

encontradas nas correspondências. Haja vista que o trecho comentado de AFF\_11 não segue essas formas linguísticas específicas, essa carta se conforma como a única carta do *corpus* que não apresenta fecho complementar.

Quadro 51 - Fecho complementar

	<b>Fecho complementar</b>
<b>AFF_01</b>	Sua Prima muito obrigada
<b>AFF_02</b>	Sempre amante e obrigada
<b>AFF_03</b>	Sua Prima muito amante
<b>AFF_04</b>	A mais amante Prima e obrigada
<b>AFF_05</b>	Muito devedora e obrigada
<b>AFF_06</b>	Sua Prima muito obrigada
<b>AFF_07</b>	De Vossa Senhora   a mais atenta criada
<b>AFF_08</b>	Prima Sempre amante
<b>AFF_09</b>	Sua Prima e obrigada
<b>AFF_10</b>	Sua Prima amante
<b>AFF_11</b>	-
<b>ATSM_01</b>	Irmã e amante e obrigada
<b>ATSM_02</b>	Irmã obrigadíssima e amante
<b>ATSM_03</b>	Irmã obrigadíssima e amante
<b>ATSM_04</b>	Irmã obrigadíssima e amante
<b>ATSM_05</b>	Muito obrigada e Amante Irmã
<b>ATSM_06</b>	Irmã sempre amante do Coração
<b>AVRA_01</b>	Vossa Mãe Saudosa   e amiga amante
<b>ESJL_01</b>	De Vossa Senhora Prima muito   afetuosa e obrigadíssima
<b>ESJL_02</b>	De Vossa Senhora Prima amante   e obrigada
<b>ESJL_03</b>	De sua Prima   Muito amante e obrigada
<b>FMAX_01</b>	Muito obrigada a vossa merce
<b>HJT_01</b>	De Vossa Senhora   A mais obrigada e amante[*]
<b>HJT_02</b>	De Vossa Senhora   A mais amante fiel e obrigada
<b>JL_01</b>	De Vossa Senhora   Muito obrigadíssima Vossa Merce
<b>JMS_01</b>	Sou Sua Comadre   graciçima.
<b>JMS_02</b>	Sou Sua Comadre,   que muito lhe estima

<b>JMS_03</b>	Confesso ser sua Comadre   graticima, muito, e muito obrigado
<b>MILS_01</b>	De Vossa Senhora   amiga muito umilde e obrigada
<b>MJ_01</b>	De Vossa Senhora Comadre muito amante   muito obregada e Criada
<b>MJ_02</b>	De Vossa Senhora   Comadre muito obrigada e Criada
<b>MMJL_01</b>	De Vossa Senhora Prima muito amante   e obrigadissima
<b>MMJL_02</b>	De Vossa Senhora Comadre muito   amante do Coração
<b>RMJ_01</b>	De vossa merce   Criada e OBrigada
<b>SMC_01</b>	Senhora a mais obrigada.
<b>VCMH_01</b>	Serva, e Captiva reverente de Vossa Excelencia
<b>VCMH_02</b>	Serva e Captiva humilde de Vossa Excelencia

Seguindo o fecho complementar, há a assinatura das autoras das missivas, analisadas paleograficamente na subseção 3.2.3. Aqui, o que se percebe é uma variação entre o uso de nomes e sobrenomes das mulheres. Nota-se também que são raras as mulheres que usam formas de tratamento para aludir a si mesmas e, quando há, é a forma “Dona”, utilizada por quatro mulheres: Ana Vicência Rodrigues de Almeida, Francisca Maria Antonia Xavier, Maria Inácia de Lorena Silveira e Violante Clara de Miranda Henriques. De acordo com Campos (2008, p. 40-41), o uso de “Dona”

[...] no mundo luso, de modo geral, significava uma forma de tratamento que diferenciava as mulheres nobres das plebéias, decorrente de um parentesco masculino, de pais, avós ou casamento. [...] [N]os centros urbanos, do lado “de cá” do Atlântico, a expressão era reservada àquelas consideradas brancas e ricas; no litoral africano, especialmente na região de Angola dos séculos XVII a XIX, as “Donas”, quase sempre mestiças ou negras, eram assim tratadas por concentrarem poder e exercerem papéis de comando, tanto no mundo dos negócios como na direção da família.

Assim, a autocaracterização enquanto “Dona”, redigida nas assinaturas das cartas, confirma que essas mulheres tiveram privilégios na sociedade colonial. Há, entretanto, mulheres que eram pertencentes à classes econômicas mais altas e não usaram essa forma de tratamento, como, por exemplo, Hipólita Jacinta Teixeira, que foi proprietária de terras na região de Minas Gerais e decendente de europeus. Assim, o uso de “Dona” confirma que as mulheres que o utilizaram eram ricas e de elite, mas a hipótese contrária pode não ser verdadeira. Em outras palavras, a escolha por grafar somente o próprio nome não quer dizer, necessariamente que a remetente era pobre, negra ou escravizada.

No quadro 52, a seguir, está a lista completa das assinaturas grafadas nas missivas.

Quadro 52 - Assinatura

	<b>Fecho complementar</b>
<b>AFF_01</b>	Alexandra Francisca
<b>AFF_02</b>	Alexandra Francisca
<b>AFF_03</b>	Alexandra Francisca
<b>AFF_04</b>	Alexandra Francisca
<b>AFF_05</b>	Alexandra Francisca
<b>AFF_06</b>	Alexandra Francisca
<b>AFF_07</b>	Alexandra Francisca Freire
<b>AFF_08</b>	Alexandra Francisca
<b>AFF_09</b>	Alexandra Francisca
<b>AFF_10</b>	Alexandra Francisca
<b>AFF_11</b>	Alexandra Francisca
<b>ATSM_01</b>	Anna
<b>ATSM_02</b>	Anna
<b>ATSM_03</b>	Anna
<b>ATSM_04</b>	Anna
<b>ATSM_05</b>	Anna
<b>ATSM_06</b>	Anna
<b>AVRA_01</b>	Dona Anna Vicencia Rodriguex
<b>ESJL_01</b>	Eugenia
<b>ESJL_02</b>	Eugenia Suarez de Jesus   e Lana
<b>ESJL_03</b>	Eugenia
<b>FMAX_01</b>	Dona Francisca Maria Antonia Xavier
<b>HJT_01</b>	Hipolita Jacinta Teixeira
<b>HJT_02</b>	Hipolita Jacinta Teixeira
<b>JL_01</b>	Joaquina Lopes
<b>JMS_01</b>	Jozefa Maria de Santa Anna
<b>JMS_02</b>	Jozefa Maria de Santa Anna
<b>JMS_03</b>	Jozefa Maria de Santa Anna
<b>MILS_01</b>	Dona Maria Ignacia de Lorena Silveira
<b>MJ_01</b>	Maria Justina
<b>MJ_02</b>	Maria Justina

<b>MMJL_01</b>	Maria Mecias de Jesus e Lana
<b>MMJL_02</b>	Maria Mecias de Jesus e Lana
<b>RMJ_01</b>	Roza Maria de Jesus
<b>SMC_01</b>	Sideria Maria da Conceição
<b>VCMH_01</b>	Dona Violante CLara de Miranda Henriques
<b>VCMH_02</b>	Dona Violante CLara de Miranda Henriques

Já em relação às datações tópica e cronológica, 26 documentos trazem informações sobre data e local de escrita. Apesar de, no período estudado, ser mais comum que essas informações façam parte do protocolo final, há duas mulheres que as colocam na seção de contato inicial: Ana Teresa Salter de Mendonça, que em ATSM\_04 escreve as datações antes do início da missiva, próximas à margem esquerda; e Ana Vicência Rodrigues de Almeida, que as grafa entre a direção e as saudações iniciais, próximas à margem direita do fólio. O quadro 52 a seguir traz todas as informações referentes às datações.

Quadro 53 - Datações tópica e cronológica

	<b>Datação tópica</b>	<b>Datação cronológica</b>
<b>AFF_01</b>	Santo Ignacio	29 de Mayo   de 1815
<b>AFF_02</b>	Santo Ignacio	30 de Agosto   de 1815
<b>AFF_03</b>	Santo Ignacio	16 de setembro   de 1815
<b>AFF_04</b>	Santo Ignacio	26 de novembro de 1816
<b>AFF_05</b>	Santo Ignacio	26 de Março   De 1817
<b>AFF_06</b>	Santo Ignacio	1 de Julho de 1817
<b>AFF_07</b>	Santo Ignacio	9 de novembro de 1817
<b>AFF_08</b>	Santo Ignacio	25   de Fevereiro de 1818
<b>AFF_09</b>	Santo Ignacio	1 de Junho de-   1818
<b>AFF_10</b>	-	-
<b>AFF_11</b>	-	-
<b>ATSM_01</b>	Vila nova da Cerveira	28 de Mayo de 1794
<b>ATSM_02</b>	Ponte de Lima	28   de Dezembro de 1797
<b>ATSM_03</b>	Ponte de Lima	8 de Mayo de 1798
<b>ATSM_04</b>	Ponte de Lima	17   Mayo de 1798
<b>ATSM_05</b>	Ponte de Lima	23   de Maio de 1798
<b>ATSM_06</b>	-	-



<b>AVRA_01</b>	Saõ Paulo	9 de Janeiro de 1815
<b>ESJL_01</b>	-	-
<b>ESJL_02</b>	-	-
<b>ESJL_03</b>	-	-
<b>FMAX_01</b>	Vila de Sabara	novembro de 1778
<b>HJT_01</b>	Lage	19 de   Junho d'1817
<b>HJT_02</b>	Ponta do Morro	17 de   Agosto d'1817
<b>JL_01</b>	Barreiro	16 de Abril   1820
<b>JMS_01</b>	Santa Anna	4   de Julho de 1817
<b>JMS_02</b>	Santa Anna	18   de Maio  [de] 1818
<b>JMS_03</b>	-	-
<b>MILS_01</b>	Vila Rica	31 de   Mayo de 1816
<b>MJ_01</b>	Porto de Cunha	4 de   [J]aneiro de 1821
<b>MJ_02</b>	Porto de Cunha	1º de Abril de 1821
<b>MMJL_01</b>	-	-
<b>MMJL_02</b>	-	-
<b>RMJ_01</b>	-	-
<b>SMC_01</b>	-	-
<b>VCMH_01</b>	OLinda	//20// de outubro de 1737
<b>VCMH_02</b>	OLinda	novembro 8 de 1737

Por fim, chamamos aqui de *post-scriptum* a observação adicionada após o encerramento da carta (CARVALHO, 2020). Esse recurso, que não costuma ser obrigatório nas seções de despedida, foi utilizado em 11 cartas: duas escritas por Alexandra Francisca Freire, duas por Ana Teresa Salter de Mendonça, duas por Eugênia Soares de Jesus e Lana, duas por Maria Messias de Jesus e Lana, uma por Ana Vicência Rodrigues de Almeida, uma por Joaquina Lopes e uma por Josefa Maria de Santana. A relação com o conteúdo dessas observações está no quadro 54, a seguir.

Quadro 54 - Post-scriptum

	<i>Post-scriptum</i>
<b>AFF_01</b>	-
<b>AFF_02</b>	-
<b>AFF_03</b>	-

<b>AFF_04</b>	-
<b>AFF_05</b>	-
<b>AFF_06</b>	-
<b>AFF_07</b>	esse crioulo vai para Vossa Senhoria o ver   ois que padesse mui   to com as dores re   umaticas et caetera
<b>AFF_08</b>	-
<b>AFF_09</b>	o crioulo Manoel   das dores reumaticas esta   agora bem atacado mande   dizer o que hei de fazer
<b>AFF_10</b>	-
<b>AFF_11</b>	-
<b>ATSM_01</b>	-
<b>ATSM_02</b>	-
<b>ATSM_03</b>	-
<b>ATSM_04</b>	-
<b>ATSM_05</b>	Post Scriptum   Aceite vossa senhoria vezitas   de Gonçalo Coelho e eu   me recomendo aos manos
<b>ATSM_06</b>	[Lembranças] aos manos, a filha   [ma]is velha de Manoel Cae   [ta]no esta em Ponte a   [tomar] banhos. Goncalo   [rec]omenda-se muito a vossa senhoria
<b>AVRA_01</b>	No Bergatim do sete, que a tempos se_   guio para a Bahia remeti os marmelos   secos, que pediste, estimando vos seja en_   tregue; e a presente vai derigida a vosso corres_   pondente Senhor Arouca para vos ser presente com_   a brevidade, que muito dezejo
<b>ESJL_01</b>	-
<b>ESJL_02</b>	as meninas   Saudozas Se re   Comendaõ a Vossa Senhoria
<b>ESJL_03</b>	aninha lhe   emvia muito saudar
<b>FMAX_01</b>	-
<b>HJT_01</b>	-
<b>HJT_02</b>	-
<b>JL_01</b>	Post Sscriptum   Paçando nesta recibo   o portador
<b>JMS_01</b>	aceite Lembranças da   Carlota
<b>JMS_02</b>	-
<b>JMS_03</b>	-
<b>MILS_01</b>	-
<b>MJ_01</b>	-
<b>MJ_02</b>	-
<b>MMJL_01</b>	entreguei a me[mo]ria   a Mana lhe agradese   a lembrança   Remeto a Vossa Senhoria   esses pirus, para   o seu pagem.   come llos pella   pos ceia

<b>MMJL_02</b>	Seu Compadre reverente   muito o sauda, e seu a filha   do lhe pede a bemção   Mey pay minha may   Mana, igualmente   fazem o mesmo
<b>RMJ_01</b>	-
<b>SMC_01</b>	-
<b>VCMH_01</b>	-
<b>VCMH_02</b>	-

Para concluir, ressaltamos que, como apresentado, durante essa investigação surgiram algumas questões que não possuíam respostas dadas na bibliografia conhecida como, por exemplo, o pouco uso da *valedictio* nas cartas analisadas. Tal cenário pode se dar por algumas razões: talvez pelas missivas serem um documento não-diplomático; ou pela própria característica dos manuscritos do *corpus*, que se apresentam como textos entre o público e o privado e, possivelmente, tenham estruturas um pouco menos rigorosas; ou, ainda, pela escassez de trabalhos que tenham se dedicado especificamente ao estudo minucioso das estruturas das cartas, dos quais destacamos aqui as investigações realizadas por Bellotto (2002), Carvalho (2020) e Monte (2015). De qualquer forma, podemos afirmar que as mulheres que redigiram o *corpus* possuíam conhecimento da estrutura das cartas, ainda que não seguissem totalmente a estrutura descrita na literatura consultada.

Por essa razão, é importante considerar, à luz dos textos teóricos, as particularidades de cada manuscrito. Sendo assim, a análise aqui apresentada busca contribuir com o estudo diplomático de cartas dos séculos XVIII e XIX, não a partir de um viés prescritivo, mas sim descritivo. Como consequência, os desafios que os textos nos colocam abrem novos caminhos de análise e interpretação que acabam por contribuir para um melhor entendimento a respeito da escritura epistolar das mulheres nas últimas décadas da sociedade colonial.



## 4. Edições e normas

Quem trabalha com a transcrição e edição tem uma missão tão essencial quanto árdua: mediar a relação texto-leitor de narrativas registradas nos fólhos. Dessa forma, ainda que séculos nos distanciem das histórias contadas, a pesquisadora ou pesquisador que se dedica aos manuscritos trabalha com vidas. Tal fato evidencia ainda mais o caráter ético do labor de edição, uma vez que joga luz em algumas histórias individuais e coletivas, que, muitas vezes, são o único registro que temos sobre determinada pessoa. De acordo com Andrade (2010, p. 21-22):

Gosto de lembrar de manuscrito como sal terrae que é derramado no fólho pelo escrivão através de traços há muito refletidos como se fosse por primeira vez. O pesquisador criterioso há de entrar no texto e decifrá-lo, como se navegasse sem nenhuma cartografia, como se reescrevesse o que já foi escrito, já que vai conhecendo uma história como se fosse pela primeira vez numa reinterpretação do há muito já vivido e interpretado. Aqueles, então, que falam, não são os mesmos sobre os quais se fala. A memória atualiza os fatos, ao revitalizar o passado que, no texto, se mantém e preserva. E, no ambiente escriturário de uma época, o escrivão é levado a configurar personagens, motivos, ações, deveres, cenário, símbolos, etc. Uma vez lido o texto, e corretamente, todo o resto já será buscado dependendo da formação e vocação de cada um.

Se o trabalho filológico possui este papel de garantir a fidedignidade do relato de fatos pretéritos, levando-os a pessoas que interpretarão o texto a partir de seus próprios interesses e dos métodos de suas áreas, é importante estabelecer alguns critérios referentes às estratégias e táticas da transcrição. De acordo com Castro e Ramos (1981, p. 2-3), o planejamento de uma edição deve ser movido por algumas resoluções que façam “[...] uma distinção prévia entre os aspectos *estratégicos* [...], que consistem em grandes decisões prévias e muito gerais quanto ao plano da edição [...], e os aspectos *táticos*, que concretizam esse espírito sob a forma de normas de comportamento específicas para cada caso”.

Desta forma, os autores defendem que, antes de definir as normas de edição, deve-se estabelecer um plano de trabalho que, a partir da escolha do texto a ser transcrito e do público a que possa se interessar, defina qual tipo de edição será realizada. Castro e Ramos (1981) atentam para a existência de edições mais conservadoras, isto é, que respeitam “[...] de forma quase integral as grafias dos manuscritos, ao ponto de não desenvolver as abreviaturas e de manter a pontuação original” (CASTRO; RAMOS, 1981, p. 6) e, por outro lado, de edições modernizadas, que se “[...] aproximam, mais ou menos, do pólo oposto à conservação” (CASTRO; RAMOS, 1981, p. 6) e, portanto, estão padronizadas de acordo com o português atual. Os autores propõem a seguinte metodologia para nos guiar nessa importante decisão:

Ninguém pensa em publicar um texto sem ter ideia, por mais subconsciente que seja, do interesse que ele pode ter para os leitores e do tipo dos leitores que por ele se podem interessar. Essa ideia, mesmo que o editor não dê por isso, guia as decisões preliminares de que resultará o plano de edição. Ora, a primeira coisa a fazer é conseguir que o editor passe a dar

por isso e que, para fazer o plano da edição, depois de ter estudado a tradição textual, conscientemente meça a relação texto-público e decida qual é o melhor tipo de edição para servir de veículo a essa relação; depois, é preciso que conheça e avalie como unidades de uma estrutura os outros veículos existentes, as outras edições que do mesmo texto já tenham sido publicadas, cada uma com suas características, utilidades e efeitos, e que retire dessa análise as características complementares que convém reunir na edição. É aí que decidirá o grau de conservadorismo que terá a sua transcrição. Tudo isto são actuações do editor que se situam no plano estratégico (CASTRO; RAMOS, 1981, p. 17).

Para iniciar o processo de edição dos manuscritos aqui apresentados, primeiramente foi feita uma pesquisa do campo bibliográfico, isto é, “[...] o grupo formado pelas edições existentes desse[s] texto[s]” (CASTRO; RAMOS, 1981, p. 18). A única edição encontrada dos manuscritos do *corpus* foi referente à epístola de Maria Messias de Jesus e Lana, realizada por Fonseca (2014) a partir de um viés histórico. Apesar de o autor não explicitar as normas utilizadas, é perceptível que a edição se aproxima mais de uma modernização. Além disso, o *post-scriptum* da missiva não foi incluído na edição. Os demais documentos aqui apresentados são monotestemunhais e inéditos, o que faz com que o trabalho de edição realizado com eles também seja original.

Tendo o campo definido, parte-se para a reflexão sobre o público-alvo e quais edições podem servir melhor a cada perfil de leitor. A leitura preliminar dos manuscritos aponta que eles podem ser de grande relevância para linguistas, historiadores e demais pessoas interessadas em temas que perpassem as escrituras de mulheres. O primeiro perfil se interessaria, provavelmente, por uma edição conservadora que lhe desse “[...] o conhecimento integral do manuscrito: os hábitos de escrita, os erros, a ausência ou presença de acentos e pontos, a regularidade ou irregularidade deste ou daquele grafo, as correções, as rasuras, etc.” (CASTRO; RAMOS, 1981, p. 23). Já os outros dois podem se interessar mais pelo conteúdo histórico destes textos, relevantes para a compreensão do período colonial brasileiro e do papel que as mulheres ocupavam em tal sociedade.

Se, por um lado, há esses três perfis de leitores especializados que podem se interessar pela edição, por outro lado, pode-se pensar também em um interesse oriundo de um público mais amplo, formado por leitores não-especializados para quem características linguísticas e paleográficas mantidas nas edições conservadoras podem causar uma maior dificuldade de leitura. Sendo assim, torna-se interessante também elaborar uma edição modernizada das missivas.

A partir de tais resoluções no campo estratégico e levando em consideração o caráter duplo do público-leitor, optou-se por fazer dois tipos de edição das cartas, com características bastante particulares: a edição filológica virtual, que permite a criação de uma edição modernizada em que as informações presentes no documento original são facilmente recuperáveis; e a edição semidiplomática, que possui caráter conservador, mas permite algumas interferências de quem edita, como a modernização da fronteira de palavras e a expansão de abreviaturas. Nas próximas duas subseções serão explicadas as normas utilizadas, seguidas pelas edições.

## 4.1 Edição filológica virtual

A aplicação de metodologias e perspectivas digitais, em trabalhos realizados nas áreas de ciências humanas, tem ganhado cada vez mais espaço nos últimos anos. O uso de ferramentas computacionais nos trabalhos de humanidades e, mais especificamente, no fazer filológico, mudam nossa relação com o texto escrito e, como veremos adiante, a própria natureza de tais textos.

Se as humanidades digitais parecem ser um campo relativamente recente, Guerreiro (2017), entretanto, mostra que a aplicação de ferramentas computacionais aos estudos da língua e do texto remetem, pelo menos, a meados do século XX. De acordo com a autora, o padre italiano Roberto Busa é considerado pioneiro nesta área, tendo sido o responsável por fundar o *Index Thomisticus* que, desde 1949, indexa e lematiza as obras de São Tomás de Aquino. O projeto de Busa foi central não só por criar a ideia de hipertexto, uma vez que possibilitou a busca de conceitos inter-relacionados, mas também por acompanhar e registrar o desenvolvimento das tecnologias eletrônicas. Guerreiro (2017) ressalta que se passaram mais de 50 anos entre o início do projeto, em que o digital era feito a partir de cartões perfurados em codificação binária, e a disponibilização online do trabalho (atualmente acessível em <https://www.corpusthomisticum.org/>). Além disso, várias fases do projeto foram fotografadas, o que possibilitou a criação de um registro coeso da história da computação.

No entanto, se hoje designamos como da área de humanidades digitais trabalhos como o do *Index Thomisticus*, que analisa e elabora questões provenientes das ciências humanas a partir de um viés eletrônico, é importante ressaltar que tal termo é muito mais recente do que o projeto de Busa. Segundo Guerreiro (2017), a expressão *digital humanities* aparece pela primeira vez na obra *Companion to Digital Humanities* (SCHREIBMAN et al., 2004), como alternativa à ideia de *humanities computing*. A autora defende que, anteriormente, a computação em humanidades se ligava unicamente à noção de digitalização, mas as humanidades digitais criam novas práticas que envolvem “[...] não só os processos de execução, mas todas as questões relacionadas com a produção e distribuição em linha” (GUERREIRO, 2017, p. 59).

Da primeira utilização do termo *digital humanities*, em 2004, até sua consolidação enquanto área de estudo com definição e objetivos bem delineados, foram necessários alguns anos. Um movimento importante com esse objetivo foi a realização do *The Humanities and Technology Camp - THATCamp*, evento realizado em Paris, no ano de 2010, e que reuniu diversos especialistas da área. O THATCamp culminou na publicação do *Manifesto das Humanidades Digitais*, resultado, segundo os autores, de dois dias em que “[...] discutimos, trocamos ideias, refletimos juntos sobre as *digital humanities* e tentamos imaginar e inventar o que poderiam ser” (THATCAMP, 2011).

Se antes era necessário inventar e imaginar o que poderiam ser as humanidades digitais, o manifesto criado estabelece o termo e define bases de trabalho bastante importantes. Primeiramente, elas passam a ser consideradas como uma área de estudo transdisciplinar, “[...] portadora dos métodos, dos dispositivos e das perspectivas heurísticas ligadas ao digital no domínio das ciências humanas e sociais” (THATCAMP, 2011). O ponto de partida para tal perspectiva é a “[...] opção da sociedade pelo digital que altera e questiona as condições de produção e divulgação dos conhecimentos” (THATCAMP, 2011). Esse interesse pelo digital, porém, não quer dizer o abandono do passado: conforme defendido pelo manifesto, as humanidades digitais “[...] apoiam-se, pelo contrário, no conjunto dos paradigmas, *savoir-faire* e conhecimentos próprios dessas disciplinas, mobilizando simultaneamente os instrumentos e as perspectivas singulares do mundo digital” (THATCAMP, 2011).

Além de delimitar uma definição para as humanidades digitais, o manifesto também traz algumas orientações de trabalho de cunho prático. Segundo o THATCamp (2011), as pesquisadoras e pesquisadores das humanidades digitais formam uma comunidade prática solidária, aberta, acolhedora, de livre acesso, multilíngue e multidisciplinar. Ademais, tem como objetivo “[...] o progresso do conhecimento, o reforço da qualidade da pesquisa em nossas disciplinas, e o enriquecimento do saber e do patrimônio coletivo” (THATCAMP, 2011), o que justifica a proposta de que todos os trabalhos realizados nessa área devem ser de livre circulação e acesso, seja em relação aos dados, metadados, métodos, códigos ou resultados.

A partir de tais proposições, cria-se uma nova e importante área de estudos que, partindo das discussões clássicas das ciências humanas, propõe um novo fazer que é, ao mesmo tempo, técnico, ético e político. As pesquisas em humanidades digitais abrem caminhos importantes para pensar as humanidades, tornando as ferramentas computacionais partes essenciais do fazer humanístico. Ou, nas palavras de Reid (2011, tradução nossa), fazendo com que as humanidades digitais se tornem “[...] apenas as Humanidades do momento presente”.

Sendo assim, em um movimento que caminha entre os conhecimentos clássicos e o uso de instrumentos computacionais, as humanidades digitais dão espaço para novas propostas metodológicas e, inclusive, para novas perspectivas de trabalho com o texto escrito. Neste sentido surge a *ePhilology* (eFilologia, em tradução livre, ou Filologia Virtual), conceito importante cunhado por Crane et al (2008, p. 3, tradução nossa), que defende que “[...] todos os produtos da tecnologia da informação — pinturas e poemas, romances e jornais, filmes e música — são estáticos desde que nossos ancestrais rabiscaram diagramas na sujeira ou imprimiram visões de seu mundo nas paredes das cavernas”. As ferramentas digitais, porém, moldam uma nova maneira de lidar com o mundo e permitem a criação de produtos intelectuais e culturais muito menos estáticos do que os códices manuscritos e os livros impressos, pois, “[...] agora podemos planejar um mundo onde as ideias cruzem de uma língua para outra e de uma



cultura para outra com uma velocidade e autenticidade muito além das que já experimentamos” (CRANE et al., 2008, p.3, tradução nossa).

Se, por um lado, mudam as nossas relações e experimentações com o texto escrito, por outro lado, a materialidade do texto em si também é alterada. Essa característica, entretanto, não é exclusiva da era digital, mas ocorre a cada nova transformação de leitura e escritura. Vale ressaltar aqui algumas dessas mudanças: as tabuinhas de argila, cujas letras eram grafadas nela ainda molhada, foram substituídas pelos livros manuscritos em rolo; tais rolos, por sua vez, tiveram por sucessores os códices manuscritos; estes foram substituídos pelos livros criados por prensa de tipo móveis; e, agora, vemos a convivência dos livros impressos com os textos digitais.

Entre essas mudanças, muitos consideram que a maior das revoluções é a criação da oficina tipográfica de Gutemberg, em meados de 1450. Tal fato se dá porque a imprensa permitiu a criação de cópias do texto em uma velocidade nunca antes alcançada, tendo em vista que não era mais necessário copiar as obras uma por uma, de forma manuscrita e artesanal, o que impulsionou a circulação e o acesso aos livros. Chartier (1998), entretanto, ressalta que essa transformação não foi tão absoluta assim. Segundo o autor, o livro manuscrito e o pós-Gutemberg possuem exatamente as mesmas estruturas:

Tanto um como outro são objetos compostos de folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato do livro e a sucessão dos cadernos. Estes cadernos são montados, costurados uns aos outros e protegidos por uma encadernação. A distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e os sumários: tudo isto existe desde a época do manuscrito. Isso é herdado por Gutemberg e, depois dele, pelo livro moderno. (CHARTIER, 1998, p. 8).

Sendo assim, mesmo que a forma de produção do texto tenha mudado, há uma continuidade marcante entre o texto manuscrito e o impresso. De acordo com Chartier (1994; 1998), até mesmo entre as tábuas de argila e os livros em rolo é possível ver essa ininterruptão: com exceção do texto digital, em todos os outros o que temos é o uso de uma ferramenta de escrita, que grava letras sobre um suporte. O texto digital, por sua vez, traz mudanças muito mais profundas, dado que ele “[...] não modifica apenas a técnica de reprodução do texto, mas também as próprias estruturas e formas do suporte que o comunica a seus leitores.” (CHARTIER, 1994, p. 87). O autor ainda explica que, nesta mudança para o digital, há uma fratura material que muda radicalmente a ideia de texto enquanto um objeto físico:

[...] é difícil empregar ainda o termo objeto. Existe propriamente um objeto que é a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido, mas esse objeto não é mais manuseado diretamente, imediatamente, pelo leitor. A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no

interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. (CHARTIER, 1998, p. 12-13)

Vale ir ainda mais longe em relação à nova maneira pela qual o leitor se relaciona com o texto nos ambientes digitais: o que vemos no monitor não é, sequer, um texto materializado tal qual os grafados nos livros manuscritos ou impressos, mas sim um *texto descorporificado*. De acordo com Paixão de Sousa (2013), os textos digitais podem ser assim considerados devido à coocorrência de dois fatores indissociáveis: por um lado, do olho humano que lê o texto representado sobre a tela e, por outro, de uma codificação computacional. Uma coisa não existe sem a outra quando nos referimos ao digital, e essa, talvez, seja a grande transformação de tal forma de escrita: “[...] além da lógica natural, há uma lógica artificial envolvida no processamento da informação” (PAIXÃO DE SOUSA, 2013, p. 29).

Para entender essa lógica artificial e a descorporificação do texto, é necessário salientar o princípio básico do funcionamento das máquinas. Como mostrado por Paixão de Sousa (2013) e Laue (2004), todos os dados recebidos, interpretados e apresentados no monitor não passam de pulsos de eletricidade “com carga” ou “sem carga” que, para fins de representação, são descritos em código binário (“1” e “0”, respectivamente). Essas sequências de uns e zeros, por sua vez, são interpretadas e traduzidas pelo computador como caracteres semelhantes às letras legíveis pelo olho humano. Para formar um caractere, é necessário uma cadeia de oito *bits*, ou informações de pulsos elétricos, denominada de *byte*. Um dos arranjos mais utilizados para codificação de caracteres é o *American Standard Code for Information Interchange – ASCII*.

De acordo com o ASCII, para representar uma sequência simples como “oi!”, é necessário a seguinte sequência de pulsos elétricos: 0110 1111, interpretado pela máquina como “o”; 0110 1001, lido como “i”; e “0010 0001”, traduzido como “!”. No quadro a seguir, há alguns dos códigos binários utilizados pelo ASCII para codificação de caracteres, adaptados do Instituto de Matemática e Estatística (2015).

Quadro 55 – Exemplos de caracteres em ASCII

## Números

Caractere	Código ASCII	Binário
0	48	0011 0000
1	49	0011 0001
2	50	0011 0010
3	51	0011 0011
4	52	0011 0100
5	53	0011 0101
6	54	0011 0110
7	55	0011 0111
8	56	0011 1000
9	57	0011 1001

## Letras minúsculas

Caractere	Código ASCII	Binário
a	97	0110 0001
b	98	0110 0010
c	99	0110 0011
d	100	0110 0100
e	101	0110 0101
f	102	0110 0110
g	103	0110 0111
h	104	0110 1000
i	105	0110 1001
j	106	0110 1010
k	107	0110 1011
l	108	0110 1100
m	109	0110 1101
n	110	0110 1110
o	111	0110 1111
p	112	0111 0000
q	113	0111 0001
r	114	0111 0010
s	115	0111 0011
t	116	0111 0100
u	117	0111 0101
v	118	0111 0110
w	119	0111 0111
x	120	0111 1000
y	121	0111 1001
z	122	0111 1010

## Outros símbolos

Caractere	Código ASCII	Binário
espaço	32	0010 0000
!	33	0010 0001
"	34	0010 0010
#	35	0010 0011
&	38	0010 0110
'	39	0010 0111
(	40	0010 1000
)	41	0010 1001
*	42	0010 1010
+	43	0010 1011
,	44	0010 1100
-	45	0010 1101
.	46	0010 1110
/	47	0010 1111

Se, como explanado, o texto que vemos na tela é uma sequência de pulsos elétricos, restam ainda duas questões a serem resolvidas: o que estamos chamando aqui de edição filológica virtual e quais foram as decisões editoriais necessárias para se editar as já referidas cartas de mulheres.

Para responder a primeira delas destacamos que, nesse tipo de edição, interessa-nos dar conta de uma das preocupações centrais da filologia, que é a de editar um texto que seja o mais fidedigno possível em relação ao que o autor escreveu. Toledo Neto (2020, p. 194) evidencia a importância de que, na edição filológica, o texto original seja recuperável a partir de normas e metodologias explícitas:

[...] o retorno [ao texto original] existirá enquanto as normas explicitadas na edição permitirem ao leitor saber quais foram todas as modificações feitas pelo editor. Se souber o que foi modificado, um leitor poderá, se assim o quiser, retornar ao estado anterior do modelo transcrito. A possibilidade do retorno assegura a fiabilidade da transcrição e, consequentemente, a da edição.

Como será mostrado adiante, a ideia de retorno ao original é plenamente alcançada com o tipo de edição virtual que foi desenvolvido a partir dos manuscritos do *corpus* e com o auxílio da ferramenta *eDictor* (PAIXÃO DE SOUSA; KEPLER; FARIA, 2013), que permite a criação em XML de uma edição em que se sobreponham as versões diplomática, semidiplomática e modernizada das cartas.

Com a finalidade de explicar o que estamos chamado de “edição filológica virtual”, também recorreremos a Monte e Paixão de Sousa (2017, p. 241), que defendem que o texto digital é uma “[...] simulação computacional de texto, destituída de realidade física, e plena de artifícios lógicos.” Por isso, a edição filológica virtual passa a ser “[...] a apresentação ‘fisicamente inexistente’ e ‘criada por programas de computação para parecer real aos sentidos’ de um documento fisicamente existente no espaço e no tempo”. Como objeto propriamente digital, essa edição é composta por três componentes básicos:

[...] a representação digital do texto original sob forma de imagem; a ‘textualização’ ou passagem da informação visual para informação efetivamente codificada como texto (incluindo-se a ‘transcrição’ do texto e a anotação de informações adicionais sobre o texto); e a apresentação do texto como objeto novamente legível como informação visual (de fato, num processo de desmaterialização e rematerialização do texto, de informação visual para informação computacional, e de volta para informação visual). (MONTE; PAIXÃO DE SOUSA, 2017, p. 265)

No trabalho desenvolvido nesta dissertação, os três componentes básicos que compõem o texto virtual ficam bastante evidentes quando analisamos o processo de edição em si. A primeira etapa da edição filológica virtual das missivas foi digitalização, a partir da qual temos como resultado um objeto inédito que, embora não substitua o original, acaba por contribuir com a preservação do manuscrito, uma vez que não é mais necessário manusear os documentos físicos para trabalhar com os processos seguintes de edição.

Tendo as cartas digitalizadas, passa-se para a transcrição. Nessa fase, o manuscrito que estava em forma de imagem é codificado como texto, tal qual utilizado, por exemplo, no sistema ASCII. Tendo o texto transcrito, parte-se para a edição propriamente dita, a partir de critérios pré-definidos. Para a criação das edições filológicas digitais se fez inicialmente uma edição diplomática das missivas, a partir das seguintes normas adaptadas de Toledo Neto (2020):

1. A edição será justalinear;
2. Letras ilegíveis ou parcialmente visíveis por fragmentação do suporte material serão indicadas por um ponto entre colchetes, como em [.]
3. Letras ilegíveis por dificuldade de decifração da escrita serão indicadas por asterisco entre colchetes, como em [\*];
4. Letras ou palavras reconstituídas por conjectura serão colocadas entre colchetes como, por exemplo, em “p[ar]te”, “p[rin]cipe” e “[ca]za”;
5. Se contemporâneas ao modelo, letras ou palavras acrescentadas na entrelinha ou na margem serão colocadas entre <> e transcritas na linha a que correspondam, como em <reis> e <Capitam>;

6. Letras ou palavras repetidas no modelo, sem cancelamento, serão colocadas entre barras verticais, como no caso de “|A *Senhora* |” e “|Com o *que* hé |”;
7. As abreviaturas não serão expandidas, sendo mantido, por exemplo, “Ilustríssimo” como “Illmo.” e “Francisco” como “Franco.”;
8. O emprego de maiúsculas, minúsculas e pontuação original serão rigorosamente mantidos;
9. Os alógrafos contextuais de caracteres serão uniformizados segundo o alfabeto atual, por exemplo: “canfsada” será transcrito como “canssada” e “filΞo” como “filho”.
10. Os sinais de pontuação e acentuação não serão uniformizados de acordo com a sua função na palavra e seguirão o mais fielmente possível a sua posição no modelo, como em “Irmaó” e “razaó”;
11. As fronteiras de palavras seguirão fielmente o modelo, como em “arogarlhe” e “ao Caziaó”.

Já para a criação da edição modernizada, teve-se em mente o trabalho de Motta e Monte (2019), que prevê um conjunto de regras para modernização de documentos, com o intuito de que eles alcancem um público não especializado, e os critérios para uniformização gráfica de antropônimos propostos por Monte (2015). Abaixo, seguem as normas utilizadas:

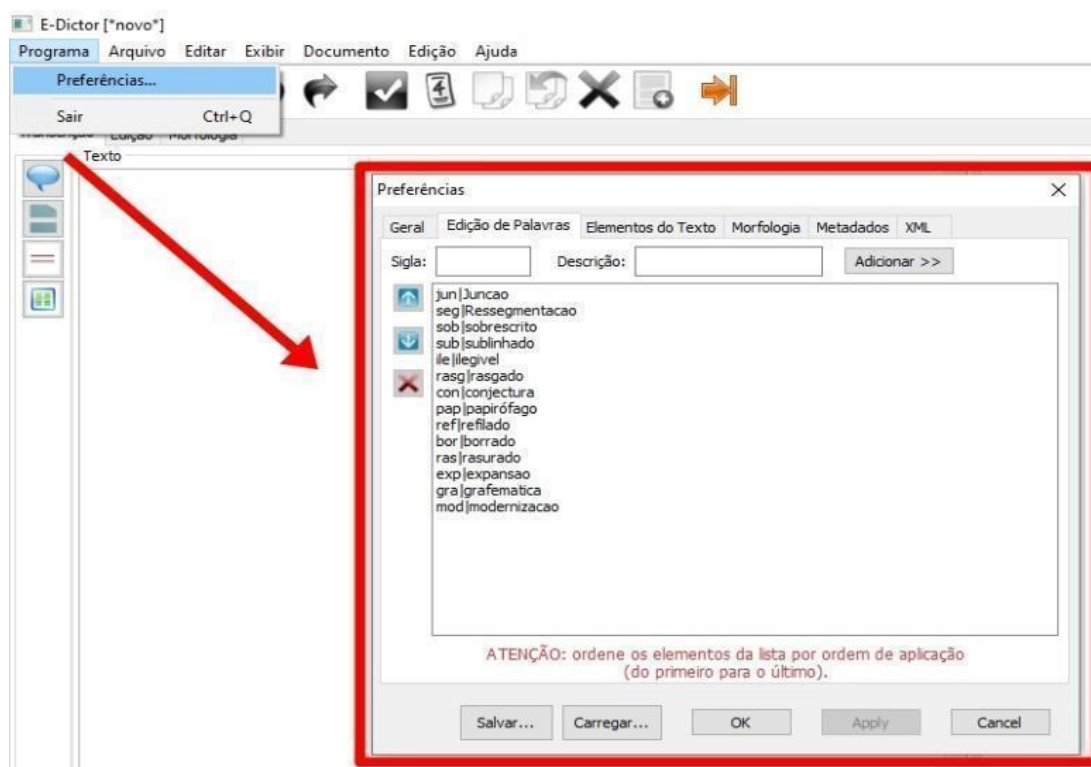
1. Todas as abreviaturas serão desenvolvidas e seguirão a grafia atual;
2. Paragrafação, grafia, pontuação e acentuação do modelo são adaptadas conforme o uso atual para uma melhor compreensão;
3. As fronteiras entre palavras são modernizadas conforme o modelo de separação vocabular atual;
4. A transcrição será justalinear;
5. Erros evidentes no modelo serão corrigidos;
6. O hífen é usado entre pronome e verbo. Ex.: Declara-se. Serão inseridas letras em casos que pareçam necessárias para uma melhor compreensão do texto, como em “lheide” por “lhe hei de”;
7. Todas as alterações necessárias para uma melhor leitura são feitas, incluindo a adaptação de preposições, artigos, pronomes, acentuação, pontuação, etc.;
8. A estrutura do gênero textual do documento é preservada;
9. Os títulos e formas de tratamento serão grafados com a primeira letra de cada palavra em caixa alta, como em: “Vossa Mercê”, “Vossa Senhoria”, “Dom”, “Ilustríssimo Senhor”, “Senhoras Donas”. Para cargos ou outros substantivos usados para se referir a pessoas

presentes no discurso, como “primo”, “amigo”, “capitão-mor” e “prior”, opta-se pela modernização com letras minúsculas;

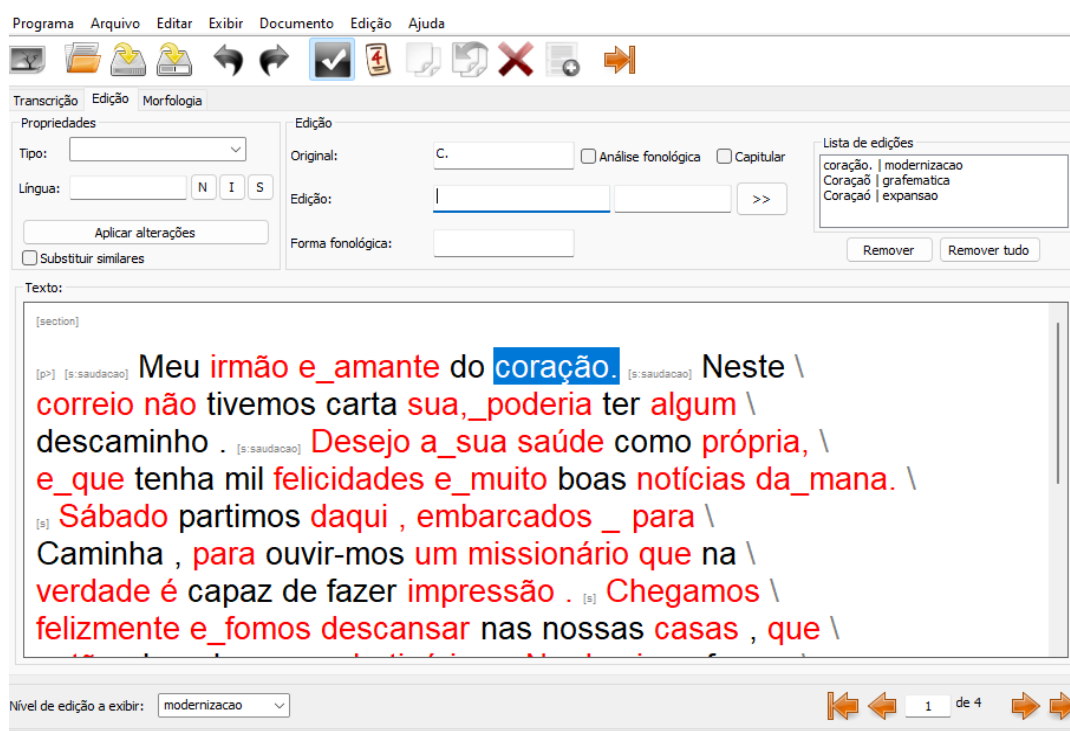
10. Para o topônimos e antropônimos, serão seguidas as grafias mais frequentes atualmente. Dessa forma, permite-se substituição de “e” por “i” em ditongos; “i” e “u”, quando com valor de consoante, serão modernizados para “j” e “v”, respectivamente; o “y” será substituído por “i”; “s” e “z” seguirão o uso atual, com exceção da escrita em fins de palavra, como em “Soares” e “Ferraz”; o “g” e o “h” em nomes como “Theresa”, “Bartholomeu” e “Ignácio” foram retirados; nomes terminados em “x”, como “Rodriguex”, serão substituídos por “s”; e também serão feitas outras alterações que pareçam necessárias, como o inclusão de acentos em nomes como “Vicencia” > “Vicência” e “Florencio” > “Florêncio”.

Tendo as cartas editadas diplomaticamente, inicialmente em formato *txt*, o texto de cada uma delas foi importado à interface do *eDictor* (PAIXÃO DE SOUSA; KEPLER; FARIA, 2013). Em seguida, realizou-se a configuração das preferências do programa para a criação da modernização a partir das diretrizes de edição eletrônica do *Corpus* Histórico do Português Tycho Brahe (PAIXÃO DE SOUSA, 2007) e de outras necessidades suscitadas pelo próprio *corpus*. Foram usadas ao todo 14 etiquetas de edição, sendo elas: junção (jun) e ressegmentação (seg), para atualizar as fronteiras de palavras; sobrescrito (sob) para marcar palavras ou letras grafadas entre as linhas do texto ou sobrepostas nas abreviaturas; sublinhado (sub), para destacar palavras que foram grifadas no original como, por exemplo, no caso do ano 1794; ilegível (ile), rasgado (rasg), papirófago (pap), refilado (ref), borrado (bor) e rasurado (ras), para indicar dificuldades de leitura relacionadas ao suporte; conjectura (con), para marcar trechos em que foi feita uma leitura duvidosa; expansão (exp), para fazer a abertura de abreviaturas; grafemática (gra), para padronizar acentuação e sinais gráficos; e, por fim, a modernização (mod), para atualizar a grafia das palavras de acordo com a norma atual, acrescentar ou retirar pontuações e alterar outras questões do texto que poderiam dificultar sua leitura e não foram resolvidas com as etiquetas anteriores.

Para incluí-las no programa, primeiramente foi acessada a opção “programa” e, em seguida, selecionou-se “preferências”. Na nova janela que abriu, escolheu-se “edição de palavras”. Na opção “sigla” foram incluídas as primeiras letras da etiqueta, que aparecem no *xml* como o valor da palavra editada. Em “descrição” foi incluído o nome da etiqueta de forma expandida, tal qual consta na tela de edição.

Figura 41 – Configuração das preferências do *eDictor*

Com as preferências configuradas e o arquivo XML gerado, o *eDictor* abre uma nova aba para a realização da edição. Ao clicar na palavra a ser editada, é mostrado, na segunda coluna, como ela é escrita no original. Na linha de baixo, referente à edição, escolhemos qual etiqueta será utilizada e como a palavra ficará grafada após a sua aplicação. As etiquetas já empregadas em determinada palavra aparecem na terceira coluna, de “lista de edições”. Por exemplo, como mostra a figura 42 retirada de ATSM\_01, a palavra que originalmente estava grafada como “C.” foi expandida para “Coração”, em seguida foi usada a etiqueta de grafemática para alterar o diacrítico que marca a nasal para “Coração” e, por fim, houve uma modernização para colocar o “c” maiúsculo em caixa baixa, alterar a posição do til e incluir um ponto final, resultando em “coração.”. Quando finalizada a edição de determinada palavra, seleciona-se a opção “aplicar todas as alterações”, na primeira coluna. Automaticamente a palavra aparece em vermelho no texto principal, para mostrar que já foi editada.

Figura 42 – Interface de edição XML do *eDictor*

Por trás dessa interface do *eDictor*, o que está sendo criado é um arquivo em *xml* com registros de todas as decisões editoriais tomadas. Para mostrar o modo como esse código se estrutura, trouxemos alguns exemplos retirados das missivas do *corpus*. No primeiro deles, pertencente a AFF\_01, vê-se primeiramente a *tag* de abertura de palavra `<w>` com a sua respectiva identificação: o *eDictor* classificou-a como a palavra 19 do documento que está sendo editado, com o atributo *id=* e o valor “19”. Abaixo, iniciam-se as informações da edição: a palavra grafada no documento, marcada entre as tags de abertura e fechamento `<o>` e `</o>`, estava originalmente escrita de forma separada, como “p[ar]-“ e “te”. Relembro que, de acordo com as regras de edição conservadora apresentadas anteriormente, os colchetes servem para marcar letras reconstituídas por conjectura. Para iniciar a edição, marcada nas linhas de 4 a 7 entre as *tags* `<e>` e `</e>`, usou-se primeiramente o atributo *t=* com valor “*jun*” para fazer a junção das duas partes da palavra que foram escritas separadas. Em seguida, marcou-se o “ar” como borrado, com o uso de *t=* “*bor*”. Depois foi feita uma ressegmentação, com *t=* “*seg*”, para retirar o hífen que estava no original e marcava a quebra de linha. Por fim, usou-se *t=* “*mod*”, que indica modernização, para retirar os colchetes de “ar” que indicavam a leitura duvidosa, uma vez que tal informação já se encontrava registrada no código XML. Na última linha, é usada a *tag* `</w>` para marcar o final dessa palavra de identificador 19. Como mostrado a seguir:



```

<w id="19">
  <o>p[ar]-<bk t="1" id="bk_4"/>te</o>
  <e t="mod">parte</e>
  <e t="bor">ar</e>
  <e t="seg">p[ar]te</e>
  <e t="jun">p[ar]-te</e>
</w>

```

Já no exemplo a seguir, retirado da carta AFF\_06 e identificado com o atributo *id=* de valor “3”, a palavra grafada no documento original é “Capm.”. Para a edição, primeiro marcou-se o “m” como sobrescrito, com *t=“sob”*, e, em seguida, foi feita a expansão da abreviatura, com *t=“exp”*, para “Capitam”, de acordo com a grafia da época. Por fim, usou-se o atributo *t=* com valor “*mod*” para modernizar a palavra para “Capitão”.

```

<w id="3">
  <o>Capm.</o>
  <e t="mod">Capitão</e>
  <e t="exp">Capitam</e>
  <e t="sob">m</e>
</w>

```

Outro exemplo interessante, desta vez para observarmos o uso da etiqueta de grafemática, é o “naó” localizado como a palavra 31 da mesma carta de Alexandra Francisca Freire e mostrado a seguir. No original, ela foi escrita com um marcador de nasalização semelhante a um acento agudo, localizado sobre a letra “o”. Para editá-lo, primeiramente foi usada a etiqueta de grafemática, de atributo *t=* com valor “*gra*”, para atualizar o til de “naõ”. Depois, usou-se a modernização *t=“mod”* para colocar o acento sobre a letra “a”.

```

<w id="31">
  <o>naó</o>
  <e t="mod">não</e>
  <e t="gra">naõ</e>
</w>

```

Além dos do uso para atualização de acentos, a grafemática também foi aplicada para modernizar as letras ramistas, isso é, j e v, como mostrado a seguir. A palavra 95 de ATSM\_01 estava originalmente grafada como “Iozé”. Para editá-la, primeiramente foi usada a grafemática, por meio de *t*=“*gra*”, para atualizar o “I” para “J”, formando “Jozé”. Só então que foi feita a modernização, com *t*=“*mod*”, para mudar a letra “z” para “s”, originando “José.”

```

<w id="95">
  <o>Iozé</o>
  <e t="mod">José</e>
  <e t="gra">Jozé</e>
</w>

```

Em algumas situações, foi necessário usar a opção de adição ou exclusão de pontuação na modernização, para criar uma melhor compreensão do texto por parte dos leitores não-especializados contemporâneos. Vale destacar, porém, que não houve inclusões ou exclusões de palavras ou letras, tampouco foram alteradas as concordâncias verbais e nominais. Sendo assim, casos como “do olhos” (carta AFF\_03), “na lembranças” (carta AFF\_03) e “esta gente estimam” (carta ATSM\_02), foram mantidos na modernização. O mesmo ocorreu para a colocação de pronomes, principalmente na construção de frases negativas em posições que não são tão corriqueiras no português brasileiro atual: “a mesa atual nos não tem” (carta ATSM\_02), ao invés de “não nos tem”, e “da minha imaginação se não tira” (carta ATSM\_01), no lugar de “da minha imaginação não se tira”. Tal nível de edição foi utilizado exclusivamente para os sinais de pontuação e teve como objetivo criar uma maior fluidez de leitura, necessária em casos como “se achava | com toda a sua família mulher, uma, filha, e três | filhos já todos grandes” (carta ATSM\_01).

Como exemplificado a seguir, para esses casos se usou a opção de inclusão de palavra, em que foi colocada a vírgula, identificada como o id=“12” na carta AFF\_04. Em seguida, apagou-se ela do original, incluindo-a na modernização com *t*=“*mod*”.

```
<w id="12">
  <o> </o>
  <e t="mod">,</e>
</w>
```

Nas palavras ou pontuações que estão localizadas próximas à quebra de linha, o *eDictor* não permite a adição por meio da opção de inclusão de palavras. Nesses casos, foi modernizada a palavra que as antecede. Tal opção foi utilizada, por exemplo, em “braços”, identificada como a palavra 137 da carta ATSM\_01, que já estava grafada da mesma maneira que é recorrente no português atual. Para incluir a vírgula, usou-se *t* = “*mod*” para fazer a edição como “braços,”.

```
<w id="137">
  <o>braços<bk t="p" id="bk_16"/></o>
  <e t="mod">braços,</e>
</w>
```

Também houve casos em que as pontuações da missiva foram retiradas na modernização. Para ilustrar, tomemos como exemplo a vírgula de identificador 119 da carta ATSM\_02. Nesse caso, a vírgula foi mantida no original, marcado entre *<o>* e *</o>*, porém não consta na edição modernizada, marcada por *t* = “*mod*”.

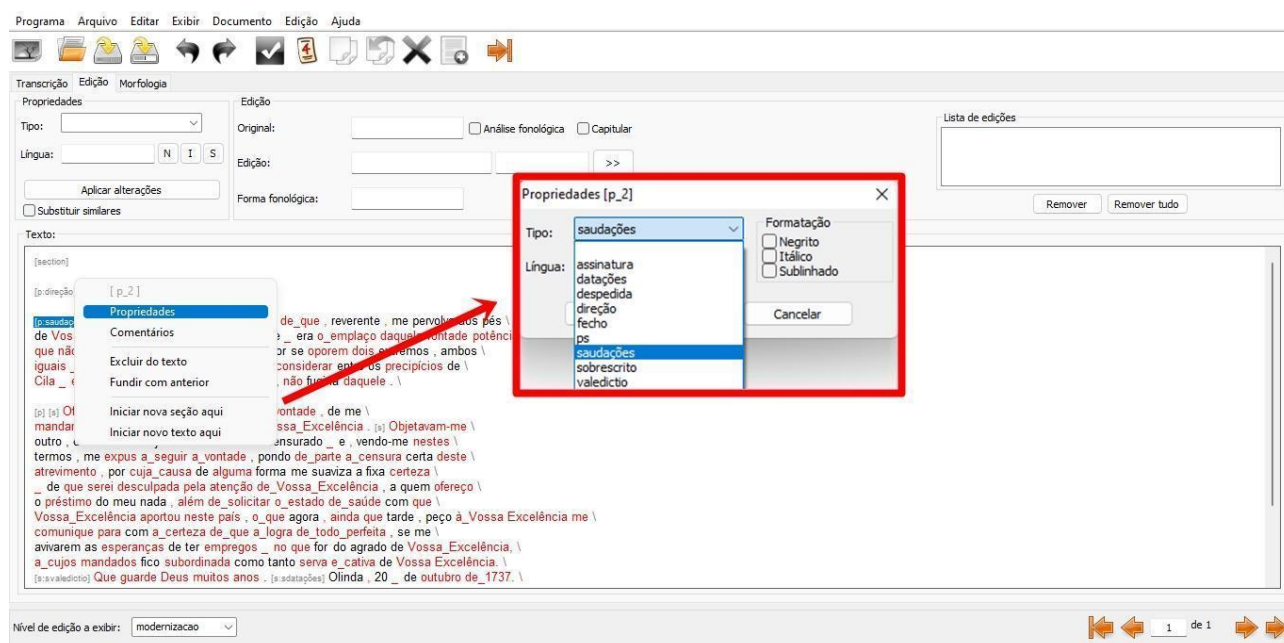
```
<w id="12">
  <o>,</o>
  <e t="mod"> </e>
</w>
```

Além da modernização, realizada a partir das etiquetas de edição de palavras, foram feitas anotações diplomáticas, ao nível da sentença e do parágrafo. Tal trabalho tem por objetivo marcar as partes constitutivas das cartas, que foram explicitadas em detalhes na subseção 3.3. Para isso, foram criadas nove etiquetas de anotação: direção; saudações, para marcar as saudações iniciais; valedictio; despedida, para os casos em que há outros tipos de despedida que não incluem o desejo de bons votos; fecho, para o fecho complementar; datações, tópica e cronológica; assinatura; ps, para o post-scriptum; e sobrescrito, para os casos dos endereçamentos comentados na subseção 3.1.1.

Tendo as etiquetas diplomáticas definidas e adicionadas ao *eDictor* a partir dos mesmos comandos utilizado para a inclusão das opções de edição, porém na aba “elementos do texto” ao invés

de “edição de palavras”, inicia-se a inclusão delas no *xml*. Para isso, primeiramente se clica com o lado esquerdo do mouse em cima da sentença ou do parágrafo que pretende marcar. Como mostra a figura 43, em seguida é selecionada a opção “propriedades” e, na nova janela que abriu, escolhe-se alguma das etiquetas anteriormente configuradas. Ao fazer isso, a interface do programa já mostra a parte constitutiva da carta que foi eleita, adicionada junto à [p] ou [s], ou seja, no nível da parágrafo ou da sentença.

Figura 43 – Inclusão dos elementos do texto



No XML é possível encontrar a etiqueta selecionada como valor do atributo *t=*, dentro da *tag* de abertura do parágrafo ou da sentença a que ela foi relacionada e estruturada. No caso da assinatura AFF\_04, reproduzida a seguir, primeiramente há a *tag* <p> identificando o parágrafo de número 4. Adiante há o atributo *t=* com o valor da etiqueta adicionada. Na linha de baixo, há *tag* de abertura de sentença <s> com sua respectiva identificação, seguida pelas palavras editadas naquela sentença, na mesma estrutura anteriormente descrita. Por fim, encontram-se as *tags* de fechamento de sentença e de parágrafo, respectivamente, </s> e </p>.

```

<p id="p_4" t="assinatura">
  <s id="s_11">
    <w id="132">
      <o>Alexandra</o>
    </w>
    <w id="133">
      <o>Franca.<bk t="1" id="bk_20"/></o>
      <e t="exp">Francisca</e>
      <e t="sob">ca</e>
    </w>
  </s>
</p>

```

A última etapa de edição das missivas foi a inclusão dos metadados da edição, adicionados nas preferências da mesma maneira em que se configuram as etiquetas de edição e de elementos do texto. Para este *corpus*, foram criadas duas categorias de metadados: na primeira, referente ao *documento*, são preenchidas as informações de arquivo, autora, código de referência, data, destinatário, local e título; já na segunda, referente às informações de *pesquisa e edição*, são incluídos os nomes da autora do trabalho, o título da dissertação, a instituição de financiamento e o número de processo, a instituição de pesquisa e o nome da orientadora. Além disso, o *eDictor* gera automaticamente metadados internos, nos quais constam o código do documento, a edição do programa que foi utilizada, a data da última alteração do arquivo e o número total de palavras. Apesar dos metadados não serem visualizáveis na exibição final da edição, tais informações constam no início do código *xml* e são de suma importância para a administração dos dados e para o processamento.

Estando prontas as edições, com as anotações diplomáticas e os metadados preenchidos, o *eDictor* dá três opções para exportar o arquivo que foi criado: texto, léxico de edições e sentenças etiquetadas. Interessa-nos aqui a primeira delas, referente ao texto. Nela, o programa exporta a edição em formato *txt* ou em *html*, que foi a opção utilizada para publicação do *corpus* desta pesquisa. Para tanto, optou-se por usar a opção de *html* com área para fac-símile no qual, à esquerda da tela, encontra-se o fac-símile da carta e, à direita, a edição conservadora ou modernizada da missiva.

Sendo assim, apesar do próprio *eDictor* gerar uma edição em *html*, foi feita uma estilização em *css* para alterar a visualização das cartas. Para essa personalização, foi utilizado como base o arquivo aplicado em Paixão de Sousa (2020), fazendo as alterações necessárias para o correto funcionamento das folhas de estilo a partir das etiquetas utilizadas nesta pesquisa. Nas edições diplomáticas, quando

passamos o cursor por cima de uma palavra editada, abre uma janela azul com sua forma modernizada; já nas edições modernizadas, a informação que aparece na caixa azul é referente à forma conservadora da mesma palavra. Em ambas as versões, é dado um destaque em amarelo para a parte diplomática da carta à qual a palavra selecionada faz parte. As figuras 44 e 45, a seguir, apresentam duas opções de visualização de AFF\_11, já na forma final de visualização: na primeira está a edição diplomática da missiva e, na segunda, a edição modernizada.

Figura 44 – Edição virtual diplomática do primeiro fólio de AFF\_11

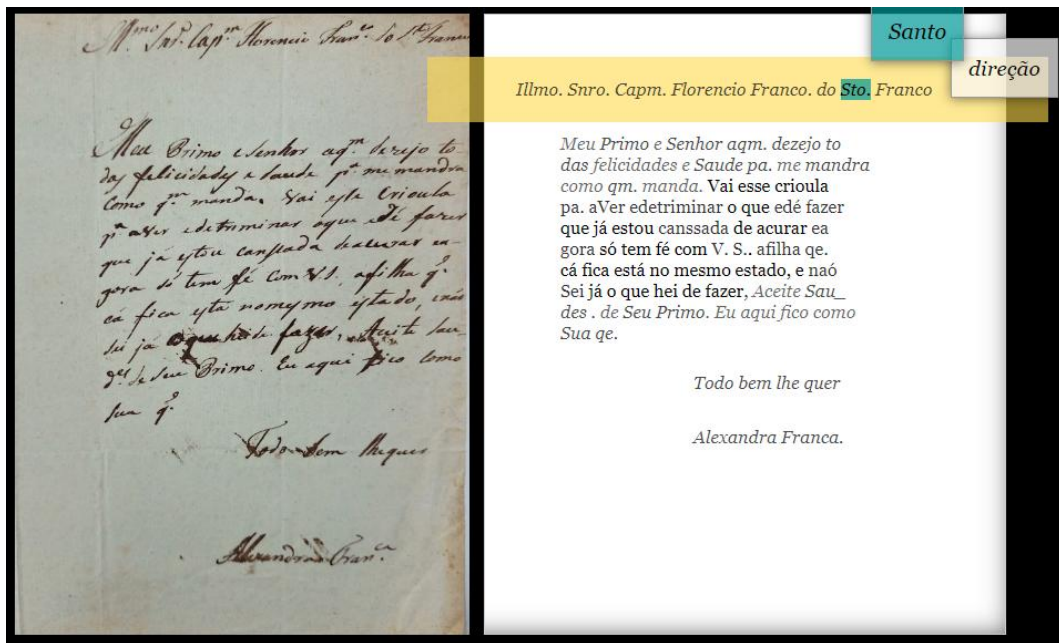
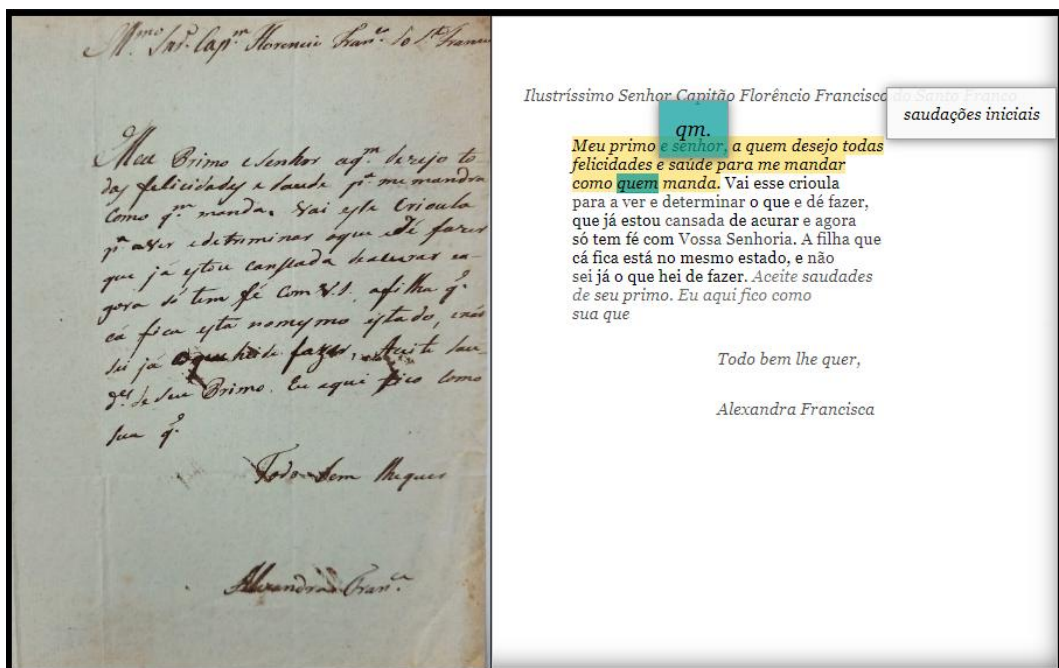


Figura 45 – Edição virtual modernizada do primeiro fólio de AFF\_11



Todas as edições realizadas nesta pesquisa estão publicadas no site do *Projeto M.A.P.: Mulheres na América Portuguesa*, e podem ser acessadas no seguinte endereço: [map.prp.usp.br/Corpus/Punhodemulher/Index.html](http://map.prp.usp.br/Corpus/Punhodemulher/Index.html). Além das edições diplomáticas e modernizadas, no site também é possível encontrar os arquivos de base em xml de todas as missivas. Destacamos que, a depender das configurações do navegador, pode não ser possível visualizar o *xml* no site. Nesse caso, recomendamos que o arquivo seja baixado aberto localmente.

Assim como ocorre em relação à presente dissertação, está autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial das edições, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte. Ressaltamos, também que as 14 remetentes que redigiram os manuscritos do *corpus* foram incluídas no Catálogo M.A.P. e podem ser consultadas em [map.prp.usp.br/MAP\\_Recursos.html](http://map.prp.usp.br/MAP_Recursos.html).

Por fim, realizar um trabalho filológico com interface com as humanidades digitais abre caminhos para repensar antigos questionamentos próprios daquela disciplina e, como consequência, tomar novas decisões editoriais. Um desses exemplos é o estabelecimento das edições das epístolas de mulheres a partir da filologia virtual, com o uso do *eDictor*. No estabelecimento de uma edição desse tipo, é mantida a fidedignidade da edição filológica em relação ao manuscrito, ao mesmo tempo em que é possível realizar níveis maiores de intervenção no texto. Sendo assim, em um primeiro momento, as edições virtuais se mostram como uma excelente solução para cumprir com a ética filológica de permitir que o leitor retorne ao texto original. Além disso, estando ambas as edições, diplomática e modernizada, acessíveis na visualização final do texto, é possível contemplar os dois públicos-alvo propostos anteriormente.

Mas a edição virtual nos permite ir ainda além, já que a anotação em *xml* possibilita a realização de outros tipos de marcação, no caso apresentado, realizada a partir do estudo diplomático e da inclusão dos metadados. A anotação de partes específicas das cartas transforma o *corpus* em um banco de dados buscável e sistematizado para pesquisas futuras. Com isso, concluímos que a edição virtual traz contribuições imensamente importantes para o labor filológico.

## 4.2 Edição semidiplomática

Para a edição semidiplomática apresentada a seguir, usou-se como base o trabalho de Toledo Neto (2020). As normas de edição utilizadas, acompanhadas por exemplos retirados do próprio *corpus*, foram as seguintes:

1. A transcrição será conservadora;

2. A edição será justalinear. Ao longo da dissertação, onde foram citadas passagens das missivas, foi usada uma barra vertical para indicar a quebra de linha;
3. As linhas serão numeradas de 5 em 5;
4. Letras ilegíveis ou parcialmente visíveis por fragmentação do suporte material serão indicadas por um ponto entre colchetes, como em [.] ;
5. Letras ilegíveis por dificuldade de decifração da escrita serão indicadas por asterisco entre colchetes, como em [\*];
6. Letras ou palavras reconstituídas por conjectura serão colocadas entre colchetes como, por exemplo, em “p[ar]te”, “p[rin]cipe” e “[ca]za”;
7. Letras ou palavras repetidas no modelo, sem cancelamento, não serão marcadas na transcrição por nenhum caracter especial. Tal decisão foi tomada tendo em conta que os únicos casos em que tal situação aparece são nos reclames da carta FMAX\_01;
8. Letras ou palavras riscadas no modelo serão tachadas na edição, como ocorre em “aglegro”;
9. Se contemporâneas ao modelo, letras ou palavras acrescentadas na entrelinha ou na margem serão colocadas entre <> e transcritas na linha a que correspondam, como em <reis> e <Capitam>;
10. As abreviaturas serão desenvolvidas em itálico, seguindo a grafia desenvolvida mais recorrente no modelo. Caso não seja possível recuperar a forma do modelo, a parte desenvolvida seguirá a grafia atual. Alguns exemplos são: “*Illustrissimo*”, “*Prima*” e “*Abitantes*”;
11. O emprego de maiúsculas, minúsculas e pontuação original serão rigorosamente mantidos.
12. Quando houver um maior branco gráfico deixado pela remetente, será usado [espaço] para marcar. Exemplo: “dará por outra parte. [espaço] Esta gente estimaõ”
13. Os alógrafos contextuais de caracteres serão uniformizados segundo o alfabeto atual. Por exemplo, “canjsada” será transcrito como “cansada” e “filEo” como “filho”;
14. As vogais pingadas serão uniformizadas de acordo com a grafia atual, ou seja, as letras <i>, <j> e <y>;
15. Os sinais de pontuação e acentuação serão uniformizados de acordo com a sua função na palavra, mas a posição seguirá o mais fielmente possível a sua posição no modelo, como “Irmaó” transcrito por “Irmaõ” e “razaó” por “razaõ”;
16. As fronteiras de palavras serão modernizadas conforme a separação vocabular atual, mas não serão incluídos hífen entre o pronome e o verbo que não aparecerem no modelo. Exemplos são “arogarlhe” transcrito como “a rogar lhe” e “ao Caziaõ” como “a oCaziaõ”;



17. Erros evidentes no modelo (como “protador” por “portador”), intervenções posteriores à redação do texto escritas por outra mão, descrições codicológicas (como carimbos e selos), e demais comentários pertinentes serão indicados e especificados em nota de rodapé.

M<sup>mo</sup> Sr. Cap<sup>m</sup> Antonio Fran. Jos<sup>to</sup>

Meu Primo e Sr. Sr<sup>to</sup> de nos notici-  
as suas, e de galeste m<sup>to</sup>.

Deu-me por  
te que os seus Cavallos e Hiram  
chios de quilloz e tan toz e tam  
miudoz que agora e qde op-  
xi oprotador Medira og. setem  
fite. Acute Saed. de seu Bri-  
mo. no snaj mandeme como

seu Prima m<sup>to</sup> Sr<sup>to</sup>.

Sto Ignacio  
29 de Mayo  
de 1815

Alexandra Fran.

**AFF\_01**

*Illustrissimo Senbor Capítam Florencio Francisco do Santo*

Meu Primo e *Senbor* de nos noti-  
cias Suas, e regalesse *muíto*.

Dou lhe p[ar]<sup>19</sup> -

5 te que os Seus Cavallos veiram<sup>20</sup>  
cheios de piolhos e tantos e tam  
miudos que agora é que os-  
vi o protador<sup>21</sup> lhe dira o *que* Se tem  
10 feito. Aceite Saudades de Seu Pri-  
mo. no mais mande me como

Sua Prima *muíto* obrigada

*Santo* Ignacio

29 de Mayo

de 1815

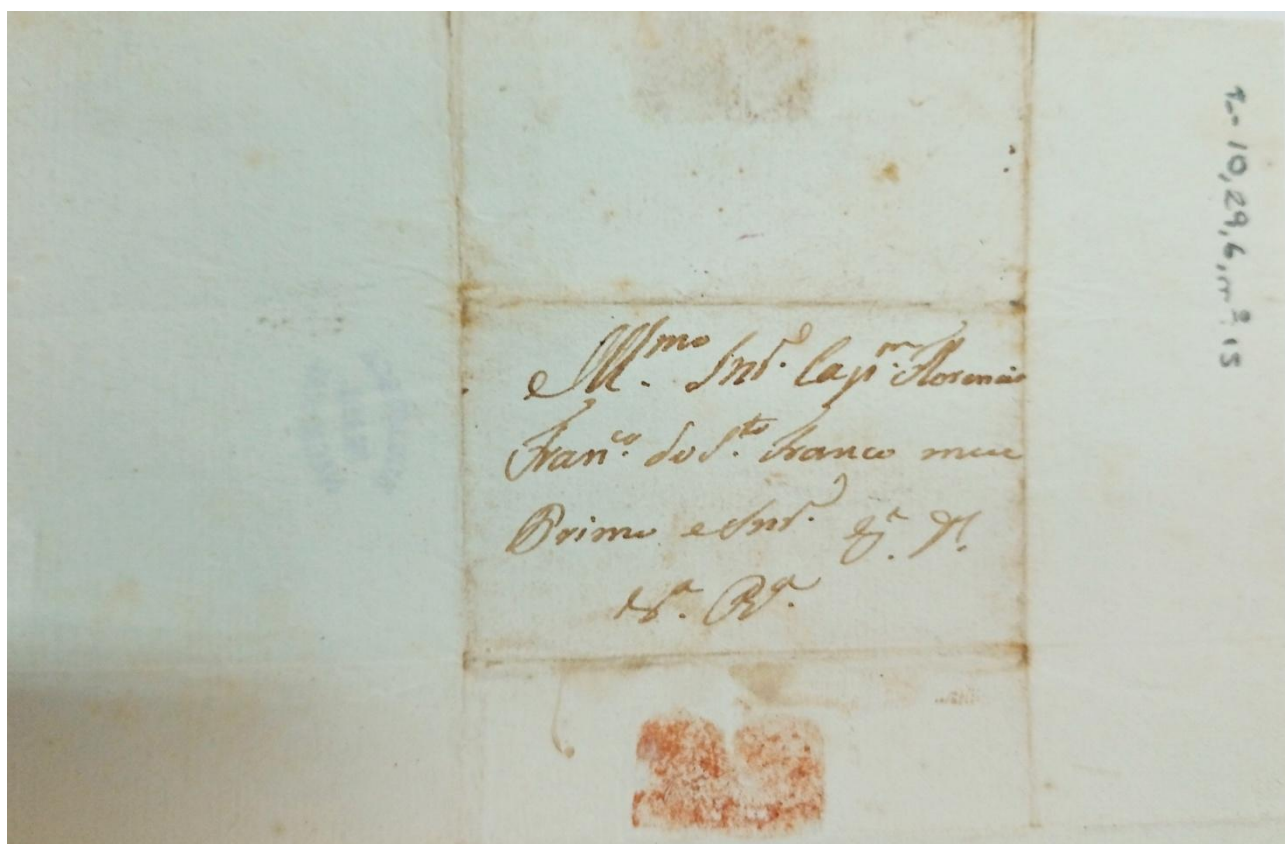
15 Alexandra Francisca

---

<sup>19</sup> A tinta está borrada nas letras “a” e “r”.

<sup>20</sup> “Veiram” por “vieram”.

<sup>21</sup> “Protador” por “portador”.



*Illustrissimo Senhor Capitam Florencio*<sup>22</sup>

Francisco do Santo Franco meu

Primo e *Senhor*

*Guarde Deus*

*Vila Rica*<sup>23</sup>

20

---

<sup>22</sup> Na margem superior direita há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10,29,6 n°15”. À esquerda, é possível ver a marca de um carimbo ovalado bastante posterior à redação do texto, na cor azul escura e com os dizeres “BIBLIOTECA | BRASIL | NACIONAL”, que está localizado no verso deste fólio.

<sup>23</sup> Centralizada na parte inferior da carta, há a marca retangular avermelhada do selo que foi utilizado para fechar a correspondência.

M<sup>mo</sup> Sr<sup>o</sup> Cap<sup>o</sup> Florencio Franti<sup>o</sup>

My Primo e Sr<sup>o</sup> quando  
 chegou executor g<sup>o</sup>temui  
 por saber que v. s. tomarem  
 gosto de sue gumbé de em-  
 bauba. Recubi o seu mimo  
 que Magradepo, vai o mel  
 que tinha em cura efico  
 procurando may. Seu B<sup>o</sup>  
 humvia saud<sup>e</sup> e aqui fico  
 como sua.

Sto. Ignacio      Sempre am. e ob<sup>o</sup>  
 30 de Agosto  
 de 1815

Alexandra Fran<sup>ca</sup>

**AFF\_02**

*Illustrissimo Senbor Capitam Florencio Francisco*

Meu Primo e *Senbor* quando  
 chegou o protador<sup>24</sup> estimei  
 por Saber que *Vossa Senhoria* tambem  
 5 gosta de Seu gembê<sup>25</sup> de em-  
 bauba<sup>26</sup>. Recebi o Seu mimo  
 que lhe agradesso, Vai o mel  
 que tinha em caza e fico  
 procurando mais. Seu *Primo*  
 10 lhe emvia *Saudades* e aqui fico  
 como Sua.

Sempre amante e obrigada

*Santo Ignacio*

30 de Agosto

15 de 1815

*Alexandra Francisca*

---

<sup>24</sup> “Protador” por “portador”.

<sup>25</sup> Segundo o Dicionário Houaiss (2001), jembê é um “guisado de quiabo e ervas, servido com lombo de porco salgado e angu”.

<sup>26</sup> Embaúba é uma “árvore (*Cecropia peltata*) nativa de regiões tropicais das Américas, que nasce em lugares sombrios, com folhas esp. ásperas, cultivada para extração de polpa e como ornamental” (HOUAISS, 2001).





*Illustrissimo Senbor Capitam*<sup>27</sup>  
Florencio Francisco do Santo  
Franco meu Primo Senbor  
*Vila Rica*<sup>28</sup>

20

---

<sup>27</sup> Na margem superior direita há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10,29,6 n°16”.

<sup>28</sup> Centralizada na parte inferior da carta, há a marca retangular avermelhada do selo que foi utilizado para fechar a correspondência.

M<sup>mo</sup> S<sup>ni</sup>. Cap<sup>m</sup>. Florentio Fran<sup>co</sup>.

My  
 & Meo Primo S<sup>ni</sup>. Estemio  
 ter noticiam suam, a meo tem  
 po perzar de servituras rapon  
 dadas, e saque faz e saquey p.  
 longe, e vai sempre ap depre  
 to. e vai ap decaz besta, como  
 de terminas, que nao foram  
 onte, e alla a chueca. adu  
 te saud. De seu Primo,  
 e aqui fico pronta p. sem  
 pre maestra q. sou.

A<sup>te</sup> Agnacio seu Primo <sup>te te</sup> m. em  
 16 de 16<sup>to</sup>  
 12815

Alexandra Fran<sup>ca</sup>.

**AFF\_03**

*Illustrissimo Senbor Capitam Florencio Francisco*

Meu Primo e *Senbor.* estimei  
 ter noticias suas, ao mesmo tem-  
 po pezar de se retirar na pon-  
 5 deração de que faz veagens *para*  
 longe, e não compre as de pre-  
 to.<sup>29</sup> Vam as suas bestas como  
 det[er]mina<sup>30</sup>, que não foram  
 onte pella a chuva. ascei  
 10 te saudades de seu Primo,  
 e aqui fico pronta *para* sem  
 pre mostra *que* sou

Santo Ignacio

Sua Prima *muito amante*

16 de *setembro*

15 de 1815

Alexandra Francisca

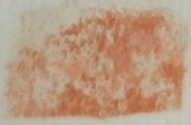
---

<sup>29</sup> “Preto” por “perto”.

<sup>30</sup> Parece haver um “re” escrito por baixo, que foi corrigido pela própria autora pelo “er”, o que corrobora com a análise sobre a grafia de consoantes líquidas ser um indício de pouca habilidade de escrita.

ante me foram pro  
domicilio huiusmodi  
et sine tunc

M. S. Cap.  
Florentino Franc. de P.  
Francisco meo Brime  
S. J. S. P.



F. 10. 28. 4. m. 3. 14

onte<sup>31</sup> não foram pro  
 s[.]mir hũ besta apa  
 res[eu] ta[r]de

20

*Illustrissimo Senhor Capitam*<sup>32</sup>

*Florencio Francisco do Santo*

Franco meu Primo e-

*Senhor [espaço] Guarde Deus [espaço] Vila Rica*<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> Provavelmente, para escrever este sobrescrito, a remetente primeiro dobrou a carta ao meio e, depois, redigiu o texto no verso do fôlio, em ambos os lados, partindo da dobra para a borda inferior do papel. Por esta razão, na imagem apresentada, em que a correspondência está aberta, os parágrafos estão em sentido contrário.

<sup>32</sup> Na margem superior direita há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10,29,6 n°17”.

<sup>33</sup> Centralizada na parte inferior da carta, há a marca retangular avermelhada do selo que foi utilizado para fechar a correspondência.

M<sup>mo</sup> Sr. Cap.<sup>m</sup> Florenço San.<sup>co</sup> do<sup>to</sup> Franco

Meu Primo e Senhor, aq.<sup>m</sup> desejo todo  
bem. Dou-lhe parate que o negro dafe-  
rida cançoza sua tem millhoia anty  
tem arventado may othoy aridos dafe-  
rida, e remedio do tera p.<sup>a</sup> duas vezes.  
Desejo saber aque hida fazer. O que  
Primo se recomenda Saudoso me a-  
qui fico como seu

Amay am. Prima e ti.<sup>a</sup>

J. Synario

26 de 96 de 1816

Alexandra Fran.<sup>a</sup>

## AFF\_04

*Illustrissimo Senhor Capitam Florencio Francisco do Santo Franco*

Meu Primo e Senhor, a *quem* dezejo todo  
 bem. Dou lhe prate<sup>34</sup> que o negro da fe-  
 rida cancroza não tem milhora antes  
 5 tem arebentado mais olhos a redor da fe-  
 rida, e o remedio só tera *para* duas vezes  
 dezejo saber o que hei de fazer. o seu  
 Primo se recomenda saudozo<sup>35</sup> eu a-  
 qui fico como sua

10

*A mais amante Prima e obrigada*

*Santo Ignacio*

26 de *novembro* de 1816

~~A~~<sup>36</sup>

Alexandra Francisca

---

<sup>34</sup> “Prate” por “parte”.

<sup>35</sup> Aqui, provavelmente o verbo “recomendar-se” tem o sentido de “apresentar cumprimentos” (AULETE; VALENTE, 2007). Esse uso é bastante recorrente no *corpus* e pode ser encontrado em diversos outros manuscritos.

<sup>36</sup> Parece ter havido uma tentativa da própria Alexandra Francisca de apagar esse “A”, provavelmente para grafar sua assinatura com maior distância das datações.

1850  
 250  
 1875  
 1920  
 245

1840  
 120

1920  
~~50~~  
~~57-1~~  
~~50~~

I-10, 29, 6, 11, 13  
 3000

Allmo. Sr. Cap.  
 Francis Fran. 10<sup>th</sup>  
 Francisco Mer. Primo 10<sup>th</sup>  
 S. J.  
 S. B.

33945  
 960  
 32945  
 4800  
 19200  
 8945

240  
 300  
 7200



15

*Illustrissimo*<sup>37</sup> *Senhor Capitam*<sup>38</sup>

Florencio Francisco do Santo

Franco meu Primo e *Senhor*

*Guarde Deus*

*Vila Rica*<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> Próximo ao sobrescrito estão grafadas seis contas, localizadas nas seguintes posições: uma na margem superior esquerda; duas na margem superior, próximas ao centro; uma na margem esquerda; uma na margem direita; e, por fim, uma na margem inferior direita. Essas contas parecem ter sido escritas por outro punho e não serem coevas à redação da carta. Possivelmente, podem ter sido grafadas pelo remetente, que recebeu a missiva e, depois, utilizou-a como rascunho.

<sup>38</sup> Na margem superior direita há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10,29,6 n°18”.

<sup>39</sup> Centralizada na parte inferior da carta, há a marca retangular amarronzada do selo que foi utilizado para fechar a correspondência.

M<sup>me</sup> Sr. Cap. Florenio Fran<sup>co</sup> do S<sup>to</sup> Paulo

M<sup>me</sup> Brimo e Sr. Estimar<sup>is</sup> q<sup>d</sup> te-  
nha Saude, p<sup>a</sup> me mandar emq<sup>o</sup> me-  
prestar. O portador esta e meu Criou-  
lo Manoel que desejo assija por  
seguecha de tua may dory a p<sup>er</sup>ças  
deuter pergado e dar me algu<sup>m</sup> re-  
medio por menad q<sup>d</sup> nada e lo tem  
fe. V. S. e porisso Medou este intome-  
do. Sua Brimo deus menda Saude  
zo. e disponha de mim emfudo q<sup>d</sup>  
por do bus deusito como sua

1-27, 22, 100

S<sup>to</sup> Ignacio  
26 de Março  
de 1714

M<sup>me</sup> deusora e ob<sup>o</sup>.

Alexandro Cron<sup>ca</sup>

## AFF\_05

*Illustrissimo Senhor Capitam Florencio Francisco do Santo Franco*

Meu Primo e *Senhor*. Estimarei *que* te-  
 nha saude, *para* me mandar em *que* lhe-  
 prestar. O portador esta é meu Criou-  
 5 lo Manoel que dezejo o veja pois  
 se quecha de [hu]mas dores apezar  
 de o ter<sup>40</sup> purgado e dar lhe alguns re-  
 medios pois me não fas nada e só tem  
 fé *Vossa Senhoria* e por isso lhe dou esse incomo  
 10 do. Seu Primo se recomenda saudo-  
 zo. e disponha de mim em tudo *que*  
 for do seu serviço como sua

*Santo Ignacio*

26 de Março

*Muito devedora e obrigada*

15 de 1817

Alexandra Francisca

---

<sup>40</sup> Na margem esquerda há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: "I-27,22,100".

M<sup>mo</sup> Sr<sup>o</sup> Cap<sup>m</sup> Florenio Fran<sup>co</sup> de S.<sup>to</sup>

Meu Primo Sr<sup>o</sup> estimavel q. de-  
 foute Saude e tudo q. lhe pertence.  
 Meu Primo Saudo fo efica m<sup>to</sup> de conta  
 doothoy. Eu nao sou imprudente na  
 com as minhas lettras na lem branca do  
 que e m<sup>to</sup> acupado, e nao podera fazer  
 omyms em toda a largia. Vai esse  
 rapaz dejejo que orveja poy anda mo  
 fino nao pode fazer nada. Umeto que  
 lombo predou a pouquidade. Aqui fico  
 como sempre a sua ordem como.

J. Ignacio Sua Prima m<sup>to</sup> obs.  
 1 de Junho de 1814

Alexandra Fran<sup>ca</sup>

## AFF\_06

*Illustrissimo Senhor Capitam Florencio Francisco do Santo*

Meu Primo e *Senhor* estimarei *que* dis\_  
 frute Saude e tudo *quanto* lhe pertensse.  
 Seu Primo SaudoZo fica *muuto* duente  
 5 do olhos. Eu não Sou improtuna<sup>41</sup>  
 com as minhas letras na lembranças d[e]  
 que é *muuto* acupado<sup>42</sup>, e não podera fazer  
 o mesmo em toda a oCaziaõ. Vai esse-  
 rapas dezejo que o veja pois anda mo  
 10 fino não pode fazer nada. Remeto esse  
 [l]ombo predou<sup>43</sup> a pouquidade. Aqui fico  
 como Sempre a Sua ordem Como.

*Santo Ignacio*

*Sua Prima muuto obrigada*

1 de Iulho de 1817

15

*Alexandra Francisca*

---

<sup>41</sup> “Improtuna” por “importuna”.

<sup>42</sup> “Acupado” por “ocupado”.

<sup>43</sup> “Predou” por “perdoe”.

M. Sni. Cap. Ho.  
venc. Fran. do S. Guerra  
Alce Brima e Sni.  
S. R. S. J.

F-1029,6,1,2,19

*Illustrissimo Senhor Capitam Flo-*<sup>44</sup>  
*renço Francisco do Santo Franco*  
*Meu Primo e Senhor*

*Guarde Deus*

*Vila Rica*<sup>45</sup>

20

---

<sup>44</sup> Na margem superior direita há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10,29,6 n°19”.

<sup>45</sup> Centralizada na parte inferior da carta, há a marca retangular do selo que foi utilizado para fechar a correspondência.

Almoço m. Florenço dos. Franco

F-10,29,6,nº 20

Não profo deixar de ser emportunado.  
 al. s. pela p. q. tem de boay qualidade  
 e como a p. q. tenho he apoderada  
 pelo amor, queira sofrerme

Tenho tua preta deidade de 32-  
 annos may ou meno q. a hum ayto p.  
 tem padecido suprencao, da qual he  
 resulta grandey ton teira e ayto q. querda  
 a comprançada de hua dor, e assim vai gr  
 mendo. He q. a natureza p. si a loja san  
 que hua vray pela boca ou tray pelo  
 nary, tendo applicado algum ligeiro  
 e careiro de mediy com q. a natureza so  
 core nesty brenha, e he dado algum lei  
 ty pensando ser de utilidade p. ser preta  
 ta o curado no forno, may de nada tem



**AFF\_07**

*Illustrissimo Senbor Capítam Florencio Francisco do Santos Franco*

Naõ<sup>46</sup> poso deixar de ser emportuna  
a *Vossa Senhoria* pelas *partes que* tem de boas qualidades  
e como a po[ss]e *que* tenho he apoderada

5 pelo amor, queira sofrer me

Tenho hua preta de idade de 32-  
annos mais ou menos *que* a hum a esta *parte*  
tem padecido suspenção, da qual lhe re-  
zulta grandes tonteiras e a *parte* esquerda

10 acompanhada de hũa dor, e asim vai ge-  
mendo the *que* a natureza pør si aroja san-  
gue hũas vezes pela boca outras pelo  
naris, tenho aplicado alguns ligeiros

e cazeiros remedios com *que* a natureza so-  
15 core nestas brenhas, e lhe dado algnus<sup>47</sup> lei-  
tes pensando ser de utilidade pør ser pre-  
ta ocupado nos fornos, mas de nada tem

---

<sup>46</sup> Entre a primeira e a segunda linha há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda:  
“I-10,29,6 n°20”.

<sup>47</sup> “Algnus” por “alguns”.

BIBLIOTECA  
BRASIL  
NACIONAL 1.438.685  
03/02/2016 d

Servido este s. corvo p. setex matizado  
anaturora Rebelde, Logo q. duto obangu  
p. q. q. dertay p. ditay adevia epafade  
outra Cujuncao, Os. Como m. to iny truido  
eperito reyta arte fava Com que may se  
estenda o seu nome Re ofim do Seculy  
Sendo memoria eter na p. omeu agra  
decimento

Citimo pafe Com Saude  
ediponda demim edot. Luiz Como Cou  
ira propria dedua maior Lembranfa  
s. Ignacio d de d. d. 1817

efe. v. vai p. v. s. over  
poy q. padefe mui  
to com a doty re  
smaticay d.

De V.  
amaj atenta. V. a

Alexandra V. H.

servido<sup>48</sup> este socorro por se ter mostrado  
 a natureza rebelde, logo que deita o sangue  
 20 por *qualquer* destas partes dita alevia e pasa the  
 a outra cunção; O *senhor* como muito instruido  
 e perito nesta arte fara com que mais se  
 estenda o seu nome the o fim do seculus  
 sendo memoria eterna para o meu agra  
 25 decimento

Estimo passe com saude  
 e disponha de mim e do *Senhor* Luis como cou  
 izas proprias de sua maior lembransa  
 Santo Jgnacio 9 de *novembro* de 1817

30 esse *crioulo* vai para *Vossa Senhoria* o ver  
 pois que padesse mui  
 to com as dores re  
 umaticas et *caetera*

*De Vossa Senhoria*  
 a mais atenta criada

*Alexandra Francisca Freire*

---

<sup>48</sup> Na margem superior esquerda há a marca de um carimbo ovalado bastante posterior à redação do texto, na cor azul escura, com os dizeres “BIBLIOTECA | BRASIL | NACIONAL”. À direita da marca do carimbo há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite também pelo arquivo de guarda: “1.438.685”. Abaixo de tal apontamento há um traço acompanhado pela letra “d” e, abaixo deles, há a seguinte datação também realizada à grafite: “03/02/2015”.

M.<sup>mo</sup> Sr. Cap.<sup>m</sup> Aeronio Fran.<sup>co</sup> do C.<sup>to</sup> Franco

Meu Primo Sr. ytemaria q<sup>d</sup> deffeste da  
 ude etudo sua. q<sup>d</sup> encomoda<sup>ta</sup> diarias<sup>m</sup>.  
 tanto, para aluzia de naõ q<sup>d</sup> brava poseu-  
 rando a sua noticia. presente<sup>m</sup>. tanto  
 q<sup>d</sup> deo duinty uny comdiarrey de sangue  
 coentro, comdi fudley temozoy, ija naõ  
 si aque heide fazer, y pero mandame  
 oq<sup>d</sup> heide fazer. Aquela negra de forrogo  
 sempre toda a sua padeste dua dos re-  
 y tomogo que ahe comita edy ella que  
 tem sua durezza nomys e y tomogo.  
 o seu Primo deus menda daudo q<sup>d</sup> ca  
 que ficamos como sempre a sua or-  
 dy. tanto q<sup>d</sup> isto deliquencia p<sup>a</sup> thoman.  
 dos algumas capera may naõ q<sup>d</sup> q<sup>d</sup> q<sup>d</sup>  
 cupir dizem Me que e por ser tempo  
 de p<sup>a</sup> sua. nomay manda como sua

J. Agnais 25  
 de Fev. de 1838

Primo sempre am.  
 Alexandra Fran.

## AFF\_08

*Illustrissimo Senbor Capitam Florencio Francisco do Santo*

Meu Primo e *Senbor* estimarei *que* desfurte<sup>49</sup> Sa-  
 ude e tudo Seu. os encomodos diaramente  
 tenho Sam a CauZa de não esCrever porcu-  
 5 rando<sup>50</sup> as Sua notisias. prezente-mente tennho  
 Varos duentes uns com diarreas de Sangue  
 e outros Com difulços<sup>51</sup> temozos<sup>52</sup>, e já não  
 Sei o que lhei de faZer, espero mande me  
 o *que* hei de fazer. Aquela negra do froxo  
 10 Sempre todas as luas padesse hua dor no\_  
 estomogo<sup>53</sup> que athe Vomita e dis ella que  
 tem hua dureza no mesmo estamogo<sup>54</sup>.  
 o<sup>55</sup> Seu Primo Se recomenda Saudozo e a-  
 qui ficamos como Sempre as Suas or-  
 15 dens. tenho feito diligencia *para* lhe man\_  
 dar algumas Caperas<sup>56</sup> mais não querem  
 cahir dizem Me que é por ser tempo  
 de [x]uva<sup>57</sup>. no mais mande como Sua

Santo Ignacio 25                      Prima Sempre amante  
 20 de Fevereiro de 1818

Alexandra Francisca

<sup>49</sup> “Desfurte” por “desfrute”.

<sup>50</sup> “Porcurando” por “procurando”.

<sup>51</sup> “Difulços” por “defluxos”.

<sup>52</sup> “Temozos” por “teimosos”.

<sup>53</sup> “Estomogo” por “estômago”.

<sup>54</sup> “Estamogo” por “estômago”.

<sup>55</sup> À esquerda é possível ver a sombra da marca de um carimbo ovalado bastante posterior à redação do texto, na cor azul escura e com os dizeres “BIBLIOTECA | BRASIL | NACIONAL”, que está localizado no verso deste fólio.

<sup>56</sup> Segundo Aulete; Valente (2007), capera é uma “planta euforbiácea, originária da América, de espécie não identificada cientificamente”.

<sup>57</sup> A tinta está borrada na letra “x”.

So. M. <sup>no</sup> In. cap.  
Floriano Ant. do S. Bruno  
Mau Primo Ant. 2. 9.  
N. R.

F. 10, 29, 6, n. 21

Ao<sup>58</sup> *Illustrissimo Senhor Capitam*  
Florencio<sup>59</sup> *Francisco do Santo Franco*  
Meu Primo e *Senhor*

*Guarde Deus*  
*Vila Rica*<sup>60</sup>

25

---

<sup>58</sup> Na margem direita há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10,29,6 n° 21”.

<sup>59</sup> À esquerda, é possível ver a marca de um carimbo ovalado bastante posterior à redação do texto, na cor azul escura e com os dizeres “BIBLIOTECA | BRASIL | NACIONAL”, que está localizado no verso deste fólio.

<sup>60</sup> Centralizada na parte inferior da carta, há a marca retangular amarronzada do selo que foi utilizado para fechar a correspondência.

E-10,29,6, n.º 12

M. Sr. Cap.º Honorário Sr. João José Franco

Meu Primo e Sr.º logre saúde  
em <sup>ta</sup> felicidade, que Theodorico p.<sup>a</sup> sempre  
dizpo como for sua vontade. Venho  
yby bytoito, e mais hea quarta de Arroyo  
pudoi alongancia. obala the xai theis  
flogido. Aste saúde de seu Primo  
nemaij manda como q.<sup>m</sup> de rija amoy  
tra eq.<sup>to</sup> Theodorico amoytra que sou

Sr.º Ignazio  
8 de Junho de  
1818

Sua Prima e Sr.º

olrante Manach  
dajrosy rheumaticay yta  
agora bem atulada manda  
dixes aqua pade faces

Alexandra Fran.º



## AFF\_09

*Illustrissimo*<sup>61</sup> *Senhor Capitam* Florencio Francisco do Santo Franco

Meu Primo e *Senhor* logre saude  
 e *muitas* felicidades, que lhe dezejo *para* de mim  
 dispor como for sua vontade. remeto  
 5 estes biscoitos, e mais hua quarta de Arros  
 predoi a confiança. o balalho vai cheio  
 e cozido. Aceite *saudades* de seu Primo  
 no mais mande como *quem* dezeja amos-  
 tra o *quanto* lhe dezeja amostra que sou

10 *Santo* Ignacio

1 de Junho de-  
 1818

Sua Prima e *obrigada*

o crioulo Manoel  
 das dores reumaticas esta  
 15 agora bem atacado mande  
 dizer o que hei de fazer

Alexandra Francisca

---

<sup>61</sup> Na margem superior esquerda há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10,29,6 n°22”.

M<sup>mo</sup> Sr. Cap<sup>m</sup> Florenço Fran<sup>co</sup> do Santo

M<sup>lle</sup> Brimo Sr<sup>te</sup> m<sup>te</sup> Sr<sup>ta</sup> veneravel  
ja viro anciosa por noticias suas pois á  
tempo que ajnao tempo. Hai ylle circulo  
que thurogo seja aque tem, que oduo  
que terra huy muly segue esta posu  
ay thircha p<sup>ro</sup> pacho estute sempre  
de dory de barriga. Acrioula Saudosa  
ja acabou olegimento seacha m<sup>lh</sup>or  
dajingunqui, p<sup>ro</sup>tem d<sup>ro</sup> dory p<sup>ro</sup>lle  
corpo que de p<sup>ro</sup> que seou fico m<sup>lh</sup>  
thor, aq<sup>u</sup>illo onymo. agora debru mi  
na h. v. aque f<sup>o</sup> d<sup>ro</sup>ido. Supmeiras  
fazer algum remedio pode o circulo  
fizar p<sup>ro</sup> traxer. Sua Brimo Lemu  
munda Saudosa Eu aqui fico testa  
apronta p<sup>ro</sup> que thupretu como

Sua Brima am<sup>ta</sup>.

Alexandra Fran<sup>ca</sup>

## AFF\_10

*Illustrissimo*<sup>62</sup> *Senhor Capitam* Florencio Francisco do Santo

Meu Primo e *Senhor muito* da *minha* veneraçãõ,  
 ja vivo ancioza por noticias suas pois a  
 tempos que as não tenho. Vai esSe crioulo  
 5 que lhe rogo Veja o que tem, que o depois  
 que teve huns mulas<sup>63</sup> Se quecha por Su \_  
 as lhe incha por bacho e Sente Sempre  
 de dores de barriga. A crioula Theodora  
 ja acabou o regimento Se acha melhor  
 10 das inpengues<sup>64</sup>, purem Vierom dores pello  
 corpo que depois que S[ec]jou<sup>65</sup> ficou mi-  
 lhor, a filha o mesmo. ágora detremi-  
 ne<sup>66</sup> *Vossa Senhoria* o que for Servido. Se precisar  
 fazer algum remedio pode o Crioulo  
 15 ficar *para* trazer. Seu Primo [I]e reco-  
 menda Saudozo Eu aqui fico Serta  
 e pronta *para* o que lhe pretra<sup>67</sup> Como

Sua Prima amante

Alexandra<sup>68</sup> Francisca

<sup>62</sup> A outra metade deste manuscrito está rasgada, não sendo possível recuperar com segurança se haviam outros fólhos desta mesma carta. Entretanto, é possível conjecturar que havia uma segunda parte com as informações sobre o destinatário, assim como ocorre com a maioria dos documentos dessa mesma autora. Tal hipótese é corroborada pelo fato de ser visível uma parte da marca retangular avermelhadado do selo que foi utilizado para fechar a correspondência.

<sup>63</sup> Segundo Chernoviz (1890), mula ou bubão “é um tumor, mais ou menos consideravel, formado pelo engurgitamento das glandulas da virilha, e produzido pelo virus syphilitico”.

<sup>64</sup> “Inpengues” por “impigens”. Segundo Chernoviz (1890), impigem ou dartro é uma “molestia cutanea, de marcha lenta em geral, ordinariamente rebelde aos numerosos meio empregados contra ella, e cuja fórma é mui variavel”.

<sup>65</sup> A tinta está borrada nas letras “e” e “c”.

<sup>66</sup> “Detremine” por “determine”.

<sup>67</sup> “Pretra” por “presta”.

<sup>68</sup> Na margem superior direita há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10,29,6 n°13”.

Memo. Sr. Cap.º Florençui Fran.º do Sr.º Francisco

Meu Primo e Senhor aq.º desejo to-  
 das felicidades e laude p.ª me mandara  
 como q.º manda. Hai este Crioula  
 p.ª azer e detriminas oque se farer  
 que ja estou cansada de azer e a-  
 gora se tem se com N.º. a filha q.  
 ca fica esta nome mo estado, e as  
 si ja oque ha de fazer. Aeste lau-  
 der de seu Primo. Eu aqui fico como  
 sua q.

Todo sem Meques

Alexandra Fran.º

## AFF\_11

*Illustrissimo Senhor Capitam Florencio Francisco do Santo Franco*

Meu Primo e Senhor a *quem* dezejo to  
 das felicidades e Saude *para* me mandra<sup>69</sup>  
 como *quem* manda. Vai esse crioula  
 5 *para* a Ver e detriminar<sup>70</sup> o que e dé fazer  
 que já estou cansada de acurar e a  
 gora só tem fé com *Vossa Senhoria* a filha *que*  
 cá fica está no mesmo estado, e não  
 Sei já o que hei de fazer, Aceite Sau\_  
 10 *dades* de Seu Primo. Eu aqui fico como  
 Sua *que*

Todo bem lhe quer

Alexandra Francisca

---

<sup>69</sup> “Mandra” por “mandar”.

<sup>70</sup> “Detriminar” por “determinar”.

L. 10, 296, n. 8. 14

Alto. <sup>mo</sup> Int. Cap. <sup>m</sup>  
Florencio Fran. do P. Franco  
Rua Primo e Ind. <sup>gi. J.</sup>  
S. P.

15

Ao *Illustrissimo Senbor Capitan*<sup>71</sup>  
Florencio Francisco do Santo Franco  
Meu Primo e *Senbor*  
*Guarde Deus*  
*Vila Rica*<sup>72</sup>

---

<sup>71</sup> Na margem direita há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10,29,6 nº14”.

<sup>72</sup> Centralizada na parte inferior da carta, há a marca retangular avermelhadado do selo que foi utilizado para fechar a correspondência.

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

99

Meu irmão e Sr. do Sr. Neste  
 com. nas tuas cartas sua liberdade ter algum  
 decumulo. Deixo a tua saúde como propria  
 e q. terra mil feliç. em. Te boay not. e de  
 Na. sabas partimos daqui em barcada p. e  
 Caminda p. ouer-mos eu Missionario q. na  
 Verd. e capaz de fazer uny mes q. de gamos  
 q. l'herm. e fomas descomend nas nossas careç.  
 Estas allegadas a eu. P. tucario, no d.º fomas  
 a meias, e nary. de tarde vieras Sr.º  
 da terra veritas-me, e tando alara deca  
 de gente o Governador da terra, soui desta  
 fomas de Felix Barreto, q. se achava com  
 toda a tua familia m.ª, tua filha, e tres  
 fillos ja todos gr.º. e enuando junto a Sr.  
 cab. e de rept. de calis nos braço  
 p. t.º. e de rept. de calis nos braço



## ATSM\_01

Meu<sup>73</sup> Irmao e<sup>74</sup> Amante do Coraçã. Neste  
 correio não tivemos carta sua poderia ter algũ  
 descaminho. Dezejo a sua saude como propria  
 e que tenha mil felicidades e muito boas noticias da ma  
 5 na. [espaço] sabado partimos daqui embarcados, para  
 Caminha , para ouvir-mos hũ missionario que na  
 verdade he capaz de fazer impressã; chegamos  
 filismente e fomos descançar nas nossas cazas, que  
 estaõ alugadas a hũ Boticario, no Domingo fomos  
 10 á missã e na segunda de tarde veiraõ<sup>75</sup> as senhoras  
 da terra vizitar-me, estando a caza chea  
 de gente o Governador da terra Iozé de Sá,  
 Irmao de Felis Barreto, que se achava com  
 toda a sua familia mulber, huã, filha, e tres  
 15 filhos já todos grandes, conversando junto o Gon  
 çalo Coelho, de repente lhe cahio nos braços

---

<sup>73</sup> Na margem superior, à direita, há a seguinte anotação tardia realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “99.33”.

<sup>74</sup> Acima do trecho “e Amante do Coraçã”, há a marca de um carimbo retangular bastante posterior à redação do texto, na cor azul escura, com os seguintes dizeres: “Faculdade de Filosofia | Ciências e Letras | Biblioteca Central”.

<sup>75</sup> “Veirão” por “vieram”.

com sine minutos perdes a vida sem  
 deixar de se palerma, julgue agora oq. serie  
 a sua familia em acidentes, a terra toda  
 em lagrimas, a lora queri' acaid' pois com  
 a per da gente arrebenem lu' fexalto  
 dos consternados, nequem sabie o portido  
 q. de via tomad; Em fim confurad' sem  
 Nante nunca nela me acdei, a abluvia  
 levou a se q. a suvia, porq. Logo q. cabi' morre  
 ainda se fivitas varios remedios tudo nada  
 alora especu-se, am. ex felloz fozai' pra  
 sua cara q. adivia pela porta de lupo  
 quem quintal q. temos, Emu' posto se  
 bre lu' cobra' esturada, eue metida em lu'  
 quarto m. vello, levada de gente pra  
 mada, sem alord, nem Conual vello

uns cinco minutos perdeo a vida sem  
dizer huã só palavra, julgue agora o *que* seria  
a sua família em acidentes, a terra toda  
20 em lagrimas, a caza quazí a cair pois com  
o pezo da gente arrebetou hũ frechal<sup>76</sup> to  
dos consternados, ninguem sabia o partido  
*que* devia tomar; emfim confuzaõ seme  
lhante nunca nela me achei, a absolviçaõ  
25 levou-a se hé *que* a ouvio, por*que* logo *que* sahio morreo  
ainda se fizeraõ varios remedios tudo nada  
a caza especou-se<sup>77</sup>; a *mulher* e filhos foraõ *para* a  
sua caza *que* sahiraõ pela porta de hũ pe  
queno quintal *que* temos, o homẽ posto so  
30 bre hũ colxaõ estirado e eu metida em hũ  
quarto *mu*ito velho, cercada de gente pas  
mada, sem acordo, nem Gonçalo coelho

---

<sup>76</sup> Segundo Houaiss (2001), frechal é a “viga na qual se pregam os caibros à beira do telhado”.

<sup>77</sup> Do verbo especar, “pôr-se parado; estacar” (HOUAISS, 2001).

advertiu-se q. sena' devia mudar o defuncto  
 ex. ali' lavra de testar 24 de Maio porq. pedira  
 no auctoridade, e se mena' atreu a fizar mala  
 e cauteo e morte de Bernardo q. bo q. com  
 sua m. ex. no condicio atolo p. a sua cara  
 le' do mesmo etolo am. familia, na testa  
 Embarquei-me p. villa nova, com am. gen  
 te, e la' fizei com a elle com duas oras  
 do dia cara de d. Bernardo p. farem  
 o enterra, como seu parente, e morto na sua  
 cara, e no seu braço, esta sena ta' triste me  
 tem de arrastado bastante, e a m. imagina  
 cao' sena' tera, e ver q. fui acaninda p. ver  
 semellante caro, e lle li lu' fize' terceiro  
 ou quarto sem nada mais q. ou soldo e  
 sua tenca q. por na folla de seenta mil  
 Reis. Margarita Vieira varios despaços com  
 p. r. e.

asentou-se *que* se não devia mudar o defunto  
 e *que* ahí havia estar 24 horas; por*que* poderia  
 35 ser acidente, eu me não atrevi a ficar na ca  
 za, e aceitei o convite de Fernando Lobo *que* com  
 sua *mulher* nos conduzió a todos *para* a sua caza  
 lá dormimos e toda a *minha* familia; na terça  
 embarquei-me *para* villa nova, com a *minha* gen  
 40 te, e lá ficou Gonçalo Coelho com dous cria  
 dos [na]<sup>78</sup> caza do *dito* Fernando *para* fazerem  
 o Enterro, como seu parente, e morto na sua  
 caza, e nos seus braços, esta sena tão triste me  
 tem dezarrajado bastante, e da *minha* imagina  
 45 ção se não tira, o ver *que* fui a caminha *para* ver  
 semelhante cazo, elle hé hũ filho terceiro  
 ou quarto sem nada mais *que* o seu soldo e  
 huã tença<sup>79</sup> *que* pôs na filha de secenta mil  
 reis. Na gazeta vieraõ varios despachos em

---

<sup>78</sup> A palavra “na” foi reconstituída por conjectura devido a marcas de papirófago que danificaram o suporte.

<sup>79</sup> A tença é uma “pensão *geralmente* pecuniária [relativa a dinheiro], vitalícia ou não, concedida pelo rei, por um governo ou por instituição particular a alguém, para prover-lhe o sustento” (HOUAISS, 2001).

q. fuer' por' vuy p<sup>o</sup>. Qua' elle em guerra  
 p<sup>o</sup>. se adianta, Ant<sup>o</sup>. de Brito se vier' ajuntar'  
 a p<sup>o</sup>. nos pequenos lugares q. teve tendo junto  
 a dez mil cruzados, ajuntou o seu Caram. antes  
 de ser desappareado com a Armá de Capitã' M<sup>o</sup>  
 de Brã, D<sup>o</sup>. de São Matheo, Int<sup>o</sup>. de grande  
 governada Jã; mas sem nada de seu, for  
 as suas D<sup>o</sup>. e partiu p<sup>o</sup>. h<sup>o</sup>. p<sup>o</sup>. desapparear  
 pelo seu despareo, sem fazer nada publico, e  
 Consultando o seu g<sup>o</sup>. e della, dizem q. se vem  
 reculer, e alia consigo. Verit<sup>o</sup>. as mãos  
 Emãde-me V<sup>o</sup>. as suas not<sup>o</sup>. p<sup>o</sup>. g<sup>o</sup>. desta  
 sua

Armá arm<sup>o</sup>. e brig<sup>o</sup>.

Villa nova da Lezíria

28 de Mayo de 1794.

Armá

50 *para* se adiantar, *Antonio* de Brito se viver ajuntará  
 porque nos pequenos lugares *que* teve tinha junto  
 dez mil cruzados, ajustou o seu *cazamento* antes  
 de ser despaxado com a Irmã do Capitão Mór  
 de Pas, *Primo* de Ioaõ Malheiro, *senhora* de grande  
 55 governo, e nada fêa; mas sem nada de seu, fez  
 as suas Escripturas, e partio *para* *Lixboa* a esperar  
 pelo seu despacho, sem fazer nada pu[bli]co<sup>80</sup>, e só  
 Consultando o seu *gasto*, e o della, dizem *que* se vem  
 receber, e a leva comsigo. *Vezeit* aos manos  
 60 e mande-me *vossa senhoria* as suas *noticias* *para* *gosto* desta  
 sua

Irmã e amante e obrigada

Villa nova da Cerveira

28 de Mayo de 1794.

Anna

---

<sup>80</sup> A sílaba “bli” foi reconstituída por conjectura devido a marcas de papirófago que danificaram o suporte.

Meu querido Amas e Sr. de C.  
 neste Estorno as suas p[er]t[en]ças q[ue] tem me  
 de toda a sua c[on]tribuição. Des[de] q[ue] V[ost]r[as] p[er]se  
 com[un]iq[ue]i, entre sempre Amos J[os]eph.

General C[on]de C[on]de art. d[omi]n[ic]o  
 C[on]te de si: ele quer q[ue] seja V[ost]r[as] q[ue] m[er]ced[es]  
 Esta c[on]tribuição com a Miraculosa, espe  
 ra q[ue] m[er]ced[es] vos se ajunt[em] neste Amos se p[er]de  
 to sem p[er]t[en]ça em d[omi]n[ic]o. Eu Estorno isto  
 M[er]ced[es] ainda q[ue] tosta algum int[er]med[io] p[er]o q[ue]  
 o seu p[er]to é q[ue] se pague todas as suas di  
 vidas, sem se vender sem p[er]a da sua c[on]tra  
 o mais q[ue] m[er]ced[es] q[ue] gemer; por[em] como eu  
 me quero libertar d[omi]n[ic]o desta ainda  
 q[ue] andase, q[ue]r[em] mal por tudo isto



## ATSM\_02

Meu<sup>81</sup> querido Irmao e *Amante* do *Coração*.  
 neste estimo as suas *noticias*, como *quem* tem ne  
 las toda a sua conçoção. *Dezejo que vossa senhoria* pase  
 bem, [e]<sup>82</sup> *que* conte sempre annos felices.

- 5            Gonçalo Coelho escreve a *vossa senhoria* dará  
 conta de sí: ele quer *que* seja *vossa senhoria quem* faça  
 esta composiçãõ com a *Mizericordia*, espe  
 [ro]<sup>83</sup> [só]mente ver se o juro deste anno se pode  
 t[amb]em pôr em Apolice: Eu estimo isto  
 10 *muíto*; ainda *que* sofra algum incomodo; porque  
 o seu ponto é *que* se pague todas as suas di  
 vidas, sem se vender um paõ da sua caza  
 o mais gêma *quem* gemer; porém como eu  
 me quero livrar d'outra desfeita ainda  
 15 *que* andase, e pasase mal por tudo estou

---

<sup>81</sup> Na margem superior, à direita, há a seguinte anotação tardia realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “99.32”.

<sup>82</sup> A palavra “e” foi reconstituída por conjectura devido a marcas de papirófago que danificaram o suporte.

<sup>83</sup> A sílaba “ro”, a palavra “só” e as letras “amb” foram reconstituídas por conjectura devido a marcas de papirófago e de restauro que dificultaram a leitura.

e paguem-se as devidas q. p. m. n. n. a  
 a cura tas fca como deved, e M. M.  
 daro por outra parte. Esta gente entendo  
 M. M. e desta uma palavra sua p.  
 estarcom por tudo. Amemra actual nos  
 nas tem falado em nada, Esperando a  
 palavra q. se des. de q. alabada q. por apu.  
 Tudo se faria Compromisso. Esta crase  
 p. p. eu Estou morto q. isto se p. repue  
 p. M. nos ajude a de M. M. a vida q. de  
 dev. esta sua

Ponte de Lima 28  
 de Junho de 1794

João de Brito  
 M. M.

- e paguem-se as dividas *que para* mim não  
 á cousa tão fêa como o dever, e *Deus* me  
 dará por outra parte. [espaço] Esta gente estimaõ  
 a *vossa senhoria* muito, e basta ûma palavra sua *para*  
 20 estarem por tudo: A menza actual nos  
 não tem falado em nada, esperando a  
 palavra *que* se deo, de *que* acabada *que* fose a pe  
 tada se fariaõ compoziçoens esta a razaõ  
 porque eu estou morta *que* isto se p[rin]cipie<sup>84</sup>  
 25 já *Deus* nos ajude a dê a *vossa senhoria* a vida *que* lhe  
*dezeja* esta sua

Ponte de Lima 28  
 de Dezembro de 1797

Irmã *obrigadissima* e amante  
 Anna

---

<sup>84</sup> As letras “rin” foram reconstituídas por conjectura devido a marcas de papirófago que danificaram o suporte.

77.34

Meu querido irmão e Sr. de C.  
 note Esteimo a sua saúde, como q. <sup>m. vontade</sup>  
 la se interessa. Mentem se deuido feliciss.  
 a questa da Misericordia e esta manda já se  
 faz a descriptura por os Senciais e llos, não  
 Orone art. e se recommenda a futuros. Amun  
 to temou Este negocio como seu. Avisei se  
 atido os Definidores. Senciais e llos, já se  
 deu e mostra sua papel, aq. nada devida  
 ra. Hai Mattios proprio, onse letadi ex  
 plieu. e em fim votara, e sendo alguns  
 Vinte si um voto tiveram contra, emendum  
 questionou opinto a descripta de flans e Be  
 dm. Acurra ainda salis Milho de q. cu  
 Aava. mas já se a descriptura foi feita a 11/12  
 p. C. de arcau um voto q. a m. <sup>tramos</sup>

### ATSM\_03

Meu<sup>85</sup> querido Irmao e *Amante* do *Coração*  
 neste estimo a sua saude, como *quem* tanto ne  
 la se interessa.

Hontem se decidio felismente

- 5 a questaõ da Mizericordia e esta manhã já se  
 faz a Escripura por iso Gonçalo Coelho, naõ  
 escreve a *vossa senhoria* e se recomenda af[ec]tivo. A men  
 za tomou este negocio como seu. Avizou-se  
 a todos os Difinidores. Gonçalo Coelho falou-
- 10 lhes, e mostrou o seu papel, a *que* nada duvida  
 raõ. Ioaõ Malheiro propoz, o noso letrado ex  
 plicou-o; em fim votaraõ, e sendo alguns  
 Vinte só ûm voto tivemos contra, e nenhum  
 questionou o ponto a Excepção de Manoel Pe
- 15 dro. A couza ainda sahio melhor do *que* cui  
 dava-mos; porque a Escripura foi feita a 4//2/  
 p.<sup>or</sup> C.<sup>86</sup> Apareceu ûm asento<sup>87</sup> *que* á *muitos* annos

---

<sup>85</sup> Na margem superior, à direita, há a seguinte anotação tardia realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “99.34”.

<sup>86</sup> Optou-se por deixar esta passagem sem a expansão da abreviatura devido aos múltiplos significados que elas podem possuir. Segundo Flexor (2008), “p.<sup>or</sup>” pode se referir a pagador, portador, pregador, procurador, promotor, ou provedor. Já “C.” pode ser conta, cópia, custas, cada, entre outros. Outra opção é que seja a abreviatura de “*por Cento*”, uma vez que a carta está tratando de juros.

<sup>87</sup> “Assento” está sendo utilizado aqui no sentido de “registro, anotação” (HOUAISS, 2001).

se tendo feito, Comq. se terido deid.º era  
 Cabido geral comq. se nas leuaria justos dos  
 217436m, nas obstante estarem metidos  
 Em Capital. Eq. se pagaria Esta quantia  
 como juros. Nessa serie Definitoris tas  
 aplaud.º et m. <sup>mes</sup> Amaro de Mend esta  
 vno prompcto a armentrar o seu vito, e metos  
 vnas dar-me os parabens. Os de more  
 e, Brudos das Mañeis, ag. <sup>m</sup> eu peço a v.º  
 Eronu.º e agradece, e de Brucetudo, E Brucis  
 pnde de m. <sup>m</sup> face-lo de p.º de v.º.º Os  
 Definidores foras Amari de Manuel de  
 Inura de haze, Gaspar Mañeis, Pedro  
 Marim, Amari de Costrel, Nulas Barreto  
 q. estando intrigado com das Mañeis <sup>m</sup>  
 por curas da Merced dea, appareu

se tinha feito, em *que* se tinha decidido em  
 Cabido<sup>88</sup> geral em *que* se não levaria juro dos  
 20 217\$310 *reis*, não obstante estarem metidos  
 em Capital; e *que* só se pagaria esta quantia  
 como juro. Nunca se viu Difinitorio tão  
 aplaudido os mesmos Irmaons de menor esta  
 vão promptos a amostrarẽ o seu voto, e *muitos*  
 25 vieraõ dar-me os parabens. Os da meza  
 ê o Provedor Ioaõ Malheiro, a *quem* eu peço a *vossa senhoria*  
 escreva a agradecer, e ao Procurador, e Escrivaõ  
 pode ele mesmo faze-lo da *parte de vossa senhoria*. Os  
 Difinidores foraõ o Irmaõ de Manoel de  
 30 Souza da Laje, Gaspar Malheiro, Pedro  
 Marinho, Irmaõ do Pestrelo, Nicoláo Barreto  
*que* estando intrigado com Ioaõ Malheiro mesmo  
 por couzas da Mizericordia, apareceo

---

<sup>88</sup> Segundo o dicionário Houaiss, cabido pode possuir dois sentidos: “conjunto dos clérigos de uma catedral, igreja ou colegiada” ou “capítulo (no sentido de 'assembleia') de uma congregação ou ordem”. Muito provavelmente Ana Teresa está se referindo à segunda acepção.

mostrando y mandos Comj. se adreca con Com  
 Comed p<sup>r</sup>. um Negocios, q. p<sup>r</sup>sentencia de la  
 de V. m. omni Beneficiado, Om. <sup>me</sup> Varion Ab<sup>tes</sup>  
 D<sup>n</sup>. Alon se concludo um dos may dia  
 ty Arcebis, q. se cuestionada, sem seter de  
 de um se Real, a 30 dias. sendo apr<sup>o</sup>. vor  
 q. a misericordia deute p<sup>r</sup>. o capitel, ante  
 de seterem p<sup>r</sup>agos os juros. de V. m. quier es  
 Oves a Niclas Barreto p<sup>r</sup>. agradece apr<sup>o</sup>. m.  
 y Jun<sup>o</sup> y. De p<sup>r</sup>eres may avertade e p<sup>r</sup>.  
 terris an<sup>o</sup>. Jua esta sea

Jua de V. m. <sup>te</sup> cam.

Ponte de Leme  
 8 de Mayo de 1798

Jua



mostrando o prazer com *que* se achava em con  
 35 correr *para* ûm negocio, *que* pertencia a couza  
 de *vossa senhoria*. O noso Beneficiado o mesmo varios *Abitantes*  
 e et *caetera*. Assim se concluïo ûm dos mais tris  
 tes artigos, *que* se questionava, sem se ter da  
 do ûm só real, á 30 annos sendo a *primeira* vez  
 40 *que* a Mizericordia aceita *primeiro* o Capital, antes  
 de se terem pagos os juros. [espaço] se *vossa senhoria* quizer es  
 crever a Nicolao Barreto *para* agradecer a[o]s<sup>89</sup> ma  
 is fará o *que* lhe parecer mais acertado e *para*  
 servir a *vossa senhoria* fica esta sua

45  
 Irmã obrigadíssima e amante  
 Ponte de Lima  
 8 de Mayo de 1798  
 Anna

---

<sup>89</sup> O grafema “o” possui uma haste que desce para a parte inferior do pautado, distinguindo-se das demais letras “o” grafadas por Ana Teresa.

Monte de Parnama 17  
Maio de 1798

337

Faculdade de Filosofia  
Ciencias e Letras  
Biblioteca Central

Meu querido Amal e Am. do Sr. Affonso  
 mt. com as suas boas mt. M. de emove a  
 vida como de continuo de puz, e de di mil  
 felid. e se no cor. pasado Ourevi am. anno  
 pt. de bom exito de nos negocios, e de agrade  
 ce mil vezes, euid. q. tom tido na emclurac  
 dele, pois se pt. naí for, nada se conllucira  
 nem os Mercendias acitavaí em Capital  
 e Escripura, e Apolucij. se aproponta naí vicia  
 feita pela sua maí, aq. m. deseja obsequiar.  
 Em tudo, e por tudo. O favor foi grande por m.  
 Varros, basta naí pagar-mos juros, levar-mos  
 nos diemas poucas de demandas, com a me  
 ricordia, com of. de Gran. e Tradim e D. e p.  
 gar-se uma divida de sete pr. ito mil ouros  
 dos com tanta meuid. e, M. seja levado por

## ATSM\_04

Ponte de Lima 17<sup>90</sup>

Mayo de 1798

Meu querido Irmaõ<sup>91</sup> e Amante do Coraçãõ. Alegro<sup>92</sup> m[e]<sup>93</sup>

muíto com as suas boas notícias, Deus lhe concerve a

5 vida como de continuo lhe peço, e lhe dê mil  
felicidades.

Iá no correio pasado escreví a vossa senhoria a res  
peito do bom exito do noso negocio, e lhe agrade  
ço mil vezes, o cuidado que tem tido na concluzãõ

10 dele, pois se vossa senhoria não fose, nada se conCluiria  
nem as Mizericordias aceitavaõ em Capital

a Escriptura, e Apolices se aproposta não vies[e]  
feita pela sua maõ, a quem dezejaõ obzequiar

em tudo, e por tudo. O favor foi grande por m[uitas]

15 razoens, basta não pagar-mos juro, livrar-mo

nos dũmas poucas de demandas com a Mi

zericordia, com o feito de Francisco Ioachim e et caetera, e p[a]

gar-se ûma divida de sete para oito mil cruz[a]

dos com tanta suavidade, Deus seja louvado para

---

<sup>90</sup> Na margem superior, ao lado da datação tópica e cronológica, há a seguinte anotação tardia realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “99.7”

<sup>91</sup> Acima do trecho “Irmaõ e Amante”, há a marca de um carimbo retangular bastante posterior à redação do texto, na cor azul escura, com os dizeres “Faculdade de Filosofia | Ciências e Letras | Biblioteca Central”.

<sup>92</sup> O “g” foi a primeira letra grafada e logo corrigida com um “p” escrito sobre ele.

<sup>93</sup> Os fólhos do manuscrito estão refileados, o que dificulta a leitura de alguns grafemas localizados próximos à margem direita dos rectos.

tempo. Vai o tratado da Descriptura q' eu e  
 puzi p. v. ved. Os rendim. da q. de Cruz  
 mas se faz nela menca, pela grande falta  
 q' me facia. atende-se a isto tas bem. Ade mais  
 se os juros vencidos do anno de 97, e os de 98,  
 e de outros da Descriptura. porq' se vio o Cadrao deve  
 tom-se pagar atantos d'Ag. e agora q' porem  
 d'Ag. e q' os ajude a confirmat os seus porem  
 q'is, q' ja ta' esta' a m. tempo. Omele e  
 De esta em v. nova, p. a semana fazo tenes  
 a dar-me la' p. descancar dos rendim. de Corade  
 q' De empresto governa, de q' ele nada se gasta  
 porq' se entretem em in. p. Ag. v. lta p. os  
 bandos. V. pode fazer-me o favor de se me  
 faz la'. O meu Beneficiao, q' tas bem e' D.

- 20 sempre. vai o traslado da Escripura *que* eu co  
piei *para vossa senhoria* ver. Os rendimentos da *quantia* de custo  
não se faz nela menção, pela grande falta  
*que* me faria, atendeo-se a iso tão bem. A de teraõ-  
se os juros vencidos do anno de 97, e os de 98,
- 25 athe o dia da Escripura. *porque* se vio o Padraõ deve  
rem-se pagar a tantos d'Agosto agora o *que* pedem  
a *vossa senhoria* é *que* os ajude a confirmar os seus previle  
gios; *que* já lá estão á *muito* tempo. [espaço] Gonçalo Coe  
lho está em *villa* nova, *para* a semana faço tenção
- 30 achar-me lá, *para* descansar dos *cuidados* da *caza* de  
*que* lhe empurro o governo, <e> de *que* ele nada desgosta  
*porque* se entretem com iso. *para* Agosto volto *para* os  
banhos. *vossa senhoria* pode fazer-me o favor das suas no  
*ticias* lá. O noso Beneficiado, *que* tão bem é Difi

mudo saltava de g.<sup>o</sup> por ver finalizada a minha que-  
 ta q. tanto cuid. me dava, porom logo se cu-  
 tri dia, falava, quasi de rep.<sup>o</sup>, a do. <sup>o</sup> mais me-  
 ca, Irma d'Actano Cor. q. M. aja, sq. me cau-  
 teu qd. puma. Estimo as net. d'An. d'Fran-  
 jo, a sua historia a-de ser interessante. Bem foi es-  
 capar a Quilomina. O B.<sup>o</sup> Sr. Manoel ficou com  
 a lara torta, q. vii a sua resp.<sup>o</sup>, mas a mais q.  
 Ed. Grego e curta das delij.<sup>o</sup> dos netros, in i-  
 foi pt. mes euendo, q. mas me ajudando em  
 causa minha, em levar consigo suas laran-  
 me fer um qd. favor. Li d'aver dos Crede.<sup>o</sup>  
 mas vera a descriptura, porq. este Sr. e m.<sup>o</sup>  
 deventoradi. Tendo-me dado forte rec. porom  
 esta e a mesma de sua Irma d'Actano.

35 nidor saltava de gosto por ver finalizada ûma qu[es]  
 taõ *que* tanto cuidado me dava, porem logo no ou  
 tro dia, faleceo, quasi de repente, a sobrinha mais mo  
 ça, Irmã d'[C]aetano<sup>94</sup> *Correa que Deus aja*, o *que* me cau  
 zou grande pena. [espaço] Estimo as noticias d'Antonio d'Arau  
 40 jo, a sua Istoría a - de ser interessante. Bom foi es  
 Capar à Guilhotina. O Padre Iozé Manoel ficou com  
 a Cara torta, *quando* vio a sua resposta, não á mais *que*  
 ter Igrejas à custa das diligências dos outros. iso só  
 foi *para* meo cunhado, *que* não me ajudando em  
 45 Couza nenhuã, em levar comsigo suas Irmans  
 me fez ûm grande favor. há d' aver dos erdeiros  
 não reza a Escripura, porque este Senhor é muito  
 dezenteresado. Tenho-lhe dado forte sua, porem  
 esta é a Conçolação de sua  
 50 Irmã obrigadíssima e amante

Anna

---

<sup>94</sup> A tinta está borrada na letra "C".

938

Meu querido Amigo e Sr. de S. Paulo  
 tem a sorte degra aqui. Omele sobre a  
 condicao p. v. nova amanda emto partid  
 De quicio q' nãe leve algum tempo de  
 ta abeira. Pela carta de v. escripta a  
 volta, v. q. para com saude, q. interme  
 q. p. eca tai todo os meus cuid. N. l. l.  
 p. eca eca emto de v. escripta  
 de da Mercaderia, estou ja descendo da  
 Albrudo q. tanta afflicai me com caudado.  
 Julgo q. v. agradece a sua Matern, p.  
 de sua p. eca a memra, e v. de S. Paulo  
 to, p. agradece ao meu, eao non Beneficio  
 p. q. v. eca Capas de S. Paulo este milagre,  
 em replando non, de S. Paulo q. v. de S. Paulo  
 de S. Paulo q. v. de S. Paulo.



## ATSM\_05

Meu<sup>95</sup> querido Irmao e *Amante* do *Coração*. Hon  
tem a noite chegou aqui Gonçalo Coelho, *para* me  
conduzir *para villa* nova, amanhã conto partir  
*Deus* queira *que* não leve algum tombo da Bes

5 ta<sup>96</sup> abaix[o]. Pela carta de *vossa senhoria*, escripta a Gonçalo  
coelho, vejo *que* pasa com saude, o *que* muito me ale  
gro pois eses são todos os meus cuidados.

No *correio*

pasado escreví a *vossa senhoria* com o treslado da Escriptu  
10 ra da Mezericordia, estou já descançada desa  
diabrura *que* tanta aflição me tem causado.

Iulgo *que* *vossa senhoria* agradecera a Ioaõ Malheiro, *para*  
da sua *parte* o fazer à menza, e a Nicoláo Barre  
to, *para* agradecer aos mais, e ao noso Beneficiado  
15 pois só *vossa senhoria* era capaz de fazer este milagre,  
em se falando niso, dizem eles, *que* bastava  
o *senhor* Salter fazer a proposta.

Aqui me veio

---

<sup>95</sup> Na margem superior, à direita, há a seguinte anotação tardia realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “99.8”.

<sup>96</sup> “Besta” aqui está sendo usada no sentido de “animal irracional” (BLUTEAU, 1728), sendo este “quadrúpede, [e] em geral doméstico; cavalgadura, alimária” (HOUAISS, 2001).

fidei & dicit regere cu' actis per hanc  
 em tunc ab ead' & sequitur q' de fac' e  
 n. Beneficiis, p' curantem rem dicit  
 item sequitur Beneficiis q' aqu' est' dicit  
 q' tenet se p' hanc l'p' et non ista' n'as' per  
 sequitur animum, quatenus ap' hanc l'p' p'  
 v'arij' em'as pertenentes a m' <sup>me</sup> Igreja ou  
 Beneficiis fidei em m' com informe  
 de Beneficiis. Expono as suas m'as' em  
 nova ep'is in ordina de m' em m'

D<sup>o</sup>   
 Heite 4<sup>ta</sup> de Setembro  
 de 1778. M<sup>o</sup> do <sup>de</sup> <sup>esta</sup> <sup>paróquia</sup>  
 me recomendo ao senhor

Costa de Lima 23  
 de Maio de 1778

Faculdade de Filosofia  
 Ciências e Letras  
 Biblioteca Central

Lima

pedir o Prior<sup>97</sup> rogase eu a *vossa senhoria* para despachar  
 20 com toda a brevidade o requerimento que ele faz, e  
 os Beneficiados, para levantarem um dinheiro  
 dùm pequeno Beneficio que aquí está vago  
 e que receaõ se prova logo: e como isto não faz  
 prejuizo a niguem, querem applicá-lo para  
 25 varias couzas pertencentes à mesma Igreja o seu  
 Procurador falará com *vossa senhoria* com o informe  
 de corregedor. Espero as suas noticias em *villa*  
 nova e fico às ordens de *vossa senhoria* como sua

*Post Scriptum*

30 Aceite *vossa senhoria* vezitas  
 de Gonçalo Coelho e eu Muito<sup>98</sup> obrigada e *Amante* Irmã  
 me recomendo aos manos

Ponte de Lima 23  
 de Maio de 1798

Anna

---

<sup>97</sup> Segundo Bluteau (1728), prior “em certas Religioens, como a dos Carmelitas, Cartuxos et *caetera* he o Superior do Convento.” Em dicionários contemporâneos, ele é definido como um “superior de ordem religiosa ou militar; [...] denominação do pároco de certas freguesias” (HOUAISS, 2001). Dependendo da ordem religiosa, porém, o prior também pode ser o segundo na hierarquia, como por exemplo na Ordem de São Bento.

<sup>98</sup> Acima do fecho complementar há a marca de um carimbo retangular bastante posterior à redação do texto, na cor azul escura, com os dizeres “Faculdade de Filosofia | Ciências e Letras | Biblioteca Central”.

223

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

Meu querido irmão e Sr. def.  
 lá me acho no sitio d' honora, distante de  
 Camerda sua legua, no m.<sup>o</sup> quartel de  
 no passado abram os meus bandos com to  
 do o quei elmeu, doemos se tempora es  
 se sangue, o H.<sup>o</sup> q' Esteu m. amos em  
 parte de Lou' Nialde, de todo berru, com o  
 Embium. do bando passado, mandou me  
 penas o quartel com tudo q' nos era por  
 vir, aqui fuamos, eu na maior satisfaca  
 porq' si queri am.<sup>o</sup> Comed. e ja nada de  
 Justify der. Esteu cantada eraí queri cui  
 q' General Colto nunca quem bi  
 de seu puto de poy daquelle gr. ata  
 q' anase, q'

## ATSM\_06

Meu querido Irmao<sup>99</sup> e Senhor do Coração.<sup>100</sup>

Iá me acho no sitio d'Ancora distante de

Caminha huã Legua, no mesmo quartel do an

no passado a tomar os meus banhos com to

5 do o socego e comodidade, veremos se tempero es

te sangue. O Absente<sup>101</sup> que esteve muitos annos em

[ca]za<sup>102</sup> de Iozé Ricalde he todo bizarro com o

Conhecimento dos banhos passados, mandou pre

parar o quartel com tudo quanto nos era per

10 cizo<sup>103</sup>, aquí ficamos, eu na maior satisfação,

porque só quero a minha comodidade, e já nada de

farofias<sup>104</sup> dezejo, estou cançada e não quero cui

dados.

Gonçalo Coelho nunca ficou bõ

15 de seu peito depois daquelle grande ata

---

<sup>99</sup> Acima do trecho “Irmao e Senhor” há a marca de um carimbo retangular bastante posterior à redação do texto, na cor azul escura, com os dizeres “Faculdade de Filosofia | Ciências e Letras | Biblioteca Central”.

<sup>100</sup> Na margem superior, à direita, há a seguinte anotação tardia realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “99.31”.

<sup>101</sup> Com origem do Latim *absents*, *-entis*, “absente” é a forma antiga de “ausente” (AULETE; VALENTE, 2007).

<sup>102</sup> Nas linhas 2, 3, 9 e 10, próximo à margem esquerda, há marcas de papirófago e restauro. Por este motivo, a sílaba “ca” foi reconstituída por conjectura.

<sup>103</sup> “Percizo” por “precizo”.

<sup>104</sup> Segundo Houaiss (2001), “farofias” tem o “sentido de 'jactância', 'conversa superficial' e 'insignificância’”.

que, M. He de vida, por com ella p[er]o  
p[er]ar este testamento conforme a me  
eder. e temera ja a p[er]ira fora de casa p[er]  
me levat desta gente q[ue] com effecto e  
delevaria-me por m[eu]o, q[ue] nem p[er]o  
nem g[ra]tias d[eu]lley. v[er]o pagando com o  
me p[er]o, ou com m[eu]o, na q[ue]ro me  
nem q[ue] me sem cura nenhuma de p[er]o  
me q[ue] na q[ue] p[er]o p[er]o p[er]o q[ue] M.  
mefer alla deo t[em]p[or]e, e u[el]o t[em]p[or]e bon  
Amas p[er]o e m[eu]o p[er]o e q[ue] f[er]o e  
me e t[em]p[or]e, t[em]p[or]e se p[er]o p[er]o t[em]p[or]e.  
t[em]p[or]e a morte deo se p[er]o am[er]o com  
effecto este anno tem t[em]p[or]e t[em]p[or]e

que, *Deus* lhe dê vida, pois com ella posso  
 passar este resto conforme o meo g[e]nio<sup>105</sup>  
 e *dezejos* tomara já a freira fora de caza *para*  
 me livrar desta gente, *que* com effeito escan  
 20 dalizaraõ-me por modo, *que* nem posso  
 ouvir fallar delles. irei passando com o  
 meu pouco, ou o meo *muíto*, não quero na[da]  
 nem *que* me dem couza nenhuma, deixem  
 me *que* não foi pequeno beneficio *que Deus*  
 25 me fez a essa devo tudo, e só hũ taõ bom  
 Irmaõ podia concorrer *para* eu ficar co  
 mo estou, louvado seja *Deus* por tudo.  
 Sinto a morte dos seus amigos com  
 effeito este anno tem sido *g*critico<sup>106</sup>

---

<sup>105</sup> Tanto a letra “e” (linha 17) como a sílaba “da” (linha 22), foram reconstituídas por conjectura devido à marcas de papirófago e de restauro que dificultaram a leitura.

<sup>106</sup> O “g” foi a primeira letra grafada e logo corrigida com um “c” escrito sobre ele.

Esteira e Maysado de Peim le ora der  
allada q' atora nai e pe. memos may  
vices sobre ta' bom nai e peguere ay  
tegi. Va' cuidando em se restabelecer p.  
vot com todo obello. Os fozos a sua foz  
ta' e der nos lya. Cu' 11.º may nai vay  
requeer-se de eu

cas  
dos memos, ef.  
vella de M.ª Cae  
esta em Ponte a  
mas bardoq. C.ºmual  
menda-se m.ª arv.

Anna sempre am. del. <sup>te</sup>

Anna

q. andase, q. a m.ª memos



30 Estimo o despacho de Paim lá irá dar  
 a ossada *que* a terra não he *para* menos, mas  
 o viver pobre taõ bem não he pequeno cas  
 tigo. vá cuidando em se restabelecer *para*  
 vir com todo o bello ar [a] fazer a sua fun  
 35 ção, e dar-nos logo hũ *sobrinbo* mas não vay  
 a esquecer-se de huã

[*Lembranças*]<sup>107</sup> aos manos, a *filha*

[ma]is velha de *Manoel Cae*

[ta]no esta em Ponte a

Irmã sempre amante do *Coração*

40 [tomar] banhos. *Goncalo*

[rec]omenda-se *muito* a *vossa senhoria*.

*Anna*

---

<sup>107</sup> A costura dos fólhos está bastante próxima das palavras grafadas à margem esquerda, o que dificulta a leitura. Por este motivo, optou-se por marcá-las como lidas por conjectura.



## AVRA\_01

Antonio

São Paulo 9 de Janeiro de 1815

Filho *muíto* amado do meu Coração. No foço de *minbas* amarguras pelas<sup>108</sup> tristes notícias, *que* me chegaraõ da perigoza enfermidade do nosso bom Francisco; Só a vossa *mesma* carta de 18 de Abril, e outra sem data pôde dar me a devida consolação; em *verdade* crecida com as subseqüentes de 22 de Maio, e ultima de 22 de Junho do passado, *que* dellas fazendo o apreço merecido, *por* desgraça *minba* voltaraõ de Cuyaba, e *por* isso *muíto* retardadas; como constantemente tem socedido as anteriores, *que* sempre são bem vindas, como vos segura a *minba* amizade *para* vos não poupareis ao exercicio de escrever me; no *que* certamente me dais hum grande prazer; e qual seria entãõ, o *que* me coube ao raçabemento de *ditas* Cartas, *que* afiançaõ de hum modo mais que comum a vossa honra, não só pello bem *que* ahi vos postastes, como esperava, a favor de Francisco, *que* ouso restabelecido, como nas apropriadas providencias dos interesses desta *caza* pello fallecimento de Ioaquim da *silva*; e ainda mais nos louváveis sentimentos, em *que* permanecéis a bem de *minba* cara filha, vossa Mana, *que* de justiça se faz digna da contemplaçãõ, em *que* atendés: pello *muíto* *que* voz ama; e me sabe merecer o *que* hé bastante a açeitares os agradecimentos de huma May amiga, *que* tudo vos merece, e saberá conservar em eterna lembrança o vosso louvavel cuidado de a veres despozada. Em *verdade* nada me será mais lizongeiro do *que* ver isto realizado com acerto *que* contáis no [P.\*o]<sup>109</sup> Gabriel Henriques vosso Amigo, titulo este *que* o recomenda a *minba* atençãõ e em *muíto* pellas excellentes qualidades *que* o adornaõ, como me haveis segurado; e entãõ *que* duvida posso eu ter em acompanhar vos de *muíto* bom grado, e i goal estima nos vossos *dezejos*, *que* em tudo merecem a *minba* aprovaçãõ *para* ter a de vossa Mana, *quando* tinhamos a fortuna, *que* anciozamente espero de ver vos nesta *caza* em companhia do *Meretíssimo* Senhor, Pessoa *para* *que* assim possaõ ambos dar o necessário, e ultimo assentamento a nossos apurados *dezejos*, *que* ja me conduzem com gosto a obrigação de agradeceres com os meus devidos cumprimentos ao *meretíssimo* Senhor a praticada condescendencia na vossa ajustada pertençaõ. cortada com saudades de Francisco conheço a rigorosa precisaõ da demora deste nessa, durante a vossa auzencia *para* *que* seos negocios, e os de vossa *caza* não pereçaõ, e reputando-os mais *que* proprios procurarei acomodar me a este penar *por* meio da correspondencia, *que* levo a este *para* *que* dezempenhe *quanto* estiver de si, e houveres de o incumbir Orientada do mui bem, *que* providenciaste a falta daquelle Ioaquim da *silva* de tanto aceitái o meu louvor *para* ser maior, *quando* de tudo possais dar a vosso bom Thio huma boa, e merecida correspondencia thé ultima liquidaçãõ como recomendada for pello *Meretíssimo* *que* nesta ocaziaõ vos não escreva *por* auzente no Engenho: mas tanto elle como eu estimariamos a continuaçãõ de vossas diligencias nas cobranças do vencido *para* trazeres o *que* mais possivel for. [espaço] Sabei *que* a vossa annunciada remessa *por* Bento mendes inda me não foi entregue, e *quando* suceda passará ao Tenente Antonio Iozê da *silva*, e Costa, de quem haverei o competente titulo, como me haveis recomendado *por* *ditas* cartas, e assim conhecida a pou[ca] exacção daquelle portador, *que* tanto pratica em dezabono do comercio mineiro. Da Copia incluza com data de 3. do Mez findo vereis o *que* ao Padre

<sup>108</sup> Na margem superior, à direita, há a seguinte anotação tardia realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “VP-40”.

<sup>109</sup> Não foi possível identificar com segurança todos os grafemas sobrescritos ao “P”. Por este motivo, optou-se por manter a abreviatura sem expansão, mas de acordo com as regras de edição para marcação de letras lidas por conjectura.

Bartolomeu Pereira Capm Manoel Soares Ferraz Comto  
 quantia de 3004\$050 q. diz Ser de conta conta, e Comella Comto  
 nella correspondencia do Sr. Dom. Pr. de Andr. q. defacto me foi en-  
 tregue, e della dei Recibo na Cop. facio do destino, q. annua deueria ter  
 contendi q. seruisse. p. pagamto de Brigor. Filari. Ser dos Sr. q.  
 seden p. Satisf. Comto cap. de R. 246\$400 resto de p. q. Sa-  
 tific. on 2. de prest. entregandome o resto. Cred. pallado me  
 pro de Março de 1805 alta, a q. podens agradecer aq. q.  
 delia imto proprio per. dos juros ficando tb. Cred. R. 534\$251. que  
 restou do referido Comella em meu poder a villa dispozicao.  
 Tico igualmente entregue do prest. q. me fizeste p. v. o Sr. Prims  
 Queiros, q. fulgo era Cayaba.

Nesta vossa Carta nao ocorre novid. p. meus nas  
 tenossu familia, e amiz. q. agradeidos de vossa lembranca de se Comun-  
 dao Saudoros, e em mto. vossa illana, de quem deuis acitar todo cor-  
 tijo na persuasao da eterna, q. tem em vossos, e eu com parte cu-  
 lant. proo p. saciar tantas, e tao Const. Saud. voss, a q. Co-  
 rrespondendo as m. Suplicas, q. dar a melhor Saude, alompana-  
 da de continuas felicid. q. vos sei deusar p. gosto, e conselacao de  
 ta, que ei Com desvanecimento

No Pergantim do Seta, q. a tempo de  
 quio p. a Bahia temet. os marmelos  
 Celos, q. pediste, estimando vos seja en-  
 tregue; a prez. vai dirigida ao Sr. Corry-  
 pond. X. Arouca p. vos ser prez. Com  
 abrevid. p. mto. de ryo.

Vossa May Saudore,  
 e am. amante

D. Anna Vicencia Roiz

Bartholomeu escreveu o *Capitam* Manoel Soares Ferraz com a  
 45 quantia de 300\$051 *reís* que diz ser de vossa Conta, e remessa a mim  
 pella correspondencia do *Tenente Domingos Fernandez de Andrade*, que de facto me foi en-  
 tregue, e della dei recibo na cogitação do destino, que a mesma deveria ter  
 entendi que servisse para pagamento do *Brigadeiro Francisco Xavier dos santos*, que  
 se deu por satisfeito com a quantia de *Reís* 246\$800 resto de *principal*. que sa-  
 50 tisfiz em 2 do *prezente*, entregando me o vosso *Credito* passado no  
*primeiro* de Março de 1805 a esta; a quem podeis agradecer a equidade, que  
 de seu moto proprio<sup>110</sup> fez dos juros ficando dito *credito* *Reís* 53\$251, que  
 restou do referido remessa em meu poder a vossa dispozição.

Fico igoaImte entregue do *prezente*, que me fizeste por vosso Primo  
 55 Queiros, que julgo em Cuyaba.

Nesta vossa caza não ocorre novidade e menos nas  
 de nossa familia, e amizade, que agradecidos de vossas lembranças se recomen-  
 daõ Saudozos, e em muito vossa Mana, de quem deveis aceitar todo cor-  
 tejo na persuasão da estima, que terá em ver vos, e eu com particu-  
 60 laridade prezo para saciar tantas, e taõ constantes Saudades vossas, a quem, *Deus* Co-  
 rrespondendo as minhas Suplicas, queira dar a melhor saude, acompanha-  
 da de continuas felicidades, que vos sei dezejar para gosto, e consolação des-  
 ta, que hé com desvanecimento

No Bergatim do sete, que a tempos se\_  
 65 guio para a Bahia remeti os marmelos  
 secos, que pediste, estimando vos seja en-  
 tregue; e a *prezente* vai derigida a vosso corres-  
 pondente *Senhor Arouca* para vos ser *prezente* com\_  
 a brevidade, que muito dezejo

Vossa Maỹ Saudozza  
 e amiga amante

70 Dona Anna Vicencia Rodriguex<sup>111</sup>

<sup>110</sup> “Motu proprio” é uma expressão em latim usada para dizer que algo foi feito por iniciativa própria.

<sup>111</sup> O punho que redigiu a assinatura é diferente do que escreveu o corpo da carta.

1-10, 29, 5, n.º 4

J.º Primo  
 Senhor Capitão Florêncio

Meu Primo de minha veneração. e timar ei q̃ chegaste  
 o Sacramento da boa viagem. pois ey crevillha e tor nome a lar ta  
 de renda me q. v. s.ª tinha ido p.ª alorta do rio de janeyro.

O que m.º sentimos. não sefavamos. de exemplar a d.ª  
 e l.ª e tro se a sal. v.ª. Equiva Dey v.ª. Se len brabe lá  
 Demion, para metruer o pedido domeu menino, pois m.º persiba  
 para o Suprir no ey tudo, com ome fedario.

Vejo oq̃ v.ª. Dey requito

o Domestiano para porte bandeira. Serv.ª me prometi de  
 Sobir logo aofiscal, eu quero, may se v.ª.ª podese farelo, lá  
 defora para não ser chamado a ser visto, p.ª q̃ ey tomoy nyta  
 fazenda alçada de porualão quatro leguas e terra Sujista  
 Ajintioy. e theroz tan to medo q̃ ch.ª não Saij do p.ª d.ª  
 et meda my me. não vai. ouvia coando mandamos buy car  
 padre aqui nanosa eruida. Eua a requito do Domestiano-  
 Jose da fonclila não the digo mais nada. Se não q̃ tome conta  
 dele como seu filho. e seu Compadre, pois a sua Comadrinha  
 q̃ hade ser d.ª. quiret. m.º the quer. e v.ª.ª hade ey tar ser to q.ª  
 eu the prometi heu Comadre m.º gen.ª. Dey guarde  
 A v.ª.ª como the deseja q̃ he.

Dey.ª Prima m.º  
 aff.ª e ob.ª

Cigenia

## ESJL\_01

Illustríssimo<sup>112</sup> Senhor Capitam Florenção

Meu Primo da minha veneração. estimarei *que* chegase a salvamente da sua viaje. pois escrevi lhe e torno me a carta dezendo-me *que Vossa Senhoria* tinha ido *para* a corta do rio de janeiro.

- 5 O que *muíto* sentimos. e não sesavamos, de emplorar a *Deus* o levase e trosese a salvamente. E queira Deus *Vossa Senhoria* se lembrase lá De mim, para me trazer o pedido do meu menino, pois *muíto* persizo para o suprir no estudo, com o nesessario.

Vejo o *que Vossa Senhoria* dis respeito

- 10 o Domesiano para porte bandeira. Se *vossa senhoria* me promete ele sobir logo a ofiseal, eu quero, mas se *vossa senhoria* podese faze lo, lá de fora para não ser chamado a serviso, *porque* estamos nesta fazenda aredada de povuação quatro leguas e terra sujeita A jentios<sup>113</sup> e temos tanto medo *que* ele não saÿ do pé de nós
- 15 A mesa mesmo não vai ouvia coando mandarnos buscar padre aqui de nosa ermida<sup>114</sup> Ee[u] a respeito do Dome[c]iano-Joze da fonçeca não lhe digo mais nada se não *que* tome conta dele como seu filho e seu compadre, pois a sua comadrinha *que* ha de ser [e] *Deus* quiser *muíto* lhe quer. e *Vossa Senhoria* ha de estar serto *quando*
- 20 eu lhe prometi hũa comadre *muíto* gentil. [espaço] Deus guarde A *Vossa Senhoria* como lhe dezeja *quem* hé.

De *Vossa Senhoria* Prima *muíto*  
affetuosa e obrigadíssima.

Eugenia

---

<sup>112</sup> Na margem superior esquerda há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10,29,5 n°4”.

<sup>113</sup> De acordo com Aulete e Valente (2007), gentio pode se referir ao “indivíduo pagão”, ao “[i]ndígena, índio” ou àquele “[q]ue não é civilizado”. Neste trecho da carta, provavelmente “jentios” faz referências às duas últimas acepções.

<sup>114</sup> Aulete e Valente (2007) dá duas definições para “ermida”: “[c]apela em lugar ermo ou fora de um povoado” e “[q]ualquer capela, ou igreja pequena”.

M.<sup>mo</sup> Sr. Capitam Florenlio

Meu Primo dam.<sup>d</sup> veneravel<sup>l</sup> haveria  
 de já de já q' they eravi, mas' in da não  
 tive resposta, p' q' oportades in da não  
 chegou: do q' ey tou bem afflita, p' não  
 ter tido no ti eia<sup>s</sup> como v. s.<sup>o</sup> tem pasado  
 do seu em comado. e fêlo de zanjando. the  
 today ay felicidades como

ay meninas  
 Saudades de  
 Comendão a v. s.<sup>o</sup>

Dev. s.<sup>o</sup> Prima am.<sup>te</sup>  
 co br.<sup>o</sup>

Eugenia Suarj de pique  
 clana



**ESJL\_02**

*Illustrissimo Senbor* Capitam Florencio

Meu Primo da *minha* veneraçãõ haverá  
 dés dias *que* lhe escrevi, mas inda não  
 tive repostã, *porque* o portador inda não  
 5 chegou: do *que* estou bem aflita, *por* não  
 ter tido noticias como *Vossa Senhoria* tem pasado  
 do seu emcomodo. e fico dezejando-lhe  
 todas as felicidades como

as meninas

10 Saudozas Se re

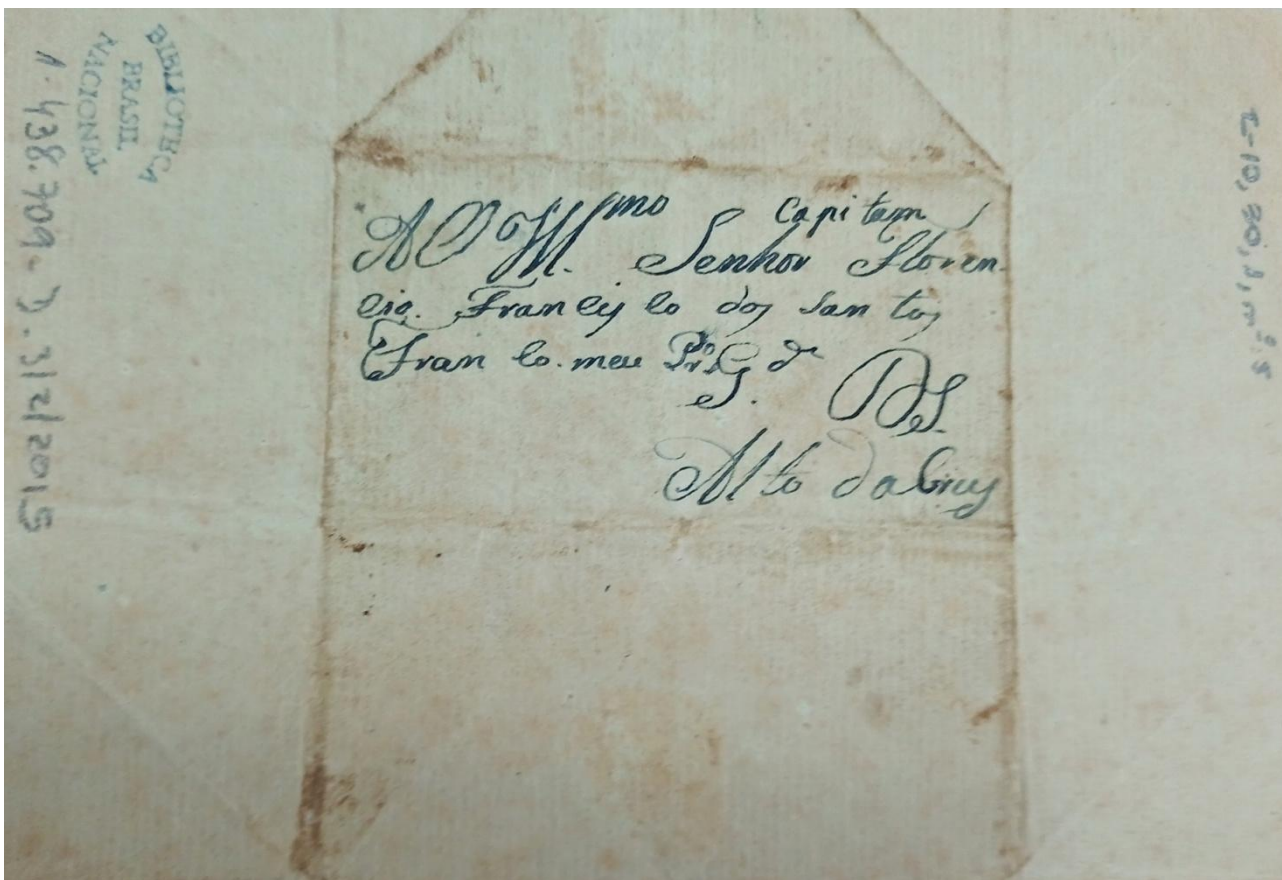
Comendaõ a *Vossa Senhoria*

De *Vossa Senhoria* Prima amante

e obrigada

Eugenia Suares de jezus

e Lana



15

AO<sup>115</sup> *Illustrissímo* Senhor <Capitam> Floren-<sup>116</sup>

cio Francisco dos Santos

Franco meu *Primo* *Guarda*

*Deus*

Alto da Crus

---

<sup>115</sup> Na margem esquerda há a marca de um carimbo ovalado bastante posterior à redação do texto, na cor azul escura, com os dizeres “BIBLIOTECA | BRASIL | NACIONAL”. Abaixo da marca do carimbo há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite também pelo arquivo de guarda: “438.709 – D. 3/2/2015”.

<sup>116</sup> Na margem direita há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10,30,1 n°5”.

Amo  
M. Senhor. Cavalleiro

Mu Primo dam<sup>a</sup> veneração, como seu  
comadre mehy, q<sup>a</sup> vs<sup>a</sup> vai aorris; es pero o  
nao sey qualer dommu pedido, dommu filho  
Antonio ~~foa~~ Bo. to Suarij de Liana, ter  
prasa de Cade te, p<sup>a</sup> e te dar. Es pero  
nosu grande valor, e pytimo, q<sup>do</sup> La che  
gar nao sey qualer demim, p<sup>a</sup> o amor de D<sup>s</sup>.  
E si traler q<sup>a</sup> sey ex cravo, e quier um  
der tua a Minha, Ma hade the Compro  
e tem in<sup>ta</sup> vom<sup>te</sup>. Digo ne grinta.

Nada maij nytome  
do q<sup>a</sup> Desejar the in<sup>ta</sup> saude e feliçid.  
para dij por demim, como

aninha the  
em via in<sup>ta</sup> saudar

Desua Pr.  
te te  
in am e b<sup>a</sup>.

Cagencia

### ESJL\_03

Illustríssimo Senhor Cavalheiro

Meu Primo da *minha* veneração, como sua  
comadre me dis, *que vossa senhoria* vai ao rio; expero o  
não se esquecer do meu pedido, do meu filho

- 5 Antonio [~~saz~~]<sup>117</sup> Botelho Suares de Lana, ter  
prasa de cadete, *para* estudar. E espero  
no seu grande valor, e prestimo, *quando* lá che  
gar não se esquecer de mim, pello amor de *Deus*.  
E se trocer aos seus excravos, e quiser vem  
10 der hũa a Nenha ella há de lhe comprar  
e tem *muita* vomtade digo negrinha.

Nada mais rresta me  
do *que* dezejar-lhe *muita* saude e felicidades  
para dispor de mim, como

- |    |   |  |
|----|---|--|
| 15 | aninha lhe<br>envia <i>muito</i> saudar | De sua <i>Prima</i><br><i>muito</i> amante e <i>obrigada</i> |
|----|---|--|

Eugenia

---

<sup>117</sup> A tinta está borrada, o que impossibilitou a leitura.

A V. M.<sup>mo</sup> Senhor Cavalheiro  
Meu Primo e Senhor

Ge D.<sup>s</sup> <sup>15</sup> <sup>25</sup>  
<sub>17 ann.</sub>

Alto da Cruz

1036/11/10

AO *Illustrissimo* Senhor Cavalheiro  
Meu Primo e Senhor

20

*Guarde Deus muitos annos*

Alto da Crus





## FMAX\_01

Senhor Miguel da Crús Vieira

Naõ austante que pela respeitoza valia do *senhor Capitam Francisco Antonio*  
 Rebelo fis huã relatoria do fundamento da diuida de *Francisco Ferreira*<sup>118</sup> da *Silva*  
 e dos pagamentos, *que* lhe fis, *para vossa merce* ver, *que* tenho dado tudo o *que* pesuhia em  
 5 boa espesia, e compadeserse da mizeria em *que* me tem deixado esta  
 execusaõ, *que* estou vivendo de esmolas: [espaço] Obriga me a emportunar  
 mais a *vossa merce* com esta escrita huã carta do *Sargento Mor Liandro de Souza*  
 Telles *que* vendo a fico sentida do modo com *que vossa merce* Se desvia da prome-  
 sa *que* fês de abater – 100\$ *reis* dezendo Se lhe deminuhio o dito 2:038\$r <*reis*>  
 10 por cuja Coantia me fes *aquela* desComposta pinhora, e como *somente*  
 ficou em - 368\$ *reis* os *quero* cobrar, neste dezer mostra *vossa merce* estar na men-  
 te *que* na conta *que* se fez lhe abateraõ ã furtaraõ os 650\$000 *reis*  
 sem querer capasitar se que *Ventura Alvarez Carmelo* estaua em  
 bolsado deles como dos 800\$ *reis* *naquela* tal rematasão *que* tinha  
 15 feito da fazenda em 21 de *fevereiro* de 1774 – *que* the ao *tempo que vossa merce*: fês  
 a pinhora em – 6 – de *Dezembro* de 1775 - *vay* hũ anno e des mezes  
 estaua embolsado das dítas coantias *que* he 8:450\$000 <*reis*>; *porque*  
 fes a rematasão, [espaço] cazo *que* tinha a duvida na declarasaõ *que*  
 o *Reverendo Vigario* fez dos - 800\$ *reis* deuiase por os 650\$000 <*reis*> em ju-  
 20 izo e requererem por outros meyo e *quanto* eu naõ satisfize-  
 se virem-me a caza, mas acha *vossa merce que* foy bom fazerem-me  
 pinhora pelo *que* não deuia, emquietando me todos os meus  
 aCredores, *que* me estaõ favorecendo fazendo me o benefi-  
 sio de me ajudar em a viuer Com a Sua fazenda e *vossa merce* -  
 25 se deue lembrar *que* lhe dise que todos *aqueles* beñs de *que* traziaõ  
 rol não estauão liúres, e se quizer atestasoos como pede  
 hirão de pessoas destintas, e vera a *verdade* com *que* lhe falo, e  
 hé escuzado mais cristas *para a senhora Dona Brizida* pagar, *que*  
 eu não tenho com *que*, e seraõ as *primeiras* pois *que* nesta execusaõ  
 30 não <sei> tenha pago nenhũas, *que* se *Ventura Alvarez* dá 200\$ *reis* de gas  
 tos será com outras dependensias, antes na rematasao da-  
 dita fazenda / *que* logo vendeo / ove sua *comveniencia*, *que* julgo de  
 ve ser *para a senhora*

<sup>118</sup> As abreviaturas para sobrenomes “Ferreira da Silva” (linha 3) e “Alvares Carmelo” (linha 13) foram expandidas de acordo com Flexor (2008).

L. P. D. Brizida estas <sup>no</sup> ho arm: sendo pises de ouro e prata,  
Tive, mas tudo sem voado, de sem vni: est. Fer: que me com-  
proue alguma, e da o Cam: e sem suado m: em ajuda de <sup>de</sup> <sup>de</sup> <sup>de</sup>  
cem 28 a: d. D. Irais d. D. sendo em fobia, não pode grangiar nada  
e o sem m: adieira sem Eva Camiza, e em Eva actual molesta  
os gastos d' aqui de sequem, e se esta exelusão da tua maiz de  
reis mil cruzados, por mais medea, não deves m: parte  
deles, Seguro arm: e todos, que me contasem loandem  
a firmar d' eu pedas de governo, e a compaixão dos meus  
acreditos e que me vale. Est. vni: e das dezumanas  
e não quis ascitar dos m: quando de cobra - 25. qd. que por es  
mola elle, e o d: vni: e de vni: José me sustentas, e juntos com  
o d: Cuadritoi fiteras de memento ameu Alardo, que m: pedis a  
seus a Credores com coresem p: obeneficio de sua etima p: a  
mor de d: Compadevase vni: delle e semim, e em pu  
dar p: a exelusão não tade ser, que com bonj alios, e tade,  
por m: od: em jure, e faseria de vni: e tade de vni: com  
meja duxia de com sendas, por dem de sigorex, que o d: bonj  
em d: se fiteria pindora não estauas aures, e em m: Lemore  
e vni: do d: e digo, e ji de representej na f: de latoria.  
e fiqu vni: na latoria fiteras todos os meus a Credores e s: b:  
e me sem dos Comptos por Eva Coarsta, de uja não devia e d: dou  
am: de m: vni: medea fiteras na pouca a sentas nesta  
e ainda sem mostra quizeros de f: de m: de m: de d: 53 d: d:  
e fite, da imaginaçao d: não fite de m: de m: os 650 qd: d: já os  
fiteas na latoria de d: d: d: de m: de m: de fite de m: de m: me  
fiteras tudo a d: fite na latoria de fite de m: de m: de m: de m:  
custo de d: de m: de m: de m: de m: de m: de m: de m: de m:  
de m: de m: de m: de m: de m: de m: de m: de m: de m:  
e Credores me fiteras em medea e s: vni: de m: de m: de m: de m:

A *Senhora Dona* Brizida esta *senhora* dis a *vossa merce* que tenho pesas de Ouro e prata,  
 35 Tive, mas tudo tem voado, e lá tem *vossa merce* Antonio Ferreira que me com  
 prove alguãs, e dirá o [Carmelo] que tem Leuado *muitas* em diuida de orffaos  
 e em 28 *annos* que Dom Ioaõ que *Deus* tenha em gloria, não pode grangiar nada  
 e o Terremoto o deixou sem huã camiza, e em huã atual moléstia  
 os gastos que daqui se seguem, e só esta execusaõ Leua mais de  
 40 seis mil cruzados, que o que mais me dê não deuer *muita* parte  
 deles, [espaço] Seguro a *vossa merce* e todos, que me Conhesem lho an dem  
 afirmar que hũ pedaso de governo, e a CompaXão dos meus  
 acredores hé que me vale. [espaço] só *vossa merce* hé taõ dezumano  
 que não quis aseitar do Sargento Mor Liandro de Souza - 250\$ *reis* que por es  
 45 mola elle, e o Reverendo Vigario Lourenso Iozé me sustentaõ, e juntos com  
 o Reverendo cuadjutor fizerão o emterro a meu Marido que *muito* pedio a  
 seus aCredores comCoresem para o benefisio de sua Alma pelo a  
 mor de *Deus*, compadesa se *vossa merce* delle e de mim, que em pu  
 xar pela execusaõ não ha de ser pago com beñs alheos, e ha de  
 50 por primeiro o *dinheiro* em juizo, que fas arematasoẽs, e ha de se achar com  
 meya duzia de Comtendas, porque bem lhe sigurey, que os beñs  
 em que se fazia pinhora não estauão Liures, emfim lembre  
 se *vossa merce* do que lhe digo. e já lhe representey naquela relatoria  
 e fique *vossa merce* na Serteza que [e]ntre todos os meus aCredores hé só  
 55 o que me tem descomposto com huã coantia que eu já não devia há dous  
 annos que em ves de *vossa merce* me satisfazer na pouca atensao nesta  
 parte ainda se mostra queixoço de que se lhe deminuhio o dito 1:038\$ [*reis*]  
 Tire da maginasaõ que não se lhe deminui os 650\$00 *reis* já os  
 tinhaõ na bolsa [des o] tempo daquela rematasaõ da fazenda com a qual me  
 60 tirarão tudo o que tinha na Cobransa daquela diuida que com tanto  
 custo de dispendio e trabalho tinha xegado aquele estado em que se  
 remat[arão]<sup>119</sup> e ainda me querem esbandalhar o benefisio que os meus  
 aCredores me fazem em me deixar hir viuendo com o que hé

<sup>119</sup> A tinta está borrada na letra “a” e na sílaba “rão”.

Comandte seu maior Tinnia A. Subadern  
J. J. M. am. v. de Sabera 9. de 1778

M. obrean

San. Maria de la

Com o *que* hé seu não há mayor Tirania [espaço] A pessoa de *vossa merce*  
65 *Guarde Deus Muitos annos Vila de Sabara novembro de 1778*

*Muito obrigada a vossa merce*

*Dona Francisca Maria Antonia Xavier*

1778

Em Novembro

D. Francisca Ant<sup>a</sup> M. G. E.  
Escrita a Miguel da Cruz

1778

Em Novembro

70

*Dona Francisca Antonia Maria Xavier*  
Escrepta a Miguel da Cruz *Vieira*<sup>120</sup>

---

<sup>120</sup> O punho que redigiu este fólho é diferente do que escreveu a carta.

M<sup>mo</sup> Sr<sup>o</sup> Florencio Francisco dos Santos Franco

Muito obrigado de mais respeito, e amor: chegou o Andie  
 com a carta de V. D. que muito estimei q<sup>o</sup> saber v<sup>ra</sup> K<sup>o</sup>  
 sem emcomodo de v<sup>ra</sup>de, e faliu<sup>o</sup> q<sup>o</sup> se deu a p<sup>o</sup>; não digo  
 eu assim q<sup>o</sup> estes dias tive humo dor q<sup>o</sup> bem me mal-  
 tratou, porém agora já se alivada. Vejo q<sup>o</sup> V. D.  
 me diz respeito a alfornia da Dita, a qual ficou m<sup>o</sup>  
 datada, etambem vi os emcomodos q<sup>o</sup> V. D. temido  
 aeste respeito, como abeita anda sempre com acob<sup>o</sup>  
 ca pelas paredes, nada pode fazer com acerto, D. no  
 tenha dano mais, e como V. D. me diz nobriga a p<sup>o</sup> la  
 livre he o q<sup>o</sup> se q<sup>o</sup>. Não mande a carta p<sup>o</sup> te  
 mer algum descaminho p<sup>o</sup> q<sup>o</sup> não conheço a p<sup>o</sup> de  
 q<sup>o</sup> aqui veio embarar com humo tragedia q<sup>o</sup> nem  
 eu sentando, eu penso perizaria de algum requerim<sup>o</sup>  
 a D. C<sup>o</sup> - P<sup>o</sup> - ou ao novo General q<sup>o</sup> que se chepa  
 nem o q<sup>o</sup> elle diz não ha maior inflexão. q<sup>o</sup> conluen  
 ca he sobre cornudo a p<sup>o</sup>reado, como V. D. tam  
 bem he compadeuido como eu, sempre me enrou  
 para o que poder, e p<sup>o</sup> irre me conferrari cada vez ma  
 is ob<sup>o</sup>. Heita saud. de v<sup>ra</sup> de v<sup>ra</sup> e P<sup>o</sup> - Trava, e todos  
 os mais de v<sup>ra</sup>, e em particularm<sup>o</sup> von Sel. D.

Lago 19 de  
 Junho d' 1817

1-27122,076

Amoroso Sr. C.  
 Bijulita da. P<sup>o</sup> -



## HJT\_01

Illustríssimo Senhor Florencio Francisco dos Santos Franco

Meo Senhor muito do meo respeito, e amor: chegou o André com a Carta de Vossa Senhoria que muito estimei por saber vive Vossa Senhoria sem emcomodo de saude, e felicidades, que lhe dezejo; não digo

- 5 eu assim que estes dias tive huma dor que bem me mal\_ tratou, porem agora ja fico aliviada. [espaço] Vejo o que Vossa Senhoria me diz respeito a alforria da Dita, a qual ficou muito satisfeita, e tambem vi os emcomodos que Vossa Senhoria tem tido a este respeito, como a besta anda sempre com a cabe
- 10 ça pelas paredes, nada pode fazer com acerto, Deus nos tenha da sua mão; e como Vossa Senhoria me diz se obriga a po-la livre he o que se quer. [espaço] Não mando a carta por temer algum descaminho porque não conheco a portadora que aqui veio esbarrar com huma tragedia que nem
- 15 eu o entendo, eu penço percizará<sup>121</sup> de algum requerimento a Sua Excelencia Reverendissima, ou ao nosso General por que se lhe fazem o que elle diz não ha maior infelicidade. / que con licença he sobre cornudo aperreado / e como Vossa Senhoria tambem he compadecido como eu, e sempre me onrou
- 20 fazá<sup>122</sup> o que poder, e por isso me confessarei cada ves mais obrigada. [espaço] Aceite saudades de Antonio, e Prima Joana, e de todos os mais de caza, e eu particularmente sou

De Vossa Senhoria

- Lage 19 de A mais obrigada e amante[\*]  
25 Junho d'1817/ Hipolita<sup>123</sup> Jacinta Teixeira<sup>124</sup>

<sup>121</sup> “Percizará” por “precisará”.

<sup>122</sup> “Fazá” por “fará”.

<sup>123</sup> Na margem inferior esquerda há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “10,27,22,076”.

<sup>124</sup> O punho que redigiu a assinatura é diferente do que escreveu o corpo da carta.

Almo Sr. Florencio Fran  
cisco dos Santos Franco

F. F. S.

Professo na Ordem de Christo Cap. de tro  
pa viva que goarnes

Minas Gerais

Ao *Illustríssimo Senhor* Florencio Francisco dos Santos

*Guarde Deus*

Professo na Ordem de Christo *Capitam* da tropa viva que goarneze

Minas Geraes

Ames Sr. Francisco Francisco de S. Francisco

T-10, 31, 5, n.º 9

Mesmo Sr. quem muito amo, e respeito: nunca  
 ja mais poderas os meus emprehos ter bom exito  
 quando não sejas patrocinador p. V. S. Felis-  
 berto Sr. de Moira foi hum dos estudantes mi-  
 lhores q. houve n'uma classe, e era Pais o creador p.  
 o mandar ordenar; este p. ser unio, suposto deo  
 Pais tovessem pouco, p. era causa acois mandavos  
 logo a Ordenar-se, p. esse dia q. hia ganhar  
 em Soldado p. u. ordenar; fugio de casa, e amentou  
 Praca, agora chegou em casa digo pegou do R.  
 Fito hum arrete q. p. nada serve de nada, e in-  
 copia de ter hum gato pelo rabo: Ora o Pais  
 se valeu de mim p. abancar baixa aeste tolo,  
 como pela m. de D. estamos em p. para  
 como q. V. S. p. me arrar e he poderá alcan-  
 car a baixa, etambem poderá examinar amo-  
 leria q. and. tem. Cujos conto certo de te  
 favor q. V. S. me hade fazer, e qual ajuntarei  
 aos muitos q. de V. S. tenho merecido p. ato do  
 sempre confessor q. sou

De V. S.

Ponta do Morro 17 de  
 Agosto de 1817

Amay em. <sup>te</sup> José Corrêa  
 Dipolite Cal. <sup>te</sup> P. 17

## HJT\_02

Illustríssimo *Senhor* Florencio Francisco dos Santos Franco

Meo<sup>125</sup> *Senhor* a quem muito amo, e respeito: nunca  
 jamais poderaõ os meos empenhos ter bom exito  
 quando não sejaõ patrocinaos por *Vossa Senhoria* [espaço] Felis-  
 5 berto *Gonçalvez* de Moira foi hum dos estudantes mi-  
 lhores *que* houve na sua classe, e seos Pais o crearaõ *para*  
 o mandar ordenar; este por ser unico, suposto seos  
 Pais tivessem pouco, por essa couza o não mandavaõ  
 Logo a ordenar-se, por isso disse *que* hia ganhar  
 10 em Soldado *para* se ordenar; fugio de caza, e assentou  
 Praça, agora chegou em caza digo xegou do Rio  
 feito um arente<sup>126</sup> *que para* nada serve doente, e in-  
 capás de ter hum gato pelo rabo: Ora os Pais  
 se valem de mim *para* alcançar baixa a este tolo,  
 15 e como pela *merce* de Deus estamos em pás pare-  
 ce me *que Vossa Senhoria* por me onrar ele poderá alcan-  
 car a baixa, e tambem poderá examinar a mo-  
 lestia *que* o mesmo tem. [espaço] Eu ja conto certo deste  
 favor *que Vossa Senhoria* me ha de fazer, o qual ajuntarei  
 20 aos muitos *que* de *Vossa Senhoria* tenho merecido *para* a todo  
 o tempo confessar *que* sou

*De Vossa Senhoria*

Ponta do Morro 17 de  
 Agosto d'1817./

A mais amante fiel e obrigada

25

Hipolita *Jacinta Teixeira*<sup>127</sup>

<sup>125</sup> Na margem esquerda do fólio, abaixo da direção, há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10, 31, 5 n.º9.”

<sup>126</sup> “Arente” por “arrente”, que, de acordo com Aulete e Valente (2007), é “dizer bravatas, jactar-se, [...], o mesmo que rentar”. Rentar, por sua vez, pode ser entendido como “alardear forças, fazer-se pimpão com alguém, aproximar-se de alguém provocando-o, colocar-se em atitude de provocação ou desafio.” (AULETE; VALENTE, 2007).

<sup>127</sup> O punho que redigiu a assinatura é diferente do que escreveu o corpo da carta.

Mm. Ind. Cajo. Floriano Pin. de Santos

1-27.29.090

Mud puyitadiciono P. Nam. moior  
Sinuacis. Axome em luno grande  
Seoame, ep. q' neste lugar ni la je  
coy de honra ay. cu podd oluyar  
Lombem em vora dojay, v. v. moio  
Dyte aloguilla quira em jere lamo  
trinta mil vij e deajo favor fice  
ni cum eterna m. m. ayre deida  
adem d'adaty falio. Dique y puro  
na onra de S. S. o de S. S. deida

Optimari S. S. logre bon suede y  
ludady, ey nuyard della mandam  
com fo de vuido joij bon

Puente nyta ludo  
opistador

de S. S.  
M. i. bigudimo S. S.

Barrido de S. S. 1820

Joana Lopes

## JL\_01

*Illustríssimo Senhor Capitão* Florencio Francisco dos Santos

Meu Respeitadissimo *Senhor* de *minha* maior<sup>128</sup>

Veneração. Axo me em hum grande

vexame, e *porque* neste lugar não há pe

5 çoas de honrra a *quem* eu poça ocupar e

tambem em *razaõ* do pais. Vou *por* mio<sup>129</sup>

desta a rogar lhe queira emprestar me

trinta mil reis a de cujo fauor fica

rei a *uossa* merce eternamente *muito* agradecida

10 alem da satisfação. de que espero

na onrra de *Vossa Senhoria* o ser seruida.

Estimarei *Vossa Senhoria* logre boa saude e fe

licidades, e *que* n[\*p\*]u della mandar me

como for seruido pois sou

15 *Post Sscriptum*

*De Vossa Senhoria*

Paçando nesta recibo

*Muito* obrigadissima *Vossa Merce*

o portador

Barreiro 16 de Abril

Joaquina Lopes

1820

<sup>128</sup> Na margem direita do fôlio, abaixo da direção, há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-27, 29, 090.”

<sup>129</sup> “Mio” por “meio”.

M.<sup>my</sup> Senhor Conde de Morcenis Sr.<sup>to</sup>

Meu Conde, a quem vivo, vivo e vivo  
obrigado. Foi o gozo de receber a sua  
carta, e juntamente o remedio, menos  
agradado, pois contou-me a admiracao  
e inventiva de Torre Alvez sem eu  
lhe dizer coisa alguma, ter elle ysa  
lembranca, se eu lhe quizesse em commodas  
verso lhe narraria na carta, que y escrevi.

Ca chegarao os seus pastos de sal, con-  
que, na palha, e teres sempre unidade.

Estimarei, que V. S. va a sua grande  
fazenda, e venha com felicidade, e sa-  
ude. Mas a respeito a minha son-  
tade em remuneracao de tanta obsequio.

Hoje S. Anna 4      Sou Sua Con.  
de Julho de 1717,      gratissima

Carlota      Josefa Maria de S. Anna



## JMS\_01

Illustríssimo Senhor Cirurgião Mor Florencio Francisco

Meu Compadre a quem vivo, e vivirei muito  
obrigada. [espaço] Tivi o gosto de receber a sua  
carta,<sup>130</sup> e juntamente o remedio, men[us]

5 a ganga,<sup>131</sup> pois cauzou-me adimeração  
a inventiva de Jose Alves sem eu  
lhe dizer coisa alguma ter elle essa  
lembrança, se eu lhe quiseçe emcommmodar  
nisso lhe narraria na carta, que escrevi.

10 Ca chegaraõ os seus potros dei sal, e os-  
pus na palha, e terei sumo cuidado.  
Estimarei, que *Vossa Senhoria* va a sua grande  
fazenda, e venha com Fellicidades, e sa-  
ude. [espaço] No mais asseite a minha von-

15 tade em remuneração de tantos obsequios

Hoje *Santa Anna* 4  
de Julho de 1817/  
aceite *Lembranças* da  
Carlota

Sou Sua Comadre  
gratiçima.

20 Jozefa Maria de *Santa Anna*

<sup>130</sup> Na margem esquerda do fólio há um rasgo no papel, ocasionado pelo selo que foi utilizado para fechar a correspondência.

<sup>131</sup> Há duas acepções possíveis para ganga neste contexto: a primeira é um “tecido vulgar, geralmente azul ou amarelo, que antigamente se fabricava na Índia” (HOUAISS, 2001) e, a segunda, é uma ave de caça “algum tanto mayor, que perdiz; entre huma, & outra há pouca differença, na grandeza do corpo, talhe, & voo” (BLUTEAU, 1728).

110, 21, 4, n. 24

Al. M. <sup>mo</sup> Senhor Conde de  
 Moura, Francisco de S.  
 Francisco, Dignissimo Cavalheiro  
 Professor na Ordem de Christo S.  
 H. H. Villa Rica

1.438.680  
 03.02.05

AO<sup>132</sup> *Illustrissimo* Senhor Cirurjiaõ Mor  
Florencio Francisco dos Santos  
Franco [espaço] Digncimo Cavalhei  
Profeço na Ordem de Christo *et caetera*  
*et caetera et caetera* [espaço] Villa [\*]ea<sup>133</sup>

---

<sup>132</sup> Na margem esquerda do fólho há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10, 21, 9 n°4.” Na margem direita, também escrito a grafite, há os números “1.438.868.” Na linha debaixo há uma seta e, abaixo dela, os números “03.02.2015.”

<sup>133</sup> Centralizada na margem inferior do fólho, há a marca amarronzada do selo que foi utilizado para fechar a correspondência.

off. mpx J<sup>o</sup> Cirurgião M<sup>o</sup>. Honorario. D<sup>o</sup>. S<sup>o</sup>.

Meu Corp<sup>o</sup> aquendo muito estorço, e devo  
 mil gratidões. Tenho grande gosto,  
 que V. S. esteja constituido em Felicidade e saúde,  
 e Felicidade. Permitto os seus lavabos,  
 a acompanhando-me em termos e avel sim-  
 turmento nas estas conformes com engosto,  
 pois não foi por falta de trato, mais sim  
 por estas enfermidades, agora com o furo da capim  
 da pathia he que estava desconfiando;  
 motivo por onde tenho desobediencia e se-  
 cador, que V. S. tem me mandado.

Chegou a esta casa o Gabriel lamentan-  
 do as infellicidades de sair da companhia  
 de V. S. que tem mandado de pressa por  
 o cargo, e tanto gaby, que tem grande  
 necessidades intoleraveis, implorando-me  
 para que eu pedir a V. S. a fim de lhe tornar  
 a um broço de V. S. e para andar

## JMS\_02

*Illustrissimo Senbor Cirurjiaõ Mor Florencio Francisco et caetera*

Meu *Compadre* a quem muito estimo, e devo  
 mil gratidõins. [espaço] Tenho grande gosto,  
 que *Vossa Senhoria* esteje constituído em fellis saude  
 5 e fellicidades. [espaço] Remetto o seu Cavalo  
 acompanhando-me<sup>134</sup> interminavel sin-  
 timento não estar conforme o meu gosto;  
 pois não foi por falta de trato; mais sim  
 por estar emfezado, agora com o fresco capim  
 10 da palha he que estava desemfazando;  
 motivo por onde tenho desobdessido os re-  
 cados, que *Vossa Senhoria* tem me mandado.  
 Chegou a esta casa o Gabriel lamenta-  
 do as infellicidades de sair da companhia  
 15 de *Vossa Senhoria* que tem andado disperso por-  
 compor, e Canta galo<sup>135</sup>, que tem paçado  
 neççidades intoleraveis, implorando-m[e]  
 para eu pedir a *Vossa Senhoria* a fim de lhe torna[r]<sup>136</sup>  
 a umbrosa<sup>137</sup> peçoã de *Vossa Senhoria* para andar

<sup>134</sup> Na margem esquerda do fólio, há a marca amarronzada do selo que foi utilizado para fechar a correspondência.

<sup>135</sup> Provavelmente, faz referência a “cantar de galo”. De acordo com o dicionário Priberam (2006), essa expressão pode ser definida como “sentir-se triunfante” ou “falar de modo arrogante ou autoritário, tentando impor a sua vontade.”

<sup>136</sup> Tanto a letra “e” (linha 17) como a “r” (linha 18) foram reconstituídas por conjectura devido à fragmentação material.

<sup>137</sup> Bluteau (1728) define “umbroso” como “sombrio”.

Submicamente co m. d. e., ou d'ignora  
 Fazenda do Sertra Com Fome N. S.  
 de terminaç, em uas ins. to asse, e, cao  
 delle; q' por uas saber o delicto, que com-  
 metteo q. do d. S. soug ar ton; q' por uas  
 se o delicto porgras civil; et. S. equises  
 em sua Compañhia, man de-me  
 solucão q' para delle lio, no presente  
 a cha so asse em te do ente de haun  
 coice em hum d'pura. Dotudo  
 sendo q' por uas q' ficari a d. S.  
 obs. a ceite l. cas de sua deti-  
 lhada, e em em parti entlar caudo  
 av. 7. como sua Com. m. to agrade-  
 ida. Sua Com. p. esta no.

S. Anna 19 Sou sua Com.  
 de Maria que m. to estima  
 1818 Josefa Maria de S. Anna



M<sup>o</sup> M<sup>o</sup> Senhor Cirurgião  
 M<sup>o</sup> Florenço Francisco  
 da S<sup>ta</sup> Franca. Dignissi-  
 mo Fidalgo, e Cavaleiro  
 Professor na Ordem do Christo  
 L<sup>o</sup> H. H. Vila Rica

L. 10, 31, 4, n.º 3



40

AO *Illustrissimo* Senhor Cirurjião  
Mor Florencio Francisco  
dos Santos Franco. [espaço] Dignici-  
mo<sup>141</sup> Fidalgo, o Cavaleiro  
Profeso na Ordem de Christo  
*et caetera et caetera et caetera* [espaço] Vila Rica

---

<sup>141</sup> Na margem esquerda do fôlio, há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10, 31, 4 n°5”.

M<sup>mo</sup> Sr<sup>o</sup> Cirurgião Mo<sup>r</sup> Florenço

Meu Honor<sup>o</sup>, a quem m<sup>to</sup> estimo, edero  
 mil gratidões. Estimo, que V<sup>o</sup>.  
 este com saúde, e felicidade.

Meu Corp<sup>o</sup>. acham-se duas im-  
 fermy, neta cara, humã de fluxu  
 de sangue amais de dor, mereço etem  
 soferto alguns remedios, não he  
 possível obdecer, outra com crax de-  
 bobo em hum d<sup>o</sup> do sup<sup>o</sup> hico-he  
 em carceridã m<sup>to</sup>. V<sup>o</sup>. tenha bondade  
 mandar algum remedio.

Comfesso ser sua Com<sup>o</sup>.  
 graticima, muito, em. ob<sup>o</sup>.

Josefa Maria de S. Anna

f 27, 22, 099

## JMS\_03

*Ilustríssimo Senhor* Cirurjiaõ Mor Florencio

Meu *Compadre*, a quem *muito* estimo, e devo mil gratidoins. Estimo, que *Vossa Senhoria* esteja com saude, e Fellicidades.

- 5 Meu *Compadre* acham-se duas imfermas nesta Caza, huma de Fluxu de sangue a mais de dois mezes, e tem so feito alguns remedios, nao he possivel<sup>142</sup> obdesser, outra com cravo de-
- 10 boba<sup>143</sup> em um dedo su[n]plico-lhe imcarecidamente *Vossa Senhoria* tenha bondade mandar algum remedio

Confesso ser sua *Comadre* graticima, muito, e *muito obrigado*

- 15 Jozefa Maria de *Santa Anna*

---

<sup>142</sup> Na margem esquerda do fõlio, há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10, 31, 4 n°5.”

<sup>143</sup> De acordo com Chernoviz (1890), “boubas” é uma “[m]olestia cutanea, propria ás regiões intertropicaes, eminentemente contagiosa, produzida por um virus particular, virus ou vicio boubatico”. Também pode se referir a um “tipo de pústula ou tumor da pele; buba; bubão; [...] pequena lesão cutânea; escoriação; [...] leishmaniose cutânea; [...] sífilis” (HOUAISS, 2001).

A. B. H. <sup>mo</sup> Senhor Cinqüenta e  
 Seis Mil e Quinhentos e  
 oitenta e seis  
 Reaes  
 do Sr. <sup>tes</sup> Joaõ Cavatim  
 Professor na Ordem de Christo  
 da Villa Rica

9600  
 4000  
 12800  
 26400

AO<sup>144</sup> *Illustrissimo* Senhor Cirurjiaõ  
Mor Florencio Francisco  
dos *Santo* Franco Cavaleiro  
Professo na Ordem de Christo  
*et caetera et caetera et caetera* [espaço] Villa Rica<sup>145</sup>

---

<sup>144</sup> Na margem esquerda, próximo ao sobrescrito, há uma conta que parece ter sido escrita por outro punho e não ser coeva à redação da carta. Assim como ocorre em AFF\_04, nesta missiva ela pode ter sido grafada pelo remetente que recebeu a correspondência e, depois, utilizou-a como rascunho.

<sup>145</sup> Centralizada na margem inferior do fôlio, há a marca amarronzada do selo que foi utilizado para fechar a correspondência.

1-27.29.094 M<sup>mo</sup> Sr<sup>o</sup> Horacio Francisco dos Santos Franco

M<sup>to</sup>  
 Estimada ter noticias da V. S. que lograra saude que ha o meu  
 gosto; To thateho escrito para a Villa do Principe para que me  
 que la ja estaria

Eu estava esperando por V. S. p<sup>o</sup> Corpode De  
 os mais ja vejo que a Sim não sucede o que sinto muito  
 tam bem para ver as Cavalhadas

Muito obrigado  
 amuedinha que mandou não prodi uio mais Sim pela  
 lembrada que teve de mim que nalamereso Sim faz como  
 que he ja mandei Thomeo meboscar poje hum vestido de  
 cedinha pa Vestir a sua Saude

Minha Mãe Thome  
 co e Thome e Thome e Thome e Thome e Thome e Thome e Thome  
 Comedão muito Saudozas a V. S. em<sup>o</sup> Thomegradecem lembrada  
 dit notabat que o remedio que V. S. de X<sup>o</sup> me fez muita obra eu  
 so tenho andado Com muito de fluzo mais sempre pronta  
 p<sup>o</sup> de uo servito

Eu me ve Comercio Com M<sup>o</sup> Thome  
 de Saude e de me sempre mede noticias suas de de me e  
 andar Sou

Villa Rica 31 de  
 Mayo 1886

D. S. S.  
 a<sup>o</sup> 20 de  
 ano m<sup>o</sup> ano sobra

D. Maria Ignacia de Serina Silveira

**MILS\_01**

*Illustrissimo*<sup>146</sup> *Senhor* Florencio Francisco dos Santos Franco

Muito estimei ter noticias de *Vossa Senhoria* que lograra Saude que he o meu gosto; Ja lhe tenho esCrito para a Villa do Príncipe pareçedo me que la ja estaria

5                            Eu estava esperando por *Vossa Senhoria* por Corpo de De  
os mais ja Vejo que aSim não Susede o que Sinto muito  
tambem para Ver as CaValhadas

Muito lhe agradeço

a muedinha que me mandou [.]<sup>147</sup> não pelo dieiro mais Sim pela  
10 lembrança que teve de mim que nala mereso Sim faz Como  
que he ja mandei Nho neco me boscar hoje hum vestido de  
çedinha *para* Vestir a Sua Saude

Minha May e Nho ne

co e Nha nosabas e Sinha Vitoria [cos] Mininos todos Se are  
15 comedaõ muito Saudozas a *Vossa Senhoria* e muito lhe agradecem a lembrança  
dis nosabas que o remedio que *Vossa Senhoria* dexo lhe fes muita obra eu  
So tenho andado com muito defluso<sup>148</sup> mais Sempre pronta  
*para* o Seu Serviso

Eu me rêComendo Com Milhares

20 de Saudades e de me Sempre me de notisias Suas de donde  
andar [espaço] Sou

De *Vossa Senhoria*

Vila Rica 31 de            *amiga muito umilde e obrigada*  
Mayo de 1816

25                            *Dona* Maria Ignacia de Lorena Silveira

---

<sup>146</sup> Na margem superior esquerda do fólio, há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-27, 29, 084.”

<sup>147</sup> A tinta está borrada, impossibilitando a leitura desta palavra.

<sup>148</sup> “Defluso” por “defluxo”.

C-10,30,2, n.º 8

M<sup>mo</sup> Senhor Capp<sup>mo</sup> Thomaz Francisco Franco

Meu Compadre Senhor a Dias Cori-  
 vi al. S. agora de novo o faço saber da boa  
 saúde de V. S. pois am.ª thê o favor desta hé  
 boa e igual mente Thomaz. este pôde adua  
 abençoar. Minha Mãe naquê meu curso  
 pelo soldado q. veio p<sup>a</sup> este Destacamento, man-  
 dou-me dizer a V. S. porquê não servia al. S.  
 tenho escrito emencas agora me fica operar  
 das ditas Cartas sedrinca minharem pois eu  
 nunca me esqueci de alimbar digum tanto  
 recibos tanto obsequio.

Porto de Coimbra 4 de  
 Janeiro de 1821

De V. S. Comadre muito amante  
 muito obrigada e criada

Maria Justina



## MJ\_01

Illustríssimo<sup>149</sup> Senhor Cappitam Florencio Francisco Franco

Meu Compadre e Senhor [espaço] a Dias Escri-  
 vi a *Vossa Senhoria* e agora de novo o faço a saber da boa  
 saude de *Vossa Senhoria* pois a *minha* thé o fazer desta hé  
 5 boa e igualmente Florençio. e este pede a Sua  
 abençoa. [espaço] Minha Maeñ na que me escreveo  
 pelo Soldado *que* veio *para* este Destacamento, man-  
 dou me dizer a rezaõ porque não escrivia a *Vossa Senhoria*  
 tinha escrito emmenças e agora mi fica o pezar  
 10 das ditas Cartas se desincaminharem pois eu  
 nunca me esqueçerei de alembrar de quem tenho  
 reçebido tantos obzequios.

Porto de Cunha 4 de  
 [J]aneiro<sup>150</sup> de 1821

De *Vossa Senhoria* Comadre muito amante  
 e muito obregada e Criada

15

Maria Justina

<sup>149</sup> Na margem superior esquerda do fólio, há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10, 30, 2, nº 8.”

<sup>150</sup> Há uma dobra no canto inferior esquerdo do papel, o que dificulta a leitura a leitura da letra “J”, que foi reconstituída por conjectura.

M<sup>o</sup> Sr<sup>o</sup> Capp<sup>o</sup> Thomeo Francisco Franco

Meu Compadre estm deves que chei  
 aqui neste lugar não tenho usado de escrever a  
 V. S. para saber de sua boa saúde com a infirmitade  
 da qual ainda não tive a honra de receber cartas de  
 V. S. Thomeo pede a sua benção a cha-se bar-  
 tante em tudo em a fazer desta sua boa e  
 juntam<sup>te</sup> elle aqui fico desejando a V. S. mui-  
 tas felicidades e que Deus Guarde por muitos  
 annos, sou

Porto do Cunha  
 1<sup>o</sup> de Abril de 1821

De V. S.  
 Com muito ob<sup>o</sup> e f<sup>o</sup>

Maria Justina

## MJ\_02

*Illustrissimo Senhor Cappitam Florencio Francisco Franco*

Meu Compadre e *Senhor* desde que che=  
 guei neste lugar não tenho usado de iscrever a-  
*Vossa Senhoria* para saber da sua boa saude com a *infilicidade*  
 5 tál *que* ainda não tive a honra de receber letras de  
*Vossa Senhoria* [espaço] Florencio pede a sua bençoã acha-se bas-  
 tantemente Creçido eu ao fazer desta fico boa e-  
 juntamente elle e aqui fico dezejando a *Vossa Senhoria* mui~  
 tas felicidades a quem Deos Guarde por muitos  
 10 annos, sou

Porto de Cunha  
 1º de Abril de 1821

*De Vossa Senhoria*  
*Comadre muito obrigada e Criada*

Maria Justina<sup>151</sup>

---

<sup>151</sup> Na margem inferior do fólio, há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10, 30, 2, n.º 9.”

10,30,1, m: 11

M. Senhor Capitão Florencio

Meu Primo e Sr, a quem, com vós, amo, expeito  
 Cheguei a esta sua casa, m. Casada, por caminho  
 e principal m. Saudosissima, de sua amant compã. e por  
 mais, q. procon. de foyfaly, nunca, me era possível  
 Minha Mãe, e Mãe, com military de Saudade  
 e Comendat-se a V.ª. Seu afilhado Me pede a bendição  
 e seu Comp. m. Me agradece, os trabalhos, em Commodo, q.  
 vos. tem tido com nos Co. e nos ambos, desejamos, toro Casi-  
 aõ do seu serviço, e de moy trazer-lhe a nossa gratidão

em trezei a memoria  
 e Mãe e Me agradece  
 e Senbra, Ca

Esilo como

Prometo a v.ª  
 e seu p.ª  
 o seu p.ª  
 Com o m.ª  
 por Ca

Dev.ª P.ª to te  
 Pr.ª mam  
 e b.ª

Maria Maria de Jesus e Senha

## MMJL\_01

Illustríssimo Senhor Capitam Florencio<sup>152</sup>

Meu Primo, e *Senhor*, a quem, com veras, amo, e respeito  
 Cheguei a esta sua caza, *muito* canssada, dos caminhos  
 e principalmente, saudozissima, de sua amavel *companhia* *que* por  
 5 mais, *que* procure, desfarssa las, nunca me sera possivel  
 Minha Mãy, e Mana, com milhares de saudades  
 recomenda[õ]-se,<sup>153</sup> a *Vossa Senhoria*.

Seu afilhado lhe pede abençaõ  
 a seu *compadre* *muito* lhe agradese os trabalhos, e emcomodos, *que*  
 10 *Vossa Senhoria* tem tido comnosco; e nos ambos, dezejamos. Ter oCazi-  
 aõ do seu servisso, e de mostrar-lhe a nossa gratidaõ

E fico Como

entreguei a me[mo]ria  
 a Mana e lhe agradese  
 15 a lembrança

Remetto a *Vossa Senhoria*  
 esses pirus, *para*  
 o seu pagem.  
 come llos pella  
 20 pos ceia

De *Vossa Senhoria Prima* *muito* amante  
 e *obrigadissima*

Maria Mecias de Jesus e Lana

<sup>152</sup> Na margem superior direita do fólio, há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10, 30, 1, n° 11.”

<sup>153</sup> A tinta está borrada na letra “õ”.

M<sup>o</sup> M. Senhor Capitão Florencio

2-10, 30, 1, nº. 12

Meu Primo, Compadre, etc. primeiro q' tudo ei de  
 e temer, abia saude diversa aquil deajo como propria  
 Meu pai foi buy cas, alveola, joana, com o filho, a q' he  
 rae ta sua casa, m<sup>o</sup> d'onte, com as juntas em chadaj  
 eoj guethos, e tornoselos; e hica perna maij q' ave tra  
 e he tam to asim, q' mal pode, mudarse. As manhas da  
 casa parecem em pigemy, maij nao sao. São vix melhas  
 he em toda a casa, e tem tam bem Alguas pelo corpo.  
 Maij com tudo, quero filar com ella, p' q' a sim q' chegou.  
 a tirouse aos meus py, p' filar com ella, rogando q' u  
 a nao largade.

E assim fi-lo ser terada a bondade e filaria com  
 ella p' q' nao so pelas rogativas della, como p' os amor Jo  
 a via zinta, velubi arvaquina, eij ta m<sup>o</sup> d'ome goj to  
 e fi-lo rogando aq' seij the prospere, em memsaj  
 felicidade, como

Su Comp<sup>o</sup> reverente  
 m<sup>o</sup> saudade, e su afilha  
 do thepude abum cas  
 Meu paij m<sup>o</sup> maij  
 mana, e qual m<sup>o</sup>  
 fazem om<sup>o</sup>

Diversa Comadre m<sup>o</sup>  
 am<sup>o</sup> do Colacao

Maria Melia, de Jesus e da

## MMJL\_02

Illustríssimo Senhor Capitam Florencio<sup>154</sup>

Meu Primo, Compadre, e *Senhor* primeiro *que* tudo ei de  
estimar a boa saude de *vossa senhoria* a qual dezejo como propria

Meu pay foi buscar a crioula, Joana, com o filho, a *qual* che

5 [.]<sup>155</sup> a esta sua *caza*, *muíto* doente, com as juntas emchadas

e os Juelhos e tornozelos; e hũa perna mais *que* a outra

e hé tamto assim, *que* mal pode, mudar se. As manchas da

cara parecem empigemes,<sup>156</sup> mais não são; são vermelhas

e he em toda a cara, e tem tambem Alguãs pelo corpo.

10 Mais com tudo, quero ficar com ella, *porque* assim *que* chegou

atirou se aos meus pes, *para* ficar com ella, rogando *que* eu

a não largase.

E assim fico certa na sua bomdade o ficar me com

ella *porque* Não so pelas rogativas della, como *por* ter, amor Ja

15 a criazinha, [espaço] recebi a Joaquina, e esta *muíto* do meu gosto

e fico rogando aos seos lhe prospere, emmensas

felicidades, como

Seu Compadre reverente

De *Vossa Senhoria* Comadre *muíto*

*muíto* o sauda, e seu afilha

*amante* do Coração

20 do lhe pede a bemção

Meu pay *minha* may

Mana, igualmente

fazem o mesmo

Maria Mecias de Jesus e Lana

<sup>154</sup> Na margem superior direita do fôlio, há a seguinte anotação tardia, realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “I-10, 50, 1, nº 12.”

<sup>155</sup> Este trecho do documento está rasgado, o que dificulta a leitura. Possivelmente, a palavra que está incompleta no original é “chegou”.

<sup>156</sup> “Empigemes” por “impigens”.

Ilmo Sr. Florencio Fran. dos S.<sup>tos</sup>

Estimarei que Estes duas Regras a-  
chem a V. S. de fructando hua' tao feliz sa-  
de como eu para mim D.oi. que angos-  
aofares de ta pica a pluz Ordens

Aminha Filha Luiza  
me pede para eu lembrar a V. S. de hui-  
brincos que V. S. depremetos por ofras  
sempre na lembranca isto depremetos  
apobry nunca se quecem efica e pre-  
rando ofavor e molla que V. S. de que-  
ra faret a meningo tody farem a V. S.  
muita recomendaçoy e eu fero o mesmo  
emp.<sup>as</sup>

Deum.  
Crd. do Brqd.

Rosa Maria de Jesus



## RMJ\_01

*Illustrissimo Senbor* Florencio Francisco dos Santos

Estimarei Que Estas duas Regras a-  
chem a *Vossa Senhoria* desfrutando huã taõ felis Sau  
de Como eu para mim Dezejo que a nossa

5 ao fazer desta fica as Suas ordens

A minha Filha Luiza

me pede para eu lembrar a *Vossa Senhoria* de hus  
brincos que *Vossa Senhoria* lhe premeteo pois O tras  
sempre na lembrança isto de premeter<sup>157</sup>

10 a pobres nunca se esquecem e fica espe-  
rando o favor e esmlolla<sup>158</sup> que *Vossa Senhoria* lhe quer  
ra fazer as meninas todas fazem a *Vossa Senhoria*  
muitas recomendaçõis e eu faco o mesmo  
em *particular*.

15 De *vossa merce*

*Criada e OBrigada*

Roza Maria de Jesus

---

<sup>157</sup> “Premeter” por “prometer”.

<sup>158</sup> “Esmolla” por “esmola”.

M. Inoc. Sr.<sup>a</sup> D. Eugenia de Jesus Sana.

Minha Sr.<sup>a</sup> a quem respeito, estimo que  
 V. M. viva saudavel e feliz e as Sr.<sup>as</sup> D. D. a quem saúdo.

Minha Sr.<sup>a</sup>  
 o grande affecto que tenho a vobres e a de V. M. fez  
 com que me dirigisse a pedir-lhe licença para a Sr.<sup>a</sup> D.  
 Anna tomar parte em sua criação, minha filha; e porq.  
 o tempo não permite eu hir lá, como tenho tencão, moti-  
 vo por que vou rogar-lhe queira a Sr.<sup>a</sup> D. Anna man-  
 dar-me procuração, e poder vir p.<sup>a</sup> a Sr.<sup>a</sup> D. Antonia  
 o Sr.<sup>o</sup> he. os Sr.<sup>os</sup> Joaz. Botelho, e portanto fica  
 vi de novo mais agradeida por ser

D. N. M.

et. amais abra

Sedonia Maria de Concúcio

**SMC\_01**

*Illustríssima Senhora Dona Eugénia de Jezus e Lana.*

Minha *Senhora* a quem respeito, estimo que

*Vossa Merce* viva saudavel e feliz e as *Senhoras Donas* a quem saúdo.

Minha *Senhora*,

- 5 o grande affecto que tenho a nobre caza de *Vossa Merce* fez  
 com que me dirigisse a pedir-lhe licença, para a *Senhora Dona*  
*Anna* tomar parte em huã criança, minha filha; e porque  
 o tempo não permite eu hir lá, como tinha tenção. moti=  
 vo porque vou rogar-lhe queira a *Senhora Dona Anna* man  
 10 dar-me procuração, e pode vir para a *Senhora Dona Antonia*  
 o [Primo] he o *Senhor Alfferes Joaquim Botelho*, e portanto ficã  
 rei de novo mais aggradecida por ser

*Guarde Vossa Merce*

*Senhora* a mais obrigada.

15

Sideria Maria da Conceição

Alta Señora Señora  
D. Eugenia de Jesus y Ana.  
ya

Nasua Ford - de Sta. Anna.

A *Illustrissima* Senhora

*Dona* Eugenia de Jezus e Lana

et *caetera*

Na sua *Fazenda* = de

20

*Santa* Anna.

50-4

ms  
X. 12

e

BIBLIOTECA  
10-6-942  
N.º 9.466

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

Admittam saltado avont, de q' raverim me pervolv' a sup'ia  
de V. Ex: e supposto, q' este era o implor daquelle v'ont por v'ia, qua  
zi q' não podi' v'ia ad intencimento, por de oppozem das extremy, d'ambuy  
iguair, e grandes ambr; a sem de m'icunio d'ambuy entid' d' p'cepçuy de  
V. Ex: e Carij' d'ay, q' aquer' v'ia este, não fugi' d' aquide.

Mandad' d' v'ia, por v'ia, e Carij' de V. Ex: d' objectav'ia  
curro, de v'ia, v'ia d' v'ia, d' m' censurav'ia; d' v'ia, m' v'ia  
termo, m' v'ia d' v'ia d' v'ia; p' v'ia d' v'ia a censura certa p' v'ia  
de a v'ia d' v'ia; p' v'ia d' v'ia d' v'ia m' v'ia d' v'ia d' v'ia  
tera, d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia  
p' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia  
V. Ex: a p' v'ia d' v'ia d' v'ia; q' agora inda q' tarde p' v'ia d' v'ia  
comunicav'ia, p' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia  
avivaram a v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia  
de v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia  
de v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia d' v'ia

Serra e Capa d' v'ia d' v'ia  
D. Viana d' v'ia d' v'ia

## VCMH\_01

*Excelentíssimo Senhor*

Naõ<sup>159</sup> me tem faltado a *vontade* de *que* reverente<sup>160</sup> me pervolva<sup>161</sup> aos pés de *Vossa Excelencia*: e Supposto, *que* este, era o implaçõ<sup>162</sup> daquella *vontade* potencia, qua zi *que* naõ podia vencer a do intendimento, por se opporem dous extremos, ambos

5 iguaiz, e grandes ambos; aLem de me conciderar entre os precipicios de Scylla, e Carÿb'des<sup>163</sup> *que* a querer evitar este, naõ fugiria daquelle.

Offereciaõ me o extremo Seguido da *vontade* de me

Mandar offerecer, por serva e Captiva de *Vossa Excelencia* objectavão me outro, deste meu arrojõ ser infalivelmente censurado; e vendo-me Nestes

10 termos, me expuz a Seguir a *vontade*, pondo de *parte* a Censura certa dez te atrivimento; por cuja Cauza de alguã forma me suaviza a fixa cer

teza, de *que* sereÿ dezculpada pella atençaõ de *Vossa Excelencia* a quem offereço o prestimo do meu nada: alem de solicitar o estado de saude com *que*

*Vossa Excelencia* apportou Neste paÿs, o *que* agora inda *que* tarde, peço a *Vossa Excelencia* Me

15 Comunique, *para* com a Certeza de que a logra de todo perfeÿta, se me

avivarem as esperançaz de ter empregõz, No *que* for do agrado de *Vossa Excelencia*

A Cujõz mandadoz fico subordinada como tanto Serva e Cap<sup>t</sup>iva de *Vossa Excelencia* *que* *Guarde Deus Muitos Anos. OLinda // 20 // de outubro de 1737*

Serva, e Cap<sup>t</sup>iva reverente de *Vossa Excelencia*

20

eu

*Dona Violante CLara de Miranda Henriques*

<sup>159</sup> Na margem superior, à esquerda, há a seguinte anotação tardia realizada a grafite pelo arquivo de guarda: “50.8”.

<sup>160</sup> Acima do trecho “reverente me pervolva”, há a marca de dois carimbos retangulares bastante posteriores à redação do texto: um feito em tinta preta onde é possível ler “BIBLIOTECA | 10-6-942 | N° DE REG 9.466” e, abaixo dele, um na cor azul escura com os dizeres “Faculdade de Filosofia | Ciências e Letras | Biblioteca Central”.

<sup>161</sup> Provavelmente vem do latim “pervolvere”. A passagem pode querer dizer que Violante se reclinava aos pés do destinatário, como um sinal de reverência.

<sup>162</sup> Apesar de não serem encontradas referências no português, essa palavra está presente no léxico de outras línguas latinas, como no catalão (*emplaçar*) e no espanhol (*emplazar*). Em ambas possui o sentido de localizar ou dar um lugar a algo, sendo assim, o trecho pode ser entendido como: “que este, era o *lugar* daquella *vontade* potencia”.

<sup>163</sup> Cila é um “[m]onstrinho nefasto que habita uma rocha em frente a Caríbdis, de cujos paredões despontam as faces de seis cães ferozes” (G.R.I.M.M., 2020, p. 76) e Caríbdis é a “[f]ilha da Terra e de Possêidon, monstro disforme, espécie de redemoinho marinho que engolia tudo o que passava pelo estreito de Messina” (G.R.I.M.M., 2020, p. 66). Aqui, Violante se usa das duas figuras mitológicas gregas para representar a dificuldade em que ela se encontrava.

705

Me  
Sr

BIBLIOTECA  
10-6-942  
Nº de Reg. - 8465

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

Recebo com attençaõ omninoza da netiva de V. Ex.ª: fican  
do com aly, tao desvanecida com humildade, q' se hia; omudea; por se delecto  
za, de) Esta souve ficia No del de crendos, e laptim de v. Ex.ª e de hã de me  
ja' Eijo com este breual, q' podim may de g'ã. Senão Chegas a dize; qu  
Alcansij Omudea.

Segnda, porta am de reconfianca de balanca da  
Carã, Não deixava de vacillãr a senivol corra da lencura, e de tribui  
Cãe daquelle arroj; Mas como sempre se seguaõ de dictamã de vont.  
Como impulsiva, ou arrojativa de appetit, fuy confidã tanto, quanto  
agora me vejo, ainda que g'ãtã de v. Ex.ª Corrigida: Não  
pouo, Manã de que se hã significã de V. Ex.ª: que o arroj de minha ouca  
dia era indicãtor de m'ãstrãtã de g'ãl' de cum affecto de laptimã  
e q' q'ã fructu da a empreza, e q' q'ã reconfianca os meyoõ g'ã  
ouy e mder ficio Não agoy de arroj, com abatimento; Não p'ãrã de  
Meã de exprimeõ de Meã sentimento, porque de hã de laptimã de  
V. Ex.ª Meã de de laptimã; que q'ã meã de q'ã de aquelle de arroj,  
Não quero perda agora de hã de de arroj; e conformã de meã  
C'ãtã de C'ãtã de g'ãtã de v. Ex.ª a q' am de de arroj e de arroj sempre a  
de arroj de arroj de arroj: Applaudindo de arroj de arroj, com  
que arroj de arroj, por q' não de arroj de arroj de arroj de arroj  
Concludo por g'ãtã e fabel. G. de P. de arroj m an. Linda, de  
96: & de arroj

Serv. Cap. cum de arroj

De arroj de arroj de arroj de arroj

Handwritten text on the right edge of the page, partially obscured and difficult to read.



## VCMH\_02

Excelentíssimo<sup>164</sup> Senhor

Recebeo<sup>165</sup> a *minha* atenção o mimozo donativo de Letras de *Vossa Excelencia* ficando com ellas, tão dezanecida a *minha* humildade, *quanto* satisfeito o meu *dezejo*, por ter a Casteza, de *que* esta Serva fica no rol dos creados, e Captivos de *Vossa Excelencia*, e achando-me  
5 já hoje com este braço, *que* podereis mais *dezejar*? Senão chegar a dizer; que aleansey O meu *dezejo*.

Ainda *que*, posta a *minha* dezconfiança na balança da  
razaõ, Não deyxava de vaticinar<sup>166</sup> [o] sensivel c[o]rt[e] da Censura, e a retribuição daquelle arrojo; Mas como sempre, se seguem os dictames da *vontade*  
10 como impulsiva, ou as opperações do appetite, fuy confiada tanto quanto agora me vejo, ainda que por tão doce modo corrigida: [espaço] Não posso, maiz do que somente significar a *Vossa Excelencia* que o arrojo da minha ouza dia era indicativo e demonstra[.]tivo<sup>167</sup> signal de hum affecto de Captiva e, que, frustrada a empresa em que reconciliaria os mayores tym  
15 bres em *dezejo*, fico Nas agoas Icarias,<sup>168</sup> com abatimento; Não passando Maiz a expressar se O Meu Sentimento, porque o summo respeito de *Vossa Excelencia* Me não dá Lugar; que ja *que* merecy, *por* fortuna, aquelle dez[\*]r Não quero perder agora o braço de Serva adquirido; conformando me em tudo com as disposições de *Vossa Excelencia*, a *quem* a *minha* veneração saberá sempre sa  
20 tisfazer nos empregos de servi llo: applaudindo o logro da saude, em que ao *prezente* se achar, porque na *verdade* lhe sabe *dezejar* esta sua serva, em tudo perfeyta, e Cabal. [espaço] *Guarde Deus a vossa Excelencia muitos anos.* oLinda, e de novembro 8 de 1737

Serva e Captiva humilde de *Vossa Excelencia*  
25 *Dona Violante CLara de Miranda Henriques*<sup>169</sup>

<sup>164</sup> Na margem superior, à esquerda, há a seguinte anotação tardia feita à grafite: “50.7”.

<sup>165</sup> Entre a primeira e a segunda linha há a marca de dois carimbos retangulares bastante posteriores à redação do texto: um na cor azul escura com os dizeres “Faculdade de Filosofia | Ciências e Letras | Biblioteca Central” e, à direita dele, uma feita em tinta preta onde é possível ler “BIBLIOTECA | 10-6-942 | N° DE REG 3.465”.

<sup>166</sup> Segundo Houaiss (2001), vaticinar é “predizer o futuro, fazer adivinhação, profetizar”.

<sup>167</sup> A tinta está borrada entre as letras “a” e “t”.

<sup>168</sup> Referente à ilha grega Icária. Segundo a lenda, Ícaro, “[f]ilho de Dédalo, para fugir com ele do labirinto de Cnossos, onde tinham sido presos por Minos, portou duas asas de cera fabricadas pelo pai; mas, tendo-se aproximado demais do sol, que as fez derreter, caiu no mar que tomou o nome dele [...]. Hércules, encontrando seu cadáver, enterrou-o na ilha Dólida, a que chamou de Icária [...]” (G.R.I.M.M, 2020, p. 177).

<sup>169</sup> Se comparado com o resto do documento, no fecho complementar e na assinatura há uma aparente mudança da tinta utilizada para escrever.



## Considerações finais

Após o trabalho realizado com as 37 cartas escritas por mulheres na América Portuguesa, entre os anos de 1737 a 1821, apontamos que todos os objetivos apresentados ao longo da dissertação foram alcançados. A primeira conclusão a que se chega após as análises e fundamentações teóricas é em relação à importância do trabalho filológico, sobretudo quando estudamos documentos de épocas pretéritas. Com a edição rigorosa dos manuscritos, a partir de normas bem definidas, conseguimos estabelecer o texto de modo a contemplar tanto leitores especializados como um público mais amplo. Ademais, é também a partir da transcrição fidedigna que garantimos uma maior segurança nos dados que servem de base para análises filológicas e linguísticas.

Além disso, a elaboração das edições se fundamentou em reflexões e ferramentas próprias das humanidades digitais. Para tanto, fizemos uso do programa *eDictor* com a finalidade de criar edições filológicas virtuais dos manuscritos. Os textos, publicados em [map.prp.usp.br/Corpus/Punhodemulher/Index.html](http://map.prp.usp.br/Corpus/Punhodemulher/Index.html), são substancialmente diferentes de qualquer outro tipo de escrita que seja grafada sobre um suporte concreto. Tal fato se dá porque, na realidade, as informações que vemos na tela unem a lógica natural ao processamento artificial da informação. A possibilidade desse modo de editar o texto traz novos caminhos ao fazer filológico: por um lado, as edições virtuais são uma excelente alternativa para cumprir com o compromisso de permitir que o leitor retorne ao texto original, já que o fac-símile, a edição conservadora e a modernização das cartas estão disponíveis ao leitor sem que ele precise sequer mudar de página; por outro lado, o texto se torna um banco de dados buscável e sistematizado, o que facilita o acesso para investigações futuras.

Nesse trabalho de edição dos manuscritos, a paleografia possui uma função central, afinal, é a partir dela que conseguimos assegurar que a edição está o mais próxima possível do que as autoras realmente grafaram no papel. Para isso, tanto o estabelecimento dos alfabetos como a sistematização das abreviaturas utilizadas por elas se mostraram como importantes ferramentas de leitura. Já a partir do estudo das abreviaturas, pudemos concluir que a grande maioria das palavras do *corpus* eram abreviadas por letras sobrepostas. A paleografia ainda nos permitiu notar a possível escrita idiográfica das cartas de Ana Vicência Rodrigues de Almeida, Hipólita Jacinta Teixeira e Violante Clara de Miranda Henriques, e de uma das cartas de Alexandra Francisca Freire (AFF\_07).

Do mesmo modo, foi com a análise paleográfica, associada à linguística, que pudemos averiguar qual era o grau de habilidade com a escrita que as remetentes do *corpus* possuíam. Como explicado na subseção 1.1, não era comum que as mulheres fossem escolarizadas e/ou alfabetizadas no período em que as cartas foram redigidas, logo, a suposição inicial era a de que as cartas tivessem sido escritas por mãos poucos hábeis. A análise, entretanto, apontou para o sentido contrário: talvez com exceção de Alexandra Francisca Freire e Maria Inácia de Lorena Silveira, as demais cartas foram escritas por punhos bastante hábeis. A explicação para isso pode se dar, justamente, pelo perfil das mulheres que escreviam, já que, como mostrado na seção 2, as cartas do *corpus* foram redigidas por autoras que possuíam muitos privilégios na sociedade colonial. Logo, elas também tiveram a oportunidade de acesso ao aprendizado da leitura e da escrita.

Já a análise codicológica trouxe informações importantes sobre os papéis utilizados pelas autoras e sobre o aproveitamento que elas faziam do suporte. Os fabricantes mais utilizados no *corpus* foram Almasso e Gior Magnani. Em relação ao uso do papel, observa-se que foram poucas as mulheres que usaram bifólios ou fólios inteiros para redigir suas missivas, havendo maior preferência pelo uso in-quartos e in-octavos. Além disso, a maioria das cartas são escritas somente no recto, sendo que apenas 14% delas aproveitam todas as faces para escrever.

Por fim, o estudo diplomático buscou entender como as mulheres estruturaram suas missivas. O primeiro desafio encontrado para essa análise foi referente à bibliografia sobre a análise tipológica de cartas, já que notamos uma escassez de estudos sobre o tema, e os que usamos como base pareciam não dar conta de descrever totalmente os manuscritos do *corpus*. Um desses casos é em relação ao desejo de bons votos ao destinatário (*valedictio*), que na literatura consultada era descrito como de uso generalizado durante o século XVIII, mas foi empregado somente em 14 dos documentos analisados. Após uma sistematização de todas as formas de iniciar o protocolo final, concluímos que as cartas que não possuem *valedictio* apresentam outras formas de despedida, que também mantêm a cordialidade na troca epistolar. Sendo assim, há uma relação de substituição entre essas duas formas; em outras palavras, as missivas ou apresentam o desejo de bons votos, ou finalizam com outros tipos de despedida. O único caso que parece fugir desse padrão é ESJL\_03, que não apresenta nenhuma das duas estruturas.

Esse cenário é especialmente interessante quando estamos tratando das cartas, que são uma espécie documental não-diplomática. Como comentado, uma das possíveis razões para a variação da estrutura pode ser o próprio perfil dos manuscritos, já que a maioria das

pesquisas que se dedicaram à análise tipológica de missivas tomaram como base as cartas de circulação pública, o que não é o caso desse *corpus*, cujos manuscritos variam entre o público e o privado. Em todo caso, a análise realizada nos permitiu afirmar que as remetentes possuíam conhecimento da estrutura epistolar, ainda que não seguissem totalmente os modelos encontrados em outras pesquisas que se dedicaram à investigação diplomática.

Por fim, como discutido na subseção 1.2, na França dos séculos XVII e XVIII era comum uma associação das mulheres à escrita epistolar, já que se considerava que essa era uma tipologia textual ligada à “tagarelice mundana ou sentimental” (DIAZ, 2016, p. 45). Esse cenário só começaria a mudar no final do século XIX, período no qual a carta foi se convertendo em uma forma de pensar e agir sobre o mundo, o que fez com que os homens a tomassem como objeto de debate e reflexão. No contexto da América Portuguesa, entretanto, as cartas aqui analisadas não se caracterizam por uma 'tagarelice mundana ou sentimental', versando sobre temas relativos à administração de imóveis, à gestão financeira, entre outros. Além disso, não parece ser possível afirmar que a carta é um gênero de escrita feminino, uma vez que, nos arquivos, conservam-se muito mais cartas redigidas por homens do que por mulheres. Esse dado se reflete, inclusive, nas pesquisas realizadas até o momento: são poucas as que se dedicaram a estudar as cartas de autoria feminina nos anos de colonização portuguesa no Brasil.

Para tentar preencher essa lacuna, consideramos que as fontes primárias se apresentam como uma chave de compreensão e reflexão bastante significativa. No caso do *corpus* desta dissertação, a eleição pelo trabalho com as cartas nos permitiu, se não dar respostas a todas as perguntas inicialmente feitas, pelo menos apontar para possíveis caminhos de interpretação. Como visto na seção 3, a filologia é um trabalho de curadoria, e, nesse sentido, ela nos apresentou as bases necessárias para restaurar metaforicamente esses manuscritos, ao mesmo tempo em que levamos suas informações para outros leitores, pesquisadores, e interessados nos registros dessas mulheres.

Esperamos que os dados e resultados apresentados possam servir de estímulo para futuras pesquisas. Se, como defendeu Perrot (2005, p. 9), as histórias coletivas e individuais das mulheres estão submersas em um “oceano de silêncio”, é urgente que invistamos energia para fazer com que elas emerjam. Em um contexto em que as mulheres eram destinadas somente ao trabalho doméstico ou escravo, é especialmente interessante que o processo de retirada do véu que encobre essas memórias passe pelas cartas de autoria

feminina. Afinal, com base nelas podemos construir um caminho de investigação que parte das próprias vozes, letras e punhos das mulheres.

# Referências bibliográficas

## Fontes manuscritas

### **ALMEIDA, Ana Vicência Rodrigues de.**

Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Coleção Veridiana Prado. Caixa 01 – Ilustrações; Dados Biográficos; Figuras Antigas; Pesquisa; Ilustrações (Sala 3). VP-40.

### **CONCEIÇÃO, Sidéria Maria da.**

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 32, 006 n.010.

### **FREIRE, Alexandra Francisca.**

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 27, 100.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 29, 006 n.13.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 29, 006 n.14.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 29, 006 n.15.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 29, 006 n.16.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 29, 006 n.17.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 29, 006 n.18.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 29, 006 n.19.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 29, 006 n.20.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 29, 006 n.21.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 29, 006 n.22.

### **HENRIQUES, Violante Clara de Miranda.**

Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Coleção Alberto Lamego. Caixa 67, Códices 050 (Sala 1). AL-050-007.

Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Coleção Alberto Lamego. Caixa 67, Códices 050 (Sala 1). AL-050-008.

### **JESUS, Rosa Maria de.**

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 29, 009 n.007.

### **JUSTINA, Maria.**

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 30, 002 n.008.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 30, 002 n.009.

### **LANA, Eugênia Soares de Jesus e.**

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 29, 005 n.004.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 30, 001 n.010.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 36, 001 n.010.

**LANA, Maria Messias de Jesus e.**

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos I-10, 30, 001 n.011.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos I-10, 30, 001 n.012.

**LOPES, Joaquina.**

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-27, 29, 090.

**MENDONÇA, Ana Teresa Salter de.**

Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Coleção Alberto Lamego. Caixa 01, Códices 098 e 099 (Sala 1). AL-099-007.

Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Coleção Alberto Lamego. Caixa 01, Códices 098 e 099 (Sala 1). AL-099-008.

Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Coleção Alberto Lamego. Caixa 01, Códices 098 e 099 (Sala 1). AL-099-031.

Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Coleção Alberto Lamego. Caixa 01, Códices 098 e 099 (Sala 1). AL-099-032.

Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Coleção Alberto Lamego. Caixa 01, Códices 098 e 099 (Sala 1). AL-099-033.

Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Coleção Alberto Lamego. Caixa 01, Códices 098 e 099 (Sala 1). AL-099-034.

**SANTANA, Josefa Maria de.**

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 31, 004 n.004.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 31, 004 n.005.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-27, 22, 099.

**SILVEIRA, Maria Inácia de Lorena.**

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-27, 29, 094.

**TEIXEIRA, Hipólita Jacinta.**

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-27, 22, 076.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Coleção Casa dos Contos. I-10, 31, 005 n.009.

**XAVIER, Francisca Maria Antônia.**

Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Feitos Findos, Diversos (documentos referentes ao Brasil), mc. 7, n.6. PT/TT/CS/H/001/007/000006



## Referências bibliográficas

ALGRANTI, Leila Mezan. Educação de meninas na América portuguesa: das instituições de reclusão à vida em sociedade (séculos xviii e início do xix). **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 2, n. 19, p. 282-297, 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/7190/4332>. Acesso em: 3 dez. 2022.

ALMEIDA, Danielle Sanches de. **Entre lojas e boticas: o comércio de remédios entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais (1750-1808)**. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-23112009-151223/pt-br.php>. Acesso em: 16 abr. 2021.

ANDRADE, Maria Cecília Jurado de. Paleografia. *In*: SAMARA, Eni de Mesquita (Org.). **Paleografia, documentação e metodologia histórica**. São Paulo: Humanitas, 2010. p. 9-27.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

AUBERT, Eduardo Henrik. A perspectiva filológica. **Todas as Letras**. São Paulo, v. 23, n. 1, 2021, p. 1-14. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/14350/10952>. Acesso em: 15 jun. 2021.

AULETE, Francisco Julio de Caldas; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. **Aulete Digital - Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: dicionário Caldas Aulete**. Lexikon Editora Digital, 2007. Disponível em: <https://aulete.com.br/>. Acesso em: 1 mar. 2021.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. Sobre o conceito de crítica textual. **Cadernos do CNFL**, 2007. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/snctet/anais/11.htm>. Acesso em : 9 abr. 2021.

BARRETO, Moacir Leonardo Vieira. A origem da Família Barreto: Portugal e Brasil. **My Heritage**, 2019. Disponível em: <https://www.myheritage.com.br/FP/genealogy-welcome.php?s=161599341#>. Acesso em 13 abr. 2021.

BASSETTO, Bruno Fregni. Conceitos de filologia. Revista **Philologus**, Ano 4, n° 12, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/12/06.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documentos de arquivos**. Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado: São Paulo, 2002. (Projeto Como Fazer, v. 8).

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de paleografia e de diplomática**. 3. ed. rev. e ampl. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008.

BLUTEAU, Rafael. **Vocabulario portuguez & latino**: aulico, anatomico, architetonico... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>. Acesso em: 1 mar. 2021.

BOUZA, Fernando. Escribir a corazón abierto. Emoción, intención y expresión del ánimo en la escritura de los siglos XVI y XVII. **Varia Historia**, vol. 35, n. 68. Belo Horizonte, 2019, p. 507-534.

BURKE, Peter. **O Renascimento**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMPOS, Marize Helena de. **Senhoras Donas**: economia, povoamento e vida material em terras maranhenses (1755-1822). 2008. 464 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Econômica, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-04112009-144612/pt-br.php>. Acesso em: 31 jan. 2023. (40-41)

CANAS, Ana. Governar Portugal na Guerra Peninsular: um desafio atlântico. **Ler História**, n. 54, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/lerhistoria/2382>. Acesso em 16 abr. 2021.

CARDENETE, Beatriz de Freitas. “Faço saber aos que esta minha Carta de Padraõ virem”: edição de um manuscrito concedendo a Violante Clara de Miranda Henriques e a seus filhos os serviços realizados por Luís Lobo de Albertim (1797). **Revista de Fontes**, v. 9, p. 132-142, 2022.

CARVALHO, Luiz Fernando de. O imperativo em variação na escrita mineira: o papel do sujeito e das seções das cartas. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 654–675, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i3.1740. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1740>. Acesso em: 30 nov. 2022.

CASTRO, Ivo. Filologia. **Biblos**. Enciclopédia Verbo das literaturas de língua Portuguesa. Lisboa: 1997.

CASTRO, Ivo. **Livro de José de Arimateia**. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa). – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1984.

CASTRO, Ivo. O Retorno à Filologia. *In*: **Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários in Memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 511-520.

CASTRO, Ivo; RAMOS, Maria Ana. Estratégia e tática da transcrição. *In*: Critique Textuelle Portugaise, 1981, Paris. **Actes du Colloque**. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian-Centre Culturel Portugais, 1986. p. 99-122.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador - conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. Do códice ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados**. Vol. 8, n. 22, 1994, p. 185-199.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorios para uso das familias, contendo a descrição das Causas, symptomas e tratamento das moléstias; as receitas para cada molestia; As plantas medicinaes e as alimenticias; As aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes; e muitos conhecimentos uteis**. 6. ed, vol. 2. Paris: A Roger & F Chernoviz, 1890. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/diccionario-de-medicina-popular-e-das-sciencias-access%C3%B3rias-para-uso-das-familias/>. Acesso em: 1 mar. 2021.

CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da. Sentir, escrever e governar. **A prática epistolar e as cartas de D. Luís de Almeida, 2º Marquês do Lavradio (1768 - 1779)**. Tese (doutorado em História Social). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-16042012-164420/pt-br.php>. Acesso em 18 Jan. 2021.

CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da; MEIRELLES, Juliana Gesuelli. Entre cartas e livros: a livraria real e a escrita do bibliotecário Luís Joaquim dos Santos Marrocos no período joanino (1808-1821). **Revista Tempo**, v. 21, n. 38, 2015.

CONTRERAS, Luis Núñez. **Manual de Paleografia**. Madrid: Cátedra, 1994.

CRANE, Gregory et al. ePhilology: when the books talk to their readers. *In*: SIEMENS, Ray; S. SCHREIBMAN, Susan (eds). **Blackwell Companion to Digital Literary Studies**. Oxford: Blackwell, 2008.

DAVIS, Angela. As mulheres negras na construção de uma nova utopia. **Portal Geledés**, jul. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>. Acesso em: 16 dez. 2022.

DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade**. São Paulo: Edusp, 2016.

FACHIN, Phablo Roberto Marchis. **Descaminhos e dificuldades: leitura de manuscritos do século XVIII**. Goiânia: Trilhas Urbanas/Fapesp, 2008.

FACHIN, Phablo Roberto Marchis. **Práticas de escrita setecentista em manuscritos da administração colonial em circulação pública no Brasil**. 2011. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. Mulheres, corpo e a acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FERREIRA, Edgardo Pires. **A mística do parentesco**. Piauí, Maranhão, Rio de Janeiro, São Paulo. Vol. 4. São Paulo: Corrêa do Lago, 1990. Disponível em: <https://www.parentesco.com.br/>. Acesso em: 13 abr. 2021.

FERREIRA, Pedro Tiago. “Filologia como curadoria: o caso Pessoa”. **Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo, v. 18, n. 2, 2016. p. 231-262. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/110219>. Acesso em: 20 maio 2021.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX**. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

FONSECA, Nívia de Lima e. **Letras, ofícios e bons costumes: civilidade, ordem e sociabilidade na América Portuguesa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FONSECA, Paulo Miguel. Caminhos dissonantes: a trajetória do médico Florêncio Francisco dos Santos Franco nas Gerais da virada do XVIII ao XIX. *In: VII Simpósio Nacional de História Cultural. História cultural: escritas, Circulação, leituras e recepções*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Paulo%20Miguel%20Fonseca.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2021.

FUNARO, Vânia Martins Bueno de Oliveira et al. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: parte I (ABNT)**. Universidade de São Paulo. Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica. São Paulo: AGUIA, 2020. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/459>. Acesso em: 15 jun. 2021.

GARCÍA, Elisa Ruiz. **Introducción a la codicología**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2002.

G.R.I.M.M. – Grupo triestino di ricerca sul mito e la mitografia. **DEMGOL: Dizionario Etmologico della Mitologia Greca**. Università Degli Studi di Trieste, 2020. Disponível em: [https://demgol.units.it/pdf/demgol\\_pt.pdf](https://demgol.units.it/pdf/demgol_pt.pdf). Acesso em: 1 mar. 2021.

GUERREIRO, Dália Maria Godinho. **Bibliotecas digitais para as Humanidades: novos desafios e oportunidades**. 2017. Tese (Doutorado) - Universidade de Évora, Évora, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/23282> Acesso em: 22 nov. 2021.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **The powers of philology**. Dynamics of textual scholarship. Champaign: University of Illinois Press. 2003.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Objetiva, 2001. Disponível em: <https://houaiss.com.br>. Acesso em: 1 mar. 2021.

INSTITUTO DE MATEMÁTICA E ESTATÍSTICA (São Paulo). Universidade de São Paulo. **Tabela ASCII**. 2015. Disponível em: [https://www.ime.usp.br/~kellyrb/mac2166\\_2015/tabela\\_ascii.html](https://www.ime.usp.br/~kellyrb/mac2166_2015/tabela_ascii.html). Acesso em: 24 nov. 2021.

LACERDA, Marina Basso. **Colonização dos corpos: ensaio sobre o público e o privado**. 2010. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=16570@1>. Acesso em: 03 dez. 2022.

LARA, Sílvia Hunold; FACHIN, Phablo Roberto Marchis. **Guerra contra Palmares: o manuscrito de 1678**. São Paulo: Chão Editora, 2021.

LAUE, Andrea. How the computer works. In S. Schreibman, R. Siemens, J. Unsworth, (eds.). **A Companion to Digital Humanities**. Oxford: Blackwell, 2004. Disponível em: <http://www.digitalhumanities.org/companion/view?docId=blackwell/9781405103213/9781405103213.xml&chunk.id=ss1-3-1&toc.depth=1&toc.id=ss1-3-1&brand=default>. Acesso em: 24 nov. 2021.

LEAL, João Eurípedes Franklin; SIQUEIRA, Marcelo Nogueira de. **Glossário de Paleografias e Diplomática**. Rio de Janeiro: Luminária; Multifoco, 2011.

LOBO, Tânia Conceição Freire (org.). **Cartas baianas setecentistas**. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2001. (Série Diachronica, 3).

LOSE, Alícia Duhá; SANTOS, Libânia da Silva. "A letra em tudo se comparece": análise paleográfica da autoria dos papéis sediciosos da Conjuração Baiana/Revolta dos Búzios. In: VILELA, Márcio Ananias Ferreira (Org.). **Anais do 30º Simpósio Nacional de História - História e o futuro da educação no Brasil**. Recife: Associação Nacional de História; ANPUHBrasil, 2019.

MABILLON, Jean. **De Re Diplomática** Libri VI In Quibus Quidquid Ad Veterum Instrumentorum antiquitatem, materiam, scripturam, & stilum, quidquid ad sigilla, monogrammata, subscriptiones, ac notas chronologicas, quidquid inde ad antiquariam, historicam, forensemque disciplinam pertinet, explicatur & illustratur: accedunt commentarius de antiquis regum Francorum palatiis: veterum scripturarum varia specimina, tabulis LX comprehensa. Nova ducentorum, & amplius, monumentorum collectio. Luteciae Parisiorum: sumtibus Ludoville Billaine, 1681. Disponível em: <http://starodruki.ihuw.pl/stWeb/single/210/>. Acesso em: 21 maio 2021.

MAGALHÃES, Rafael; LOSE, Alícia Duhá. Quem é e quem não é o scriptor do códice 132 - uma biografia do Marquês de Pombal? In: LOSE, Alícia Duhá; MAGALHÃES, Lívia Borges Souza (orgs.). **Paleografia e suas interfaces**, v. 2. Salvador: Memória e Arte, 2020.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História da Alfabetização no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2016.

MARQUILHAS, Rita. **A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no século XVII**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.

MARQUILHAS, Rita. Filologia oitocentista e crítica textual. In: Alves, Fernanda Mota et al. (orgs.). **Filologia, Memória e Esquecimento**. Act. 20. Lisboa: Húmus, p. 355-367, 2010.

MARQUILHAS, Rita. Idiógrafo. In: CEIA, Carlos. **E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)**, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/autografo>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MARTÍNEZ, Tomás Marín. **Paleografía y Diplomática**. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1991.

MONTE, Vanessa Martins do. **Correspondências paulistas: As formas de tratamento em cartas de circulação pública (1765-1775)**. São Paulo: FAPESP/Humanitas, 2015.

MONTE, Vanessa Martins do. História da Paleografia: movimento entre a ciência e a arte. *In*: LOSE, Alícia Duhá; MAGALHÃES, Livia Borges Souza; MAZZONI, Vanilda Salignac Sousa (orgs.). **Paleografia e suas interfaces**, vol. 2. Salvador: Memória & Arte, 2021, p. 36-62.

MONTE, Vanessa Martins do; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Por uma filologia virtual: o caso das atas da Câmara de São Paulo (1562-1596). **Revista da ABRALIN**, v. 16, n. 1, 21 abr. 2017. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1317>. Acesso em 28 jan. 2022.

MOTTA, Elisa Hardt Leitão; MONTE, Vanessa Martins do. A carta de Francisca Maria Xavier de Castro: edição e reflexões sobre o imaginário social de mulheres na América Portuguesa. **LaborHistórico**, 5(2), 2019, p. 42-66. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/29110>. Acesso em: 8 jul. 2021.

MUZZERELLE, Denis. **Vocabulaire codicologique: répertoire méthodique des termes français relatifs aux manuscrits avec leurs équivalents en anglais, italien, espagnol.. Répertoire méthodique des termes français relatifs aux manuscrits avec leurs équivalents en anglais, italien, espagnol**. 2003. Disponível em: <http://www.palaeographia.org/vocabulaire/pages/vocab2.htm>. Acesso em: 20 dez. 2022.

NUNES, E. Borges. **Abreviaturas Paleográficas Portuguesas**. 3. ed. Lisboa: Faculdade de Letras, 1981.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Edição digital da denúncia contra Francisca Luís**. Projeto M.A.P., 2020. Disponível em: <http://map.prp.usp.br/Corpus/FL/FL.html>. Acesso em: 1 dez. 2022.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Texto digital: uma perspectiva material. **Revista da Anpoll**, vol. 1, n. 35, 2013, p. 15-60. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/643>. Acesso em 3 dez. 2022

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Sistema de Edições Eletrônicas do Corpus Histórico do Português Tycho Brahe**. Fundamentos, Diretrizes e Procedimentos. Projeto Memórias do Texto, 2007. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/manual/prep/manual.html>. Acesso em: 8 jul. 2021.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara; KEPLER, Fabio Nanatanel; FARIA, Pablo Picasso Feliciano de. **eDictor**. Versão 1.0 beta 10. Programa de computador. 2013. Disponível em: [www.eDictor.net/download](http://www.eDictor.net/download). Acesso em: 8 jul. 2021.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara; MONTE, Vanessa Martins do. **Catálogo M.A.P.** Versão 0.2.2, novembro de 2020. Disponível em: [http://map.prp.usp.br/MAP\\_Recurso.html](http://map.prp.usp.br/MAP_Recurso.html). Acesso em 17 dez. 2022.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara; MONTE, Vanessa Martins do. **M.A.P. (Mulheres na América Portuguesa):** Mapeamento de escritos de mulheres e sobre mulheres no espaço atlântico português a partir de métodos das Humanidades Digitais. Projeto de pesquisa, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, Edital Universal 2018) / Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em: [http://map.prp.usp.br/Projs/MAP\\_2018\\_EditalUniversalCnpq.pdf](http://map.prp.usp.br/Projs/MAP_2018_EditalUniversalCnpq.pdf). Acesso em: 6 abr. 2021.

PAPENBROECK, Daniel van. Propylaeum Antiquarium circa Veri ac Falsi Discriminen in Vetustis Membranis. *In:* HENSCHENS, Godfrey; PAPENBROECK, Daniel van. **Acta Sanctorum Aprilis**, vol. 3. Antuérpia: 1675.

PEREIRA, Alexandra Maria. Homens de negócios: a trajetória de jovens portugueses de passagem pel Capitania de Minas Gerais, primeira metade do século XVIII. **XI Congresso Brasileiro de História Econômica**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2015. Disponível em: [http://www.abphe.org.br/arquivos/2015\\_alexandra\\_maria\\_pereira\\_homens-de-negocios-a-trajetoria-de-jovens-portugueses-de-passagem-pela-capitania-de-minas-gerais-primeira-metade-do-seculo-xviii.pdf](http://www.abphe.org.br/arquivos/2015_alexandra_maria_pereira_homens-de-negocios-a-trajetoria-de-jovens-portugueses-de-passagem-pela-capitania-de-minas-gerais-primeira-metade-do-seculo-xviii.pdf). Acesso em: 13 abr. 2021.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.

PETRONE, Maria Thereza Schorer. **O Barão de Iguape**. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

REID, Alex. *In:* Alberta University of the arts (org.). **How do you define Humanities Computing / Digital Humanities?** Canadá, 2011. Disponível em: [http://www.artsrn.ualberta.ca/taporwiki/index.php/How\\_do\\_you\\_define\\_Humanities\\_Computing/\\_Digital\\_Humanities%3F](http://www.artsrn.ualberta.ca/taporwiki/index.php/How_do_you_define_Humanities_Computing/_Digital_Humanities%3F). Acesso em: 29 nov. 2021.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **A educação da mulher no Brasil-Colônia**. 1987. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987.

ROCHA, Vanessa Massoni da. **Por um protocolo de leitura do epistolar**. Niterói: EDUFF, 2016.

SÁEZ, Carlos; CASTILLO, Antonio. Paleografía e Historia de la Cultura Escrita: del signo a lo escrito. *In:* TERRERO, Ángel Riesco (ed.). **Introducción a la Paleografía y la Diplomática General**. Madrid: Síntesis, 2004, p. 21-31.

SANTIAGO, Huda de Almeida. **A Escrita por “Mãos Inábeis”**: uma proposta de caracterização. 2019. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SCHREIBMAN, Susan; SIEMENS, Ray; UNSWORTH, John (eds.). **A Companion to Digital Humanities**. Malden: Blackwell, 2004. Disponível em: <http://www.digitalhumanities.org/companion/view?docId=blackwell/9781405103213/9781405103213.xml&chunk.id=ss1-3-1&toc.depth=1&toc.id=ss1-3-1&brand=default>. Acesso em: 24 nov. 2021.

SILVA, Giovane Albino. Os ‘soldados e mais pessoas criminosas’: a deserção e a resistência ao ofício de soldado da tropa regular na capitania de Pernambuco na segunda metade do século XVIII. **XVII Simpósio Nacional de História**. Rio grande do Norte: ANPUH, 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371345481\\_ARQUIVO\\_artigoanpuh1.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371345481_ARQUIVO_artigoanpuh1.pdf). Acesso em: 13 abr. 2021.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica: Crítica Textual**. São Paulo: Cultrix, 1977.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Um olhar na história: a mulher na escola (Brasil: 1549-1910). *In: Congresso Brasileiro De História Da Educação*, 5., 2008, Sergipe: UFS; Unit, 2008.

STARLING, Heloisa Murgel. Hipólita Jacinta Teixeira, filha do país de Minas. *In: STARLING, Heloisa Murgel; PELLEGRINO, Antonia (Org.). Independência do Brasil: as mulheres que estavam lá*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

THATCAMP. **Manifesto das Humanidades Digitais**. ThatCamp. Paris: ThatCamp[The Humanities and Technology Camp], 2011. Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/manifesto-das-humanidades-digitais/>. Acesso em: 5 jul. 2021.

TIN, Emerson (Org.) **A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lúpsio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.

TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Datação e localização dos tipos de escrita: informações relevantes para a crítica textual?. *In: LOSE, Alícia Duhá; SACRAMENTO DE SOUZA, Arivaldo (orgs.) Paleografia e suas interfaces*, v. 1. Salvador: Memória & Arte, 2018.

TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Um caminho de retorno como base: proposta de normas de transcrição para textos manuscritos do passado. **Travessias Interativas — Entre manuscritos e Impressos: estabelecimento, edição e crítica de textos da época Moderna**, São Cristóvão, 2020, p. 192-208. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/13959/10679>. Acesso em: 15 mar. 2021.

TOUSTAIN, Charles François; TASSIN, René Prosper. **Nouveau Traité de Diplomatique**, où l'on examine les fondemens de cet art : on établit des règles sur le discernement des titres, et l'on expose historiquement les caractères des bulles pontificales et des diplômes donnés en chaque siècle : avec des éclaircissemens sur un nombre considérable de points d'Histoire, de Chronologie, de Critique & de Discipline; & la réfutatuin de diverses accusations intentées contre beaucoup d'Archives célèbres, & sur tout contre celle des anciennes Eglises. Paris: Guillaume Desprez e Pierre-Guillaume Cavelier, 1750.

TUY BATISTA, Priscila Starline Estrela; PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Análise codicológica e paleográfica de cartas pessoais novecentistas. **A Cor das Letras**, v. 22, n. 1, p. 427–451, 2021. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/5862>. Acesso em: 4 fev. 2023.